

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JULIO DE MESQUITA FILHO
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

**JORNALISMO IMPRESSO
E RELAÇÕES DE GÊNERO:**
**enquadramentos da *Folha de S. Paulo* e
d'*O Estado de S. Paulo* do caso de hostilização
a uma estudante**

Noemi Correa Bueno

Orientador:
Prof. Dr. Murilo César Soares

Bauru, SP
2010

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JULIO DE MESQUITA FILHO
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

**JORNALISMO IMPRESSO
E RELAÇÕES DE GÊNERO:
enquadramentos da *Folha de S. Paulo* e
d'*O Estado de S. Paulo* do caso de hostilização
a uma estudante**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Campus Bauru como exigência parcial à obtenção do Título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Murilo César Soares.

Bauru, SP
2010

Bueno, Noemi Correa.

Jornalismo impresso e relações de gênero / Noemi
Correa Bueno, 2010.

201 f.

Orientador: Murilo César Soares

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2010.

1. Jornalismo. 2. Representações mediáticas. 3.
Relações de gênero. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação. II. Título.

Noemi Correa Bueno

**JORNALISMO IMPRESSO E RELAÇÕES DE GÊNERO:
enquadramentos da *Folha de S. Paulo* e d'*O Estado de S.
Paulo* de um caso de hostilização a uma estudante**

Banca Examinadora:

Presidente: Professor Doutor Murilo César Soares
Instituição: FAAC, UNESP – Bauru

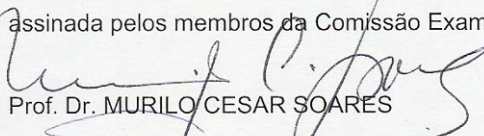
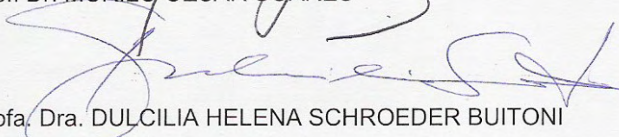
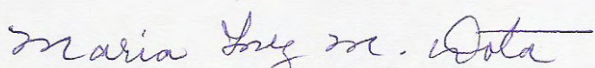
Titular: Professora Doutora Maria Inês Mateus Dota
Instituição: FAAC, UNESP – Bauru

Titular: Professora Doutora Dulcília Helena Schroeder Buitoni
Instituição: Cásper Líbero

**Bauru, SP
2010**

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE NOEMI CORREA BUENO,
DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DO(A) FACULDADE
DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICACAO DE BAURU.**

Aos 13 dias do mês de setembro do ano de 2010, às 09:00 horas, no(a) Sala dos Órgãos Colegiados do Campus de Bauru - UNESP, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MURILO CESAR SOARES do(a) Departamento de Ciencias Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Profa. Dra. DULCILIA HELENA SCHROEDER BUITONI do(a) Programa de Pós-Graduação / Faculdade de Comunicação Casper Líbero, Profa. Dra. MARIA INEZ MATEUS DOTA do(a) Departamento de Ciencias Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de NOEMI CORREA BUENO, intitulada "JORNALISMO IMPRESSO E RELAÇÕES DE GÊNERO". Após a exposição, a discente foi argüida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: apro-
vado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. MURILO CESAR SOARES
Profa. Dra. DULCILIA HELENA SCHROEDER BUITONI
Profa. Dra. MARIA INEZ MATEUS DOTA

Dedico a Jesus Cristo, responsável por me revelar o verdadeiro significado de humanidade e amor, valores essenciais para construção de um mundo com pessoas emancipadas, livres de toda exploração, opressão e discriminação. Um sonho que ainda espero vivenciar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Tadeu e Fátima, que sempre me apoiaram e me incentivaram a buscar continuamente o aprendizado, mas, sobretudo, que me ensinaram os valores mais importantes da minha vida e que permanecem me guiando e me servindo de exemplo desde os meus primeiros passos. Nenhuma palavra seria suficiente para relatar minha gratidão. Amo vocês.

Aos meus irmãos Raquel e Davi, meus grandes amigos, que têm estado presentes nos momentos mais importantes da minha vida. A vida não teria a mesma graça sem a presença de vocês.

Ao Samuel pelo apoio e carinho constantes e pela paciência demonstrada não somente durante a confecção desta obra, mas durante esses 7 anos que estamos juntos.

Às tias Célia, Vera e Conceição pelas orações que me serviram de força, apóio e incentivo.

Ao professor Murilo César Soares, orientador deste projeto, principalmente pela contribuição de seu tempo e conhecimento e por me ajudar a desembaralhar meus pensamentos mais confusos (e como estavam confusos!).

Às professoras Ducília Buitoni e Maria Inês Dota, membros dessa banca, que aceitaram meu convite e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos comigo. Ao professor Max pela ajuda e contribuição dadas em minha qualificação.

À professora Maria Antonia que desde minha graduação tem me ajudado em meu “processo de vir a ser”, me incentivando a buscar não somente o conhecimento, mas também uma “utopia” que impulsione meus sonhos.

Aos meus colegas de curso Aninha, Juliana, Márcia, Marcelo, Jéssica e Malena que dividiram comigo as alegrias, conhecimentos, ansiedades e dúvidas durante esses dois anos e meio. Apreendi muito com nossas conversas, trocando não apenas conhecimentos teóricos, mas também valores e experiências de vida.

À Cris (do DCHU), ao Hélder e ao Silvio (da SPG) por sempre se colocarem dispostos a me ajudar com os trâmites de todo esse processo e pelo bom humor e dedicação que sempre me atenderam.

E, por fim, a Deus, meu melhor amigo e conselheiro, que tem estado comigo em todos os momentos da minha vida, sem o qual tudo perderia o sentido.

Obrigada a todos que contribuíram durante este momento tão importante da minha vida!

BUENO, Noemi C. *Jornalismo impresso e relações de gênero: enquadramentos da Folha de S. Paulo e d'O Estado de S. Paulo* de um caso de hostilização a uma estudante, 2010, 280 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2010.

RESUMO

Na abordagem feminista, de modo geral, os meios disseminam uma imagem discriminatória das mulheres, ao destacarem e valorizarem questões, vozes ou imagens masculinas em detrimento das femininas. No caso do jornalismo, essa discriminação se potencializa, devido a sua suposta imparcialidade, dificultando a visualização das relações de dominação presentes nesse meio.

Por isso, Bourdieu aponta o jornalismo como uma instituição que mantém e eterniza, de forma sutil, a relação de dominação entre os gêneros, pois consiste em um importante formador de opiniões que reproduz a estrutura simbólica androcêntrica.

Buscando verificar a pertinência ou não destes pressupostos, este trabalho analisou a cobertura jornalística da *Folha de S. Paulo* e *d'O Estado de S. Paulo*, do caso de hostilização de estudantes universitários a outra aluna, com o objetivo de verificar se os enquadramentos praticados por aqueles jornais foram ou não favoráveis à caracterização do acontecimento como manifestação de intolerância e violência, apontando-o ou não como resultado de uma cultura opressiva em relação ao comportamento da mulher.

A pesquisa constatou que houve um predomínio dos enquadramentos neutros, seguidos dos favoráveis, sendo que em *O Estado de S. Paulo* a frequência do enquadramento favorável foi maior do que na *Folha de S. Paulo*.

Conclui-se sugerindo que é importante não apenas a imprensa construir representações mais adequadas em relação às relações de gênero, mas também promover representações com caráter emancipador, que contestem as noções desfavoráveis relativas às condutas femininas.

Palavras-chave: Representações, relações de gênero, jornalismo, enquadramento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
------------------	----

PARTE 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1. MOVIMENTO DE MULHERES E FEMINISTA NO BRASIL	21
1.1 Relações de gênero no Brasil	21
1.2 A luta contra diferenças e preconceito de gênero	25
1.3 A mulher na contemporaneidade	37
2. GÊNEROS E REPRESENTAÇÕES MEDIÁTICAS	44
2.1 Gênero feminino	44
2.2 Representações sociais: interação indivíduo e sociedade	49
2.3 Violência simbólica e <i>habitus</i> : repercussão na dominação de gênero	54
2.4 Jornalismo e representações sociais	58
2.5 Representações da mulher no jornalismo	60
3. METODOLOGIA ANALÍTICA E CORPUS	66
3.1 Corpus da pesquisa	68
3.1.1 O jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	69
3.1.2 O jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	71
3.2 A construção do discurso, as relações sociais e a (não) subjetividade jornalística	74
3.3 Quadro teórico da pesquisa – Análise de enquadramento	76
3.4.1 Aplicação – Caso Geisy Arruda	82

PARTE 2 – ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO

4 REPRESENTAÇÕES FEMININAS (1): Representações do caso Geisy Arruda no jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	86
5 REPRESENTAÇÕES FEMININAS (2): Representações do caso Geisy Arruda no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	128
6 ENQUADRAMENTO DO CASO GEISY ARRUDA NOS JORNAIS <i>FOLHA DE S. PAULO</i> E <i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	160
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
BIBLIOGRAFIA	188
ANEXOS	196
ANEXO A – Reivindicação por creche	197
ANEXO B – Combate à violência contra a mulher (1)	198
ANEXO C – Combate à violência contra a mulher (2)	199
ANEXO D – Reivindicação por aborto em casos de anencefalia	200
ANEXO E – Mulher e a Constituinte	201
ANEXO F – Encontro Nacional Mulher e Constituinte	202
ANEXO G – Lobby do Batom	203
ANEXO H – Reivindicação licença paternidade	204
ANEXO I – Ranking de igualdade entre homem e mulher	205
ANEXO J – Comemoração Dia Internacional da Mulher	206
ANEXO K – Manifesto de 08 de março de 2007	207
ANEXO L – Textos do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> sobre o caso Geisy Arruda e suas repercussões	209
ANEXO L – Textos do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> sobre o caso Geisy Arruda e suas repercussões	249

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informações gerais (Jornal <i>Folha de S. Paulo</i>) - Textos sobre a ocorrência na Uniban no dia 22 de outubro de 2009 e suas vertentes	87
Quadro 2: Expressões referentes à estudante Geisy contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	95
Quadro 3: Expressões referentes à estudante Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	96
Quadro 4: Expressões referentes à estudante Geisy neutras em relação ao enquadramento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	98
Quadro 5: Expressões caracterizando a Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	100
Quadro 6: Expressões sobre a Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	101
Quadro 7: Expressões caracterizando a Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	102
Quadro 8: Expressões referentes aos alunos contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	104
Quadro 9: Expressões referentes aos alunos favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	105
Quadro 10: Expressões referentes aos alunos neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	107
Quadro 11: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	109
Quadro 12: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	111
Quadro 13: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	112
Quadro 14: Expressões referentes à atitude da Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	114
Quadro 15: Expressões referentes à atitude da Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	116

Quadro 16: Expressões referentes à atitude da Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	118
Quadro 17: Expressões referentes ao ocorrido na Uniban contrárias ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	121
Quadro 18: Expressões referentes ao ocorrido na Uniban favoráveis ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	122
Quadro 19: Expressões referentes ao ocorrido na Uniban neutras em relação ao seu enquadramento como manifestações de intolerância e violência (<i>Folha de S. Paulo</i>)	125
Quadro 20: Informações gerais (Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>): Textos sobre a ocorrência na Uniban no dia 22 de outubro de 2009 e suas vertentes	128
Quadro 21: Expressões referentes à Geisy contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	133
Quadro 22: Expressões referentes à Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	134
Quadro 23: Expressões referentes à Geisy neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>) ...	135
Quadro 24: Expressões referentes Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	136
Quadro 25: Expressões referentes Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	137
Quadro 26: Expressões referentes Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	138
Quadro 27: Expressões referentes aos alunos contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	139
Quadro 28: Expressões referentes aos alunos favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	140
Quadro 29: Expressões referentes aos alunos neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	141
Quadro 30: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	143

Quadro 31: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	145
Quadro 32: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	146
Quadro 33: Expressões referentes à atitude da Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	147
Quadro 34: Expressões referentes à atitude da Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	148
Quadro 35: Expressões referentes à atitude da Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	151
Quadro 36: Expressões referentes ao acontecimento contrárias ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	153
Quadro 37: Expressões referentes ao acontecimento favoráveis ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	154
Quadro 38: Expressões referentes ao acontecimento neutras em relação ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência (<i>O Estado de S. Paulo</i>) ...	157

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Enquadramentos referentes à Geisy Arruda (<i>Folha de S. Paulo</i>)	100
Tabela 2: Enquadramentos referentes à Uniban (<i>Folha de S. Paulo</i>)	103
Tabela 3: Enquadramentos referentes aos alunos (<i>Folha de S. Paulo</i>)	108
Tabela 4: Enquadramentos referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda (<i>Folha de S. Paulo</i>)	113
Tabela 5: Enquadramentos referentes às atitudes da Uniban (<i>Folha de S. Paulo</i>)	120
Tabela 6: Enquadramentos referentes ao ocorrido na Uniban (<i>Folha de S. Paulo</i>)	126
Tabela 7: Enquadramento final do caso Geisy Arruda (<i>Folha de S. Paulo</i>)	126
Tabela 8: Enquadramentos referentes à Geisy Arruda (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	136
Tabela 9: Enquadramentos referentes à Uniban (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	139
Tabela 10: Enquadramentos referentes aos alunos (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	142
Tabela 11: Enquadramentos referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	146
Tabela 12: Enquadramentos referentes às atitudes da Uniban (<i>O Estado de S. Paulo</i>) ...	153
Tabela 13: Enquadramentos referentes ao ocorrido na Uniban (<i>O Estado de S. Paulo</i>) .	158
Tabela 14: Enquadramento final do caso Geisy Arruda (<i>O Estado de S. Paulo</i>)	159
Tabela 15: Expressões relativas aos sujeitos envolvidos no acontecimento conforme as vozes presentes no jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	161

Tabela 16: Expressões relativas aos sujeitos envolvidos no acontecimento conforme as vozes presentes no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	163
Tabela 17: Expressões relativas às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	165
Tabela 18: Expressões relativas às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	167
Tabela 19: Expressões relativas aos sujeitos e às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	169
Tabela 20: Expressões relativas aos sujeitos e às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	171

“O fato de que poderia servir para mudar essencialmente as relações entre homens e mulheres, sua valorização como agente político, como sujeito social e como ser desejante ainda não se efetivou em nossa cena histórica (...). Não seria o momento de se experimentar novos parâmetros de comportamento para que ambos possam dividir espaços comuns, tanto na esfera privada quanto na pública, sem a rivalidade que sempre caracterizou estas divisões, a fim de que possam construir de fato uma nova realidade e uma nova forma de relacionamento que os aproxime?”

Margareth Reis

INTRODUÇÃO

As representações mediáticas possuem o poder de influenciar a subjetividade da sociedade e são um dos instrumentos mais aceitos a apresentar imagens dos fatos e valores. Por isso, na contemporaneidade, muitos movimentos sociais têm-se voltado para a questão da representação, como é o caso do movimento feminista brasileiro. Após a consolidação dos direitos de profissionalização e de voto, o movimento feminista volta-se para outra pauta de reivindicação: a questão da identidade e da representação – o que significam, como são produzidas e como são questionadas, principalmente pelos meios de comunicação.

Partindo do trajeto histórico das relações entre os sexos e dos movimentos de mulheres e do feminismo, e também de conceitos teóricos como representação, estereótipo e violência simbólica, essa dissertação analisará a importância dos meios, principalmente do jornalismo, na legitimação, invalidação ou questionamento da relação entre os sexos. Afinal, a pauta do próprio movimento feminista tem se direcionado às questões referentes às representações mediáticas, devido sua influência na construção de identidade, estereótipo e representação social de gênero, e, conseqüentemente na forma como as mulheres são compreendidas pela sociedade e por elas mesmas.

A partir destas ponderações, esta dissertação analisará os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, com intuito de verificar como o jornalismo pode criar, recriar ou questionar relações de dominação de gênero, por meio de um poder simbólico que, segundo Bourdieu, ainda é androcêntrico apesar das mudanças da condição feminina, pois estas seguiram a lógica das diferenças entre os sexos.

Para tal, este trabalho basear-se-á principalmente na teoria de Bourdieu e em textos feministas. Estes apresentam alguns pontos que divergem principalmente em relação ao poder da mulher perante a sociedade e à abrangência das conquistas feministas. Porém, o trabalho não terá a pretensão de analisar os pontos em que estas teorias se distanciam, pois serão aplicadas em situações de análise diferentes: os textos feministas serão utilizados para explicar o histórico das lutas do movimento, as transformações nas relações de gênero no Brasil e a reivindicação por outras representações mediáticas, enquanto que a teoria de Bourdieu será utilizada para explicar como conceitos sexistas têm se perpetuado durante gerações.

Durante os últimos anos, constatamos no cenário brasileiro uma considerável modificação na construção social das relações de gêneros, nas esferas social, política, econômica e familiar. Dentre estas mudanças, podemos destacar o processo de independência econômica da mulher, de transformação das estruturas familiares e de ampliação do acesso da mulher ao ensino médio e superior. Muitas dessas transformações foram influenciadas pela ação de movimentos feministas e de mulheres que lutaram pela obtenção de direitos iguais entre os sexos, buscando extinguir o preconceito baseado em gênero.

Até meados do século XIX, as mulheres encontravam-se claramente em condições desprivilegiadas em relação ao homem, tendo sua presença restrita ao lar e aos afazeres domésticos. Após este período, o movimento pelos direitos das mulheres começa a se fortalecer no Brasil, debatendo principalmente os direitos à profissionalização e ao voto.

Segundo Ana de Miguel (2002), a história do movimento feminista é dividida em três fases: feminismo pré-moderno (resistência ao poder patriarcal e ao puritanismo), feminismo moderno (fundamentado na Revolução Francesa, supunha uma radicalização do processo igualitário, com intuito de legitimar vários direitos sociais) e o feminismo neo-moderno (já com efetivação de algumas conquistas, passou a demandar transformações na forma de entender a mulher, buscando o reconhecimento de seu papel social).

Baseada na obra de Simone de Beauvoir, nesta terceira fase o discurso do movimento é de que as mulheres vivem em uma sociedade quase-igualitária, pois ainda são identificadas pelos papéis de mãe e esposa, impedindo uma possibilidade completa de realização pessoal.

Para Pierre Bourdieu, apesar das conquistas feministas ocorridas em diversos setores, estas não aconteceram em sua totalidade, pois não causaram uma ruptura no campo da representação social, mantendo o predomínio da dominação masculina e a estrutura das distâncias. Bourdieu discute a dominação masculina, demonstrando que esta ainda prevalece apesar das mudanças na sociedade ocidental e das conquistas femininas, pois as próprias mudanças da condição feminina obedecem à lógica do modelo tradicional do masculino e do feminino.

Vale ressaltar que, de acordo com este teórico, em cada época existe um tipo de estratégia para perpetuação da dominação masculina, baseada em estruturas simbólicas que faz com que os sujeitos incorporem inconscientemente essa dominação. Por isso, a relação entre os sexos não é dada naturalmente, mas é mantida e eternizada por diversas instituições, como a igreja, a escola, a família, o Estado, o esporte e o jornalismo.

No caso do jornalismo, a dominação se potencializa, pois aparenta imparcialidade, dificultando a visualização dessa estrutura simbólica e, por conseguinte, das relações de dominação presentes nesse meio (BOURDIEU, 2003). A idéia de neutralidade legitima a aplicação da violência simbólica, pois retira das mulheres a possibilidade de argumentação.

Além disso, a própria veiculação de informações pelos meios elimina uma parte da possibilidade de resposta, já que compete aos leitores o papel apenas de ler e não de participar e debater. Assim, o jornalismo cria uma realidade que constrói opiniões e comportamentos, sem que haja oportunidades para questioná-las diretamente com o produtor (SODRÉ, 2001, p. 49).

No caso do preconceito de gênero, ao destacar e valorizar questões, vozes ou imagens masculinas em detrimento das femininas, o jornalismo pode disseminar uma imagem estereotipada e discriminatória das mulheres e essa deformação na representação feminina promove uma incompreensão da mulher como ator social.

Por meio da inserção de discursos sociais e da influência na construção do cotidiano, das relações sociais e da memória, os meios e o jornalismo podem interferir na construção de identidades sociais, estabelecendo sentidos e representações de acordo com seu mecanismo ideológico próprio.

Ao determinar quais assuntos abordar e a maneira de fazê-lo, o jornalismo forma um elo de mediação entre a realidade e as pessoas, construindo e transmitindo a realidade à sua maneira. Desta forma, a imprensa pode construir, projetar ou consolidar identidades sociais, atuando como legitimadora ou questionadora da estrutura vigente, pois, não apenas descreve a realidade, mas, também, molda as percepções do que é a realidade (SOUSA, 2006, p. 211-213).

Além disso, apesar do compromisso ético e profissional com a realidade e com o interesse público, é preciso considerar que o jornalismo é constituído por narrativas elaboradas a partir da perspectiva de indivíduos, que, por meio do enquadramento, seleciona, valoriza ou omite informações, tornando certos aspectos da realidade mais salientes em um texto jornalístico, de forma a promover um sentido particular deste (BENNET, 2008).

Desta maneira, uma das questões importantes a ser discutida se refere à representação da mulher nos meios de comunicação, pois estas possuem o direito a uma imagem adequada com representações que abranjam toda complexidade de papéis e posições femininas - ao invés da veiculação de mitos e estereótipos.

Considerando estas questões, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a representação da mulher nos textos relacionados ao caso Geisy Arruda e sua repercussão veiculados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, para verificar se estes reproduzem a estrutura simbólica androcêntrica, a qual reforça o processo de dominação masculina.

Para tal buscar-se-á responder as seguintes questões:

- Como os jornais enquadraram os acontecimentos, os participantes e as responsabilidades relativos ao ocorrido com aluna Geisy Arruda na Universidade Bandeirante de São Paulo (Uniban)?
- As expressões utilizadas foram contrários, favoráveis ou neutros em relação ao enquadramento do caso como manifestação de intolerância e violência?
- Quais foram as fontes ouvidas? Qual o posicionamento dessas fontes?
- O caso foi utilizado pelos jornais para discutir sobre violência e intolerância contra mulher?

Este trabalho foi realizado em quatro etapas, seguindo o Modelo Metodológico da Pesquisa Empírica proposto por Maria Immacolata Lopes (2001), que estabelece as seguintes fases para a pesquisa: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. A definição do objeto ocorre nos dois primeiros capítulos com a formulação do problema da pesquisa, da fundamentação teórica e das hipóteses.

Assim, o primeiro capítulo traça um histórico das relações de gênero no Brasil bem como da atuação de movimentos feministas e de mulheres a partir do final do século XIX até a contemporaneidade, na qual se reivindica, entre outros direitos, o de representações midiáticas, que proporcionem maior visibilidade das mulheres como trabalhadoras, especialistas e intelectuais, promovendo espaços para a divulgação e discussão das reivindicações, ideais, conquistas e mudanças obtidas nas relações de gênero. O segundo capítulo estabelece a fundamentação teórica do trabalho: a teoria sobre representações sociais, midiáticas e jornalísticas, e a teoria sobre dominação de gênero proposta por Bourdieu, baseada em seus conceitos sobre *habitus* e violência simbólica. A teoria de Bourdieu está baseada na perspectiva do poder simbólico, que constitui uma “violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (BOURDIEU, 2003, p. 8). Devido ao caráter sutil e invisível da violência simbólica, as relações de dominação são incorporadas naturalmente, parecendo como algo dado e não questionável.

A construção da realidade simbólica de gênero é um trabalho longo e duradouro de inculcação que possibilita a criação de um *habitus* adaptado à visão androcêntrica. Segundo Bourdieu, o *habitus* é constituído de estruturas objetivas presentes no mundo social e nos sistemas simbólicos, que são capazes de orientar e coagir práticas e representações, independente da consciência e vontade dos agentes, pois é incorporado e reproduzido naturalmente. O *habitus* encontra-se presente no princípio da sequência das ações, sem possuir a finalidade consciente de alcançar determinada intenção. O *habitus* muda conforme a cultura, pois seu processo de interiorização relaciona-se ao processo de formação do indivíduo, iniciado com o convívio com os pais, a escola e, posteriormente, o ambiente de trabalho, sendo, portanto, reforçado durante a vida toda. Desta forma, as relações de dominação entre homens e mulheres passam a ser de conhecimento tácito e automático, legitimando o exercício de poder de um sobre o outro, sendo que o jornalismo consiste em uma das instituições responsáveis por essa legitimação.

O terceiro capítulo constitui a fase denominada, por Maria Immacolata Vassalo Lopes (2001), de observação. Neste indica-se o tipo de dado que se irá procurar e como irá obtê-lo, abrangendo duas operações: a amostragem e a coleta de dados. Ainda no terceiro capítulo, constarão os materiais da pesquisa e a definição do método de análise adotado: Análise do Enquadramento. Neste método, a amostra consistirá de um conjunto de edições dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* e a coleta de dados será realizada por meio de fichas de leitura e anotação, baseadas em itens de observação.

Por fim, o quarto, o quinto e o sexto capítulos consistem nas fases de descrição e interpretação, agrupando as informações e os dados colhidos em tabelas e grupos interpretativos. Tais dados empíricos serão analisados pelas perspectivas teóricas adotadas nos capítulos 1 e 2, a fim de integrarem o objeto empírico e teórico, abordando reflexivamente a questão da representação da mulher e de temas majoritariamente de seu interesse nos jornais analisados. Assim, a interpretação será realizada pela teorização dos dados, buscando reconstruir o objeto de análise a partir da fundamentação teórica.

PARTE 1
REFERENCIAL TEÓRICO

1. MOVIMENTO DE MULHERES E FEMINISTA NO BRASIL

Desde o século XVIII, o feminismo brasileiro tem combatido a discriminação e subalternidade das mulheres, buscando criar meios para as mulheres se tornarem protagonistas de sua vida e história. No início do movimento, suas integrantes acreditando que a base de sua opressão era a falta de acesso à educação, reivindicaram-na como direito. Entretanto, após sua conquista a opressão se perpetuava, e as sufragistas passaram a creditar a opressão à falta de direitos políticos, mudando o foco de atuação para o direito ao voto feminino.

Com o início da industrialização brasileira, o movimento tornou-se mais expressivo e expansivo, não restringindo sua pauta à conquista de um direito específico, mas de diversos, como acesso ao trabalho, redução da jornada, melhores condições de trabalho, licença maternidade e paternidade, criação de creches, reforma do Código Civil, criação de estruturas sociais públicas (como lavanderias e refeitórios), proteção contra violência sexual e doméstica, e, legalização do aborto.

Na contemporaneidade, apesar do enfraquecimento do movimento no Brasil, este ainda encontra-se ativo, reivindicando, além de outras questões, uma nova representação mediática, que não colabore com formação e reforço de estereótipos e papéis preconceituosos em relação às mulheres.

Este capítulo traçará um histórico das relações de gênero no Brasil, baseado principalmente no estudo realizado por Mary Del Priore presente no livro História das Mulheres no Brasil, e abordará a atuação dos movimentos feministas e de mulheres no Brasil desde o final do século XIX, baseando-se em feministas como Judith Bardick, Rachel Moreno, Jaqueline Pitanguy, Maria Amélia de Almeida Teles, Loreta Valadares, entre outras.

1.1 Relações de gênero no Brasil

Durante o século XIX e início do XX, as mulheres nas relações da família burguesa eram valorizadas por meio de características relacionadas à intimidade e à maternidade, considerada o “exemplo de retidão” a mulher que era desobrigada de qualquer

trabalho produtivo e dedicava-se exclusivamente ao marido e aos filhos. No âmbito operário, o ideal de mulher e família não era diferente, já que as fábricas eram compreendidas, mesmo pelos operários, como uma ameaça à honra feminina. Nesse período, os rígidos códigos de moralidade em relação ao trabalho e à vida pública eram impostos a todas as mulheres, independente da classe social.

Segundo Mary Priore (2001), era considerada família modelo aquela em que os homens possuíam autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento, enquanto as mulheres eram responsáveis por papéis relacionados às ocupações domésticas, com os filhos e maridos e deveriam possuir características de feminilidade, como pureza, resignação e doçura. Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres, não havia possibilidade de contestação dessa ideologia. A idéia de ideal feminino envolvia

uma mistura de imagens: a mãe piedosa da Igreja, a mãe educadora do Estado positivista, a esposa – companheira do aparato médico-higienista. Mas todas elas convergiam para a pureza sexual – virgindade da moça, castidade da mulher. Para a mulher ser ‘honesta’, devia se casar, não havia outra alternativa. E para casar, era teoricamente preciso ser virgem (PRIORE, 2001, p. 528).

Assim, a honra feminina era um conceito que se constituía sexualmente do qual o homem era o legitimador: ou era atribuída pela ausência do homem por meio da virgindade, ou pela presença dele no casamento. Essa questão agregava um caráter punitivo e restrito sobre o corpo feminino, formando uma identidade sexual da mulher que atendia um sistema de dominação social e familiar.

Neste contexto, ainda segundo Mary Priore, eram raros os homens que aceitavam se casar com uma jovem não virgem. O próprio Código Civil previa a possibilidade de anulação do casamento caso o recém-casado tivesse “sido enganado”, ocorrendo “erro essencial quanto à pessoa” que se consistia, entre outros, no caso de não virgindade da moça, por exemplo¹. Mesmo em caso de afeição pela garota, dificilmente um jovem aceitava que esta tivesse um comportamento mais liberal, ainda que estivesse sido estimulado por ele

¹ Artigos 218, 219 e 220, inciso IV, do Código Civil de 1916. “Art. 218. É também anulável o casamento, se houver por parte de um dos nubentes, ao consentir, erro essencial quanto à pessoa do outro. Art. 219. Considera-se erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge: I - o que diz respeito à identidade do outro cônjuge, sua honra e boa fama, sendo esse erro tal, que o seu conhecimento ulterior torne insuportável a vida em comum ao cônjuge enganado; II - a ignorância de crime inafiançável, anterior ao casamento e definitivamente julgado por sentença condenatória; III - a ignorância, anterior ao casamento, de defeito físico irremediável ou de moléstia grave e transmissível, por contágio ou herança, capaz de por em risco a saúde do outro cônjuge ou de sua descendência; IV - o defloramento da mulher, ignorado pelo marido. Art. 220. A anulação do casamento, nos casos do artigo antecedente, só a poderá demandar o cônjuge enganado” (SOLEIS, 2009).

próprio (a moça que não permitia intimidades “reprováveis” mostrava sinal de que poderia ser esposa fiel e sempre afável).

Além disso, vale ressaltar que a iniciativa das conquistas e declarações de amor competia aos homens e, estes procuravam mulheres recatadas, dóceis e que não contestassem o poder masculino, ou seja, que se enquadrassem aos padrões da “boa moral”.

Após o casamento, era dever das mulheres manterem-se fiéis aos seus maridos, caso contrário, seriam fortemente criticadas e punidas, sendo o castigo violento ou o crime passionai cometido contra estas comumente perdoados pelas autoridades da lei. No caso da descoberta da infidelidade da esposa, a separação era praticamente inevitável.

Em contrapartida, as relações sexuais dos homens antes do casamento não apenas eram permitidas, como incentivadas, pois eram “testemunhos” da virilidade do rapaz, e, os casos da infidelidade conjugal masculina eram considerados irrelevantes e passageiros, desde que os homens mantivessem as aparências e continuassem provendo sua família com bens materiais.

Essas relações sociais ocorridas durante parte dos séculos XIX e XX se respaldavam na ciência, que assegurava por razões biológicas que as características femininas eram

a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade e à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza arbitrária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra (PRIORE, 2001, p. 363).

Em relação à divisão de tarefas, era destinado às mulheres o domínio do campo privado e aos homens do público, e isso implicava na vida social de tal maneira que juristas prescreviam a impropriedade da mulher sair só. Por isso, a mobilidade das mulheres era vigiada em todos os espaços públicos, sendo marginalizadas, excluídas e vítimas de estereótipos as mulheres que se atreviam a andar sós pelas ruas.

Assim, o espaço público era definido como essencialmente masculino, sendo que as mulheres atuavam apenas como coadjuvantes, desempenhando funções consideradas menos importantes, pois autoridades e cientistas julgavam a participação da mulher na vida pública incompatível com sua constituição biológica. Apenas nas últimas décadas a figura da

mulher pública foi dissociada da imagem de prostituta e pensada sob os mesmos parâmetros que se pensa o homem público: ser racional dotado de capacidade intelectual e moral.

Em relação ao trabalho, o grau de discriminação também era intenso: eram muito grandes as barreiras enfrentadas pelas mulheres para ingressarem no mundo dos negócios. Esses obstáculos começavam pela hostilidade da própria família em relação ao trabalho feminino fora do lar, pois os pais desejavam que as filhas casassem para assegurar o futuro ao invés de trabalhar e obter êxito profissional. Quando as mulheres conseguiam ultrapassar essa barreira e entravam no mercado de trabalho, sofriam, ainda, principalmente, com menores salários, intimidações físicas, insinuações de desqualificação intelectual, assédios sexuais e maior frequência de não registros em carteira.

As más condições de trabalho impostas às mulheres eram desconsideradas, pois elas não eram reconhecidas como parte da população economicamente ativa, já que sua contribuição social era reduzida ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico familiar. Nos próprios jornais operários, que possuíam o objetivo de conscientizar o trabalhador e chamá-lo para luta revolucionária, o discurso em relação às mulheres não era voltado à conscientização da vitimização das colegas nas fábricas, mas voltado à questão da moralidade social, que compreendia o trabalho como uma ameaça à honra feminina.

Um exemplo desse discurso é um artigo publicado no jornal operário “A Razão”, de 29 de setembro de 1919 que proferiu o seguinte: “o papel de uma mãe não consiste em abandonar seus filhos em casa e ir para a fábrica trabalhar, pois tal abandono origina muitas vezes conseqüências lamentáveis, quando melhor seria que somente o homem procurasse produzir de forma a prover as necessidades do lar” (apud PRIORE, 2001, p. 585).

Da mesma forma, os discursos de outros jornais (como dos médicos e juristas) descreviam as fábricas como “antro da perdição” (PRIORE, 2001, p. 585) e a trabalhadora como passiva e indefesa, direcionando sempre a mulher à esfera da vida privada. Além disso, as observações de vários médicos e higienistas de que o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação familiar provocaram a delimitação de rígidos códigos de moralidade para as mulheres de todas as classes sociais, por isso, várias profissões femininas foram estigmatizadas e associadas às imagens de prostituição e degradação.

Ainda neste período, a absorção da indústria em relação às atividades exercidas pelas mulheres na unidade doméstica (fabricação de pão, tecido, sabão, doce, entre outros) ocasionou uma desvalorização dos serviços relacionados ao lar. Diante dessa desvalorização, os valores patriarcais voltaram-se para o revigoramento da ideologia da maternidade, tornando a função “mãe” a mais importante missão da mulher. Vale ressaltar que esse

discurso de valorização da maternidade era associado ao ideal de formação da identidade nacional e utilizado não só por positivistas, mas também liberais, médicos, igrejas, indústrias e operários.

Entretanto, conforme Mary Priore (2001, p. 593), apesar desse discurso contrário ao trabalho feminino, muitos homens de elite preocupados com lucro financeiro aceitavam e exploravam a mão de obra feminina e infantil com a justificativa de que estes necessitavam do trabalho para garantirem sua sobrevivência. Devido também a essa brecha, houve um aumento da participação feminina no mercado de trabalho na década de 50, exigindo mais qualificação das mulheres e, conseqüentemente, demandando uma maior escolaridade de forma a iniciar uma mudança no seu *status* social. No ensino elementar e médio, o número de mulheres já estava próximo ao dos homens, enquanto a proporção de homens para mulheres com curso superior, que em 1950 era 8,6 para 1, baixou em 60 para 5,6.

Apesar disso, na década de 60, a idéia de incompatibilidade entre casamento e vida profissional ainda era forte no imaginário social, assombrado pela possibilidade de a mulher abandonar os afazeres domésticos, os cuidados com o marido e filhos, e, a feminilidade. Em geral, ainda esperava-se que as mulheres se dedicassem inteiramente ao lar e fossem sustentadas pelo marido, restringindo-se ao espaço privado.

1.2 A luta contra diferenças e preconceito gênero no Brasil

A mudança nas relações de gênero no Brasil se deu principalmente por intermédio de dois movimentos²: o de mulheres e o feminista. Segundo Maria Amélia de Almeida Teles (1999), o primeiro remete às ações que reivindicam direitos ou melhoras nas condições de trabalho e de vida, enquanto o segundo refere-se ao combate à discriminação e subalternidade das mulheres, criando meios para as mulheres se tornarem protagonistas de sua vida e história. Neste projeto, foi escolhido, em alguns momentos, o uso do termo feminismo de maneira a englobar ambos os movimentos³, já que o movimento de mulheres surgiu a partir

² Além da existência dos movimentos de lutas pela mudança nas relações de gênero, também é importante salientar que estas também foram influenciadas por outros fatores como, por exemplo, a consolidação do modo de produção capitalista, o desenvolvimento tecnológico (principalmente em relação às “tecnologias do lar”, como microondas e máquina de lavar, e, biotecnologias relacionadas às questões sexuais, como possibilidades de exames de DNA e desenvolvimento de anticoncepcionais, principalmente a pílula), entre outros.

³ No início o movimento de Mulheres e o Feminista consistiam em um mesmo movimento. A divisão conceitual entre estes ocorreu nos anos 70 e 80, devido, principalmente ao preconceito que existia em relação ao termo feminista.

do movimento feminista e ambos se unem em vários períodos como ocorre com a mobilização “Articulação, Mulher e Mídia”, abordada no fim deste capítulo.

O feminismo considera uma opressão social de gênero⁴ que se manifesta tanto nas estruturas como nas superestruturas (política, ideologia e cultura), e, consiste em um movimento político que “questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. E propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade” (TELES, 1999, p. 10).

No início do movimento feminista, o conceito de emancipação pretendia a igualdade de direitos, mas na contemporaneidade, procura também afirmar a diferença, buscando libertar tanto mulheres como homens dos valores sexistas que os colocam falsamente como depositários do poder, força e inteligência, sem desconsiderar as singularidades e identidades femininas e masculinas.

Dessa forma, esse movimento trabalha com dois paradigmas nas políticas de gênero: o da igualdade (reivindicações de direitos universais) e o da diferença (reafirmação das diferenças, singularidades e identidades das mulheres⁵). Neste aspecto, “reivindicações de igualdade envolvem a aceitação e a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação; ou, em outras palavras: os termos de exclusão sobre os quais essa discriminação está amparada são ao mesmo tempo negados e reproduzidos nas demandas pela inclusão” (Scott, apud SCAVONE, 2008, p. 214).

Segundo o movimento feminista, a ideologia patriarcal e machista nega à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo sua contribuição histórica e sua posição como ser social, criativo e inovador. Essa visão androcêntrica impõe uma visão de mundo pretensamente neutra e considerada natural, dividida entre aspectos masculinos e femininos hierarquizados (em que o masculino predomina sobre o feminino). Ou seja, na cultura sexista tanto homens quanto mulheres pressupõem, conscientemente ou não, que o “masculino” é melhor que o “feminino”, depreciando não apenas o que as mulheres fazem, mas também quem elas são.

⁴ “A palavra gênero é usada pelas feministas para estabelecer que os sexos feminino e masculino constituem categorias não só biológicas, mas cultural e socialmente construídas” (TELES, 1999, p. 95). A explicação desse conceito será retomada no capítulo 2 dessa dissertação.

⁵ “Conjunto de características singulares que diferenciam a mulher do homem e que devem ser preservadas enquanto diferenças. (Todavia é essencial não confundir essa identidade com a chamada ‘psicologia feminina’, um complexo de fenômenos historicamente condicionados, que expressa a manipulação das diferenças femininas em benefício dos interesses de quem detém o poder. Um exemplo bastante ilustrativo desses preconceitos forjados em ‘ciência’ são as definições da ‘mulher frágil’, ‘passiva’, ‘submissa’, ‘obediente’, um tanto burra – ou mesmo o reverso da medalha: a mulher ‘maliciosa’, ‘mentirosa’, ‘falsa’, ‘pérfida’)” (Entrevista de Lúcia Bruno Monteiro, apud TELES, 1999, p. 95).

O movimento feminista tem como eixo a luta contra toda discriminação de gênero, em todos os sentidos, principalmente, naqueles que retiram a mulher de sua intervenção consciente no processo de transformação social.

Nesse aspecto, o conceito de emancipação consiste no controle que o sujeito (homem ou mulher) pode exercer sobre a natureza da humanidade, em suas dimensões éticas, psicológicas, econômicas, sexuais, políticas e sociais. Por isso, a

emancipação para a mulher é a possibilidade de ela realizar sua atividade criadora de transformação da natureza ou de reprodução da espécie liberta das amarras que a impedem de a realizar plenamente, livre da alienação que a separa dos instrumentos e do conhecimento da produção – e livre dos hábitos e costumes que intervêm na sua vida privada e a mantêm presa às tarefas domésticas (VALADARES, 2007, p. 125).

Desta forma, o feminismo luta para que as mulheres sejam reconhecidas como indivíduos capazes de fazerem as próprias escolhas e tenham direito à auto-expressão, à realização individual e à independência, opondo-se explicitamente “ao estilo de vida criado por normas extremamente coercitivas que restringem e definem o que a mulher é e o que ela pode fazer” (BARDICK, 1981, p. 09). Ou seja, o movimento feminista não limita sua luta à conquista formal de direitos, mas defende um novo modo de vida que implica no reordenamento das condições de vida (ambientais, sociais e econômicos); na construção do estilo de vida (tradições, rotinas, hábitos) e na consolidação de uma nova concepção de vida (idéias e valores).

No Brasil, segundo Maria Amélia Teles (1999), o movimento feminista se inicia em meados do século XIX principalmente com a criação de jornais impressos que estimulavam e disseminavam novas idéias em relação às potencialidades femininas. O primeiro desses jornais foi “*O Jornal das Senhoras*” criado em 1852 e editado por Joana de Paula Manso, que alertava as mulheres para suas necessidades e capacidades, embora enfatizasse como principal papel feminino o cuidado com a família.

Em 1862 surge o “*Belo Sexo*” dirigido por Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar, e, em 1873 “*O Sexo Feminino*” de Francisca Senhorinha da Motta Diniz que se dirigia diretamente às mulheres para que se conscientizassem a respeito de sua identidade e direitos, defendendo a educação como possibilidade de mudança de *status*.

Ainda nesse período surgiram “*O Domingo*” (de Violanta Atalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, em 1870), “*O Jornal das Damas*” (1870), “*O Eco das Damas*” (de Amélia Carolina da Silva Couto, em 1879), “*O Direito das Damas*” (de Idalina D’Alcântara Costa,

em 1882), “*A Família*” (dirigido por Josefina Álvares Azevedo, em 1888), defendendo também a igualdade da mulher frente ao homem e seu direito à educação.

Além desses jornais, a ação das feministas também abrangia a divulgação de seus ideais em revistas, como, por exemplo, “*A Mensageira*” (publicada em São Paulo entre 1897 e 1900) que debatia principalmente a questão do trabalho feminino fora do lar e defendia que uma mulher profissionalmente ativa e politicamente participante teria mais condições de desenvolver seu lado materno, pois o desenvolvimento intelectual e um elevado grau de educação seriam essenciais para educar um filho.

Assim, na Primeira República, a luta feminista objetivava principalmente a elevação do nível da instrução das mulheres, a conquista do voto⁶ e a obtenção de leis voltadas ao trabalho feminino. Após o direito ao voto se efetivar⁷, a luta passou a se concentrar nas questões referentes ao trabalho feminino, o acesso à educação e à proteção à maternidade e às crianças.

Já no período da Segunda República, além de direitos referentes especificamente às mulheres, o feminismo ainda reivindicava questões de interesse nacional e político, de tal forma que em 1934 surge a União Feminina, integrante da Aliança Nacional Libertadora (ANL)⁸, fundindo a luta da mulher com a da população brasileira que pretendia resistir à ditadura e defender a democracia.

Durante o Estado Novo, o movimento feminista buscou o restabelecimento da anistia e da democracia (ameaçadas pela ditadura), o término da carestia de vida e a

⁶ “Tal era o menosprezo às mulheres, consideradas seres inferiores, ou crianças, que as Constituições latino-americanas do século XIX sequer proibiam o voto feminino, pois o título de cidadão era somente dado aos homens. Quando as mulheres resolveram, então, efetivar o direito ao voto, algumas Constituições sofreram mudanças para estabelecer expressamente que a mulher não podia votar” (TELES, 1999, p. 40). No Brasil, apesar da proibição não constar na Constituição Federal, o voto feminino não era reconhecido. No final do século XIX, o voto feminino chegou a ser aprovado em primeira instância na Constituinte de 1890-1891, mas foi reprovado posteriormente sob a justificativa de que a política não era uma atividade honrosa para a mulher. O pioneirismo na autorização do voto da mulher ocorreu apenas em 1928, no estado do Rio Grande do Norte, à cidadã Celina Guimarães Vieira, que invocou o artigo 17 da lei eleitoral do Rio Grande do Norte de 1926: “*No Rio Grande do Norte, poderão votar e ser votados, sem distinção de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por lei*” (DANNEMANN, 2009). Com aquisição do título eleitoral de Celina Vieira, muitas mulheres passaram a reivindicar o mesmo, fortalecendo o movimento sufragista no país.

⁷ O direito ao voto para a mulher somente se efetivou com a Constituição Brasileira de 1934, contando com pressão e subsídio político de Cartola Pereira de Queirós (deputada federal ativa em defesa da mulher, das crianças abandonadas, de melhorias na educação e na assistência social e que atuou com várias emendas na Constituição de 1934).

⁸ Organização política brasileira sob a direção dos comunistas que possuía o objetivo de derrubar o governo getulista e implantar um governo popular.

instituição da paz, sendo que muitas mulheres perderam a vida em confrontos com a polícia, como é o caso, por exemplo, de Zélia Magalhães⁹ e Angelina Gonçalves¹⁰.

Em relação ao trabalho, houve reivindicações para extensão dos direitos trabalhistas às mulheres do campo e para sindicalização da mulher e a possibilidade desta participar das direções do sindicato. Também houve lutas com propostas de reformar o Código Civil, anulando os artigos discriminatórios principalmente em relação à mulher casada¹¹ e na defesa da infância, da maternidade e do desenvolvimento do ensino e de creches. Nesse período ainda não eram mencionadas questões relativas ao aborto, sexualidade, homossexualismo e violência doméstica e sexual (esses assuntos somente se agregaram à agenda de discussão e reivindicação a partir da década de 80).

Após o Golpe de 64, segundo Maria Amélia de Almeida Teles (1999), muitas mulheres se incorporaram às organizações de esquerda, enfrentando o preconceito tanto de seus companheiros (que as protegiam e subestimavam sua capacidade física e mental) quanto dos militares (que se aproveitavam aplicando violência sexual). Nessa sociedade, tanto o regime militar como os movimentos de esquerda não viam, de imediato, a mulher como uma possível adversária/aliada.

Nesse período, ainda segundo Teles (1999), o movimento foi profundamente atingido, pois, devido à necessidade de dar sustentação social às forças golpistas, o governo militar criou organizações políticas reacionárias que tinham objetivo de manipular as mulheres, culminando no quase desaparecimento das associações femininas, que retornaram brandamente a partir do fim da década de 60, ganhando novamente força em 1975, com a criação do Ano Internacional da Mulher.

⁹ Comunista morta no final de abril de 1946 pela polícia que dispersava o comício da Imprensa Popular do PCB no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro (PORTAL VERMELHO, 2009).

¹⁰ No dia primeiro de maio de 1950, na cidade de Rio Grande (RS), a polícia atirou contra uma manifestação em defesa da paz mundial e matou quatro operários: Angelina Gonçalves, tecelã; Euclides Pinto, pedreiro; Honório Porto, portuário; Osvaldino Correia, ferroviário e ferindo o líder portuário e vereador comunista Antônio Rechia que ficou paralisado. A tecelã Angelina Gonçalves foi morta ao retomar a bandeira do Brasil que a polícia tirara dos manifestantes (BUONICORE, 2009).

¹¹ Como, por exemplo, os seguintes artigos da Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916 (Capítulo III – Dos direitos e deveres da mulher):

Art. 240. A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. (Redação dada pela Lei nº 6.515, de 26.12.1977) Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido (art. 251): (Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962).

VI - suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962: Texto original: Litigar em juízo civil ou comercial, a não ser nos casos indicados no arts. 248 e 251.

VII - suprimido pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962: Texto original: Exercer a profissão (art. 233, IV).

Art. 243. A autorização do marido pode ser geral ou especial, mas deve constar de instrumento público ou particular previamente autenticado.

As lutas feministas no Brasil retornam em meados dos anos 70 no contexto de oposição à ditadura militar, comprometendo-se com um projeto de sociedade democrática, igualitária e anti-autoritária. Assim, nesse período, ocorreu uma mobilização de mulheres (principalmente no eixo São Paulo – Rio de Janeiro) empenhadas na luta contra a ditadura e no debate da questão das mulheres, preocupando-se em conciliar a retomada da democracia com a inclusão das mulheres na futura democracia.

Esse comprometimento resultou na criação do Movimento Nacional contra a Carestia (1968), do Movimento de Luta por Creches (1970), do Movimento Feminino pela Anistia (que posteriormente recebeu adesões de estudantes, advogados e profissionais liberais e integrou o Comitê Brasileiro pela Anistia - contribuindo para a aprovação da Lei da Anistia¹², em 28 de agosto de 1979), do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira (CDBM) em São Paulo, e, do Centro da Mulher Brasileira (CMB) no Rio de Janeiro, do “Movimento do Custo de Vida”¹³, entre outros.

Esses grupos também tinham o objetivo de avaliar e revisar os papéis sexuais das mulheres (como mãe, esposa e dona de casa) e tiveram importante contribuição no processo de redemocratização, por meio de suas reivindicações em relação às mudanças em vários códigos jurídicos e à promulgação de leis mais coerentes com a nova atuação da mulher.

A partir de 75, as mobilizações mais significativas do movimento consistiam em:

- Luta por creches (vide o exemplo de uma campanha no Anexo A): além da reivindicação pela criação desses estabelecimentos públicos e gratuitos, também foram realizadas campanhas para combater a idéia de que a criança somente seria bem educada se o fosse exclusivamente pela mãe, e combater o caráter de orfanato ou depositário de criança que caracterizavam as poucas creches que existiam, exigindo que estas fossem reconhecidas pelo Estado e pela sociedade como um direito da criança à educação.

- Lutas trabalhistas: exigência da equiparação salarial entre homens e mulheres que ocupassem o mesmo cargo, do direito a amamentar durante trabalho, da estabilidade para mulher casada e gestante, e do fim da proibição do trabalho feminino noturno e do controle do tempo para ir ao banheiro. Além disso, ainda reivindicavam mudanças na legislação trabalhista que propunha a necessidade de autorização do marido para que a mulher pudesse trabalhar¹⁴.

12

Perdoou os acusados que cometeram crimes políticos entre 2 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979.

¹³ Recolhimento de 1,3 milhões de assinaturas para congelamento de preços de gêneros de primeira necessidade, aumento de salário, reforma agrária e criação de creches.

- Luta contra violência contra mulher (vide o exemplo de campanhas nos Anexos B e C): criou-se o Centro de Defesa da Mulher (em Minas Gerais) e o SOS Mulher (em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco) que atendia as vítimas de violência, oferecendo atendimento de psicólogas e advogadas. Além disso, o movimento de mulheres ainda lutava por questões que nesse período ainda eram comuns como: a Justiça brasileira absolver assassinos de mulheres sob a alegação de defesa da honra; o tratamento das agressões apenas como desavenças domésticas, sugerindo que a mulher poderia ter culpa pela agressividade masculina, e, a consideração do estupro como um crime apenas contra a moral e os costumes e não contra a pessoa¹⁵. Em 1985, foi criada a Delegacia Policial de Defesa da Mulher¹⁶ para atender mulheres vítimas de violência, aflorando a demanda de denúncias antes inibidas pela dificuldade de exposição das agressões e humilhações sofridas aos policiais do sexo masculino. Apesar dessa conquista, ainda existiam outras dificuldades para as mulheres denunciarem a violência doméstica como a ausência de casas de abrigo para fornecer segurança às vítimas ameaçadas de morte por seus companheiros.

- Luta pela legalização do aborto: a reivindicação do aborto apóia-se em quatro princípios básicos (CONVENCION, 2009): integridade corporal (direito à segurança e ao controle do próprio corpo), igualdade (igualdade de direito entre todas as mulheres nos campo da sexualidade e reprodução), individualidade (respeito pela autonomia do sujeito em relação às suas decisões sexuais e reprodutivas), e diversidade (respeito pelas diferenças entre as mulheres, em relação aos valores, cultura, orientação sexual, condição familiar e de saúde e outros). Além disso, outras questões e reivindicações específicas são colocadas em relação ao aborto, como, por exemplo, a luta contra a criminalização das mulheres que praticaram

¹⁴ A promulgação da CLT em 1º de maio de 1943 regulamentou o trabalho da mulher, garantindo direitos gerais estabelecidos para todos os trabalhadores, e, assegurando proteção especial em função da particularidade de suas "condições físicas, psíquicas e morais". Autorizava-se o emprego da mulher casada, que poderia recorrer à autoridade judiciária em caso de oposição do marido. Contudo, era permitido ao marido pedir rescisão do Contrato de Trabalho da mulher, se seu emprego fosse considerado ameaça aos vínculos da família ou às condições peculiares da mulher. Essa necessidade da "autorização" do marido para que a mulher pudesse trabalhar durou, no Brasil, até 1962.

¹⁵ Alterado pela Lei nº 12.015, de 2009.

¹⁶ Os policiais homens e mulheres não tinham condições de dar à mulher o atendimento diferenciado que a violência doméstica exige, pois outros acontecimentos considerados mais importantes e graves (como roubos, seqüestros, homicídios e tantos outros) impediam que o policial desse a devida atenção às mulheres por ocasião de suas denúncias. O procedimento mais comum nesses casos (conforme Carvalho, 2009), era falar que "mulher gosta de apanhar", aconselhando-a a voltar para casa, agradar ao marido e esperar pelo dia seguinte, pois tudo se resolveria".

Os principais crimes denunciados e atendidos pelas DDM'S (Delegacias de Defesa da Mulher) são: espancamentos (tipificados no Código Penal no artigo 129 como lesões corporais); ameaças (artigo 147); ofensas morais em geral (calúnia, difamação e injúria); os crimes contra os costumes, dentre eles o estupro (artigo 213) e atentado violento ao pudor (artigo 214).

aborto¹⁷ e a legalização da interrupção da gravidez em caso de anencefalia do feto¹⁸ (vide exemplo de campanha em Anexo D).

- Luta pelo direito ao prazer sexual: segundo a Campanha pela Convenção dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos (CONVENCIÓN, 2009), o prazer sexual é a expressão de prazer mais estigmatizada e sujeita a proibições (especialmente para as mulheres, pois o corpo destas ainda é visto como um “espaço” do homem e está disposto a mitos e preconceitos). O prazer encontra-se monopolizado por uma visão masculina, é “legitimado como uma busca apenas individual e consagra um modelo: o heterossexual fálico como o único aceitável e prazeroso, excluindo todas aquelas pessoas cujo corpo escapa da norma: homossexuais, trans, pessoas idosas, gordas, portadoras de deficiência”. (CONVENCIÓN, 2009). Por isso, a reivindicação da criação de “políticas públicas em torno à sexualidade, expressas na educação, na afirmação de um Estado Laico e de uma cultura secular”, que não estabeleçam normas, nem limites e possibilidades do prazer.

- Mudança no Código Civil (vide exemplo de campanha em Anexo E), ocorrido em 1988, principalmente no capítulo referente à família como a chefia da sociedade conjugal que competia exclusivamente ao homem¹⁹. A partir de 1982 o feminismo passa a demandar espaços institucionais nos governos estaduais principalmente de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (reorganizados pela oposição após eleições) com intuito de desenvolver políticas voltadas especificamente para as mulheres. Assim, surgem o Conselho da Condição Feminina em São Paulo e o Conselho dos Direitos da Mulher em Minas Gerais. Em 1985, no contexto das *Diretas Já* e da transição democrática, o feminismo e esses conselhos passaram a discutir a relevância da constituição de um órgão federal que trabalhasse com políticas públicas voltadas para as mulheres, conseguindo, em agosto desse ano, a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), por meio da Lei nº 7.353²⁰. A ação inicial do CNDM esteve voltada para campanha pelos direitos das mulheres na nova constituição e foi

¹⁷ Um dos focos em relação a essa situação consiste na proposta da CPI do aborto clandestino criada em dezembro de 2008 que busca investigar e punir mulheres que já realizaram aborto.

¹⁸ A anencefalia consiste em “uma ‘anomalia incompatível com a vida’, sem possibilidade de sobrevivência para o feto e que aumenta a frequência de complicações para a mãe durante a gestação. ‘Prolongar a vivência do luto de um filho nessa situação é torturar o ser humano, é submetê-lo a tratamento desumano e degradante’”. (SAPATARIA, 2009).

¹⁹ Art. 233. O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos (arts. 240, 247 e 251). (Redação da Lei nº 4.121, de 27.8.1962). Art. 240. A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. (Redação dada pela Lei nº 6.515, de 26.12.1977).

²⁰ Lei nº 7.353, de 29 de agosto de 1985. Art. 1º Fica criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, com a finalidade de promover em âmbito nacional, políticas que visem a eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País

liderada, principalmente, por Ana Montenegro, Lelia Gonzáles, Rute Cardoso, Ruth Escobar e Jacqueline Pitanguy. Baseado nos lemas “*Constituinte Para Valer tem que ter Palavra de Mulher*”, “*Constituinte para Valer tem que ter Direitos da Mulher*” e “*Constituinte sem mulher fica pela metade*²¹” (PITANGUY, 2009), o CNDM organizou uma articulação nacional envolvendo os Conselhos Estaduais de Direitos da Mulher, os Conselhos Municipais, e várias organizações de mulheres e feministas do país, conclamando as mulheres a apresentarem propostas para a nova constituição (vide no Anexo F uma foto sobre o encontro Nacional de Mulheres e Constituinte). No final de 1986, baseando-se nas propostas recebidas, aprovou-se a Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes, contendo propostas para uma ordenação normativa que traduzisse um patamar de igualdade entre homens e mulheres²². Após a reformulação da carta, iniciou-se a mobilização denominada *Lobby do Batom*²³ (vide modelo de campanha em Anexo G), que procurou conscientizar deputados e senadores da importância de considerar as demandas das mulheres para construção de uma Carta Magna mais cidadã e democrática. Além da atuação no Congresso, o CNDM atuava na conscientização da sociedade brasileira, desenvolvendo campanhas voltadas principalmente para veiculação nos meios de comunicação, em sintonia com os capítulos discutidos no Congresso²⁴. Esse processo durou até outubro de 1988, com a promulgação da nova Constituição. De acordo com Gilda Cabral (2009), além da conquista de algumas das reivindicações, esse processo também contribuiu para um debate com a sociedade sobre a desvalorização e exclusão das mulheres perante os direitos legais e também sobre questões mais específicas do universo feminino como sexualidade, aborto, trabalho doméstico, família e casamento.

²¹ Essa campanha especificamente focava na ampliação da representação feminina no Congresso Constituinte (que seria criado em 1987) para debater a “situação jurídica da mulher e incentivar sua participação no processo de formulação da nova Constituição Brasileira” (SCHUMAHER, 2009).

²² Dentre estas propostas destacavam-se: o papel do Estado em coibir a violência ocorrida no âmbito familiar; o reconhecimento da instituição da família independente de uma certidão de casamento; a alteração do capítulo da família no código civil (que instituía o homem como chefe da sociedade conjugal), solicitando igualdade na sociedade conjugal; informações e acesso aos direitos reprodutivos e sexuais; aumento da licença maternidade para 4 meses e licença paternidade de 08 dias; reconhecimento da discriminação da mulher no trabalho; direito à igualdade salarial entre homens e mulheres; direito à creche para crianças de 0 a 6 anos; direito de posse de terra à mulher; direitos trabalhistas e previdenciários à empregada doméstica.

²³ Segundo Schuma Schumacher (2009), o Lobby do Batom atuou junto aos Conselhos, aos grupos de mulheres, às categorias profissionais específicas, às trabalhadoras rurais e domésticas, às mulheres negras, índias e lésbicas, informando sempre sobre as propostas e votações. Este consistiu um dos dois maiores grupos da sociedade civil organizados para a Constituinte e obteve 85% das propostas incorporadas no texto final.

²⁴ Foram utilizadas diversas campanhas de comunicação, como por exemplo, uma que veiculava a foto de uma família do início do século XX (com o homem na posição central, mulheres e filhos ao redor, trajados conforme o período retratado) associada ao texto: “A família não é mais aquela, mas as leis ainda o são”. Outra campanha retratava uma mulher em uma corda bamba, equilibrando casa e trabalho, para enfatizar a necessidade de dar proteção e benefícios a mulher. Além disso, foram divulgados diversos spots e mensagens sobre a violência doméstica, a maternidade como um direito e uma opção, e a importância de balancear os poderes entre homens e mulheres (PITANGUY, 2009).

Em relação à atuação do feminismo nessa década, um documento da CUT afirma:

A eclosão do feminismo nos anos 70 iniciou mudanças profundas nas relações de gênero. O feminismo denunciou a desigualdade, revelou-se contra as relações de gênero baseadas na dominação versus submissão e mostrou que ela não é natural, mas construída cultural e historicamente, revelou o duro cotidiano vivido por milhares de mulheres e tocou fundo em temas que incomodaram os valores estabelecidos: a violência sexual, a violência doméstica, o direito à opção a não ter filhos, o direito ao prazer. Mais ágil que o sindicalismo, o feminismo desnudou a realidade das mulheres trabalhadoras. Deu-lhe visibilidade e apontou a aliança entre exploração de classe e opressão de sexo: salários menores, dupla jornada, falta de profissionalização, falta de creche (Comissão Nacional da Mulher da CUT, apud PRIORE, 2001, p. 650).

Porém, as idéias feministas (de igualdade de direitos e questionamento do papel de submissão da mulher) somente obtêm ressonância junto à opinião pública em 1975, com a criação do Ano Internacional da mulher pela ONU, pois constituiu uma referência para o entendimento do movimento feminista. Essa iniciativa “foi particularmente importante para as mulheres brasileiras por ter propiciado um espaço de discussão e organização numa conjuntura política marcada pelo cerceamento das liberdades democráticas” (TELES, 1999, p. 85).

Entretanto, apesar desse melhor entendimento do movimento, o termo feminista continuava (e ainda continua sendo) fortemente carregado pela idéia de que se tratava de uma luta contra os homens, com objetivo de inverter os papéis, quando, na verdade, as mulheres compreendiam os homens também como vítimas, apesar de entenderem que as mulheres eram ainda mais vítimas do que eles.

Para combater esse preconceito e reforçar as reivindicações o movimento circulou no Paraná e em São Paulo de 1975 a 1979, o jornal “Brasil Mulher”, e, de 1976 a 1978 o jornal “Nós Mulheres” que fortaleceram as reivindicações femininas, ao debater a necessidade de transformação econômica e social para se tornarem adequadas as condições de vida e de trabalho para ambos os sexos. Das propostas que publicaram se destacou a socialização do trabalho doméstico por meio da criação de equipamentos sociais como creches, lavanderias e refeitórios públicos (TELES, 1999).

Em 1981 é criado outro jornal feminista o “Mulherio”, com circulação até 1987. Tinha como temas candentes a extensão da licença maternidade para os pais, a democracia doméstica, a situação da mulher negra, o direito à creche, a discriminação do aborto e o direito à aposentadoria aos 25 anos de serviço.

Além disso, esse jornal também refletia sobre a crise do feminismo e a inibição da motivação para a militância, julgando como responsável a não obtenção da igualdade plena e a sobrecarga causada pelo não compartilhamento de tarefas, pois

a entrada das mulheres no ‘mundo masculino’ não correspondeu uma entrada dos homens no ‘mundo feminino’. As tarefas domésticas continuam sendo ‘coisas de mulher’. Muitas vezes, as mulheres repetem o comportamento masculino. E num dessas, é como escreveu Rosiska de Oliveira, a proposta de igualdade transformou-se ‘em apenas semelhança, ou melhor, caricatura’ (TELES, 1999, p. 95).

Assim, as mulheres também se voltaram contra a definição de papéis domésticos específicos para homens e mulheres, que ocasionavam uma sobrecarga às mulheres devido à dupla jornada e ao cuidado com os filhos, impedindo sua plena realização como sujeitos históricos.

Nesse sentido, atribuíram uma dimensão política ao privado, ressaltando o caráter estrutural da dominação e tornando evidentes as nuances de modalidades de poder que também se expressam na vida cotidiana, nos diversos aspectos das relações sociais e pessoais, e que, frequentemente, significavam a inferiorização das mulheres. (SOIHET, 2008, p. 192).

Cabe ressaltar que com a conquista da anistia política no fim da década de 70, muitas mulheres exiladas e que tiveram contato com o feminismo europeu voltaram ao Brasil, focando questões que ainda eram tabus no país como: direitos reprodutivos, violência de gênero e paridade política. A união dessas novas óticas com o término da ditadura militar mobilizou o movimento feminista a utilizar o conceito de democracia, centrando-se nos temas referentes à contracepção, gravidez, maternidade, saúde e assistência à saúde e ao aborto.

Por isso, durante as décadas de 70 e 80, também se destacaram as denominadas “políticas do corpo” que reivindicavam a favor dos direitos de reprodução: assunção do corpo e da sexualidade (aborto, prazer e contracepção) pelas mulheres e a compreensão da violência sexual como um crime e não mais restrito ao privado.

Ainda na década 80 nasceram os Clubes de Mães e Grupos de Mulheres trabalhadoras com objetivo de denunciar a ausência ou precariedade dos serviços coletivos municipais, articulando dimensões antes impensáveis: mulher – saúde – cidadania. Esses grupos eram formados por mulheres não trabalhadoras, mas cidadãs excluídas ou usuárias mal atendidas dos serviços públicos.

Além disso, iniciou-se nesse período, no Brasil, a luta pela descriminalização do aborto, encontrando barreiras impostas pelas pressões de setores mais conservadores, principalmente do catolicismo. Mas apesar disso, algumas reivindicações foram atendidas nesse sentido, como a criação em 1989 do primeiro estabelecimento público no Brasil de aborto nos casos permitidos pela lei (casos de estupro e de risco de vida materno)²⁵, e do aumento para mais de 60 desses estabelecimentos em 2007 (SCAVONE, 2008, p. 215).

A partir 1985, muitas mulheres participaram do processo de elaboração da nova Constituição²⁶, com intuito de ampliar a cidadania social das mulheres. Apesar desse objetivo não ter sido contemplado completamente (pois continuou existindo uma distância entre as demandas de cidadania), muitos direitos foram conquistados como: ampliação do tempo de licença maternidade, introdução da licença paternidade, fixação de limites de diferentes idades para aposentadoria dos homens e mulheres, reconhecimento da mulher como chefe de família, instituição da reciprocidade no casamento, da igualdade entre mulher e homem e do direito da mulher do campo em registrar em seu nome os títulos de propriedade.

Nesse período, as mulheres também lutaram contra a violência, a opressão e a discriminação da mulher e da criança, culminando com a criação da Comissão da Questão da Mulher Trabalhadora da Central Única dos Trabalhadores (1986) e da Secretaria Nacional da Mulher, do Adolescente e da Criança (1992).

Durante o ano de 1996 os movimentos femininos foram responsáveis pela tramitação de várias proposições legislativas sobre os direitos da mulher. Dentre elas, destacaram-se o estabelecimento no emprego para a gestante, a proteção ao trabalho da mulher e do emprego doméstico, o direito ao FGTS, o seguro-desemprego e vale-transporte para as trabalhadoras domésticas, e o direito à licença paternidade (vide modelo de campanha em Anexo H) e adoção.

²⁵ Decreto Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940:

“Art. 128 - Não se pune o aborto praticado por médico:

Aborto necessário

I - se não há outro meio de salvar a vida da gestante;

Aborto no caso de gravidez resultante de estupro

II - se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal”. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2009).

²⁶ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Além disso, ao longo das três últimas décadas, ocorreu uma revisão da imagem social da feminilidade. Difundiram-se

novas proposições que reafirmam o papel da equidade entre os sexos e foram debatidas modificações na ordem cultural e jurídica (...) chegou-se à consciência de que qualquer definição dos papéis, da imagem, da identidade e dos códigos de comportamento da mulher é instável e transitória, já que tais concepções culturais são resultado do confronto entre os valores dominantes e os anseios de mudança (PRIORE, 2001, p. 649).

Entretanto, apesar de toda essa mudança no cenário brasileiro em relação à opressão de gênero, ainda são evidentes discriminações em relação à mulher como a diferença de salário, agressão física, dupla jornada, dificuldade de acesso a cargos de chefia, desvalorização de carreiras feminizadas, e, representações mediáticas desfavoráveis e depreciativas.

Na pesquisa do *World Economic Forum*²⁷, publicada em 2008 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008, p. C12), o Brasil ocupa a 73ª posição no que se refere ao tratamento igualitário entre os gêneros, demonstrando que apesar dos avanços obtidos na educação e na oportunidade de trabalho, ainda existem falhas em relação à igualdade de remuneração, ao acesso ao poder público, à saúde da mulher e aos direitos reprodutivos. Na sociedade brasileira contemporânea, as mulheres atingem uma média de escolarização acima dos homens, mas ainda continuam ocupando menos postos de comando e ganhando uma média salarial comparativamente inferior.

1.3 A mulher na contemporaneidade

O fato de que poderia servir para mudar essencialmente as relações entre homens e mulheres, sua valorização como agente político, como sujeito social e como ser desejante ainda não se efetivou em nossa cena histórica (...). Não seria o momento de se experimentar novos parâmetros de comportamento para que ambos possam dividir espaços comuns, tanto na esfera privada quanto na pública, sem a rivalidade que sempre caracterizou estas divisões, a fim de que possam construir de fato uma nova realidade e uma nova forma de relacionamento que os aproxime? (REIS, 2002, p. 118 e 126).

²⁷ Esse ranking mede a relação de igualdade entre mulher-homem numa escala de 0 a 1 (na qual, quanto mais próximo do 1, maior a igualdade entre os gêneros, ou seja, maior a participação da mulher na economia, política, educação e saúde). Vide anexo I.

As funções exclusivas do feminino e do masculino persistiram durante muito tempo como um arranjo natural até o século XX, quando eclodiram movimentos que objetivavam mudanças na organização social. O papel de cuidadora e sensível às necessidades alheias para as mulheres, e o de provedor material bem sucedido na vida pública para os homens tornava-os presos nessa perspectiva, sem alternativas para comportamentos mais livres e pessoais.

O patriarcado conferiu aos homens o poder de controlar as especificidades de gênero, dando-lhes liberdade para criar legislações que regessem as relações segundo o ponto de vista masculino. No século XX, o homem permanecia no comando e a mulher se mantinha sem expressão na vida política, sem independência econômica e intelectual e devendo obediência ao marido. O homem dentro da família era senhor de tudo e de todos, seu poder não se restringia aos filhos, mas também alcançava a mulher, os agregados e os empregados.

Assim, durante um longo período (fim do século XIX e meados do XX) o papel principal da mulher era o de “administradora do lar”, sendo marginalizadas as que saíam desse padrão. Porém, nos últimos anos, constatamos, no Brasil, uma considerável mudança nas relações de gêneros, ocasionadas, em grande parte, pela ação de movimentos feministas e de mulheres que lutaram pela obtenção de direitos iguais entre homens e mulheres, buscando excluir o preconceito baseado em gênero. Dentre estas mudanças, podemos destacar a independência econômica da mulher em relação ao homem, a transformação das estruturas familiares e o acesso da mulher à educação (vide campanha em Anexo J).

Entretanto, segundo Margareth Reis (2002, p. 120), apesar dessas conquistas femininas, a mulher não mudou de posição, apenas agregou novas atribuições, pois agora além da competência do lar, como esposa e mãe (como ocorria no século passado) também lhe é cobrada competência na esfera pública, como profissional e cidadã ativa.

Legalmente o Estado brasileiro emancipou-se de seus preconceitos dando *status* de igualdade a homens e mulheres, mas apesar da extinção da maioria das restrições legais, as mulheres ainda vivem um cotidiano de sujeição. É preciso compreender que mesmo

conquistados alguns direitos fundamentais ou reivindicações imediatas, a sociedade capitalista, longe de libertar a mulher, sufoca-a no terreno da exploração de classes e mergulha-a em um nível de opressão de gênero mais sofisticado, porém não menos cruel (VALADARES, 2007, p. 46).

Por isso, apesar das mudanças as mulheres não alcançaram o objetivo do feminismo de compartilhar posições e espaços com os homens, dividindo postos de comando e tarefas domésticas.

Histórias e mais histórias ilustrariam nosso esforço de adaptação aos padrões sociais – e as suas mudanças. No conformismo aos padrões impostos, e mesmo em sua contestação, batalhamos, crescemos e nos impusemos normas, padrões e metas. Mas, feito avestruz que tudo engole e tudo digere, nossos esforços e contribuições foram digeridos pelo sistema e, mesmo nas pequenas e grandes revoluções cotidianas – como no caso da chamada ‘revolução sexual’ -, valores e aportes que questionavam o núcleo das questões ficaram à margem (MORENO, 2008, p. 36).

Assim, por exemplo, apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, nota-se que esta ainda sofre discriminação e preconceito em relação a este ambiente, como a desigualdade salarial para o mesmo trabalho realizado por homens e realizado por mulheres. Este é um caso, segundo Pacheco e Silva (2009), constatado no mundo todo, mesmo em países que assinaram convenções da Organização Internacional do Trabalho²⁸ que proíbem essa prática discriminatória.

Outro aspecto envolvendo o mercado de trabalho que pode ser citado é a diminuição de políticas sociais que sobrecarrega principalmente as mulheres que, em sua maioria, enfrentam uma dupla jornada, sendo responsáveis também pelo cuidado com a casa e com a família (principalmente com os doentes e crianças).

Assim, apesar de as mulheres terem ascendido espaços antes destinados exclusivamente aos homens, nota-se que o contrário ainda não ocorreu com a maioria dos homens, ou seja, eles ainda não ocuparam espaços que eram designados às mulheres. A explicação, segundo Margareth Reis, é que o fato de cada sexo ocupar uma esfera auxilia na manutenção de uma ordem interna, garantindo uma previsibilidade dos acontecimentos. Além

²⁸ Como, por exemplo, a Convenção nº 111 (da qual o Brasil é signatário) que combate à discriminação no acesso e na relação de emprego ou na profissão devido à “raça, cor, sexo, religião, ascendência nacional ou origem social”, tornando o país compromissado com a “igualdade de oportunidades e de tratamento em matéria de emprego e profissão com o objetivo de eliminar toda discriminação nessa matéria” (FÓRUM DO TRABALHO, 2009). E a Convenção nº 156 da OIT (da qual o Brasil ainda não é signatário), relativa à igualdade de oportunidades e tratamento para os trabalhadores dos dois sexos. Essa convenção “versa sobre trabalhadores com responsabilidades familiares, cujo alvo é eliminar a discriminação, na medida em que protege o membro da família que ocupa ou deseja ocupar um posto no mercado de trabalho em qualquer ramo da economia, e que se vê impedido (a) ou limitado (a) nas suas possibilidades devido a conflitos entre as suas responsabilidades profissionais e familiares. A Convenção 156 da Organização Internacional do Trabalho quer estender aos homens as responsabilidades em casa e garantir que isso não traga prejuízos profissionais” (FÓRUM DO TRABALHO, 2009).

disso, o homem nunca quis exercer tarefas que cabiam à mulher e, por isso, não pretendia dividir qualquer espaço com ela, e a mudança do papel feminino foi interpretada (e ainda é, mas em menor grau) como uma subtração do valor masculino não como uma possibilidade de parceria.

Para uma mudança efetiva, é necessária uma disponibilidade para fazer novos arranjos e sensibilidade para se colocar no lugar do outro. “Mudanças sociais exigem um esforço coletivo para transformar os regulamentos e, quanto àqueles mais enraizados, requerem ainda mais tentativas e persistência” (REIS, 2002, p. 36).

Outro agravante ainda presente na contemporaneidade é continuidade da agressão física e sexual que as mulheres sofrem por parte dos homens (a ponto da necessidade de criação das delegacias da mulher na década de 80, voltadas exclusivamente às queixas femininas e da Lei Maria da Penha²⁹ no ano de 2006).

Além disso, recentemente, presencia-se o surgimento de um novo papel, explorado abusivamente pelos meios de comunicação, o da beleza corporal e da juventude (como afirmado por Rachel Moreno [2008] e Margareth Reis [2002]). A partir dos apelos eróticos presentes nos meios que privilegiam os atributos físicos femininos, se engendra uma filosofia de vida para as mulheres voltada para os requisitos da sedução.

Dessa forma, apesar de o patriarcado estar em declínio, o valor feminino, em seus vários aspectos, continua ser ditado por uma ordem masculina que também legitima a importância, por exemplo, da beleza feminina. De acordo com Margareth Reis (2002), essa situação (a valorização somente pelo prisma da atração sexual) se potencializa negativamente, pois além da dominação da condição do corpo, ainda ocorre a possibilidade desta limitar conquistas mais consistentes e duradouras. Assim, por exemplo, mesmo que uma mulher ocupe um cargo de alta chefia, ao primeiro deslize se atacará sua condição de mulher e da sua beleza. Assim, apesar da mulher se desvincular do comportamento de submissão (lugar historicamente lhe reservado), esta não conseguiu escapar dos estereótipos que a representavam ao longo dos tempos.

O preconceito contra a mulher é ainda colocado de forma difusa no inconsciente coletivo, e ela ainda é educada para ser sensível, afetuosa e maternal, ou seja, ser servil e

²⁹ Lei nº 11.340 decretada em 7 de agosto de 2006. Dentre as várias mudanças promovidas está o aumento no rigor das punições das agressões contra a mulher quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. A introdução da lei afirma que esta “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2009).

aceitar a dominação e não para brigar pelo poder e para ter condições de reverter a maneira como este é exercido. Na teoria, a mulher é aceita, mas, na prática, ainda não é valorizada, prestigiada e respeitada sua participação. Como afirma Priore (2001, p. 604), as mulheres são “herdeiras de idéias antigas, mas sempre renovadas, de que [estas] nascem para ser donas de casa, esposas e mães”.

Nesse caso,

os estereótipos sexistas influenciam as expectativas das pessoas, de modo que cada um vê e recorda as atitudes e comportamentos que concordam com o estereótipo. Enquanto cada mulher, individualmente, pode ser vista como exceção e saber que é diferente do estereótipo, o próprio estereótipo funciona no sentido de rotular cada mulher capaz como sendo uma exceção. Desconhecendo o número de mulheres bem sucedidas e nada semelhantes ao estereótipo, todos encaram cada uma delas como exceção e assim o estereótipo permanece inalterado (BARDICK, 1981, p. 54).

Por isso, na contemporaneidade brasileira, os movimentos feminista e de mulheres voltam-se para mais uma pauta de reivindicação: a questão da identidade e da representação – o que ela significa, como é produzida e questionada. Uma das mobilizações mais latentes em relação a essa reivindicação presente no Brasil denomina-se “*Articulação Mulher e mídia*”³⁰, que tem lutado por outras representações mediáticas de gênero, alegando que estas não condizem à realidade feminina brasileira, colaborando para a formação de estereótipos e papéis preconceituosos em relação à mulher.

³⁰ Participam dessa mobilização as seguintes entidades feministas e de mulheres: Observatório da Mulher; Marcha Mundial das Mulheres; União de Mulheres; Coletivo de Mulheres Ana Montenegro; Instituto Patrícia Galvão; Geledés; SOF – Sempre Viva Organização Feminista; CIM - Centro Informação Mulher; Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos; Secretaria Municipal de Combate ao Racismo PT/SP; LBL/SP - Liga Brasileira de Lésbicas; CoMulher – Comunicação Mulher; Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde; Mulheres do Intervozes-Coletivo Brasil de Comunicação Social; Fala Preta! Organização de Mulheres Negras; Coletivo de Mulheres Negras – RJ; Coletivo de Mulheres Negras da Amazônia; Secretaria Municipal de Mulheres do PT; Secretaria Estadual sobre a Mulher Trabalhadora da CUT/SP; Secretaria Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT; Secretaria Nacional de Comunicação da CUT; Secretaria Estadual de Comunicação da CUT; CONEN - Coordenação Nacional da Entidades Negras; União dos Movimentos de Moradia da Grande São Paulo (MULHER E MÍDIA, 2009).

Segundo Rachel Moreno (2008, p. 45 e 49), participante dessa mobilização,

a mulher retratada na mídia tem de ser casada ou aspirar ao casamento, ter filhos ou aspirar à maternidade, ser ou parecer jovem, ser vaidosa, cuidadosa. Ser branca, heterossexual, monogâmica, fiel, comportada, decidir mais com a emoção do que com a razão, ser sensível e delicada preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas (...). Estranha sensação essa, a de mirar o que deveria ser uma janela para o mundo e não se ver retratada nele (...), como se não existisse ou simplesmente não fosse suficientemente adequada para se mostrada (MORENO, 2008, p. 45 e 49).

Essa mobilização, na qual Rachel Moreno atua, luta por uma maior visibilidade das mulheres como trabalhadoras, especialistas e intelectuais, e por um espaço para a divulgação e discussão das reivindicações, ideais, conquistas e mudanças obtidas. Segundo essa mobilização, a ausência desses fatores favorece a reprodução de estereótipos de gêneros que influenciam a subjetividade da população e acabam por afetar a auto-estima das mulheres que utilizam as representações mediáticas como parâmetros e valores. O trecho abaixo de um documento veiculado por esse movimento retrata essa questão:

o meio de comunicação produz e controla cabeças, corações, mentes e bolsos em todo mundo. Neste sentido, acaba entrando definitivamente em todas as casas e em nossas vidas na construção da nossa subjetividade. [...] É a voz mais socialmente aceita a apresentar a imagem dos fatos e dos valores e isso nos preocupa. Este é um poder concedido às pessoas que o exercem com fins comerciais, sem parar pra pensar na responsabilidade social que este poder carrega. Não queremos mostrar simplesmente a nossa versão dos fatos, mas o mínimo que podemos esperar é que retrate a diversidade da sociedade em todas as suas dimensões, e que todas as pessoas encontrem nela seu espaço, já que a comunicação é uma via de duas mãos. Não podemos só ler e assistir: a comunicação está inscrita entre os direitos humanos e todos devem ter o direito de participar (OBSERVATÓRIO DO DIREITO À COMUNICAÇÃO, 2008).

Em março de 2007 circulou outro manifesto no Brasil (vide Anexo K), encaminhado aos acionistas e diretores de diversas emissoras da televisão brasileira, ao Fórum pela Ética na TV e ao Sr. Sergio Gardenghi Suiama - Ministério Público Federal, por iniciativa do Observatório da Mulher, com intuito de protestar contra a imagem estereotipada da mulher veiculada pelos meios. Este manifesto continha as seguintes denúncias das mulheres em relação às representações mediáticas:

Denunciamos que não nos reconhecemos em suas produções, quer na relativa invisibilidade nos momentos e segmentos mais sérios da programação televisiva (onde somos predominantemente invisíveis), quer na imagem, papéis, valores, dificuldades/facilidades, problemas e questionamentos, alegrias e prazeres que pretendem nos retratar, nos mais diversos programas - *telejornais*, na overdose de programas de cozinha, nos programas de auditório, programas “de sofá”, de entrevista, novelas, ou nas propagandas dos intervalos comerciais. E, o mais agravante, pior do que isso é, na maior parte do tempo, nos sentirmos vilipendiadas, ridicularizadas, usadas para promover valores, padrões e produtos os mais variados, em detrimento de nossa realidade e aspirações (CIRANDA, 2008).

Essa deformação da representação feminina promove uma incompreensão da mulher como ator social, por isso, apesar das conquistas feministas, ainda existem muitos direitos pelos quais lutam, sendo um destes o direito à representatividade fiel nos meios, abordado no próximo capítulo.

2 GÊNEROS E REPRESENTAÇÕES MEDIÁTICAS

No estágio contemporâneo, após a consolidação dos direitos de profissionalização e de voto, um segmento do feminismo volta-se para uma nova pauta de reivindicação: o significado, a produção e veiculação das identidades e representações mediáticas das mulheres. Afinal,

a individualização do trabalho não provocou igualdade nas relações entre homens e mulheres, e nem a inversão na estrutura de poder. A independência econômica feminina não representou o término das desigualdades entre homens e mulheres porque elas não se resumem à esfera econômica e material. Estão presentes na cultura, nas idéias, nos símbolos, na linguagem, no imaginário, enfim, formam um conjunto de representações sociais que impregnam as relações (PRIORE, 2001, p. 563).

2.1 Gênero feminino

A conhecida frase de Simone de Beauvoir de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, demonstra justamente a idéia de que a mulher não é definida biologicamente, mas se constrói cotidianamente, por meio de suas funções, vivências sociais, e representações. Essa identidade formada culturalmente consiste no que se denomina gênero, diferenciando-se do conceito de sexo, que é definido biologicamente. O reducionismo em relação às origens da opressão da mulher ocorre justamente quando se recorre à fundamentação biológica ou psicanalítica desviando-se da análise dos processos históricos de desenvolvimento social e desconsiderando a materialidade da vida cotidiana e do simbólico em vivências e consciências.

Nesse aspecto, Pierre Bourdieu constata que:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos. [...] A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 1999, p. 18-20).

Por isso, os estudos de gênero consideram pelo menos dois aspectos: o primeiro é que, diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido por gerações, e, a segunda é de que o poder é distribuído de forma desigual entre os sexos, cabendo à mulher uma posição subalterna. Ou seja, o sexo remete à dimensão biológica, enquanto gênero é compreendido na relação de símbolos culturais, seus conceitos normativos (o que significam), as organizações e instituições sociais, e, as identidades sociais subjetivas (que se relacionam com forças históricas e culturais). (WINCK, 2009).

Além disso, segundo Bruschini,

os sistemas de relações de gênero não estariam isoladamente fundados na simbolização cultural da diferença dos sexos dos seres humanos, mas na constituição simbólica de uma rede de significados que estabelecem associações (metáforas, metonímias, etc) com outros elementos do universo (BRUSCHINI, 1992, p. 31).

O gênero consiste em uma categoria cultural e social que estabelece papéis e maneiras de ser aos homens e mulheres, criando identidades subjetivas destes. Por meio deste pode-se manipular características naturais de mulheres e homens, com intuito de configurar a relação entre sexos como um sistema hierarquizado de poder. Desde a infância, meninos e meninas têm contato com ideais e valores de masculinidade e feminilidade ditados pelo senso comum, os quais reforçam estereótipos de gênero ao caracterizar, por exemplo, o homem com “H maiúsculo” ou a “princesinha”.

Neste senso comum, o poder da mulher delimita-se na especificidade do seu corpo, denominando-se “poderosa”, a mulher cujo corpo é compatível com o idealizado pela sociedade contemporânea. Neste contexto, a mulher comumente é caracterizada pela necessidade de submissão emocional e/ou financeira ao homem, de maneira implícita (como, por exemplo, no pagamento de menores salários relativos aos mesmos cargos) e explícita (como a busca pelo “príncipe encantado”).

Segundo Maria Rita Kehl, as mulheres são herdeiras de discursos que historicamente definiram uma natureza feminina como eterna e universal, em relação a isso, afirma que

o que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser *objeto* de uma produção discursiva, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua ‘natureza’, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens - sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna - e não a verdade ‘da mulher’ (KEHL apud FISCHER, 2009).

Esta produção discursiva e simbólica, como afirma Bourdieu, vai se assimilando naturalmente nos sujeitos sociais de maneira a dificultar a visualização das relações de gênero sobre outra perspectiva que não seja a já consolidada e eternizada por instituições de alto crédito social. Além disso, as regularidades, as frequências e a distribuição dos diferentes elementos das enunciações a respeito dos vários grupos de mulheres criam um espaço específico no qual há mais do que expressões de indivíduos, há sujeitos sendo construídos e constituindo-se, já que, como afirma Foucault, o “sujeito dos enunciados é um ‘lugar determinado e vazio’, que pode ser ocupado efetivamente por indivíduos diferentes” (apud FISCHER, 2009).

As representações midiáticas auxiliam na formulação do que é reconhecido como feminilidades e masculinidades, na medida em que associam comportamentos, valores e atitudes a um ou a outro gênero. Assim, essas representações podem interferir na criação e consolidação de identidades de gênero e de modelos de comportamento.

A crítica feminista na contemporaneidade denuncia o sistema de poder que legitima algumas representações em detrimento de outras e inicia uma luta por novas significações. Conforme Heleieth Saffioti (apud BRUSCHINI, 1992, p. 209), a representação consiste no reconhecimento do eu e do outro e na relação entre estes. Não abrange a vivência, a experiência, mas o pensar-sentir a vivência, nutrindo e sendo nutrida pelo nível simbólico que opera como força propulsora de novas ações.

Por isso, no caso do feminismo, a reivindicação é no intuito de fomentar representações mais adequadas, ou seja, que contemplem a diversidade de papéis, posições e personalidades das mulheres em substituição à reprodução de mitos e estereótipos femininos. Além disso, também se reivindica que essas representações tenham características emancipadoras e que promovam posições e visões femininas, exponham e questionem a opressão de gênero e encorajem a equidade entre os sexos e a redefinição dos valores da sociedade patriarcal.

Para que haja identificação e projeção, o produto midiático deve estar respaldado em uma realidade, porém, como já explicado, os meios não apenas refletem a realidade, mas

também participam de sua construção, permitindo a reconfiguração e re-significação de sujeitos e grupos. Assim, os meios podem confirmar e neutralizar visões já incorporadas em relação à dominação de gênero, captando, selecionando e fornecendo visibilidade a determinados comportamentos, valores, figuras ou atitudes, tornando-os referência perante a sociedade, ou até mesmo desterritorializando-o e ressignificando-o. Dessa forma, os meios operam como canais de divulgação de sentido e instituições da vida social, na medida em que agendam, sugerem, (re)constroem ou desconstroem formas de ser, pensar e viver dos sujeitos.

Neste caso, pode-se afirmar que a representação mediática consiste em uma “prospectiva no sentido de que, ao ‘constatar’ a realidade presente, potencializa sua realização no futuro, isto é, sua permanência” (BIROLI; MIGUEL, 2009, p. 08). Assim, a reprodução da dominação masculina pelos meios a constitui como tendência, na medida em que os sujeitos a incorporam.

A representação mediática, portanto, também é responsável pela formação do *habitus* (conceito de Bourdieu), o qual primeiramente “é marcado pelas relações históricas de dominação e subordinação da mulher, podendo compor, na interação com as disposições específicas do campo, uma visão da mulher como *objeto de que se fala*” (BIROLI; MIGUEL, 2009, p. 09).

Segundo Bourdieu, a construção do gênero é reproduzida subjetivamente por meio de instâncias objetivas que naturalizam relações que são históricas, sociais e culturais. E nessa situação reside a violência simbólica, violência que para se realizar precisa do assentimento dos dominados, por isso a necessidade de estruturas objetivas que reproduzem a dominação de maneira subjetiva, sutil e natural, para que os princípios androcêntricos sejam internalizados por todos os sujeitos, inclusive pelas próprias mulheres. Dentre estas estruturas, apresenta-se o jornalismo.

Dessa forma, o estudo da representação da mulher no jornalismo não deve considerar apenas a hipótese de uma exclusão dessa, mas a existência ou não de veiculação de perspectivas sobre a mulher que não considerem exposições sobre as tensões, confrontos e dissonâncias que as relações de gênero implicam na contemporaneidade.

A representação e o reconhecimento de vozes e perspectivas distintas aparecem interligados na defesa de mecanismos institucionais que permitam que os membros de grupos oprimidos e que se encontram em desvantagem possam organizar-se de modo a alcançar uma percepção do seu poder como coletividade e um entendimento de suas experiências e interesses no contexto mais amplo da sociedade em que se inserem; tenham voz e possam expressar suas percepções de como as políticas propostas os afetam, além de propor políticas em contextos institucionais em que suas perspectivas sejam necessariamente levadas em consideração; e, por fim, tenham poder de veto em relação a políticas que os afetem diretamente (YOUNG, apud BIROLI; MIGUEL, 2009, p. 14).

A presença e confrontação entre diferentes perspectivas são fundamentais para obtenção de maior pluralidade e representatividade social, pois cada perspectiva social é parcial em relação ao campo social. Por isso, ao ignorar determinadas perspectivas, o jornalismo apaga o que estas trajetórias têm de significativas, ou seja, na medida em que veicula determinados aspectos da realidade social como se estes abrangessem a totalidade, torna, de certa maneira, invisíveis as demais versões (pois se auto-caracteriza como imparcial e o que veicula como visão objetiva da realidade social).

Além disso, devido à incidência das notícias, o jornalismo possui uma importante função de tornar públicos os temas que serão falados e discutidos pelos sujeitos, assumindo um papel de mediação e garantindo a constituição da realidade, de um sentido comum e de coesão social (VIZEU JUNIOR, 2006, p. 32). Ou seja, o jornalismo consiste em um campo importante na construção do presente social.

Isso ocorre, pois segundo o autor, a realidade é captada ou refletida em algum lugar do espaço social, já que a maioria dos fatos é aproximada aos sujeitos pelos meios, pois é inacessível no espaço e no tempo para uma vivência direta por todos os sujeitos. Dessa forma, a realidade passa a ser produzida cotidianamente pelos meios de maneira massiva.

De acordo com Berger e Luckmann (apud VIZEU JUNIOR, 2006, p. 33), o cotidiano consiste em uma realidade interpretada pelos sujeitos, dotada subjetivamente de sentido. E, essa realidade “é apreendida num contínuo de tipificações e de enquadramentos do mundo que vão se tornando mais anônimos à medida que se distanciam do ‘aqui e agora’, da situação face a face”.

Dessa forma, o jornalismo é baseado em um conjunto de crenças e pressupostos compartilhados:

o campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e às do mercado dos anunciantes (BOURDIEU, 1997, p. 102).

O discurso da imprensa possui um papel importante na construção de identidades, pois estabelecem sentidos e representações que interferem na construção do cotidiano e na forma como a sociedade configura as relações sociais e a memória.

Assim, neste trabalho, representação é entendida não apenas como reflexo de uma realidade, mas também um processo de constituição de sentidos, de identidades e de relações. Essa construção também ocorre no jornalismo, que possui poder de legitimação de um fato/acontecimento/grupo. Por isso, ao representar a mulher, o jornalismo concomitantemente constrói, projeta e estabiliza identidades sociais de gênero.

2.2 Representações sociais: interação indivíduo e sociedade

As representações sociais abordam a interação entre indivíduo e sociedade, ou seja, como os indivíduos constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social e como a sociedade constrói esse conhecimento com os indivíduos, por meio de uma orientação simbólica e fornecimento de repertório comum para interpretações.

Assim, a representação social é partilhada por indivíduos e é produzida em coletivo, sendo resultado da atividade cognitiva e simbólica de um grupo. Além disso, não é apenas racional e cognitiva, é também um conjunto amplo de sentidos criados e compartilhados socialmente, responsável pelos motivos que levam um sujeito a tomar determinadas atitudes (VIZEU JUNIOR, 2006, p. 36).

Essas representações consistem na produção de significados por meio da linguagem e num construto político em processos sócio-culturais, ou seja, consistem em uma construção social que ocorre por meio de um mapa conceitual. Tratam-se de uma construção simbólica e intersubjetiva que ajuda na compreensão do contexto e ocorre por meio da negociação dos entendimentos sobre o mundo, reafirmando pertencimentos e construindo identidades. Porém, essas identidades

têm a ver não tanto com as questões ‘quem somos nós’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL apud: ROCHA, 2008, p. 89).

As representações são construídas nas práticas cotidianas, por meio das construções simbólicas que orientam as culturas e produções de significados. Essas representações têm a função de explicar e compreender a realidade, de definir a identidade e especificidade dos grupos, e, de orientar e justificar comportamentos. Por isso, a importância de discutir essa temática e como as representações são perpassadas aos sujeitos.

De acordo com Denise Jodelet (apud SWAIN, 2009), as representações são encontradas em todas as formas de comunicação (conversa, literatura, discurso científico, mediático, entre outros). Ou seja, as representações são organizadas e reguladas por discursos que circulam, colidem e articulam-se em diversos espaços, como o mediático, por exemplo.

Toda forma de comunicação de um grupo, em seu espaço de recepção e interação, veicula representações sobre homens, mulheres e a sociedade. Um desses casos, como dito acima, consiste no discurso dos meios, que muitas vezes, recuperam ou atualizam representações excludentes e hierarquizadas de gênero sob novas roupagens, quando homens e mulheres continuam a ocupar lugares tradicionalmente traçados segundo a “natureza” feminina ou masculina.

No caso dos meios, o estudo das representações permite avaliar como os “gêneros e artefatos culturais funcionam tanto para forjar a aceitação do *status quo* e a dominação social como para habilitar e encorajar os estratos subordinados a resistir à opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadoras” (FREIRE FILHO, 2005, p. 19).

Devido à importância dos meios na produção e veiculação de representações, muitos movimentos sociais têm destacado o papel destes na formulação, reconhecimento e legitimação de categorias sociais em desvantagens, vendo-os como construtores de critérios e referenciais para a condução da vida diária e adaptação ao mundo moderno.

Um desses movimentos é o feminismo. Segundo Freire Filho (2005, p. 21), os meios de comunicação “refletem valores sociais dominantes e denigrem simbolicamente a mulher, seja por simplesmente não representá-las, seja por apresentá-las em situações ou atividades socialmente desvalorizadas”, por isso a crítica feminista consiste de que os meios são prisões patriarcais que criam, divulgam e legitimam imagens baseadas em interesses masculinos.

Outra forma de discriminação presente nos meios é o que Bourdieu chama de “ocultar mostrando”, segundo a qual os meios podem, paradoxalmente,

ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (BOURDIEU, 1997, p. 24).

No caso das representações femininas, os meios podem simplesmente ocultar as vozes das mulheres, ignorá-las em determinadas situações ou simplesmente não retratá-las. Isso ocorre, por exemplo, quando uma notícia não distingue como determinado acontecimento pode afetar diferentemente homens e mulheres ou quando a voz feminina é suprimida por interesses dos “cidadãos”, da “população”.

O debate sobre representações desfavoráveis também envolve o conceito de estereótipo. O estereótipo reduz a variedade de características de um grupo a alguns atributos, baseando-se num conhecimento intuitivo sobre o outro. Por isso, trata-se de uma forma influente de controle social que demarca fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, e pode ser utilizado como estratégia para construção simbólica com objetivo de naturalizar, universalizar e legitimar normas, identidades e valores que emanam das estruturas dominantes, ou seja, consiste em uma tentativa de modelar, de forma natural, a sociedade conforme uma visão de mundo (FREIRE FILHO, 2005).

Os estereótipos surgem como representações partilhadas e constituem um conjunto de crenças, teorias e visões, formadas freqüentemente a partir de impressões distorcidas e/ou incompletas, com generalizações que ignoram diferenças internas, e formam e orientam tanto a comunicação como o comportamento (BILLIGMEIER, apud BAPTISTA, 2009). Ou seja, os estereótipos consistem em idéias formadas durante o processo de socialização e constituem parte não lógica e não racional dos pensamentos, ações, sistemas e situações partidos de meias-verdades e/ou inverdades).

Como as representações sociais, o estereótipo social (um caso particular de representação) organiza o real, influencia os processos de comunicação e predispõe os sujeitos para determinada ação, assumindo papel importante em fenômenos de diferenciação social (BAPTISTA, 2009).

Conforme Vizeu Júnior,

os estereótipos são representações sociais institucionalizadas, reiteradas e reducionistas. Trata-se de representações porque pressupõem uma visão compartilhada que um coletivo possui sobre o outro. Reiteradas porque criadas com base numa repetição. À base de rigidez e de reiteração, os estereótipos acabam parecendo naturais; a sua finalidade é, na realidade, que não pareça formas de discurso, e sim formas de realidade. Finalmente, são reducionistas porque transformam uma realidade complexa em algo simples (VIZEU JÚNIOR, 2006, p. 36).

Em relação ao gênero existem vários estereótipos que buscam enquadrar homens e mulheres conforme diversas características. Na sociedade contemporânea, facilmente ouvimos a expressão “homem/mulher de verdade” (por exemplo, “homem de verdade não chora”) que remete à questão da identidade e diferença. Frequentemente esse discurso é baseado na representação de corpos femininos construídos como frágeis, imperfeitos, sujeitos a ter atitudes fora do controle do consciente.

Ou seja, as mulheres são definidas pela sexualidade e poder de reprodução, e essas características as tornam vulneráveis, precisando de proteção e tratamento especial, conforme prescrito pelo patriarcado. Neste caso, a oposição homem/mulher encontra-se aliada à oposição mente/corpo.

Os meios podem contribuir para essa construção ao enfatizarem essa fragilidade ao retratar a mulher. E esse fato ocorre, por exemplo, em casos de notícias de assassinatos brutais e de violência. O interessante é que, em diversos jornais, o desespero da mulher é enfatizado independente de ela ser ou não a vítima que sofreu a agressão, ou seja, frequentemente, retrata-se a imagem de uma mulher angustiada (que pode ser a própria vítima ou parente ou conhecida desta), para simbolizar a gravidade da situação.

Os meios de comunicação, ao produzirem e difundirem representações, assumem um papel importante na formação do indivíduo e do comportamento social. De acordo com Assis, Carrieri, Correa, Gontijo e Melo (2007, p. 195), os meios de comunicação “servem como monopolizadores do saber, respaldados em um regime de verdade que oferece uma ilusória transparência social em que todos se comunicam com todos”. Geralmente estas idéias estão vinculadas à manutenção do *status quo*, fazendo com que a consciência crítica seja substituída pelo conformismo e impedindo a formação de indivíduos autônomos e independentes.

Isso ocorre porque os meios consistem em um dos instrumentos de fabricação e disseminação de representações, e, portanto, são responsáveis pela compreensão que os

sujeitos têm de si e do grupo, ou seja, da percepção da auto-imagem e do social. De acordo com Guareschi (apud ASSIS, ASSIS; CARRIERI; CORREA; GONTIJO; MELO, 2007, p. 196), “a comunicação elabora o nosso cotidiano, legitima o nosso cotidiano, justifica e transforma, se necessário, o nosso cotidiano”.

Desta forma, os meios criam e reforçam representações, fornecendo visibilidade e reconhecimento a grupos, de forma a afirmar identidades, que evidenciem os papéis socialmente construídos e aceitos pelos sujeitos. Em relação a esse ponto, a crítica feminista consiste de que os meios de comunicação são prisões patriarcais que criam, divulgam e legitimam imagens baseadas em interesses masculinos, apontando como principal responsável a predominância de profissionais do sexo masculino na produção de conteúdos midiáticos.

Rachel Moreno (integrante do Observatório da Mulher e de um movimento feminista que tem pressionado as emissoras a reverem as formas de retratação da mulher nos meios de comunicação) ressalta a importância dos meios, principalmente da televisão, na formação da subjetividade da população, que a coloniza sutilmente, não à força ou pela repressão, mas por meio da produção de imagens que seduzem, ocupam e moldam o imaginário. Para a autora, os meios contribuem para dominação de gênero e não retratam a mulher brasileira em sua diversidade de papéis, virtudes e aparências.

Essa representação de um modelo de mulher resulta em uma melhor consagração desse e rejeição de outras formas possíveis. De acordo com Foucault (apud MORENO, 2008, p. 31), a produção de imagens socialmente valorizadas é uma forma sutil e eficiente de controle social que não apenas reprime, mas também produz efeitos de veracidade e saber, construindo verdades, práticas e subjetividades.

Desde a infância o ser humano possui a necessidade de ser aceito e aos poucos constrói seu ser social, descobrindo e decodificando códigos e valores, portando-se em conformidade com eles, ao mesmo tempo em que busca a individualização. A combinação dessas duas tendências forma a subjetividade tomando como parâmetro as imagens observadas, selecionadas, adotadas ou rejeitadas. Por meio de suas vivências, o sujeito aprende e define-se a si próprio.

A consciência é, portanto, uma potência de articulação de símbolos, aprendidos numa trajetória no mundo social (...). Nos espaços de visibilidade do que a sociedade aprova, temos a mídia e, reinando soberana, a televisão – nossa ‘janela para o mundo’, na qual imagens, interpretações e valores se sucedem, dirigindo e ampliando nossa percepção do mundo (MORENO, 2008, p. 32).

Por isso, segundo Roger Chautier (apud SOIHET, 2008, p. 198), a relação de dominação entre gêneros constitui uma violência simbólica, fazendo com que esta relação histórica, cultural e linguisticamente construída, seja considerada uma diferença de ordem natural, radical, irredutível e universal. Assim, essa violência simbólica supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam a dominação, sendo a construção da identidade feminina pautada na interiorização pelas mulheres das normas proferidas pelos discursos masculinos, consistindo os meios um dos instrumentos responsável por essa interiorização.

2.3 Violência simbólica e *habitus*: repercussão na dominação de gênero

Para Bourdieu, a dominação de gênero se estabelece no centro da economia das trocas simbólicas, responsáveis pelo quase consenso de que a mulher é menos capaz e mais frágil, necessitando de proteção, enquanto o homem é forte e protetor, considerado naturalmente superior, sendo que a ordem masculina encontra-se corporificada, tornando homens e mulheres sujeitos a ela (BOURDIEU, 2003).

Essas trocas simbólicas podem possuir duas formas em relação à percepção do mundo social: a objetiva, por meio de representações que mostram e fazem valer determinadas realidades, e, a subjetiva, por meio das categorias de percepção e apreciação, que constroem e exprimem a realidade social.

Essa estrutura simbólica não se restringe ao privado, mas atravessa o público, tornando-se realidade intersubjetiva social consolidada por “instituições formadoras de consciência que fornecem o nosso modo de viver a realidade, como se esta fosse formada por uma unidade de sentindo inquestionável” (SOUZA, 2009, p. 02). Essas instituições passam a ser formadoras de consciência ao deterem o poder simbólico.

Segundo Bourdieu, esse poder simbólico é capaz de consagrar ou revelar coisas existentes por meio de formas objetivas, representações, e, subjetivas, categorias de percepção. Ou seja, o poder simbólico consiste no poder de fazer algo com palavras, na medida em que estas se encontram adequadas à realidade. (BOURDIEU, 1990, p. 167).

O poder simbólico consiste em uma maneira de fazer o mundo e por isso para modificar este mundo é necessário alterar a visão que se tem deste e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos (BOURDIEU, 1990, p. 166).

No caso da dominação masculina, as mulheres são constituídas como objetos simbólicos e colocadas em uma situação de dependência simbólica: elas existem pelo, e para, o olhar dos outros³¹.

Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (BOURDIEU, 2003, p. 82).

A partir dessa afirmação, nota-se que a noção de dominação encontra-se na base da violência simbólica³², cuja eficácia consiste no fato de os dominados se integrarem como parte da dominação sem ter consciência desta. Isso ocorre porque são utilizadas categorias próprias dos dominados de tal forma que estes não percebem a relação de forças.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (BOURDIEU, 2002, p. 11).

A dominação masculina é um exemplo de violência simbólica, violência “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 08).

³¹ Porém, apesar de viver a dominação essa mulher também é sujeito do processo, mesmo que seja um sujeito dominado. Analisar as relações de gênero segundo a perspectiva de Bourdieu admite-se que a dominação masculina apresenta-se como natural para maioria da sociedade. Porém, é importante ressaltar a tomada de consciência de grupos de mulheres, realizando marchas, protestos, reivindicações e teorizações a respeito desta disposição “natural” das coisas. Por isso, é importante ressaltar que a relação dominador/dominado, não acontece sem lutas e resistência, pois “a estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes e as instituições engajadas na luta, ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores” (BOURDIEU, 2003b, p. 120).

³² Violência que se exerce sobre as formas, dando forma. A força da forma é propriamente simbólica e se exerce plenamente sem ser conhecida como tal, fazendo-se reconhecer, aprovar, aceitar, pelo fato de se apresentar sob uma aparência de universalidade.

Assim, nas atividades do cotidiano a situação privilegiada do homem aparece como algo natural, pois em várias esferas esta é reproduzida sem questionamento: diferença salarial, regras morais e religiosas mais rígidas para as mulheres, representações de mulheres com perfil estereotipado nos meios de comunicação, entre outras situações. A violência simbólica é possível porque existe um trabalho de inculcação e incorporação que age de maneira invisível e insidiosa por meio da familiarização com um mundo permeado por estruturas de dominação.

A tomada de consciência não é suficiente para vencer a violência simbólica, pois seus efeitos e condições são inscritos no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições. Neste caso, mesmo quando as pressões externas são abolidas e liberdades formais adquiridas (por exemplo, o direito ao voto, à educação), a auto-exclusão e a ‘vocação’ vêm substituir a exclusão expressa, ou seja, o sentimento de como a mulher deve agir permanece, interferindo nas suas relações no cotidiano.

O rompimento da relação de cumplicidade que as vítimas da violência simbólica estabelecem com os dominantes só é possível por meio da “transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes” (BOURDIEU, 2003, p. 54), ou seja, por meio de uma transformação das estruturas que resultam nessa dominação.

As relações de gênero contam com agentes e instituições (Igreja, Família, Escola, Esporte e Jornalismo) como estruturados e estruturantes no processo de naturalização da dominação³³, ou seja, estes concomitantemente moldam e são moldados pela sociedade, estabelecendo uma relação dialética entre a conjuntura e a estrutura do campo.

Apesar da unidade doméstica ser um dos espaços em que a dominação masculina se revela de maneira mais indiscutível (principalmente por meio da violência física), segundo Bourdieu (2003), a perpetuação dessa relação desigual é mais eficaz quando realizada por instâncias como Igreja, Escola, Estado e Jornalismo, por meio de ações propriamente políticas.

Por isso, essa dissertação debaterá a questão dos meios de comunicação, mais especificamente o jornalismo, com intuito de ressaltar a importância de representações adequadas de gênero, que não sejam idealizadas e deixem passar despercebidas as relações de dominação.

³³ Responsáveis por aparentar naturalidade e essencialidade à relação desigual entre os sexos.

Afinal,

só uma ação política que leve realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto entre mulheres quanto entre os homens) e as estruturas de grandes instituições em que se realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também toda a ordem social poderá, a longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diferentes mecanismos ou instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina (BOURDIEU, 2003, p. 139).

Outro fator importante para compreender as relações de gênero, segundo Bourdieu, é o conceito de *habitus* que pressupõe um conjunto de noções que antecede a ação e se sustenta por meio de esquemas generativos que presidem a apreensão do mundo. Para Bourdieu, o *habitus* é o fundamento da regularidade das condutas que faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias e que não se origina numa regra ou lei explícita, mas está ligado com o fluido vago. “Espontaneamente geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, ele obedece a uma lógica prática, a lógica do fluido, do mais ou menos, que define a relação cotidiana com o mundo” (BOURDIEU, 1990, p. 98). Entre pessoas do mesmo *habitus*, tudo é evidente, mesmo os conflitos.

O *habitus* é, concomitantemente, um sistema de esquemas de produções de práticas e de percepção e apreciação das práticas. Neste caso, primeiramente, os agentes se auto-classificam, e se expõem à classificação, e, posteriormente, por meio do *habitus*, obtêm um mundo de senso comum.

Quando o *habitus* torna-se eficiente,

os agentes de algum modo caem na sua própria prática, mais do que a escolhem de acordo com um livre projeto, ou do que são empurrados para ela por uma coação mecânica (...). Neste caso, basta que os agentes se deixem levar por sua natureza, isto é, pelo que a história fez deles, para estarem como que ‘naturalmente’ ajustados ao mundo histórico com o qual se defrontam (BOURDIEU, 1990, p. 130).

As relações sociais de dominação e de exploração de gênero se inscrevem em duas classes de *habitus*, sob a forma de corpos opostos e complementares, mas também de princípios de visão e divisão que levam à classificação do mundo e das práticas segundo a oposição entre masculino e feminino, cabendo aos homens o espaço exterior, o público, e, às mulheres o interior, privado.

A primazia concedida aos homens

se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais (BOURDIEU, 2003, p. 45).

Desta forma, a representação androcêntrica se vê investida da objetividade do senso comum, e, as próprias mulheres incorporam essa relação de poder que se expressa na ordem simbólica. Os meios e, dentro deles, o jornalismo são uma das bases sobre as quais se constitui a relação hierarquizada entre homens e mulheres, pois produzem e circulam bens simbólicos por meio de representações, linguagens e palavras autorizadas, reforçando a relação desigual entre os sexos. Assim, estes, enquanto instituições que estabelecem sentidos, possuem função importante na constituição e perpetuação das identidades de gênero.

2.4 Jornalismo e representações sociais

O jornalismo contribui para a criação e veiculação de representações, pois por meio do agendamento³⁴ e enquadramento³⁵, posicionam representações, influenciando a pauta das questões consideradas relevantes (ou seja, se constituem como arenas estratégicas para formação da agenda pública, atuando como ponte de articulação entre as demais arenas e como canal de difusão do que ocorre nelas), e, produzindo e disseminando uma interpretação

³⁴ A Teoria do Agendamento surge na década de 70 e é conceituado por McCombs e Shaw. Para esses autores, a “mais que a clássica asserção de que as notícias nos dizem sobre o que pensar, as notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis de agendamento” (apud AZEVEDO, 2000). O conceito de agenda-setting apóia-se na correlação entre agenda de mídia e agenda do público, já que a percepção dos temas relevantes é construída baseada em informações veiculadas pelos meios. Os meios influenciam a pauta das questões consideradas relevantes, ou seja, se constituem como arenas estratégicas para formação da agenda pública, atuando como ponte de articulação entre as demais arenas e como canal de difusão do que ocorre nelas. Para McCombs, o agendamento de um meio sofre três níveis de influência: fontes externas de notícias, outros meios de comunicação, e, normas sociais e tradições do jornalismo, principalmente a questão referente à noticiabilidade e ineditismo (SOARES, 2007).

³⁵ Conceito explicado no próximo capítulo.

do mundo, por intermédio de uma retórica implícita presente na estrutura da matéria jornalística, que pode ser patrocinada por vários atores sociais (SOARES, 2007).

É importante considerar que toda informação em forma de notícia é resultado de acordos que se dão desde o momento do acontecimento em si, passando pelos agentes e interlocutores, até chegar aos jornalistas e os próprios leitores (sendo que cada um destes interage de forma particular com a notícia, conferindo-lhe novos significados), por isso, esses conteúdos não podem ser considerados como neutros ou imparciais.

Além disso, o jornalismo ocupa um espaço central na divulgação de temas e acontecimentos e desempenha uma importante função de tornar públicos assuntos sobre os quais os sujeitos provavelmente irão discutir e refletir, possuindo um papel importante de mediação, de integração do sujeito ao contexto mundial (aproxima a audiência de fatos que seriam inacessíveis no espaço e tempo por outro dispositivo) e de construtor de representações sobre a sociedade e sobre o real, criando hábitos, costumes e comportamentos, ou seja, não apenas refletem identidades e relações sociais que circulam no cotidiano, mas também participam do processo de legitimação destas ao produzirem discursos que influenciam as relações sociais, a memória e os processos de construção de representações sociais (VIZEU JÚNIOR, 2006, p. 34 e 37).

Assim, considerando os conceitos de representações, identidade, estereótipo, violência simbólica e *habitus* explicitados no início do capítulo, os meios de comunicação e o jornalismo, além de outros aspectos, podem interferir na construção de identidades sociais, estabelecendo sentidos e representações, por meio da inserção de discursos sociais e devido à influência que possui na construção do cotidiano.

O jornalismo, apesar de afirmar buscar neutralidade e objetividade, é construído por narrativas elaboradas a partir da perspectiva de indivíduos, que podem produzir várias representações de uma mesma situação, ao selecionar determinados aspectos da realidade em detrimento de outros, tornando-os mais salientes, de forma a promover um sentido particular deste (BENNET, 2008).

Ao determinar quais assuntos abordar (agendamento) e de qual maneira fazê-lo (*enquadramento*), o jornalismo estabelece um elo de mediação entre a realidade e as pessoas, construindo e transmitindo a realidade à sua maneira.

De acordo com Bordenave,

não há forma de evitar a reconstrução seletiva da realidade pela simples possibilidade material de abrangê-la em sua totalidade. E mais, as próprias características tecnológicas dos meios de comunicação colaboram para a configuração de um verdadeiro código do meio que traduz a realidade e a transmite (BORDENAVE, 2002, p.81).

Essa característica de falta de objetividade é importante ser discutida, pois os jornais se constituem em formadores de opinião e possuem poder de convencimento, devido à credibilidade que ocupam na sociedade contemporânea. Essa crença de veracidade de que o jornalismo desfruta, resulta no convencimento das representações que veicula, suscitando reflexões e mudanças de comportamento por parte da sociedade, que além de outros aspectos, pode confirmar, criar ou recriar estereótipos.

Assim, ao mesmo tempo em que as representações derivam dos valores dos jornalistas e da sociedade, também, reforçam tendências comportamentais ou propiciam o estabelecimento de novos valores, fornecendo apoio para a solidificação ou extinção de determinados comportamentos e identidades.

Como já dito, a imprensa pode construir, projetar ou consolidar identidades sociais, atuando como legitimadora ou questionadora da estrutura vigente, pois, realiza muito mais do que apenas refletir essas identidades e relações sociais, participando do processo de construção destas, ou seja, não apenas descreve a realidade, mas, também, molda as percepções do que é a realidade (SOUZA, 2006, p. 211-213).

Em relação ao preconceito de gênero, Bourdieu (2003, p. 06) afirma que apesar de, em muitos casos, não haver a intenção explícita de reforçar as desigualdades de gênero, os jornalistas reproduzem a dominação masculina, inculcada inconscientemente nos sujeitos.

2.5 Representações da mulher no jornalismo

O discurso de um segmento do movimento feminista contemporâneo é de que as mulheres vivem em uma sociedade quase-igualitária, pois ainda são identificadas e representadas pelos papéis de mãe e esposa, impedindo uma possibilidade completa de realização pessoal.

Segundo Pierre Bourdieu, mesmo após o movimento feminista ter conquistado diversos direitos, ainda não houve uma ruptura da dominação masculina no campo da representação social, mantendo-se o predomínio desta dominação e a estrutura das desigualdades entre os sexos.

Ainda de acordo com este teórico, em cada época da história da humanidade há um tipo de estratégia utilizada para perpetuação da dominação masculina, baseada em estruturas simbólicas para representação de identidades e papéis femininos e masculinos. Essas estruturas fazem com que os sujeitos incorporem inconscientemente essa dominação e, portanto, não a rompam no campo da representação. Neste caso, a relação entre os sexos não é dada naturalmente, mas é mantida e eternizada por diversas instituições como a igreja, a escola, a família, o Estado, o esporte e o jornalismo (BOURDIEU, 2003, p. 06).

No caso do jornalismo essa dominação se potencializa, pois a suposta imparcialidade do mesmo dificulta o discernimento da representação simbólica que ele constrói e, por conseguinte, das relações de dominação presentes nesse meio. Essa legitimação pode ocorrer em diversas formas: como a notícia é apresentada, no uso das fontes, das imagens e das linguagens (destacando e valorizando questões, vozes ou imagens masculinas em detrimento das femininas, dissemina-se uma imagem estereotipada e discriminatória das mulheres).

Roger Fowler (1991), em seu livro *Language in the news*, analisa que o discurso dos meios pode materializar a discriminação, enfocando seu estudo nas relações de gênero e poder. O texto inicia com a discussão da personalização como importante tendência no jornalismo, no qual acontecimentos envolvendo pessoas individuais iniciam novas histórias e são convertidas em celebridades instantaneamente. Essas histórias expõem referências individuais por meio de detalhes pessoais, como idade, emprego, aparência, entre outros, fornecendo uma ilusão de se conhecer o outro.

Segundo o autor, quando se considera categorias de pessoas expondo fortemente previsões de atributos, pode-se enraizar estereótipos (modelo mental de simplificação de características individuais, cujos valores são apropriados para um tipo). Assim, um modelo de palavras construído socialmente é projetado em objetos de percepção e cognição, elaborados de acordo com esquemas de valores e não entidades observadas.

A categorização é uma base discursiva para prática de discriminação (afetando a subjetividade individual ao providenciar inadequadas oportunidades de trabalho, escolaridade, monetária, etc) que pode ocorrer por meio do estereótipo, expressando um senso comum.

A discriminação ocorre quando existem relações de poder entre pessoas, ou seja, um sujeito possui mais poder ou exerce poder sobre outro, podendo o poder constituir diversas coisas como, por exemplo, dinheiro, *status* ou uma relação de autoridade que controla ações alheias.

O discurso tem poder de facilitar e manter a discriminação, pois a linguagem ao providenciar nomes para as categorias ajuda estabelecer limites e relações legitimados por meio da fala e da escrita, que contribuem para aparentar realidade.

Numa pesquisa sobre a representação da mulher no jornalismo, o autor constatou que essa é caracterizada pela dependência familiar (diferentemente, os homens não são caracterizados pelos vínculos familiares, mas pelos profissionais) e excesso de atributos físicos e sexuais. Além disso, as linguagens são usadas diferentemente por e para expressar homens e mulheres. Outro fato constatado é o estereótipo feminino de histeria e irracionalidade que pode abalar as reivindicações das mulheres por emprego e participação política (FOWLER, 1991).

Em 2005, uma instituição denominada WAAC (*World Association for Christian Communication*) realizou uma pesquisa sobre a presença das mulheres no jornalismo (impresso, televisivo e radiofônico) de âmbito mundial. O resultado mostrou que as mulheres aparecem em apenas 21% das notícias mundiais e em apenas 17% a voz feminina é considerada como especialista. Outro dado importante mostra que a presença da opinião feminina em artigos sobre política e economia (temas que dominam as agendas dos países), alcança apenas 14% e 20%, respectivamente, das opiniões consultadas.

O relatório ainda revela que, nos artigos pesquisados, as mulheres são, muitas vezes, identificadas como esposas, mães ou filhas, mesmo quando se destacam como especialistas. Ou seja, dificilmente as mulheres escapam da relação com o contexto familiar (independente do contexto profissional), perpassando uma representação destas como dependentes de uma relação com outras pessoas.

Outra pesquisa, realizada por Patrícia Santo (2009), analisou a presença do gênero feminino nas capas do jornal *Estado de Minas*, veiculado no período de 25 de julho a 03 de agosto de 2006. A análise constatou uma majoritária presença masculina em detrimento da feminina: das 93 fotos de pessoas, 60 continham apenas homens, 13 apenas mulheres, e 20 homens e mulheres. Verificou-se, ainda, que as fotos masculinas eram relativas ao contexto de trabalho, prisão, política, resgate, esportes, ação policial, e homenagens, enquanto as fotos de mulheres consistiam de modelos de alta costura, artistas, apenas duas relacionadas à política e duas à vida cotidiana. As fotos que continham tanto homens como mulheres

representavam grupos de estudantes; manifestantes nas ruas; consumidores; manifestações artísticas; família; procissão religiosa; passeata política; refugiados; transeuntes; grupo de socorro humanitário e ação policial.

Em relação às manchetes e títulos pesquisados a superioridade quantitativa da presença masculina também ocorreu: três manchetes continham nomes de homens (todos relacionados à política), e, nenhuma de mulher. Nos títulos, a citação de nomes masculinos ocorreu 67 vezes, enquanto em apenas 5 apareceram nomes de mulheres. Também houve diferença significativa nos títulos que se referiam ao gênero masculino e ao gênero feminino em geral: 12 e 6 respectivamente.

Segundo a autora, sua pesquisa revelou que nas capas do jornal *Estado de Minas* há pouca presença feminina, pois, no período analisado, houve uma quantidade inferior da representação da mulher em relação ao homem: tanto em relação às fotos, à manchete, quanto ao título. Outra questão levantada pela autora foi a predominância da mulher como modelo e atriz, sendo ínfima a aparição da mulher na política. Segundo Patrícia Santo (2009), essa disparidade entre a representação da mulher na arte em relação à política “anestesia” a reflexão sobre a participação da mulher em espaços não tradicionalmente impostos.

Um estudo realizado por Maria Gracioli e Maria Vannuchi, nos períodos de maio e junho de 2007 na *Folha de S. Paulo*, constatou que algumas de suas matérias fixavam preconceitos de gênero, reproduzindo valores sexistas. Segundo as autoras, nas matérias analisadas, a mulher é representada como uma

espécie de arrivista social que utiliza a profissão como trampolim para ganhar visibilidade como ideal de cônjuge ou símbolo erótico, vinculando, desta forma, respectivamente sua identidade social prioritária ao espaço doméstico-familiar ou ao universo hedônico do prazer sexual - neste caso, mais como objeto desejado do que como sujeito desejador (GRACIOLI; VANNUCHI, 2009, p. 06).

Branca Fabrício (2004), em estudo sobre artigos científicos, constatou que a polarização masculino-feminino presente em notícias, principalmente de caráter científico, ainda é objeto de grande atenção e tematização, caracterizando homens e mulheres em razão das diferenças anatomo-fisiológicas, que oferecem um cunho fisicalista à explicação de que o cérebro “sexuado” é responsável pela conduta social, psicológica e moral, ou seja, o sexo influencia uma determinada região do cérebro, que seria responsável por um determinado tipo de comportamento. Para a pesquisadora, ao privilegiar a ótica fisicalista os discursos científicos reduzem a importância do espaço social e desvinculam o processo identitário do

contexto, centrando-o em fundamentos biológicos. Como consequência, há um impedimento da reestruturação de condutas sociais, já que esses comportamentos resultam de processos físicos.

Este tipo de caracterização ocorre com frequência em matérias científicas que explicam fisiologicamente a diferença de comportamentos entre os sexos, analisando comportamentos “femininos” e “masculinos” e buscando explicações fisicalistas para o mesmo. Para tal, utilizam de discursos médicos, psicológicos e sociológicos que possuem implicações práticas no mundo social, e, por isso, atuam como normalizadores do comportamento, mantendo a dicotomia de gênero.

Ao veicular representações de mulheres no cotidiano, o jornalismo também pode contribuir para reforçar essas matérias com caráter científico. Neste caso, de acordo com a autora, é comum encontrar mulheres caracterizadas por sensibilidade exacerbada e traços freqüentes de histeria emocional, justificadas pelo discurso científico e reificadas pelas representações freqüentes de mulheres com esse comportamento. A pesquisadora apóia-se na perspectiva foucaultiana de que os meios e o jornalismo podem ser considerados como tecnologia de poder, pois produzem sistemas de correlações de força e efeitos de verdade, interferindo na construção de sentidos dos sujeitos. Assim, o jornalismo consiste em importante instituição social, formadora e divulgadora de crenças e valores políticos, culturais e sociais, e por isso, interfere na constituição da sociedade e de identidades sociais. Ela conclui afirmando que o jornalismo contribui para o processo de construção de significados sobre o comportamento de fragilidade referente à mulher.

Derval Golzio (2003), em uma pesquisa qualitativa e quantitativa sobre a questão da representatividade da mulher nas capas das revistas *Isto É* e *Veja*, constatou que as capas apresentam vários estereótipos e reproduções do senso comum sobre a mulher, como é o caso da capa sobre “ex-mulheres” (“pela honra e pelo dinheiro perdidos, elas cada vez mais procuram a justiça, e são capazes de tudo para derrotar os ex-maridos – a FÚRIA das ex mulheres – Isto É, 24 de março de 1999), que salienta o estereótipo da mulher furiosa pelo fim de um relacionamento e disposta à “vingança”.

Em relação à análise quantitativa, verificou-se que as mulheres ainda são minoria em relação às temáticas: governo, política, negócios/economia, esportes, cultura, crime/justiça, destacando-se bem mais que os homens apenas em capas relacionadas ao comportamento.

Ainda segundo o Derval Golzio, o desequilíbrio na representação feminina em relação a esses temas demonstra o desequilíbrio que há na própria participação das mulheres

nestes setores da sociedade. No entanto, para Bourdieu (cuja teoria é a base deste trabalho) essas questões (representação mediática e participação) se alimentam mutuamente, pois se por um lado ocorre o que é afirmado por Derval Golzio, por outro, segundo Bourdieu, os meios de comunicação (principalmente o jornalismo) são uma das formas utilizadas para perpetuar a violência simbólica, fazendo com que os sujeitos assimilem naturalmente esta dominação do homem em relação a determinados segmentos.

Em relação ao jornalismo, Allan Bell (apud FABRÍCIO, 2009) considera que os jornalistas não escrevem artigos, mas histórias com pontos de vista e valores. Porém, essas histórias, na maioria das vezes, são apresentadas como fatos objetivos e verdadeiros, e não como a perspectiva de um fato. Da mesma forma, também existe a crença da neutralidade e objetividade científica, o que contribui para imobilizar os sujeitos diante de um trabalho discursivo, aprisionando-os em teias de significação.

Por isso, para compreender o processo de produção de identidades aparentemente “estáveis” (como é o caso das mulheres) é importante considerar as histórias que circulam nos meios e no jornalismo e o processo de incorporação destas ao senso comum. Isso acontece porque os meios e o jornalismo, ao desconsiderarem em sua veiculação a natureza social e intersubjetiva dos sujeitos e ao naturalizarem as contingências sociodiscursivas, podem construir atributos identitários como se fossem intrínsecos aos grupos.

Para melhor visualização desse cenário e compreender com mais clareza a questão da representação de gênero no jornalismo brasileiro, e se é possível ratificar na contemporaneidade brasileira a afirmação de Bourdieu de que o jornalismo é uma instituição que mantém e eterniza, de forma sutil, a relação de dominação entre os sexos, analisar-se-ão os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* no período entre os dias 30 de outubro de 2009 e 20 de novembro de 2009 (presente nos capítulos 4, 5 e 6), por meio da Análise de Enquadramento em uma cobertura jornalística particular. O próximo capítulo abordará essa metodologia, o método de análise e os materiais da pesquisa.

3 METODOLOGIA ANALÍTICA E *CORPUS*

Os conceitos de *habitus* e violência simbólica de Bourdieu respaldaram sua análise do fenômeno da dominação masculina reforçada por instituições de alto crédito social, como, por exemplo, o jornalismo, que apesar de, em muitos casos, não ter a intenção explícita de reforçar as desigualdades de gênero, acabam por reproduzir essa dominação, que se encontra inculcada inconscientemente nos sujeitos.

Considerando também a dominação masculina no âmbito dos meios de comunicação, os movimentos feministas e de mulheres contemporâneos, além de outras reivindicações, têm lutado por outras representações midiáticas de gênero, alegando que estas não condizem à realidade feminina brasileira, colaborando para a formação de estereótipos e papéis preconceituosos em relação à mulher. Além disso, reivindicam maior visibilidade midiática das mulheres como trabalhadoras, especialistas e intelectuais, e por um espaço nos meios para a divulgação e discussão das reivindicações, ideais, conquistas e mudanças femininas.

Atentando para estas questões, esta dissertação analisa a representação do caso relacionado à Geisy Arruda (ocorrido no dia 22 de outubro de 2009 e seus desdobramentos) em textos veiculados no período de 30 de outubro a 20 de novembro de 2009 nos dois maiores jornais paulistas de circulação diária (*Jornal Folha de S. Paulo*, e, *O Estado de S. Paulo*), com intuito de confirmar ou refutar as considerações de Bourdieu e justificar ou questionar o posicionamento dos movimentos feminista e de mulheres contemporâneos.

Para tal análise adotou-se, neste trabalho, o Modelo Metodológico da Pesquisa proposto por Maria Immacolata Lopes (2001), que estabelece as seguintes fases para a pesquisa: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. A definição do objeto ocorreu nos dois primeiros capítulos com a formulação do problema da pesquisa, da fundamentação teórica e das hipóteses.

A segunda fase, a observação, que consiste em aplicar os métodos na coleta dos dados, será realizada neste capítulo. E as terceiras e quartas fases consistirão os próximos capítulos e correspondem à descrição (realização de procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados, e, reprodução do fenômeno em seu contexto empírico) e à interpretação (teorização dos dados empíricos conforme a perspectiva teórica explanada nos dois primeiros capítulos).

Na etapa realizada neste capítulo, acompanharam-se os textos veiculados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* para selecionar o que seria analisado. Foi escolhido utilizar textos sobre o caso e as imbricações do ocorrido no dia 22 de outubro de 2009, com Geisy Arruda, aluna do curso de turismo da Uniban (Universidade Bandeirante de São Paulo). Nesse dia, a aluna foi hostilizada por cerca de 700 alunos com a justificativa de que esta utilizava um vestido curto e tinha atitudes “provocativas” em relação aos colegas. A agressão começou com ofensas e palavrões por alunos que cercaram a sala em que ela se encontrava, ameaçando-a de estupro. Geisy Arruda precisou deixar a universidade escoltada por policiais que utilizaram spray de pimenta para “abrir caminho” dentre os estudantes que gritavam “puta! puta! puta!”. Após a exposição do acontecimento nos meios de comunicação, a Uniban expulsou a aluna alegando que esta havia desrespeitado o ambiente escolar. Ao ser divulgada essa decisão, a opinião pública, algumas organizações, representantes do governo e os meios passaram a criticar a universidade que, diante das críticas, revogou a expulsão de Geisy.

Nos textos relacionados a esse evento, será aplicada a Análise de Enquadramento, verificando o foco dado por esses jornais nesse episódio. Por meio de uma análise do enquadramento é possível sugerir inferências sobre prováveis intenções dos emissores, realizar afirmações interpretativas sobre estas e, conseqüentemente, sobre suas inclinações, retóricas implícitas e representações resultantes. Quando realizado sobre dois ou mais veículos (como é o caso da pesquisa deste trabalho) também é possível observar diferenças e semelhanças nas abordagens destes.

Na fase da descrição será realizada a tabulação do material para a análise descritiva. Inicialmente far-se-á uma caracterização geral dos textos jornalísticos, produzindo uma visão do conjunto do material que será analisado. Os dados serão agrupados em quadros e tabelas e analisados descritivamente, caracterizando as tendências de posicionamento dos jornais analisados em relação ao caso.

Na última fase, a operação metodológica será a análise interpretativa, que consistirá na interpretação dos dados obtidos na fase da descrição com os conceitos teóricos expostos nos dois primeiros capítulos, de forma a identificar, comparar ou contrastar o material analisado em relação ao conteúdo teórico.

Assim, tendo como procedimento metodológico a Análise de Enquadramento, essa dissertação consistirá em uma abordagem analítica que interpreta a mensagem veiculada pelos jornais, integrando-a ao o contexto social, por meio do aporte teórico presentes nos dois primeiros capítulos.

3.1 *Corpus* da pesquisa

A pesquisa abrangerá todos os textos veiculados pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* no período de 30 de outubro de 2009 (data da veiculação do primeiro texto sobre o acontecimento ocorrido na Uniban com a aluna Geisy Arruda) a 20 de novembro de 2009 (a escolha da data final ocorreu devido à constatação de uma rarefação de textos sobre esse acontecimento nesse período).

Inicialmente, serão lidos todos os textos veiculados pelos jornais nesse período (artigos³⁶, reportagens³⁷, entrevistas³⁸, editoriais³⁹ e notícias⁴⁰), exceto anúncios, informes publicitários, editais, indicadores econômicos, classificados, programações de televisão e cinema, histórias em quadrinho, horóscopos, sudokus, palavras cruzadas, resumos de novelas, e imagens (tabelas, gráficos e fotos) não relacionados com algum texto analisado.

Após a leitura, serão selecionados os textos que abordam o caso (e a repercussão deste) ocorrido com a aluna Geisy Arruda em 22 de outubro de 2009, nas dependências na Uniban, para uma análise de enquadramento (apresentada e descrita no tópico 3.4 deste capítulo).

³⁶ Os artigos normalmente possuem uma natureza interpretativa, explicativa ou subjetiva, consistindo-se em peças subjetivas e pessoais, por meio da qual, o articulista pretende compartilhar suas opiniões com o leitor (SOUSA, 2001).

³⁷ A reportagem possui o objetivo de informar com profundidade e exaustividade, por meio do relato de uma história e consiste em um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para contextualizá-lo, interpretá-lo e aprofundá-lo, tendo como principais características a predominância da narração; a humanização do relato; o texto impressivo; e, a factualidade da narrativa (SOUSA, 2001).

³⁸ A entrevista, enquanto gênero jornalístico, é apresentada isoladamente ou como parte importante do jornal, transpondo as perguntas e respostas realizadas durante a entrevista (SOUSA, 2001).

³⁹ O editorial é um gênero jornalístico argumentativo, elaborado em conformidade com a linha de orientação do órgão jornalístico, no qual se coloca o posicionamento do jornal sobre um determinado assunto. Este geralmente é relacionado aos acontecimentos mais relevantes da atualidade e que podem repercutir nos processos de decisão que afetam a coletividade social. No editorial, o jornalista posiciona claramente seu ponto de vista, expressando-se firmemente em relação a este, apresentando uma conclusão (SOUSA, 2001).

⁴⁰ A notícia consiste em um pequeno enunciado reportativo, um discurso sobre um (ou vários) acontecimento(s) recente(s). Representa também informação nova, atual e de interesse geral (SOUSA, 2001).

3.1.1 Jornal *Folha de S. Paulo*⁴¹

A *Folha de S. Paulo* foi fundada em 1921 com o nome *Folha da Noite*, mas em 1930 foi depredada e fechada devido ao seu apóio à eleição de Júlio Prestes à presidência da República. Em 1931 retornou suas atividades e passou a ser dirigida por novos donos e uma nova linha editorial, recebendo, inclusive, um novo nome: *Folha da Manhã*.

Em 1962, o jornal foi adquirido por Carlos Caldeira Filho e Octavio Frias de Oliveira (cuja família ainda detém o controle do jornal), que o renomearam de *Folha de S. Paulo*. Inicialmente, o jornal apoiou o golpe de 1964 e a ditadura militar no Brasil até meados da década de 70, quando a *Folha* passou a defender o retorno da democracia, encampando a luta por eleições diretas e cobrindo o movimento das Diretas Já.

Ainda nesse período, adotou o uso de computadores informatizando a redação, além de adotar infográficos e quadros para explicarem, de maneira didática, os detalhes e contextos das principais notícias.

Com este novo formato, a *Folha* passou a ser o jornal mais vendido no país, possuindo em 2008 uma circulação nacional média de 302 mil exemplares em dias úteis e 365 mil aos domingos (FOLHAONLINE, 2009).

Na contemporaneidade, a *Folha* declara seguir a linha editorial calcada nos princípios de pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência e é organizada em cadernos temáticos diários e suplementos, sendo que constituem os cadernos diários os seguintes cadernos:

- *Opinião*: ocupa as primeiras páginas do jornal. A primeira página é ocupada por dois editoriais, três artigos de colunistas, uma coluna vertical e a seção de frases. A segunda página possui o Painel do Leitor e as seções Erramos e Tendências/Debates.

- *Folha Brasil*: dedica-se aos acontecimentos políticos, institucionais e referentes aos movimentos sociais, buscando fornecer informações que auxiliem os leitores no exercício da cidadania.

- *Folha Ciência*: publica notícias sobre descobertas e pesquisas brasileiras e mundiais, com preocupação didática e “uso de recursos visuais para explicação de assuntos complexos”.

⁴¹ As informações contidas neste tópico e no referente ao Jornal Estado de São Paulo foram extraídas majoritariamente do site do próprio jornal, não sofrendo intervenção crítica da autora deste trabalho, e, portanto, não consistem no seu posicionamento referente a esses meios, mas, sim, como estes se auto denominam e se auto caracterizam.

- *Folha Cotidiano*: aborda informações sobre áreas de segurança, educação, direito do consumidor, saúde, trânsito e meteorologia.

- *Folha Dinheiro*: foco para a conjuntura econômica brasileira e internacional, e, o “mundo dos negócios”. Além disso, “o caderno orienta quanto a investimentos, traz indicadores econômicos e faz a cobertura de temas que mereçam atenção especial em função da conjuntura econômica”.

- *Folha Esporte*: “trata o esporte como espetáculo e fenômeno empresarial. Além de acompanhar os principais campeonatos, traz assuntos relacionados à política, ao marketing, à legislação e à moda”.

- *Folha Ilustrada*: dedica-se às áreas culturais e de entretenimento, abordando sobre discos, gastronomia e outros. “Seus colunistas garantem análise, humor e diversidade de pontos de vista”.

- *Folha Mundo*: publica as principais notícias internacionais.

Já os suplementos são constituídos pelos seguintes cadernos:

- *Folha Informática*: circulação às quartas-feiras. Com objetivo de prestação de serviço, fornece informações sobre a internet e computadores, orientando leitores sobre compras e sites da internet.

- *Folha Equilíbrio*: circulação às quintas-feiras. Dedicar-se às matérias que enfocam informações que auxiliem na saúde e na qualidade de vida. Aborda técnicas e terapias para longevidade com qualidade e dicas para cuidados com o corpo e a mente.

- *Folha Turismo*: circulação às quintas-feiras. Aborda sobre destinos turísticos brasileiros e mundiais, trazendo informações e dicas de preços e lugares.

- *Folhinha*: circulação aos sábados. Veicula matérias de interesse infantil, com personagens, quadrinhos, passatempos, brincadeiras e promoções.

- *Folhateen*: circulação às segundas-feiras. Aborda temas de interesse dos adolescentes, como: música, cultura, ensino, comportamento, sexo e outros. “Colunistas especializados respondem às dúvidas e incentivam o adolescente a buscar informação”.

- *Mais!* circulação aos domingos. Traz informações sobre literatura, sociologia, filosofia e artes.

- *Revista da Folha*: circulação aos domingos, restrita à Grande São Paulo. Aborda temas sobre “moda, decoração, família, comportamento, atualidades e consumo”.

- *Folha Veículos*: circulação aos domingos. Consiste em “uma fonte de consulta para o leitor na hora de vender, comprar, fazer a manutenção e tirar as dúvidas a respeito dos automóveis”, pois trabalha com comparativos entre modelos, questões comportamentais,

legislações e novidades das indústrias automobilísticas. Além disso, publica tabela de preços realizada pelo Datafolha e testes produzidos pelo Instituto Mauá de Tecnologia.

- *Folha Construção*: circulação aos domingos. Publica dicas sobre materiais e técnicas construtivas, decoração, reformas e produtos diferenciados encontrados em lojas paulistanas.

- *Empregos*: circulação aos domingos. Reúne “reportagens e serviços direcionados aos profissionais que querem ampliar suas chances no mercado e aos que pretendem dar um impulso maior à carreira”. Além disso, veicula oportunidades de emprego, cursos e bolsas de estudo e fornece sugestões de aperfeiçoamento e orientação sobre elaboração de currículos e processos de seleção.

- *Folha Negócios*: circulação aos domingos. Oferece informações como administrar o próprio negócio, fornecendo ao empreendedor matérias sobre as tendências do mercado, os setores em alta e a conjuntura econômica.

- *Folha Imóveis*: circulação aos domingos. Veicula informações sobre o mercado imobiliário, como “financiamento bancário, mercado de compra, venda e locação, investimento em imóveis residenciais e comerciais, legislação e tendências do setor”. Também aborda sobre questões relacionadas à moradia em condomínio.

- *Guia da Folha*: circulação às sextas-feiras somente na Grande São Paulo. Aborda sobre programação de cultura e entretenimento da região em que circula. “Inclui roteiros de restaurantes, bares, cinemas, teatros, shows, concertos, danças, exposições, casas noturnas e dicas para as crianças, além de seções como Fuja no Fim de Semana, É Grátis, Meu Sábado e Palavras Cruzadas”.

- *Moda*: revista trimestral. Publica matérias sobre “os desfiles brasileiros e internacionais e apresenta as principais tendências em moda, beleza e assessórios”. Além disso, também possui seções variadas que abordam sobre moda masculina, estilos de vida e comportamento.

3.1.2 Jornal *O Estado de S. Paulo*

O Estado de S. Paulo foi criado em 1875 com o nome “*A Província de S. Paulo*” baseado no ideal republicano e abolicionista. O termo “*Província*” foi mantido até 31 de

dezembro de 1889 (um mês após a queda da Monarquia e a instituição da República no Brasil). Mesmo tendo apoiado a troca do regime, o jornal manteve-se independente de qualquer partido político, inclusive do Partido Republicano Paulista. Ao final do século XIX, *O Estado* consistia no maior jornal de São Paulo.

Em 1930, o jornal apoiou a candidatura de Getúlio Vargas como marco do fim de um sistema oligárquico. Mas, em 1932, ao assumir a liderança da revolução constitucionalista, teve a maioria do seu quadro diretor enviado ao exílio. Durante o Estado Novo, manteve oposição ao regime, e, por isso, em 1940, foi invadido pelo Dops. Inicialmente o jornal foi fechado, mas depois passou a ser administrado pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) até 1945 quando foi devolvido aos seus legítimos donos.

Durante a República Nova, *O Estado* fez oposição a todos os governos, e, em 1964 apoiou o golpe militar e a eleição indireta de Castello Branco. O apoio ao governo militar durou até a proclamação do Ato Institucional nº 2 (que dissolveu os partidos políticos), quando o jornal rompeu com o regime.

A partir da década de 70, o jornal passou a disputar mercado com o novo padrão de jornalismo apresentado pela *Folha de S. Paulo*, sendo que atualmente consiste no quarto jornal em circulação no Brasil e o primeiro na Grande São Paulo, além de consistir no jornal mais antigo da cidade de São Paulo ainda em circulação. Este jornal diário de circulação nacional possui a linha editorial constituída pelos princípios de transparência, ética e responsabilidade na difusão de informações.

De acordo com o site de *O Estado de S. Paulo*, esta empresa jornalística é a que desfruta de maior credibilidade dentre as brasileiras, sendo indicada diversas vezes por instituições internacionais como um dos diários mais completos do mundo (ESTADÃO, 2009).

O jornal é dividido em 8 cadernos diários e 12 suplementos de circulação semanal. Os cadernos diários são os seguintes:

- *Opinião*: expõe a opinião de jornalistas e leitores do jornal.
- *Nacional*: aborda acontecimentos políticos nacionais.
- *Internacional*: traz acontecimentos políticos internacionais.
- *Vida&*: veicula notícias sobre “ciência, tecnologia, medicina, saúde, educação, meio ambiente e religião”.
- *Metrópole*: circula na capital e Grande São Paulo, nas demais regiões circula o caderno Cidade. Relata sobre acontecimentos regionais em relação às notícias policiais, ao

comportamento, às curiosidades, à cidadania e ao voluntariado enfocando aspectos de importância para a região.

- *Economia*: veicula notícias sobre economia e o mercado financeiro, trazendo reportagens e entrevistas sobre questões referentes às relações de negócios.

- *Esportes*: oferece “fotos, histórias, perfis e cobertura dos principais esportes, seus heróis e vilões, além de tabelas e serviços diferenciados”.

- *Caderno 2*: aborda sobre acontecimentos culturais paulistas, nacionais e mundiais, bem como os nomes mais reconhecidos da arte, além de oferecer um espaço para opinião dos jovens.

Já os suplementos semanais são os seguintes:

- *Aliás*: circulação aos domingos. Fornece uma “visão geral dos principais acontecimentos da semana, de uma forma rápida e objetiva. E uma prévia do que pode acontecer na próxima semana”.

- *Feminino*: circulação aos domingos. Relata assuntos relacionados à família, “sob o ponto de vista feminino”, trazendo matérias sobre saúde, trabalho, moda e comportamento.

- *TV&Lazer*: circulação aos domingos. Apresenta a programação da semana da televisão e aborda sobre lançamentos e dicas de vídeos, games, sites e equipamentos de áudio e vídeo.

- *Casa&*: circulação aos domingos, restrita à capital e à Grande São Paulo. Fornece sugestões de decoração, paisagismo, serviços e acessórios.

- *Link*: circulação às segundas-feiras. Aborda sobre a tecnologia.

- *Viagem & Aventura*: circulação às terças-feiras. Veicula dicas para viagem.

- *Agrícola*: circulação às quartas-feiras. Fornece informações sobre o segmento agrícola, apresentando “serviços, tabelas de insumos, artigos, infográficos, reportagens e informações sobre leilões, feiras e exposições”.

- *Paladar*: circulação às quintas-feiras. Traz reportagens e entrevistas com chefes de cozinha, e, artigos sobre combinações culinárias, acessórios e livros de receitas.

- *Guia Estadão*: circulação às sextas-feiras, restrita à capital e à Grande São Paulo. Apresenta cobertura sobre o que está acontecendo e o que irá acontecer no circuito cultural da cidade de São Paulo e informações sobre bares, restaurantes, cinemas e outros.

- *Serviços e Construção*: circulação às sextas-feiras, restrita à capital e à Grande São Paulo.

- *Estadinho*: circulação aos sábados. Voltado para crianças de 7 a 9 anos, aborda assuntos relacionados a livros, comportamento, moda, divertimento infantis e que podem auxiliar em trabalhos escolares.

- *Classificados*: circulação aos sábados. Apresenta informações sobre automóveis, empregos, imóveis e oportunidades.

3.2 A construção do discurso, as relações sociais e a (não) subjetividade jornalística

Considera-se importante nesta dissertação enfatizar as relações entre práticas sociais e o uso da linguagem, pois estas nem sempre são claras para a maioria das pessoas, que não se atentam, na maioria das vezes, para a conexão existente entre o exercício do poder e o uso da linguagem.

Para Fairclough (1997), no caso dos meios, a ordem do discurso pode influenciar mudanças na sociedade e na cultura, interferindo nos discursos privados ao providenciar modelos de interação conversacional na vida privada, por meio de simulações que podem reconfigurá-la. Porém, cabe ressaltar que essa relação é dialética e recíproca, ou seja, existe uma interação entre discurso dos meios e discursos interpessoais no dia a dia, de tal forma, que se constroem mutuamente.

Segundo Fowler (1991) o discurso dos meios pode materializar a discriminação, ou seja, o discurso tem poder de facilitar e manter a discriminação, pois a linguagem ao providenciar nomes para as categorias ajuda estabelecer limites e relações legitimados por meio da fala e da escrita, que contribuem para aparentar realidade. Além disso, o vocabulário, taxonomicamente organizado, pode produzir efeitos de idéias apropriadas para a ideologia.

No caso do preconceito de gênero, ao destacar e valorizar questões, vozes ou imagens masculinas em detrimento das femininas, os meios disseminam uma imagem estereotipada e discriminatória das mulheres. Em relação ao jornalismo, este pode legitimar a dominação masculina ao utilizar termos e imagens sexistas, e, ao enfatizar a mulher em determinados assuntos e excluindo-a de outros.

Também ocorre esta legitimação quando homens e mulheres são retratados e nomeados de formas distintas, ou seja, não possuem a mesma função nas notícias (tema

central, porta-voz, perito ou comentarista, testemunha ou opinião), e, apenas um dos sexos é definido ou intitulado em relação ao papel social e familiar (mãe, pai, marido, esposa, avô, avó, entre outros) e de acordo com o assunto da notícia (vítima, sobrevivente, inocente, culpado, entre outros).

Ou seja, essa legitimação pode ocorrer na forma como a notícia é apresentada, no uso das fontes (quantos homens e mulheres são entrevistados e citados como fontes, se são tratados da mesma forma ou existe diferenciação, e, se homens e mulheres são entrevistados sobre o mesmo assunto ou existe distinção nos assuntos abordados por cada sexo), das linguagens (se são usados termos sexistas, se os adjetivos são pertinentes ou carregam estereótipos, se os atributos físicos e emocionais são descritos com a mesma linguagem para homens e mulheres, se esta descrição é relevante, se as mulheres são neutralizadas por meio de termos como “pessoas”, “cidadãos”, camuflando diferenças importantes entre homens e mulheres, e, se a notícia explicita quando a população feminina e masculina pode ser afetada distintamente pelo acontecimento anunciado), e no uso das imagens (se homens e mulheres são retratados da mesma forma, se ilustram o conteúdo da notícia ou carregam estereótipos).

Por fim, convém salientar que a forma de representação social não pode ser explicada apenas como um reflexo do fato que representa, mesmo porque aquela demonstra a mulher de forma não favorável, enquanto o homem é apresentado como bem sucedido na política e em suas ocupações.

Não há dúvida que essa diferenciação reflete formas diferentes da sociedade de tratar homens e mulheres, mas a relação entre linguagem e sociedade não é apenas reflexiva. Assim, ao mesmo tempo em que o discurso reflete a discriminação na sociedade, a discriminação no discurso ajuda a manter hábitos intelectuais que promovem uma prática discriminatória.

Apesar do compromisso ético e profissional com a realidade e com o interesse público, é preciso considerar que o jornalismo é constituído por narrativas elaboradas a partir da perspectiva de indivíduos, assim, as informações podem ser selecionadas, valorizadas ou omitidas, produzindo representações diferentes de uma mesma situação, ou seja, selecionam-se alguns aspectos da realidade, tornando-os mais salientes em um texto jornalístico, de forma a promover um sentido particular deste.

Segundo Kerbrat Orecchioni (1980), toda unidade léxica é subjetiva, já que as palavras são símbolos substantivos e interpretativos das coisas. De acordo com a lingüística, as produções discursivas não são análogas da realidade, pois o enunciador recorta-a conforme seu universo referencial.

De acordo com Jorge Pedro Sousa (1999), as notícias são artefatos lingüísticos, resultados de um processo de construção onde interagem fatores pessoais, sociais, culturais, ideológicos, tecnológicos e históricos que procuram representar certos aspectos que apontam novidade da realidade e que são difundidos pelos meios jornalísticos.

Os meios noticiosos conferem notoriedade pública a certos acontecimentos e idéias (democratizando o acesso dos mesmos) ao representá-los discursivamente. Além disso, esses meios contribuem ainda para dotar de significação essas ocorrências ao atribuir-lhes sentido, embora a outorgação final deste dependa também do receptor e das mediações sociais. Isso ocorre pois os meios jornalísticos fornecem um quadro referencial explicativo do mundo, num processo de construção social da realidade.

Por isso, “embora as notícias representem determinados aspectos da realidade cotidiana, pela sua mera existência contribuem para construir socialmente novas realidades e novos referentes” (SOUSA, 1999, p. 02).

Apesar dos meios jornalísticos serem importantes instrumentos para troca de informações e de estimulação da cidadania, estes também são usados em função de interesses particulares, podendo contribuir para ampliação de poderes e sustentação do *status quo*.

Os meios jornalísticos são estruturas que tendem a representar as relações sociais dominantes de poder, naturalizando-as, tornando difícil imaginar outras relações de poder no seio da sociedade e, por consequência, trabalhando no sentido de inviabilizar quaisquer mudanças sociais (SOUSA, 1999, p. 04).

Assim, o jornalismo pode reforçar, criar ou questionar representações sociais, fornecendo visibilidade e reconhecimento a grupos, de forma a afirmar suas identidades, que evidenciem os papéis socialmente construídos e aceitos para os sujeitos.

3.3 Quadro teórico da pesquisa - Análise de enquadramento

Considerando a questão da não subjetividade jornalística exposta acima, nesta dissertação, optou-se por utilizar a análise do enquadramento para estudar as escolhas, seleções e omissões nos textos jornalísticos selecionados. Neste trabalho, portanto, optou-se

por aprofundar a análise por meio de um estudo qualitativo a partir da escolha de um tema de destaque, que envolvesse um personagem feminino, para verificar o “como” a mulher, a situação e os personagens envolvidos foram representados.

A análise do enquadramento consiste em uma abordagem analítica que objetiva interpretar as mensagens midiáticas (principalmente as jornalísticas) como representações instauradas pelas escolhas realizadas no decorrer da elaboração dos textos.

Mauro Porto (2004) em seu texto “Enquadramentos da mídia e política”, caracteriza os enquadramentos como “marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem as pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais” que são construídos por meio de “seleção, exclusão ou ênfase” de determinados aspectos.

Este teórico ainda realiza uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria do enquadramento partindo da proposta de Goffman (dos enquadramentos realizados pelos receptores) até expor o conceito elaborado por Entman (dos enquadramentos realizados pelos meios). Segundo Goffman, Kahneman e Tversky os enquadramentos consistem em marcos interpretativos que governam os eventos sociais e os envolvimento dos sujeitos nestes eventos, interferindo no processo de formação de preferências e consistindo em importantes instrumentos de poder.

Segundo Goffmann, para entender o processo de enquadramento “é preciso invocar o ‘esquema de interpretação’ que permite os indivíduos ‘localizar, perceber, identificar e etiquetar’ as informações ao seu redor” (COLLING, 2010). Pois apesar das formas e enquadramentos expostos nas notícias, os indivíduos recolhem um dado sobre um fato e o recompõem conforme seu próprio ponto de vista ou enquadramento.

Ainda segundo Colling (2010), há outros teóricos que analisam o enquadramento realizado pelos receptores que podem ser diferenciados por meio de três perspectivas: a crítica (com David Morley, por exemplo), a cultural (com Liebes e Katz) e a construtivista (com Gamson e Modigliani).

Dentre estes teóricos, vale ressaltar Gamson e Modigliani, pertencentes à linha construtivista. Diferentemente de Entman que se preocupa mais com os conteúdos informativos, esses teóricos focam os comentários interpretativos que rodeiam as notícias. Segundo eles, os sujeitos armazenam certos recortes de notícias de determinados assuntos, formando um “pacote” próprio para explicar seu ponto de vista e os enquadramentos podem ser transmitidos por meio de 5 dispositivos: a metáfora, os exemplos históricos, as citações curtas, as descrições e as imagens.

Gamson e Modigliani (apud ROTHBERG, 2010) colocam que os enquadramentos atuam como “pacotes interpretativos” responsáveis por oferecer sentido a um assunto e capazes de construir significados. Aliados a essa idéia, Scheufele e Tewksbury expõem a função de *priming* por meio da qual os meios “preparariam o campo das idéias, presumivelmente no ponto em que elas tendem a ser compartilhadas por certas camadas de receptores, de maneira a torná-lo mais propício ao florescimento de certas visões dos fatos e processos políticos, e não outras” (ROTHBERG, 2010, p. 3).

Diferentemente de Goffmann, Gamson e Modigliani que se ativeram ao enquadramento feito pelos receptores, Entman estudou o enquadramento realizado pelos meios de comunicação.

Para Entman, os enquadramentos são construídos nas palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na notícia narrada e podem ser detectados por meio de sondagens de palavras e imagens que aparecem repetidas vezes na narrativa (apud COLLING, 2010).

Por isso, a noção de enquadramento implica um efeito comum em um grupo significativo de receptores, apesar de reconhecer que esse efeito não é universal. Ainda segundo esse teórico, essa teoria não defende a idéia de que os receptores recebem passivamente as mensagens, pois são livres para construir seus próprios significados. No entanto, segundo ele, há uma tendência para assumir determinados sentidos, principalmente quando existem poucas notícias que desafiam o enquadramento dominante. Ou seja, quando um enquadramento domina inteiramente a narrativa, há grandes possibilidades da maioria chegar ao mesmo entendimento sobre o assunto narrado.

Para identificar o enquadramento de uma notícia, Entman (apud FONSECA, 2010) apresenta os seguintes passos: 1) definir o problema (destacando se é de origem política, econômica, social, entre outras); 2) identificar os sujeitos envolvidos e ouvidos e 3) avaliar a moral da questão.

Outra teórica que aborda o enquadramento é Gaye Tuchman, argumentando que este é imposto pela notícia, construindo e definindo a realidade, pois consiste em "um recurso social cuja construção limita um entendimento analítico da vida contemporânea" (apud PORTO, 2004).

Para Robert Hackett os meios podem desenvolver importantes papéis ideológicos não somente devido ao grau de “objetividade” presente, mas também à limitação da matriz ideológica utilizada. Essa matriz é composta por regras e conceitos ativados pelos jornalistas consciente ou inconscientemente que orientam ações e pensamentos dos leitores/espectadores/

ouvintes. O enquadramento aplicado no relato do jornalista consiste, justamente, em um dos fatores que rege essa produção, por isso, incide em um instrumento para examinar a construção moral e intelectual realizada pelos meios.

Todd Gitlin acrescenta que o enquadramento organiza os acontecimentos tanto para os jornalistas quanto para os receptores de seus textos, ao constituir o discurso por meio de práticas de seleção, ênfase e exclusão que constroem e interpretam os fatos.

Da mesma linha que esse teórico, muitos autores que buscam estudar os enquadramentos das notícias destacam o enquadramento como uma forma de manter a hegemonia de um grupo transmitindo os fatos de acordo com a ideologia dominante. Como visto, Todd Gitlin define os enquadramentos como “padrões persistentes de cognição, interpretação, apresentação, seleção, ênfase e exclusão, através dos quais aqueles que trabalham os símbolos organizam geralmente o discurso, tanto verbal como visual” (HACKETT, apud COLLING, 2010).

Assim, segundo Koenig e Gitlin (apud PORTO, 2004), os enquadramentos estruturam quais partes da realidade se tornarão notícia por meio de princípios de seleção, ênfase e apresentação/exclusão dos fatos e palavras (considerados reais e importantes por teorias tácitas) que constituirão o discurso.

Convém salientar, ainda, que para eles os enquadramentos podem ser definidos não somente pelo que incluem, mas também pelo que omitem, afinal, as omissões de definições de problemas, de explicações, de avaliações e de recomendações podem ser tão críticas e tão capazes de conduzir o público como as inclusões.

Para estes teóricos, no entanto, o enquadramento não é necessariamente um processo consciente realizado pelos jornalistas, mas “pode muito bem ser o resultado da absorção inconsciente de pressuposições acerca do mundo social no qual a notícia tem de ser embutida de modo a ser inteligível para o seu público pretendido” (HACKETT, apud COLLING, 2010).

Por isso, apesar de os meios de comunicação consistirem em recursos importantes utilizados pelos sujeitos para pensarem determinados assuntos, o enquadramento não é um processo de mão única, por meio do qual se manipula o público, mas participa de todo processo comunicativo, através do qual os sujeitos fazem sentido de suas experiências. Ou seja, o conceito não é de que há efeitos mínimos de interferência dos meios nos pensamentos dos indivíduos, da mesma forma que também não é considerado um determinismo total dos meios sobre os sujeitos, mas de que esses dispõem de meios pessoais de reinterpretação dos conteúdos mediáticos.

Neste caso, a teoria do *framing* coloca que “os enquadramentos introduzem ou aumentam a saliência ou importância aparente de certas idéias, ativando esquemas que encorajam os públicos-alvo a pensar, sentir e decidir de maneira particular” (ENTMANN, apud ROTHBERG, 2010, p. 4). Ou seja, existe um direcionamento sobre a forma com a qual o receptor irá interpretar essas informações, mas não uma forma determinística sobre tal.

Estudos como os realizados por Scleufele classificam o enquadramento em dois tipos: do assunto (propriedade do texto jornalístico) e individuais (enquadramento dos leitores, conseqüências que os enquadramentos têm sobre a forma do público de perceber o assunto), pelos quais tanto emissor e receptor são responsáveis pela condução do conteúdo noticioso (SOARES, 2007).

Ainda segundo Scheufele (apud RESENDE, 2010), a forma como os jornalistas enquadram é influenciada por aspectos como ideologia, atitudes, normas profissionais, posição do veículo no qual trabalha e fatores externos ao trabalho, como atores políticos, grupos de interesse, entre outros. Para este teórico, um determinado enquadramento pode levar uma percepção do fato que não aconteceria se esse fosse enquadrado de forma diferente, pois contribui para determinar a forma como o receptor interpreta a mensagem.

De acordo com Entman (apud PORTO, 2004), o enquadramento consiste em uma maneira do emissor organizar o discurso, selecionando alguns aspectos de uma realidade apreendida, tornando-os mais salientes em um texto e promovendo uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o ocorrido. Vale ressaltar que quanto menor for a familiaridade do público com o assunto, mais suscetível estará para aquisição da definição, interpretação causal, valoração moral e recomendação de atitudes propostos pelos meios.

Assim, o enquadramento consiste em uma idéia central organizadora que molda a percepção do ocorrido, oferecendo mais visibilidade a determinados elementos e aspectos em detrimento de outros, devido ao padrão de seleção, apresentação, ênfase e interpretação utilizado pelos jornalistas ao organizarem suas representações discursivas.

O enquadramento trata da capacidade dos meios de produzirem e disseminarem tacitamente uma interpretação do mundo, por intermédio de uma retórica implícita presente na estrutura da matéria jornalística (SOARES, 2007). Ao repetir determinadas palavras e imagens em detrimento de outras, o enquadramento torna algumas idéias mais salientes e outras invisíveis. Assim, análise de enquadramento permite ressaltar o caráter construído da mensagem, revelando sua inclinação implícita, em textos aparentemente objetivos, que por esse caráter são tidos como senso comum ou transcrições do fato e não interpretações.

Desta forma, a teoria de enquadramento analisa o tratamento noticioso, por meio do processo de produção jornalística, segundo a qual os jornalistas enquadram os acontecimentos sociais ao selecionar alguns aspectos da realidade percebida, conferindo-lhe uma definição concreta, uma interpretação causal, um juízo moral e/ou uma recomendação para seu tratamento. Assim, esta teoria remete ao tratamento dado (por jornalistas e empresas de notícias) aos acontecimentos sociais.

Porto (2004), coloca ainda que os enquadramentos podem ser classificados em: noticiosos e interpretativos. Os enquadramentos noticiosos encontram-se voltados mais para os jornalistas, os quais escolhem o “ângulo” que o acontecimento será narrado na notícia. Esse enquadramento pode ser dividido em episódico (utiliza informes sobre estudos de caso ou eventos e exemplos concretos), de interesse humano, corrida de cavalos (focaliza pesquisas desenvolvidas ao longo de campanhas) e temático (focaliza propostas de candidatos), sendo que esses dois últimos estão mais ligados à campanha eleitoral.

Já os enquadramentos interpretativos são fornecidos mais pelas fontes do que pelos jornalistas (mesmo que as fontes sejam processos de escolha do próprio jornalista) e são divididos em plurais (colocam mais de um enquadramento na cobertura e podem ser abertos, quando nenhum enquadramento é privilegiado, ou fechados quando há predomínio de um enquadramento ou fonte) e restritos (quando existe apenas um enquadramento na cobertura).

De acordo com Danilo Rothberg (2010, p. 9), os enquadramentos presentes nas matérias podem ser identificados por meio de uma crítica que emita um julgamento objetivo sobre os textos. Esse exame deve ser realizado em uma cobertura específica revelando os atributos inseparáveis do foco adotado pelo meio, por meio de uma análise que considere a profundidade do enfoque, o número e natureza das fontes consultadas, os aspectos envolvidos e as hipóteses apuradas.

Ainda segundo este pesquisador, a teoria do enquadramento não é adepta a julgamentos que atribuem os sentidos gerados devido à intencionalidade de jornalistas e do veículo, mas às escolhas implícitas, abandonando, assim, o conceito de que a geração de sentidos seja resultado de uma manipulação deliberada. Essa passa a ser reconhecida como resultado de “esquemas de pensamentos arraigados como *habitus* sob fórmulas consagradas por padrões industriais de produção da notícia” (BARROS FILHO, apud ROTHBERG, 2010, p. 10).

Na análise de enquadramento é preciso assinalar palavras e imagens e identificar intenções jornalísticas e valores de notícia, estruturas discursivas, conteúdos e formatos, por meio dos quais se definem problemas, fazem diagnósticos, julgamentos e sugerem soluções.

Como técnica de pesquisa, a análise de enquadramento pode ser utilizada na pesquisa dos meios, verificando como a mensagem é organizada e quais as preferências ressaltadas e omitidas em cada veículo analisado, de maneira a identificar as tendências de cada meio.

O resultado dessa análise é um esquema de pensamento que deve ser compreendido como um quadro genérico dos sentidos gerados, resultados de uma “construção de hábitos de pensamento e visões de mundo nos quais certos problemas têm mais proeminência e são explicados de determinadas maneiras, ao passo que outras questões tendem a ganhar menor projeção ou não conseguem ser apreciadas de formas distintas” (ROTHBERG, 2010, p. 11).

3.3.1 Aplicação – Caso Geisy Arruda

Esta análise trabalhará com o enquadramento noticioso do tipo episódico⁴², centrando-se no evento e caso particular ocorrido da Uniban com a aluna Geisy Arruda no dia 22 de outubro de 2009, consistindo em uma cobertura orientada a partir dos acontecimentos particulares.

Como já dito, serão estudados todos os textos (que abordaram este tema) veiculados pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* do dia 30 de outubro de 2009 a 20 de novembro de 2009, a escolha da data final ocorreu devido à constatação da rarefação de textos sobre esse acontecimento.

Para evitar a tendência de buscar apenas enquadramentos que comprovam as hipóteses deste trabalho, ignorando evidências contrárias, desenvolveram-se as seguintes categorias de classificação e codificação do conteúdo, adotando itens de observação que integrem uma análise qualitativa com quantitativa.

Assim, serão identificados os seguintes atributos:

a) Espaço destinado ao tema (data, caderno, página, participação do texto na página, título, quadro e fotos)

⁴² Os enquadramentos noticiosos consistem em padrões de apresentação, seleção e ênfase empregados pelos jornalistas para organizar seus textos e adotar um posicionamento referente a determinado ponto de vista, destacando certos elementos da realidade em detrimento de outros. Assim, esse enquadramento se refere às escolhas dos jornalistas quanto ao formato e conteúdo das matérias, consequência da ênfase em certos aspectos. Nesta categoria de enquadramento encontram-se, além de outros, o “enquadramento episódico” que enfatiza eventos (PORTO, 2004).

b) Personagem central: Geisy Arruda, Uniban, estudantes, outros.

c) Tema central: vestimenta, comportamento dos jovens, expulsão, mobilizações sobre o ocorrido, educação, vida pessoal da Geisy Arruda, outros.

Estes estarão disponibilizados em uma ficha, conforme a abaixo:

Data	Caderno	Página	Tamanho (área)	Título	Quadro	Fotos	Personagem central	Tema central

Em relação aos atores, estes ainda serão analisados segundo sua categorização por meio de substantivos, metáforas, ironias, expressões, adjetivos, que expressam julgamentos morais e generalizações, categorizando esta posição do jornal como favorável, contrária ou neutra em relação ao enquadramento de intolerância e violência. Esta fase da pesquisa estará disposta segundo as seguintes fichas de análise que focalizarão os seguintes itens de observação:

Expressões e frases que se referem à Geisy	Vozes/freqüência Gênero informativo	Vozes/freqüência Gênero opinativo	Marcas de linguagem

Expressões e frases que se referem à Uniban	Vozes/freqüência Gênero informativo	Vozes/freqüência Gênero opinativo	Marcas de linguagem

Expressões e frases que se referem aos estudantes da Uniban	Vozes/freqüência Gênero informativo	Vozes/freqüência Gênero opinativo	Marcas de linguagem

Expressões e frases que se referem ao comportamento e vestimenta da aluna Geisy Arruda	Vozes/freqüência Gênero informativo	Vozes/freqüência Gênero opinativo	Marcas de linguagem

Expressões e frases que se referem à atitudes da Uniban em relação ao ocorrido	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem

Expressões e frases que se referem ao acontecimento	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem

Após a tabulação destes dados e das categorizações utilizadas por cada jornal, realizar-se-á uma análise comparativa entre ambos, a fim de detectar os enquadramentos e verificar que as escolhas feitas não são inevitáveis. Estes dados e interpretações consistirão no próximo capítulo que também trará os dados e interpretações obtidos com a análise do conteúdo.

Durante a análise, também será avaliado o enquadramento dos textos do jornal em relação à responsabilização do ocorrido a cada personagem central, ou seja, se o jornal aponta os personagens como responsáveis (diretos ou indiretos) ou não pelo evento, ou se não se posiciona em relação a esta questão.

Além disso, serão analisados os enquadramentos das fontes e citações utilizadas, verificando, também, o enquadramento dado pelas diferentes fontes consultadas e se estas se posicionam de maneira a favorecer, questionar ou neutralizar o enquadramento de intolerância e violência.

PARTE 2
ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO

4 REPRESENTAÇÕES FEMININAS (1)

REPRESENTAÇÕES DO CASO GEISY ARRUDA NO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO*

Este capítulo expõe dados obtidos em textos veiculadas no período do dia 30 de outubro de 2009 a 20 de novembro de 2009. Serão analisados os textos veiculados no jornal *Folha de S. Paulo* em relação ao acontecimento envolvendo a aluna Geisy Arruda ocorrido no dia 22 de outubro de 2009 e as repercussões desse acontecimento.

A partir da fundamentação teórica e da metodologia apresentadas, este tópico analisará os textos referentes ao tema escolhido veiculados pelo jornal *Folha de S. Paulo*⁴³. Esta análise é formada por três etapas (segundo apresentado no capítulo anterior), a observação de expressões e frases sobre as categorias de análise selecionadas, sua tabulação e categorização, a fim de fazer a análise descritiva, e, a interpretação, constituída pela teorização dos resultados.

Primeiramente, as informações foram organizadas em quadros, sendo o primeiro relativo às informações gerais sobre os textos analisados e os demais correspondentes a itens de observação relativos às frases e expressões que se referem à Geisy, ao seu comportamento e vestimenta, à Uniban, às atitudes da Uniban, aos estudantes envolvidos e ao acontecimento. Estes últimos foram divididos em quatro colunas, das quais, a primeira consiste da transcrição do texto do jornal, a segunda e a terceira, da identificação vozes presentes/das fontes consultadas (ou se as palavras são resultados da escolha do redator) e do número de ocorrências constatadas para cada expressão (apontadas entre parênteses após a classificação das fontes ou da redação, indicando quantas vezes cada fonte e a redação se utilizou daquela expressão). Especificamente, a segunda coluna contém expressões extraídas de textos informativos e na terceira de opinativos. Já a quarta coluna expõe as marcas de linguagem presentes nos dados extraídos (ironia, hipérbole, entre outros).

Para cada item de observação (Geisy, seu comportamento e vestimenta, Uniban, atitudes da Uniban, estudantes envolvidos e acontecimento) foram construídos três quadros, sendo que o primeiro expõe as expressões caracterizadas como contrárias ao enquadramento

⁴³ Esta análise optou por focar a questão de gênero relacionada às representações do jornal. No entanto, convém salientar, que as representações e enquadramentos não são criados apenas por um viés, existem vários deles influenciando esses processos, como por exemplo, posições econômicas, políticas, sociais, entre outras, e não apenas relacionadas ao gênero. A escolha da análise pela perspectiva do gênero se deu devido a necessidade de um recorte específico no objeto analisado devido a impossibilidade de estudá-lo sob todos os vieses.

02.11.09	Folhateen	6 e 7	79,2%	Saiômetro	Não	6,3%	30,8%	Universitários	Vestimenta
02.11.09	Folhateen	10	16,5%	Escuta aqui: ensino particular e zoológico	Sim			Uniban	Ensino Uniban
03.11.09	Ilustrada	E9	12,6%	Universitários da Uniban! Socorro!	Sim		Imagem 2,4%	Diversos	Ironia com acontecimentos nacionais
04.11.09	Cotidiano	C7	2,8%	Estudante xingada recua e adia retorno à universidade	Não			Geisy	Retorno de Geisy à Uniban
04.11.09	Opinião	A2	5,2%	Minissaia de 1967	Sim			Estudantes de 1967	Minissaia
04.11.09	Opinião	A3	1,4%	Painel do leitor: minissaia	Sim				Opiniões dos leitores
05.11.09	Ilustrada	E15	24,0%	A turba da Uniban	Sim		6,3%	Estudantes Uniban	Atitude dos estudantes
06.11.09	Opinião	A2	5,3%	Uma loira	Sim			Estudantes Uniban	Revolta na Uniban
08.11.09	Capa	A1	12,3%	Uniban expulsa aluna hostilizada e afirma que ela provocou assédio	Não		7,8%	Geisy e Uniban	Expulsão e comportamento de Geisy
08.11.09	Cotidiano 3	S31	41,7%	Uniban expulsa aluna que foi à aula com vestido curto	Não	16,5%	3,9%	Geisy e Uniban	Expulsão e comportamento de Geisy
08.11.09	Cotidiano 3	S31	20,5%	Análise: culpar a vítima: essa foi a estratégia	Sim		9,1%	Uniban	Atitude de expulsar Geisy
08.11.09	Cotidiano 3	S32	58,6%	Expulsão atesta incompetência, diz entidade	Não		16,5%	Uniban	Atitude da Uniban em expulsar Geisy
08.11.09	Cotidiano 3	S32	8,3%	Jeito de estudante se portar levou à expulsão, diz Uniban	Não			Uniban	Motivos da expulsão (entrevista)
08.11.09	Cotidiano 3	S32	8,5%	Aluna afirma que ainda não foi informada sobre a decisão	Não			Geisy	Defesa da Uniban para expulsão (entrevista)
09.11.09	Capa	A1	2,0%	Uniban terá de explicar ao MEC a expulsão de Geisy Arruda	Não			MEC e Uniban	Expulsão de Geisy
09.11.09	Cotidiano	C3	8,3%	Multimídia	Não			Jornais internacionais	Divulgação do caso em jornais internacionais
09.11.09	Cotidiano	C3	27,6%	MEC vai questionar expulsão de aluna	Não		5,8%	Uniban	Decisão de expulsar Geisy
09.11.09	Cotidiano	C3	10,2%	Análise: a barbárie na universidade	Sim			Uniban	Acontecimento e posição da Uniban
09.11.09	Cotidiano	C3	10,2%	Universidades esquecem de formar pessoas, diz educador	Não			Universidades	Papel das universidades (entrevista)
09.11.09	Cotidiano	C3	2,8%	UNE planeja organizar protesto no campus contra expulsão	Não			Geisy, Uniban e UNE	Protesto contra expulsão
09.11.09	Brasil	A9	5,0%	Geisy lá	Não			Geisy	Caso na mídia internacional

11.11.09	Opinião	A3	6,5%	Geisy	Sim			Uniban, Geisy e alunos Uniban	Acontecimento e veiculação nos meios
11.11.09	Cotidiano	C9	23,0%	Uniban decide 'exilar' Geisy em outro prédio	Não			Geisy e Uniban	Transferência da classe de Geisy
11.11.09	Cotidiano	C9	34,4%	No teste do microvestido, atriz vai às faculdades, irrita garotas e intimida rapazes	Não		19,0%	Atriz e alunos universitários	Atitude universitários diante de microvestido
11.11.09	Corrida	C12	1,1%	Colunas: Ruy Castro: Pernas de fora	Sim			Geisy	Caso Geisy
12.11.09	Corrida	C16	17,3%	Corpo a corpo	Não		15,5%	Alunos UNB	Protesto em favor de Geisy
12.11.09	Opinião	A3	11,0%	Painel do leitor: Geisy	Sim			Uniban, Geisy e alunos Uniban	Acontecimento e expulsão
12.11.09	Ilustrada	E13	4,5%	Impasse de um sonho moderno?	Sim			Uniban	Acontecimento e expulsão
13.11.09	Cotidiano	C2	22,3%	Where are you from?	Sim			Estrangeiros	Visão sobre Brasil e caso Geisy
13.11.09	Corrida	C14	18,6%	Profissão protesto	Não		16,0%	Protestantes UNB	Protestos de alunos da UNB
13.11.09	Corrida	C14	1,7%	Geisy Arruda	Não			Geisy	Geisy na campanha da Duloren
13.11.09	Ilustrada	E2	2,7%	Debaixo dos panos	Não			Geisy	Geisy na campanha da Duloren
13.11.09	Ilustrada	E2	1,7%	Calcinha vermelha	Não			Geisy	Geisy na campanha da Duloren
13.11.09	Ilustrada	E2	1,0%	Calcinha vermelha 2	Não			Casa do saber	Curso: história da minissaia
13.11.09	Ilustrada	E2	1,4%	Vestido pirata	Não			Falso representante de Geisy	Falso representante Geisy tenta negociar com 'PlayBoy'
13.11.09	Ilustrada	E4	78,6%	Minimania polêmica	Sim		40,6%	Mini shorts e saias	Moda da minissaia
13.11.09	Opinião	A3	3,7%	Painel do leitor: Uniban	Sim			Geisy	Comportamento e vestimenta
14.11.09	Brasil	A8	33,2%	Pelados' que protestam na UNB e no STF já têm novo ato agendado para quarta	Não		15,0%	Estudantes da UNB	Protestos de alunos da UNB
14.11.09	Ilustrada	E11	23,2%	Ueba! Bibas fazem o apagay	Sim		Imagem 4,4%	Diversos	Ironia com acontecimentos nacionais
15.11.09	Mais	3	34,7%	Tesão e direitos humanos	Sim		9,5%	Geisy e alunos	Sexualidade
15.11.09	Opinião	A3	2,0%	Painel do leitor: Geisy	Sim			Geisy	Opinião da leitora

15.11.09	Mais	3	2,2%	Saiba +	Não			Geisy e Uniban	Caso: da hostilização à revogação da expulsão
15.11.09	Cotidiano 2	C15	2,2%	Muito além de uma minissaia	Sim			Universidades 'populares'	Educação
15.11.09	Brasil	A8	7,8%	Semana do leitor: minissaia	Sim			Geisy	Código de vestimenta
15.11.09	Cotidiano	C1	2,0%	Dimenstein	Sim			Classes C e D	Classes C e D na educação superior
15.11.09	Cotidiano	C2	23,6%	Que semana	Sim				Acontecimentos da semana
15.11.09	Corrida	C20	6,4%	Geisy Arruda	Não		3,0%	Geisy	Estrelato' de Geisy
15.11.09	Ilustrada	E13	23,2%	Ueba! No apagão com Madonna	Sim		Imagem 4,4%	Diversos	Ironia com acontecimentos nacionais
16.11.09	Opinião	A3	3,2%	Painel do leitor: minissaia	Sim			Geisy	Acontecimento
16.11.09	Folhateen	N02	2,5%	Fale com a gente: ainda sobre a saia 1	Sim			Geisy e alunos	Atitude machista
16.11.09	Folhateen	N02	2,4%	Fale com a gente: ainda sobre a saia 2	Sim			Geisy e alunos	Punição aos alunos
17.11.09	Ilustrada	E2	1,7%	15 minutos de fama	Não			Geisy	Geisy recusa ir a eventos
17.11.09	Ilustrada	E9	22,7%	2012 Urgente! Começou 'A Fazenda'!	Sim		Imagem 4,4%	Diversos	Ironia com acontecimentos nacionais
18.11.09	Ilustrada	E11	22,7%	Ueba! Movimento Reage, Helena!	Sim		Imagem 4%	Diversos	Ironia com acontecimentos nacionais

Como observado no Quadro 1, foram veiculados 87 textos sobre o caso Geisy durante o período estudado. Destes, 21 (10 opinativos e 11 informativos) foram veiculados antes da expulsão, 17 (4 opinativas e 13 informativos) após a expulsão (ocorrida dia 07/11) e 49 (28 opinativas e 21 informativos) após a revogação da expulsão (dia 09/11).

Constatou-se, assim, que a cobertura desse caso não se restringiu ao acontecimento, mas também aos desdobramentos deste (como a expulsão da aluna e posteriormente o recuo da expulsão), sendo que 19,5% dos textos veiculados sobre esse assunto foram publicadas após a expulsão e 56,5% após a revogação da expulsão da aluna, ou seja, houve mais textos sobre o caso após a intervenção da Uniban (76%) do que no período relacionado exclusivamente ao acontecimento. Desta forma observa-se que houve maior destaque ao caso no jornal *Folha de S. Paulo* após o posicionamento da Uniban diante do ocorrido.

Outro fator observado foi que quase metade dos textos veiculados sobre o caso nesse período era de caráter opinativo (no total 42 textos jornalísticos). Assim, verifica-se que o jornal considerou relevante abordar o assunto com foco em opiniões pessoais (dos próprios jornalistas ou de leitores) que se posicionaram perante o ocorrido emitindo, em sua maioria, juízos de valores (como poderá ser observado nos próximos quadros).

Apesar de haver uma grande presença de textos sobre este acontecimento veiculada no período selecionado, constatou-se que a maioria desses (53 casos) não ocupava 10% da página do jornal. Apenas 24 ocuparam entre 10% a 30%, 7 até meia página e 3 mais de 50% da página do jornal. Ou seja, houve uma presença freqüente desse acontecimento no jornal, mas não houve um aprofundamento nos textos jornalísticos sobre esse caso, já que 53 dos 87 textos veiculados não ocuparam nem 10% da página do jornal.

Em relação aos títulos destes textos observa-se que apenas 17 caracterizaram (diretamente ou indiretamente) negativamente o acontecimento, são eles: “Idade das trevas” (30/10); “Taleban na faculdade” (30/10); “Análise: o martírio de Geisy nos faz pensar” (31/10); “Aluna hostilizada da Uniban diz que professores participaram” (31/10); “A minissaia e o homem das cavernas” (02/11); “Escuta aqui: ensino particular e zoológico” (02/11); “Universitários da Uniban! Socuerro!” (02/11); “A turba da Uniban” (05/11); “Análise: culpar a vítima – essa foi a estratégia” (08/11); “Expulsão atesta incompetência, diz entidade” (08/11); “Análise: a barbárie na universidade” (09/11); “Universidades esquecem de formar pessoas, diz educador” (09/11); “Os linchadores da Uniban” (09/11); “O crime de ser mulher” (10/11); “Ueba! Uniban tem moral de jegue” (10/11); “Para sociólogas, sociedade ainda é conservadora” (10/11) e, “Universidade Taleban” (10/11).

Destas, 7 criticaram à Uniban, 3 caracterizaram negativamente os alunos, 3 enfocaram o acontecimento como resultado de um problema social, 2 expuseram como desfavorável a situação de Geisy diante do acontecimento e 2 caracterizaram negativamente o acontecimento. Como observado quase metade dos títulos com esta característica consistiram em críticas à Uniban.

Também houve 25 textos cujos títulos enfocaram a vestimenta ou biótipo de Geisy, foram estas: “Painel do leitor: microvestido” (01/11 e 02/11); “Folhateen: universitários defendem o direito de usar saia curtinha e shorts” (02/11); “Sobe ou desce” (02/11); “Saiômetro” (02/11); “Minissaias de 1967” (04/11); “Painel do leitor: minissaia” (04/11 e 16/11); “Uma loira” (06/11); “Uniban expulsa aluna que foi à aula com vestido curto” (08/11); “Toda mídia: La linda Geisy” (10/11); “Uniban muda de prédio aluna hostilizada por uso de vestido curto” (11/11); “Perna de fora” (11/11); “No teste do

microvestido, atriz vai às faculdades, irrita garotas e intimida rapazes” (11/11); “Coluna Ruy Castro: pernas de fora” (11/11); “Corpo a corpo” (12/11); “Debaixo dos panos” (13/11); “Calcinha vermelha” (13/11); “Calcinha vermelha 2” (13/11); “Vestido pirata” (13/11); “Minimania polêmica” (13/11); “Muito além de uma minissaia” (15/11); “Semana do leitor: minissaia” (15/11); “Fale com a gente: ainda sobre a saia 1” (16/11); “Fale com a gente: ainda sobre a saia 2” (16/11).

Constatou-se também a presença de 2 textos jornalísticos cujos títulos responsabilizavam Geisy: “Jeito da estudante se portar levou a expulsão, diz Uniban” (08/11) e “Uniban expulsa aluna hostilizada e afirma que ela provocou assédio” (08/11). Já os demais 43 títulos se posicionaram de maneira neutra ou focaram outros assuntos.

Convém salientar que apenas 2 dos 87 textos jornalísticos apresentaram títulos que remetessem o ocorrido a valores androcêntricos (“o crime de ser mulher” e “para sociólogas, sociedade ainda é conservadora”), expondo que o que aconteceu na Uniban é resultado de uma cultura ainda machista presente na sociedade brasileira em geral e não restrita apenas aos alunos da Uniban.

Em relação ao personagem central verificou-se que 25 textos tinham outros personagens como principais que não os envolvidos com o acontecimento; em 23 textos jornalísticos a Geisy foi o personagem central, em 14 a Uniban, em 6 os estudantes da Uniban, em 3 os universitários em geral; em 4 a Geisy juntamente com os estudantes; em 8 a Geisy e a Uniban; em 2 a Geisy, a Uniban e os estudantes e em 2 a Geisy, a Uniban e outros. Assim, nota-se que quase 30% dos textos neste período que abordavam o caso de Geisy Arruda, consistiram de ramificações do caso, não abordando os personagens centrais, mas outros personagens que se envolveram no decorrer do acontecimento e exposição nos meios de comunicação.

Já em relação ao assunto central houve maior predominância de textos que abordaram principalmente as atitudes da Uniban (sindicância, expulsão, cancelamento da expulsão), somando 22 textos jornalísticos. O segundo assunto mais abordado foi a vestimenta e comportamento de Geisy (16 textos) e o terceiro consistiu em enfatizar sobre protestos, ironias e opiniões sobre o ocorrido (13 casos). O acontecimento em si foi assunto principal em apenas 11 dos textos jornalísticos veiculados no período. Além destes, também foram encontrados os seguintes assuntos principais: educação e sexualidade (8 ocorrências); veiculação nos demais meios de comunicação (5); mulher, sexismo e violência (5); outros (7 casos). Como verificado, deu-se maior importância às atitudes da Uniban e à vestimenta e comportamento da aluna do que ao ocorrido.

Em relação à maneira de se referir à Geisy Arruda (Quadros 2, 3 e 4), nota-se que majoritariamente ela foi citada como “Estudante/aluna” (97 casos); “Geisy” (73); “Geisy Arruda” (33); “20 anos” (23 casos); “Hostilizada” (23); “Michele” (nome fictício – 22); “vítima” (17 ocorrências, sendo que em 5, Geisy é tida como fonte), “Estudante/aluna Geisy Arruda” (17); “Jovem” (17); “Moça” (17), e, “Puta” (11).

Destas expressões, destacam-se “hostilizada” e “vítima” como expressões definidoras de Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência; e a expressão “puta”⁴⁴, como contrária ao enquadramento do ocorrido como manifestação de violência e intolerância, já que esta expressão é utilizada para justificar o ocorrido e não para criticá-lo.

Nota-se que no caso da expressão “vítima” (com 17 ocorrências), em 5 casos Geisy era considerada fonte e em 8 a redação; e, com a expressão “hostilizada”, as 23 expressões presentes foram palavras da própria redação. Já em relação à expressão “puta” nota-se que todas as 11 ocorrências tiveram alunos como fontes. Assim, no caso de expressões sobre Geisy favoráveis à compreensão do ocorrido como caso de violência e intolerância, a maioria das vozes foi da redação e da própria Geisy, enquanto que as expressões contrárias consistiram de falas de alunos universitários, justificando a agressão ao acusá-la e xingá-la de “puta”.

Vale ressaltar que neste caso, a expressão “puta”, por justificar a agressão, remete um preconceito em relação à sexualidade da mulher, em que ser profissional do sexo ainda é considerado uma ofensa, rebaixando esta mulher a um nível inferior, de tal forma que a violência e ameaça seriam justificadas.

Tais constatações podem ser visualizadas nos quadros a seguir:

⁴⁴ A posição de utilizar a expressão “puta” como xingamento é resultante de uma formação cultural e foi observado nas análises das falas dos alunos, mas esta não reflete a opinião da autora desta dissertação. Além disso, o exercício dessa atividade não justificaria a agressão sofrida, essa atitude por parte dos alunos reflete o preconceito de gênero presente em nossa sociedade.

Quadro 2: Expressões referentes à estudante Geisy contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
(Cotada para) ser estrela principal de um filme erótico	***	Redação (1)	
(Sondada) para estrelar um anúncio de uma marca de lingerie / participar de um anúncio de lingerie	Redação (1)	Redação (1)	
Afirma ter 'parcela de culpa' no episódio	Redação (1)	***	
Aluna exibicionista	***	Leitor (1)	
Assumiu parte da culpa pelo tumulto	Redação (1)	***	
Colega de microvestido	Redação (2)	***	
Comparada a Maria Madalena	Redação (1)	***	Ironia
Deveria ter sido barrada na entrada por estar usando 'trajes inapropriados'	Aluno (1)	***	
Estudante de minissaia / microvestido	Redação (1)	Redação (1)	
Fez por merecer os insultos	***	Leitor (1)	
Fulana	Prof. Uniban (1)	***	Ironia
Garota da saia curta e mau comportamento	***	Leitor (1)	
Gosta de mostrar o corpo	***	Redação (2)	
Gostosa	Cidadão (1); aluno (1)	***	
Infeliz aluna	***	Leitor (1)	Ironia
Loira da minissaia / microvestido	***	Redação (2)	
Loira de perna de fora	***	Redação (2)	
Loira farmácia com micro roxa	***	Redação (1)	Ironia
Loira provocante	***	Leitor (1)	
Loira provocante	***	Leitor (1)	Ironia
Não foi só ela que errou	***	Redação (1)	
Nobre senhorita	***	Leitor (1)	Ironia
Puta / Puta da Uniban	Aluno (6)	Aluno (5)	
Queria mexer com eles	***	Redação (1)	
Sondada para posar nua / Cotada para posar na revista 'Playboy'	Redação (1)	Redação (1)	
Tem interesse em ser atriz	Uniban (1)	***	
Terá agora o direito e a oportunidade de mostrar seu corpo como quiser e onde quiser, mas fora da escola	***	Leitor (1)	
Vai (deve) virar garota propaganda de lingerie	Redação (2)	***	

Como verificado no Quadro 2, em relação às expressões sobre Geisy contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência, houve 21 expressões presentes em textos informativos e 26 em opinativos, ou seja, esse tipo de enquadramento nesta situação (contrária) predominou em textos opinativos, que consistem de textos em que há maior liberdade de expressão de idéias e pontos de vista, em detrimento dos não opinativos que buscam ser mais imparciais.

Neste caso, a redação foi responsável por 23 das expressões, alunos por 13; leitores por 8; docente Uniban por 1, Uniban por 1, e cidadão por 1. Assim, predominou a voz da redação na não caracterização do acontecimento como manifestação de intolerância, já que

houve uma ênfase na vestimenta e na sexualidade da Geisy em detrimento da escolha de salientar a posição da aluna em relação ao ocorrido.

Nota-se que a segunda voz que mais predominou neste sentido foi a dos alunos, que justificaram suas ações por meio de críticas e julgamentos à aluna, de maneira a buscar elucidar que a “punição foi merecida”.

Das expressões contrárias, 18 focam o traje ou a sexualidade de Geisy, 16 a caracterizam negativamente, 8 apontam questões em que foi favorecida por causa do “acontecimento” e 5 indicam a responsabilidade de Geisy pelo ocorrido (“afirma ter ‘parcela de culpa’ no episódio”, “assumiu parte da culpa do tumulto”, “fez por merecer os insultos”, “não foi só ela que errou” e “queria mexer com eles”), inclusive em duas delas a redação afirma que a própria Geisy se reconheceu como parte “responsável” e em uma delas de que a aluna tinha a intenção de provocar.

As expressões como “vai virar garota propaganda de lingerie”, “sondada para posar nua”, “sondada para participar de um anúncio de lingerie” e outras do gênero foram classificadas como contrárias, pois enfatizam os benefícios e vantagens que Geisy tirou da situação minimizando, portanto, a gravidade da violência sofrida, já que por meio dessa a aluna pode galgar oportunidades que provavelmente lhe seriam impossíveis.

Será que essa aparente compensação não poderia gerar na mente de muitas jovens a seguinte afirmação: “Poxa! Que sorte! Eu queria estar no lugar dela”? Ou seja, será que ao invés de gerar um sentimento de solidariedade, essa idéia de compensação poderia gerar um sentimento de inveja?

Além das expressões sobre Geisy contrárias também foram analisadas as expressões favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Quadro 3: Expressões referentes à estudante Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Acuada	***	Leitor (2)	
Agredida	Redação (3)	Redação (3)	
Agredida moralmente	***	Leitor (1)	
Ameaçada	Redação (1)	Leitor (1)	
Ameaçada de estupro (e linchamento coletivos)	Redação (1)	Redação (1)	
Ameaçada por centenas de outros estudantes	***	Leitor (1)	
Atacada	Redação (1)	***	

É obrigada a se cobrir com um jaleco e a deixar a faculdade sob proteção da Polícia Militar / (Só conseguiu sair) usando guarda-pó	Redação (2)	***	
Escortada	Redação (1)	***	
Escortada pela polícia para poder sair da faculdade sem agressões / Deixa a faculdade escoltada por policiais / com ajuda da polícia	Redação (2)	Leitor (1)	
Hostilizada	Redação (21)	Redação (2)	
Humilhada	Redação (1)	Redação (1)	
Insultada	El País (1)	Leitor (1)	
Jovem apossada na universidade	***	Redação (1)	
Menina apedrejada	***	Redação (1)	Ironia
Perseguida	Redação (4)	Leitor (1)	
Quase foi linchada	***	Redação (1); Leitor (1)	
Saiu de lá escoltada pela polícia (sob xingamentos de outros alunos) / Teve de sair escoltada por PM's para se proteger de cerca de 700 alunos	Redação (2)	Redação (1)	
Só conseguiu sair da universidade escoltada por 5 PMs	Redação (3)	***	
Teve de deixar o campus escoltada pela PM / Teve que sair escoltada por policiais	Redação (1)	Redação (1)	
Violentada emocionalmente	***	Leitor (1)	
Vítima	Geisy (5); redação (4); UNE (1); Ministra Nilcéa Freire ⁴⁵ (1), Dep. Vicente Paulo Silva ⁴⁶ (1)	Redação (4); Leitor (1)	
Xingada	Redação (8)	***	
Xingada de 'puta' por alunos	Redação (1)	***	

De acordo com o Quadro 3, apareceram 65 expressões informativas e 27 opinativas favoráveis à compreensão do acontecimento como manifestação de intolerância e violência. Destas, destacaram-se as expressões “agredida” (6 casos); “hostilizada” (23 ocorrências), “vítima” (17) e “xingada” (8).

Já as vozes presentes nesta situação pertenciam à redação (72), aos leitores (11), à Geisy (5), ao jornal El País (1), à ministra de política para mulheres Nilcéa Freire (1), ao deputado Vicente P. Silva (1), e à UNE (1). Nota-se, portanto, que a voz que predominou foi a da redação, consistindo em 78% das expressões sobre Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência.

Nota-se que o uso das fontes foi importante nesse processo de caracterização da aluna, pois os alunos, a Uniban e os docentes da Uniban se posicionaram contrários ao enquadramento de intolerância, enquanto que Geisy se posicionou favorável. Essas expressões demonstram o posicionamento que cada personagem envolvido assumiu perante o ocorrido, porém as demais vozes (redação e leitores) se colocaram tanto como contrárias como favoráveis, não

⁴⁵ Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM).

⁴⁶ Deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores

assumindo exclusivamente uma posição. Em relação às expressões neutras a esse enquadramento, foram levantados os seguintes dados:

Quadro 4: Expressões referentes à estudante Geisy neutras em relação ao enquadramento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
"Affaire" Geisy	***	Redação (1)	Ironia
(Transformada em) ré	Redação (1)	Redação (2)	
1,70 metros	Redação (1)	***	
20 (anos)	Chicago Tribune (1); Redação (21)	Redação (1)	
Aluna / Estudante (do curso) de turismo da Uniban	Redação (4)	***	
Apenas errou de traje e fez tremer fortalezas indefesas	***	Redação (1)	
Cabelos loiríssimos esticados	Redação (1)	***	
Colega	Redação (3)	Leitor (2)	
Colega indefesa	***	Redação (1)	
Duplamente punida	UNE (1)	***	
Descobre que você não pode ser sensual demais no Brasil	Chicago Sun-Times (1)	***	
Ela	Advog Geisy (1); Aluno (6)	***	
Elo mais fraco	***	Redação (1)	
Estudante / aluna	Uniban (6); ent. Fem. (1); aluno (1); redação (61); prof (1); Chicago Sun-Times (1)	Redação (14); Uniban (2); Leitor (10)	
Estudante / Aluna da Uniban	Redação (4)	***	
Estudante / aluna de turismo (do primeiro ano do curso noturno de turismo da Uniban)	Redação (7)	Redação (2)	
Estudante / aluna Geisy	The Washington Post (1)	Leitor (2); redação (1)	
Estudante / aluna Geisy Arruda	Chicago Tribune (1); Redação (10)	Redação (6)	
Estudante Brasileira / do Brasil	NYTimes(1), The Guardian (1), The Daily Telegraph (1), Chicago Tribune (1), The Washington Post (1), CBS News (1), redação (1)	***	
Estudante Geisy Villa Nova Arruda	Redação (4)	***	
Eu não quero ver a Geisy pelada, eu quero ver o boletim da Geisy. Isso ninguém mostra	***	Redação (2)	Ironia
Ex-aluna	***	Redação (1)	
Expulsa	Redação (3); El País (1); Clarín (1); China Daily (1)	Redação (2)	
Famosa	Redação (1)	***	
Ficou conhecida no país inteiro	***	Redação (1)	

Filha de uma dona de casa e de um supervisor de serviços, ambos apenas com o primário completo	Redação (1)	***	
Foi disputada por programas de TV	Redação (1)	***	
Garota	Redação (5)	Leitor (4)	
Geisy	Uniban (1); redação (39)	Redação (31), Leitor (2)	
Geisy Arruda	Redação (23)	Leitor (7); redação (3)	
Geisy da Uniban	***	Redação (8)	
Geisy Villa Nova Arruda	Redação (4)	***	
Gongada no 'Esquadrão da Moda'	***	Redação (1)	Ironia
Já está recusando convites para eventos	Redação (1)	***	
Já trabalhou em um mercadinho	Redação (1)	***	
Jovem	Redação (15)	Redação (2)	
Jovem loira	***	Redação (1)	
Linda Geisy	Site chileno (2)	***	
Loira da Uniban	***	Redação (4)	
Loura / loira	***	Redação (2)	
M / Michele / Michele Vedras (nome fictício inventado por ela em um blog)	Redação (22)	***	
Menina	Ent. Fem. (1); vestibulanda (1); Aluno (1)	Redação (3)	
Moça	Redação (2)	Leitor (5); redação (10)	
Mora em um bairro popular em Diadema	Redação (1)	***	
Mulher	The Guardian (1); redação (1)	***	
Não é a única (a usar roupas ousadas na faculdade)	Mãe de Geisy (1); Aluno (1)	***	
Não errou ao usar um vestido curto	***	Leitor (1)	
Não quer mais dar entrevistas	Redação (1)	***	
Olhos verdes	Redação (1)	***	
Quase foi expulsa	Redação (1)	***	
Readmitida depois de uma gritaria geral	Redação (1)	***	
Superboa pessoa	Amiga (1)	***	
Tem ficado reclusa	Redação (1)	***	
Tem um irmão de 32 e duas irmãs (30 e 16)	Redação (1)	***	
Transferida para outro prédio	Redação (1)	***	
Universitária	Redação (3)	***	

Como verificado no Quadro 4, ocorreram 289 expressões informativas neutras e 136 opinativas neutras para compreensão do acontecimento como caso de intolerância e violência. Assim, no total, em relação à descrição de Geisy contou-se 425 expressões neutras (75,3%), 92 favoráveis (16,3%) e 47 contrárias (8,4%) ao enquadramento do caso como manifestação de intolerância e violência.

Esses dados encontram-se disponíveis na tabela abaixo:

Tabela 1: Enquadramentos referentes à estudante Geisy Arruda

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	26	21	47	4,6%	3,7%	8,4%
Favoráveis ao caso como intolerância	27	65	92	4,8%	11,5%	16,3%
Neutros	136	289	425	24,1%	51,2%	75,3%

Outro fator avaliado foi em relação às expressões e frases presentes no jornal sobre a Uniban. Este pode ser consultado nos quadros a seguir (Quadro 5, 6 e 7):

Quadro 5: Expressões caracterizando a Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Ambiente de respeito	Vestibulanda (1)	***	
Deu a estudante direito de defesa, mas ela não quis indicar pessoas que pudessem defendê-la	Uniban (1)	***	
É casa de saber e não de atentado ao pudor	***	Leitor (1)	
Esta faculdade é aquela em que havia uma loira de pernas de fora	***	Redação (1)	
Faculdade da pelada	Cidadão (1)	***	
Instituição que se propõe a fazer um trabalho educativo	Prof. externo (1)	***	
Lugar de estudar	***	Leitor (1)	
Universidade' cujo reitor vem a público defender tais protestos (dos alunos contra Geisy)	***	Leitor (1)	Ironia
Instituição educadora / Ambiente educativo	Prof. UNB (1)	Leitor (1)	

Houve apenas 10 casos de expressões referentes à Uniban contrárias ao enquadramento de intolerância e violência. Nestes casos, o foco foi enfatizar a universidade como ambiente de estudo e respeito, no qual não seria apropriado o uso de determinado traje, e salientar a postura da aluna como contrária a este ambiente, ou seja, sugerindo indiretamente a transgressão da aluna em relação ao ambiente em que se encontrava ao invés da violência sofrida por esta.

As vozes que se posicionaram dessa maneira foram as da redação (1), de leitores (4), de professor da UNB (1), de professor externo (1), de cidadão (1), da Uniban (1) e de vestibulando (1). Nota-se que a redação não se posicionou muito dessa maneira (apresentou apenas uma expressão desse tipo), preferindo utilizar fontes para expressarem essa questão.

Além disso, pode-se constatar ainda que metade das expressões esteve presente em textos informativos e metade em opinativos (5 expressões em cada gênero), havendo um equilíbrio entre expressões favoráveis veiculadas em cada gênero, já que neste jornal o

número total de textos jornalísticos do gênero informativo e opinativo foi praticamente o mesmo (45 e 42, respectivamente).

Já as expressões favoráveis a esta compreensão se encontram no quadro a seguir:

Quadro 6: Expressões sobre a Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Uniban	Vozes/frequência Informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Alvo de protestos	Redação (1)	***	
Escola que pune a vítima humilhada para respaldar a brutalidade e a covardia de uma turba excitada com a própria fúria	***	Redação (1)	
Está completamente desvirtuada do que deveria ser	Entidade fem. (1)	***	
Fábrica de açougueiros	***	Redação (1)	Ironia
Faculdade que busca proteger um bando de arruaceiros atacando o elo mais fraco	***	Redação (1)	
Farsantes	***	Redação (1)	
Fascista e covarde quadro diretor	***	Leitor (1)	
Incapaz de garantir a segurança de seus alunos	***	Redação (1)	
Instituição localizada em outra parte do mundo e não no século 21, num país com as características do Brasil	***	Redação (1)	Ironia
Instituição que ficaria melhor na Idade Média	***	Leitor (1)	Ironia
Intolerante para questões de moralidade deste nível	Entidade fem. (1)	***	
Lamentável estado de educação	***	Redação (1)	
Mais insensíveis algozes	***	Redação (1)	
Oban	***	Redação (1)	
Tem moral de jegue	***	Redação (2)	Ironia
Universidade como essa e desrespeito à liberdade da mulher produzem resultados que excluem mais da metade da população - o gênero feminino - dos seus direitos plenos	***	Redação (1)	
Universidade Taleban / Taleban	***	Redação (7)	

Em relação às fontes, nota-se que foram veiculadas apenas as seguintes vozes: redação (20), entidade feminina (2) e leitor (2), suprimindo as vozes dos envolvidos diretamente no ocorrido ou estes não se manifestaram com este posicionamento.

As expressões em relação à Uniban que constroem o enquadramento do acontecimento como manifestação de violência e intolerância consistiram em sua maioria de expressões de críticas à universidade e sua postura, caracterizando-a diretamente como uma instituição intolerante, que não se preocupa com uma educação moral e crítica que respeite a diversidade.

Estas críticas predominaram em textos jornalísticos opinativos (21 casos), já que nas informativas houve apenas 3 ocorrências de expressões deste tipo (uma partindo da própria redação e as outras duas de entidade feminina).

Por meio desse dado é possível verificar que o jornal praticamente não se posicionou contrário à Uniban (instituição em si) em textos informativos, ao contrário, nestas preferiu-se utilizar termos neutros como “Uniban” e “faculdade”, por exemplo.

Aliás, no geral, a maioria das expressões referentes à Uniban foi caracterizada como neutra em relação facilidade/dificuldade de interpretação do ocorrido como violência. Essas expressões são visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 7: Expressões caracterizando a Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
159° (lugar entre) em 175 avaliadas	***	Leitor (1); redação (1)	
16° pior do país	***	Redação (1)	
4° maior universidade do Brasil em matrículas	***	Redação (1)	
Ambiente	Uniban (1)	***	
Ambiente acadêmico / Entidade acadêmica / Academia	Redação (1)	Leitor (3); Redação (1)	
Ambiente escolar	Uniban (1)	Uniban (2); Redação (1)	
Ambiente universitário	***	Leitor (1)	
Belo ambiente	***	Redação (1)	Ironia
Campus	Redação (6)	***	
Campus da Uniban	Redação (2)	***	
Campus da Uniban em São Bernardo do Campo	Redação (2)	Redação (1)	
Campus de São Bernardo [do Campo] / do ABC	Redação (4)	Redação (2)	
Dependências escolares	Redação (1)	***	
Escola	Redação (2); Aluno (1)	Redação (4); Leitor (2)	
Espaço que deveria promover a discussão	Entidade fem. (1)	***	
Faculdade	Redação (16); Aluno (1); Geisy (1); segurança Uniban (1)	Redação (3); Leitor (6)	
Faculdade'	***	Leitor (1)	Ironia
Faculdade de turismo	Redação (1)	***	
Faculdade em São Bernardo do Campo	***	Redação (2)	
Faculdade particular em São Paulo	Redação (1)	***	
Imagine o que vão pensar dessa universidade, onde os alunos tomam conta desse jeito	Aluno (1)	***	
Instituição	Redação (8); Sec. Educ Sup. ⁴⁷ (2)	Redação (6); Leitor (1)	
Motivo de chacota (no plano internacional)	***	Redação (1)	
Parece colégio	Aluno (1)	***	
Último lugar no ranking de universidades	***	Redação (1)	
Uniban	Redação (101); Aluno (1)	Redação (58); Leitor (18); Universitário(1)	

⁴⁷ Secretaria de Educação Superior.

Universidade	Redação (45); Uniban (3); ent. Fem. (4); MEC (1); Chicago Tribune (1); Professor (2)	Redação (20); Leitor (9)	
Universidade Bandeirante [de São Paulo]	Redação (5)	Redação (1); Leitor (1)	
Universidade brasileira	The Guardian (1)	***	
Universidade de São Bernardo	Redação (2)	***	
Universidade paulista [Uniban]	***	Redação (2)	
Universidade privada	Chicago Tribune (1)	***	

Houve 378 expressões deste tipo referente à Uniban, sendo que 223 foram veiculadas em textos não opinativos e 151 opinativos. Assim, no cômputo geral, em relação à Uniban veicularam-se 378 expressões neutras, 24 favoráveis e 10 contrárias ao enquadramento de intolerância e violência.

Comparando com as expressões referentes à Geisy, nota-se que o jornal se posicionou mais quando se referia à aluna do que quando se referia à universidade, já que das 412 expressões relativas à Uniban, 91,8% foram neutras, 5,8% favoráveis e 2,4% contrárias, enquanto que das 564 expressões referentes à Geisy, 75,3% foram neutras, 16,3% foram favoráveis e 8,4% contrárias à visualização do acontecimento como caso de intolerância e violência.

Neste caso, nota-se uma preferência por emitir um juízo de valor a uma pessoa individual e não a uma instituição (no caso a 4º maior universidade do Brasil em número de matrículas). Esses dados encontram-se disponibilizados na Tabela 2:

Tabela 2: Enquadramentos referentes à Uniban

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	5	5	10	1,2%	1,2%	2,4%
Favoráveis ao caso como intolerância	21	3	24	5,1%	0,7%	5,8%
Neutros	151	223	374	37,0%	54,7%	91,8%

Além da Geisy e da Uniban, também se estudou as expressões referentes aos estudantes. Em relação a estes foram coletados os dados presentes nos quadros 8, 9 e 10.

Quadro 8: Expressões referentes aos alunos contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem aos estudantes	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Acham que a garota se vestiu com minissaia simplesmente para mostrar seu corpo	***	Leitor (1)	
[Cerca de] 700 colegas	Redação (2)	Redação (2)	
Colegas	Redação (14); Uniban (2)	Redação (3); Leitor (2)	
Crianças mimadas e covardes	***	Leitor (1)	
Manifestantes	Redação (1)	***	
Meninos / meninas	***	Redação (2); Leitor (2); Aluna (1)	

Como exposto no Quadro 8, houve 33 casos de expressões referentes aos alunos contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência. Do total das expressões, 19 estavam presentes em textos informativos e 14 opinativos, sendo que 6 partiram de leitores, 24 da redação, 2 da Uniban e 1 de aluno.

Os termos “meninos/meninas” e “crianças mimadas e covardes” foram classificados como contrários, pois estes trazem conceitos como infância, fragilidade, ingenuidade, imaturidade e não responsabilidade (cujos pais ainda respondem pelos atos). Essa associação dificulta a compreensão de violência, pois afinal a violência que uma criança pode exercer é bem diferente da de um adulto, como, por exemplo, poderia um grupo de crianças ameaçar uma jovem de estupro coletivo?

Outra expressão classificada como contrária foi “manifestantes”, pois este termo revela um posicionamento sobre determinada situação, mas não agrega a idéia de que esta expressão se deu de maneira violenta. Ou seja, o termo demonstra que o grupo expressou sua opinião (o que seria legítimo), mas não demonstra que essa expressão ocorreu por meio do uso da violência e do constrangimento.

Ainda foi destacada a expressão “acham que a garota se vestiu com minissaia simplesmente para mostrar seu corpo”, que salienta a exposição dos alunos de que ela “provocou” a situação, pois, segundo eles, o objetivo da aluna era justamente se expor e chamar a atenção de todos.

Em relação aos estudantes envolvidos no acontecimento, se observa uma diferença de posicionamento conforme a fonte: Geisy Arruda se referiu, exclusivamente, a eles como “pessoas que me agrediram”, “alunos que fizeram aquele vandalismo” e “bando de vândalos” (2 ocorrências), enquanto a Uniban como “colegas” (2 ocorrências) e “alunos” (5

ocorrências), como observado no Quadro 9. Já a redação optou majoritariamente pelo uso das mesmas expressões utilizadas pela Uniban: “alunos” (13 ocorrências) e “colegas” (17 casos), como colocado no Quadro 8.

O jornal e a Uniban não se posicionam em relação aos alunos de maneira a responsabilizá-los ou criticá-los pelo ocorrido, ao contrário, o termo “colegas” suavizou a situação, demonstrando uma relação positiva entre os alunos e Geisy Arruda de amizade e camaradagem, porém, como observado, Geisy deixa explícita sua aversão a eles, caracterizando-os, unicamente, como vândalos e agressores, como verificado no quadro abaixo:

Quadro 9: Expressões referentes aos alunos favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem aos estudantes	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
700 agressores	***	Redação (1)	
Agressores	Redação (2)	Redação (1)	
Algozes	***	Redação (1); Leitor (1)	
Alunos em fúria	***	Redação (1)	
Alunos que fizeram aquele vandalismo / bando de vândalos	Geisy (2)	***	
Alunos que hostilizaram	Redação (1)	***	
Animais	***	Leitor (1)	
Autores da tortura psicológica e moral	***	Redação (1)	
Bárbaros	***	Leitor (1)	
Boças	***	Redação (2)	
Brutos	***	Redação (1)	
Cavalos matriculados	***	Leitor (1)	
Centenas a ameaçar a colega	***	Redação (1)	
Colegas que a submeteram à tortura moral e psicológica	***	Redação (1)	
Com seu moralismo rançoso	***	Redação (1)	
Dezenas ou centenas desejosos de alcançá-la em seu refúgio precário	***	Redação (1)	
Erram ao agredir com palavras e ameaças de estupro	***	Leitor (1)	
Estudantes da Uniban que hostilizaram Geisy Arruda poderiam vivenciar no Irã um ambiente acadêmico de acordo com seus 'elevados padrões morais' e ainda trazer para o Brasil os últimos modelos de véu para as colegas	***	Leitor (1)	Ironia
Estudantes que a agrediram	Redação (1)	***	
Grande número de alunos	***	Leitor (1)	
Horda de estudantes intolerantes e mal educados	***	Redação (1)	
Linchadores	***	Leitor (2); redação (1)	
Machistas	***	Leitor (1)	
Milhares de alunos	***	Redação (1)	Hipérbole
Multidão de alunos	Redação (2)	***	
Os candidatos de polícia iraniana teriam muito que aprender com os alunos da Uniban	***	Leitor (1)	Ironia

Pareciam uma ralé do século XVI querendo tocar fogo numa perigosa bruxa	***	Redação (1)	
Pessoas que me agrediram	Geisy (1)	***	
Pessoas que se tornaram agressivas quando estão protegidas pelo anonimato da multidão	Redação (1)	***	
Quem sabe, prontos para nova 'reação coletiva de defesa do ambiente escolar'	***	Redação (1)	Ironia
Talebans / Talibãs	Redação (2); Cidadão (1)	***	
Têm um pensamento retrógrado	***	Leitor (1)	
Trogloditas	***	Leitor (1)	
Turba de irracionais	***	Leitor (1)	
Turba excitada com a própria fúria	***	Redação (1)	
Vândalos recalçados	***	Redação (1)	

Das 46 expressões referentes aos alunos que contribuíram para o enquadramento do ocorrido como ato de intolerância e violência, 13 apareceram em textos de caráter informativo e 33 de opinativo. Verifica-se, portanto, que os alunos foram caracterizados de maneira mais agressiva majoritariamente em textos opinativos (33 casos), havendo apenas 13 valorações deste tipo em textos informativos.

Destes termos, prevaleceram os que relacionaram os alunos com atitudes de agressão, tortura, vandalismo e/ou hostilização (como por exemplo, “vândalos”, “agressores”, “animais”, “bárbaros”, entre outros) e os que enfatizaram a quantidade de alunos que participaram do ocorrido (fato que agravou ainda mais a situação). Ainda foram encontrados termos que os qualificaram como: “machistas”, “talebans”, “irracionais”, acentuando que o ocorrido foi decorrente de uma postura intolerante para com o outro.

Em relação às vozes, nota-se a presença da redação (28 ocorrências), leitores (14 casos), Geisy (3) e cidadão (1), sendo que a Uniban e os alunos não pronunciaram expressões com essa característica, demonstrando mais uma vez os diferentes posicionamentos dos sujeitos envolvidos diretamente com o ocorrido e, portanto, das fontes que foram consultadas para elaboração do texto jornalístico.

Já as expressões neutras ao enquadramento estudado nesta dissertação podem ser observadas conforme o quadro a seguir:

Quadro 10: Expressões referentes aos alunos neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem aos estudantes	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
[Cerca de] 700 alunos / estudantes	Redação (5)	Redação (1)	
20 garotas de outros cursos	***	Aluna (1)	
Algumas centenas de marmanjos	***	Redação (1)	
Alguns alunos	***	Redação (1)	
Alunos / alunas / estudantes	Uniban (4); aluna (1); redação (9); entidade fem. (1)	Leitor (3); Uniban (1); Redação (4)	
Alunos / estudantes da Uniban	***	Redação (2); leitor (1)	
Alunos envolvidos no episódio / incidente	Redação (2)	***	
Alunos que armaram aquele barraco	***	Leitor (1)	
Alunos que participaram da bagunça	Vestibulanda (1)	***	
Bando de arruaceiros	***	Redação (1)	
Caretas	***	Redação (1)	
Causadores do tumulto	Redação (1)	***	
Culpados	Redação (1)	***	
Deviam preocupar-se em estudar, e não ficar olhando o comprimento do vestido da estudante	***	Leitor (1)	
Envolvidos	Redação (2)	Leitor (1)	
Estudantes de outros cursos que não o de turismo	Redação (1)	***	
Estudantes protestam contra o comprimento da saia de uma estudante	***	Leitor (1)	
Exaltados	Redação (1)	***	
Fico com pena do baixo nível intelectual dos 'universitários' fazedores de algazarra	***	Leitor (1)	
Garotas que compactuaram com o episódio	***	Leitor (1)	
Garotos	Redação (1)	***	
Jovens	***	Redação (2)	
Massa	Redação (1)	***	
Nossos universitários	***	Redação (1)	
Os rapazes ficaram paralisados. Alguns conseguiram se mexer. Mas para ir ao prédio vizinho, chamar colegas para ver também	Redação (1)	***	
Os rapazes podiam ser preconceituosos	***	Redação (1)	
Por que esses jovens não direcionam o foco de sua indignação para a corrupção e outras mazelas do nosso país?	***	Leitor (1)	
Se revoltaram por causa de uma jovem loira de minissaia	***	Redação (1)	
Seis alunos	***	Redação (1)	
Seus pares	***	Redação (1)	
Sofrem das faculdades mentais	***	Redação (1)	Ironia
Turba	***	Redação (5); Leitor (1)	
Turba de estudantes	***	Leitor (1)	
Um grupo de seis a oito estudantes	Redação (1)	***	
Universitários	***	Leitor (2); redação (1)	
Universitários	***	Redação (5)	Ironia

Constatou-se a presença de 80 expressões relacionadas aos estudantes que foram classificadas como neutras à compreensão do acontecimento como caso de violência e intolerância, destas 33 estavam presentes em textos informativos e 47 em opinativos. Dentre estas, observa-se a presença de diversas expressões pejorativas, como “arruaceiros”, “caretas”, “universitários”, entre outros, mas que não relacionam os alunos como sujeitos efetuidores de violência, ou melhor, desviam o foco da violência e intolerância para caretece, tumulto, arruaça, exaltação, bagunça, barraco, descaracterizando o acontecimento. Assim, foram considerados como neutros, pois apesar de serem caracterizados de maneira pejorativa essa caracterização não esteve vinculada à idéia de violência e intolerância.

Em relação às vozes, verifica-se a presença majoritária da redação (56), seguida da dos leitores (15), da Uniban (5), de alunos (2), de entidade feminina (1) e de vestibulanda (1).

Do total das expressões relativas aos alunos, 21% foram contrárias ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância e violência, 29% favoráveis e 50% neutras. Além disso, também observou-se que 59% esteve presente em textos opinativos e 41% em informativos, predominando a abordagem sobre os alunos em textos de opinião, conforme dados apresentados na tabela abaixo:

Tabela 3: Enquadramentos referentes aos alunos

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	14	19	33	8,8%	11,9%	21%
Favoráveis ao caso como intolerância	33	13	46	20,8%	8,2%	29%
Neutros	47	33	80	29,6%	20,8%	50%

Comparando as expressões referentes aos sujeitos, nota-se que o jornal se posicionou mais em relação aos alunos (com 21% das expressões contrárias, 29% favoráveis e 50% neutras) do que em relação à Geisy (com 8,4% contrárias, 16,3% favoráveis e 75,3% neutras) e à Uniban (com 2,4% contrárias, 5,8% favoráveis e 91,8% neutras). Na análise de todos os sujeitos envolvidos no acontecimento predominou o enquadramento neutro, seguido do favorável, no entanto observa-se que houve menos valorações em relação à Uniban (8,2%), perante a qual o jornal manteve mais um posicionamento neutro do que em relação aos demais sujeitos, notando-se, como já falado, uma preferência para emissão de juízos de valor às pessoas e não a uma instituição.

Além dos personagens envolvidos também foi analisado o enquadramento dado relativo ao comportamento e vestimenta da aluna Geisy. Estes dados podem ser visualizados nos quadros a seguir (Quadros 11, 12 e 13).

Quadro 11: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao comportamento e vestimenta de Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A falta de uma postura ética de Geisy Arruda causou sua expulsão	Uniban (1)	***	
A menina abusou	Vestibulanda (1)	***	
A postura dela não era adequada há algum tempo	Uniban (1)	***	
A sensualidade fora do contexto arrebatou e desorganizou	***	Redação (1)	
Andava rebolando / Andar rebolado	Aluno (1)	Redação (1)	
Aquilo não é roupa para ir à aula	Vestibulanda (1); Aluno (1)	***	
Atentado ao pudor	***	Leitor (1)	
Atitude provocativa	***	Uniban (1)	
Atitudes insinuantes / se insinuava para os outros	Uniban (3)	***	
Atitudes insinuantes de se portar, de falar, de rebolar	Uniban (1)	***	
Aumentou "sua exposição e ensajou, de forma explícita, os apelos de alunos"	Uniban (1)	***	
Aumentou a curiosidade e interesse de mais alunos e alunas	Uniban (1)	***	
Bonito, né ... Vir à faculdade dessa maneira	Segur. Uniban (1)	***	Ironia
Buscou chamar a atenção para si por conta de gestos e modos de se expressar	Uniban (1)	Uniban (1)	
Causando o tumulto	Uniban (1)	***	
Conduta descabida	***	Leitor (1)	
Deixando à mostra pernas, joelhos e parte das coxas	***	Leitor (1)	
Deixou cair uma carteira de propósito só para ter de se agachar	Aluno (1)	***	
Desrespeito (aos princípios éticos), à dignidade acadêmica e à moralidade	Chicago Tribune (1); Uniban (5)	***	
Desrespeito à figura do professor	***	Leitor (1)	
Ela extrapolava, rebolando na rampa, usando roupas que os colegas pudessem verificar suas partes íntimas	Uniban (1)	***	
Ela queria chamar a atenção para si e conseguiu seu intento com êxito	***	Leitor (1)	
Ela sempre anda assim, de um jeito ousado	Aluno (1)	***	
Ela veio provocar	Aluno (1)	***	
Ensejou de forma explícita os apelos dos alunos	***	Uniban (1)	
Era insinuante	***	Redação (1)	Ironia
Erra ao violar um ambiente acadêmico, causando transtorno	***	Leitor (1)	
Essa nobre senhorita se veste com tamanha vulgaridade ao ir à igreja, ao trabalho, num velório?	***	Leitor (2)	Ironia
Estava provocando, 'causando'	Aluno (1)	***	
Falta de postura ética	Uniban (1)	***	
Fazer percursos maiores que o habitual / Optou por um percurso maior	Uniban (1)	Uniban (1)	
Fez percurso maior que o habitual aumentando sua exposição [e ensajando, de forma explícita, os apelos dos alunos]	Uniban (1)	Uniban (1)	

Flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade'	Uniban (1)	Uniban (1)	
Gostava de provocar os meninos	***	Uniban (1)	
Imoral	***	Leitor (3)	
Mau comportamento	***	Leitor (1)	
Microvestido	Redação (6)	Redação (2); Leitor (1)	
Microvestido rosa / rosa choque	Redação (3)	***	
Microvestido vermelho	Redação (1)	***	
Minissaia	The Guardian (1), Redação (2), The Daily Telegraph (1); El País (1)	Leitor (4); Redação (8)	
Minivestido	NY Times (1), Chicago Tribune (1), CBS News (1); Redação (2); The Washington Post (1), China Daily (1)	***	
Minivestido rosa	***	Redação (1)	
Não sabia o que estava fazendo quando adentrou com sua sensualidade o espaço que não estava preparado para reprimir	***	Redação (1)	
O erotismo e o modo de vestir-se e de se portar dessa garota desviava a atenção dos alunos	***	Leitor (1)	
O modo de se vestir e se portar também é tradução pessoal da medida de consideração (ou desconsideração) para com a academia e para consigo mesmo	***	Leitor (1)	
O problema não era a roupa, mas a forma de se portar, de falar, de rebolar [de cruzar a perna, de caminhar] / O foco é a postura, os gestos, o jeito dela se portar	Uniban (3)	Uniban (1)	
O que não dá é para dizer que a moça se exibir não é problema, é direito	***	Redação (1)	
Pernas nuas com pelinhos oxigenados à vista	Redação (1)	***	
Possível caminhar provocante	***	Redação (1)	
Postura incompatível com o ambiente (da universidade)	Uniban (4); Redação (1)	***	
Prejudicando o bom desempenho daqueles que ali se encontravam na luta por um espaço no mercado de trabalho nesse mundo altamente competitivo	***	Leitor (1)	
Provocou assédio	Uniban (1)	***	
Provocou os colegas	Uniban (2)	***	
Quase provocam o linchamento	***	Redação (1)	
Roupa curta	***	Redação (1)	
Roupas curtas e decotes	Uniban (2)	***	
Roupas inadequadas	CBS News (1)	***	
Roupas ousadas	Aluno (1)	***	
Saia curta	***	Leitor (1)	
Se lavar encolhe. Ou seja, desaparece	***	Redação (3)	Ironia
Se negou a complementar sua vestimenta	Uniban (1)	***	
Se portar de maneira provocativa com o ambiente da universidade	CBS News (1)	***	
Subiu com as mãos o vestido que usava, deixando-o mais curto / Você teria puxado o seu vestido	Uniban (2)	***	
Suscitam a reação brutal sofrida pela moça	***	Redação (1)	
Trajes definidos como inadequados	***	Redação (1)	

Trajes inadequados/Roupas inapropriadas/inadequadas	Uniban (2), prof. (1); Redação (1); Aluno (1)	Uniban (2)	
Transgride as regras básicas da universidade	***	Leitor (1)	
Vestido considerado [muito] curto [pelos manifestantes]	Redação (3)	Redação (1)	
Vestido curto	Redação (17); The Guardian (1)	Redação (4); Leitor (1)	
Vestido ousado, talvez não exatamente próprio para quem vai assistir uma aula	***	Redação (1)	
Vestimenta totalmente inadequada utilizada em um ambiente educativo	***	Leitor (1)	
Vestir-se com muita sensualidade	Clarín (1)	***	
Violou o artigo 215 e seguintes do Regimento Interno da Universidade	***	Uniban (1)	

De acordo com o Quadro 11, houve 164 expressões a respeito do comportamento e vestimenta de Geisy contrárias à compreensão do enquadramento do ocorrido como caso de intolerância e violência, sendo que 99 estiveram presentes em textos informativos e 65 em opinativos. Destas destacou-se o comprimento e inadequação da roupa (“vestido curto” [23], “trajes inadequados” [7], “minissaia” [17], “minivestido” [7], “microvestido” [9]), além de enfatizar que estes consistiram em ato de “desrespeito à dignidade acadêmica e à moralidade” (6). A descrição da roupa foi considerada como contrária ao enquadramento analisado, pois frisou o comprimento da vestimenta, salientando a visão dos estudantes.

Das vozes que se manifestaram a esse respeito predominaram as da redação (67 casos), dos leitores (24), dos alunos (8), da Uniban (48) e da imprensa internacional (13), em mais um caso, não houve a presença da voz de Geisy para manifestar expressões contrárias.

Em relação às expressões favoráveis, verificaram-se os dados encontrados no quadro a seguir:

Quadro 12: Expressões referentes ao comportamento e roupa de Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao comportamento e vestimenta de Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
"Claro", tudo isso aconteceu por ela ter tido posturas provocantes	***	Redação (1)	Ironia
Em caso de estupro, aliás, a gente sabe que a culpa é sempre da mulher. Quem manda usar minivestido, hein?	***	Redação (1)	Ironia
Inadequação' da roupa	***	Redação (1)	Ironia
Minha roupa só diz respeito a mim, respeito todo mundo e quero ser respeitada.	Geisy (2)	***	
Minivestido rosa fúcsia considerado provocante demais pela cartilha púdica (e hipócrita) de alguns alunos	***	Redação (1)	
Pecado' de estar vestindo uma minissaia	***	Leitor (1)	Ironia

Como observado, das expressões favoráveis 2 foram veiculadas em texto informativo e 5 em opinativo. Verifica-se que destas, 4 casos consistiram do uso da ironia para criticar as justificativas dos alunos da Uniban diante do ocorrido. Além disso, também houve o posicionamento da Geisy em relação a essa questão, colocando que o que ocorreu foi uma falta de respeito para com ela e sua forma de se vestir e se posicionando como alguém que respeita as diferenças (“minha roupa só diz respeito a mim, respeito todo mundo e quero ser respeitada”, 2 ocorrências).

Considerando as fontes e vozes, é possível verificar que em relação ao comportamento e vestimenta de Geisy, a Uniban e os alunos se posicionaram de maneira contrária ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância e violência, enquanto que a Geisy se posicionou de maneira favorável.

Já as expressões neutras, podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Quadro 13: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao comportamento e vestimenta de Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A estudante e seu vestido foram destaque dentro e fora do país	Redação (1)	***	Ironia
Achou melhor sair da rampa no segundo andar e usar escada para chegar ao terceiro	Redação (1)	***	
Ameaçou processar a universidade	Redação (1)	***	
Anda arrumada, com salto alto e maquiagem	Geisy (1)	***	
Beleza não pasteurizada	***	Redação (1)	
Chorava, desmanchando a maquiagem	Redação (1)	***	
Cinco centímetros de perna de fora	***	Redação (1)	
É 'ridículo tamanho de saia ser assunto' no ambiente universitário. O pior é que se aparece uma menina crente, saia no pé, também ridicularizam	Universitária (2)	***	
Eu não quis provocar	Geisy (2)	***	
Eu sou assim	Geisy (2)	***	
Exercia seu direito, não ofendendo ninguém com tal atitude	***	Leitor (1)	
Fez o mesmo caminho que faz habitualmente para ir à sala de aula	Geisy (1)	***	
Ficava tirando fotos com as pessoas	Uniban (1)	***	
Maquiagem / Maquiagem de balada / Carregar na maquiagem	Redação (2)	Leitor (1)	
Modelito não é atentado ao pudor coisa nenhuma. É atentado ao bom gosto	***	Redação (1)	Ironia
Modelo Geisy / Modelito	***	Redação (3)	
Na balada ou na festa, seus trajes, sua maquiagem não levantaria a alma selvagem dos colegas	***	Redação (1)	
Não concordo [que usar vestido curto seja imoral]	***	Leitor (1)	

Não há lei ou norma religiosa que condene os modos de vestir e andar da moça	***	Leitor (1)	
Negou que tenha puxado o vestido para encurtá-lo	Geisy (1)	***	
Pegou todos de surpresa	***	Redação (1)	
Salto alto / 15	Redação (1)	Redação (2)	
Segurava uma bolsa enorme em uma mão e um fichário na outra, como levantaria o vestido?	Geisy (2)	***	
Sempre ando arrumada, salto alto e maquiagem. É assim que me vejo	Geisy (2)	***	
Sempre me vesti dessa maneira	Geisy (2)	***	
Traje que há anos não assusta nenhuma vovozinha	***	Leitor (1)	Ironia
Uma simples minissaia	***	Leitor (1)	Ironia
Uniforme de balada	***	Redação (1)	
Vestido nem tão curto	***	Leitor (1)	
Vestido pouco mais curto que o de Julie Andrews em "A Noviça Rebelde"	***	Redação (1)	
Vestido rosa / choque	The Guardian (1); Redação (1)	***	

Como verificado, houve 44 expressões que caracterizaram o comportamento e a vestimenta de Geisy neutras ao enquadramento do ocorrido como manifestação de violência e intolerância. Destas, 25 estavam presentes em textos informativos e 19 em opinativos.

No total, em relação ao comportamento e vestimenta da aluna, predominou o enquadramento contrário à intolerância e violência (com 164 ocorrências), em detrimento das favoráveis (7 casos) e neutras (44 casos). Esse é o primeiro caso em que houve o predomínio das expressões contrárias, nas demais vertentes analisadas houve o predomínio das expressões neutras seguidas das favoráveis, demonstrando que o jornal se posicionou de maneira mais conservadora quando abordou a vestimenta e o comportamento da aluna, enfatizando a transgressão de um código de vestimenta em detrimento da violência sofrida pela aluna. Esses dados encontram-se disponibilizados na tabela a seguir:

Tabela 4: Enquadramentos referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	65	99	164	30,2%	46,0%	76,3%
Favoráveis ao caso como intolerância	5	2	7	2,3%	0,9%	3,3%
Neutros	19	25	44	8,8%	11,6%	20,5%

Nesta análise, também foi verificado o enquadramento dado às atitudes e decisões da Uniban em relação ao ocorrido, ou seja, como esta agiu em detrimento da manifestação de violência e de intolerância ocorrida em suas dependências (destacando principalmente a

expulsão e a revogação da expulsão). Os dados referentes a essa posição encontram-se nos Quadros 14, 15 e 16, disponibilizados a seguir.

Quadro 14: Expressões referentes à atitude da Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem às atitudes da Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
(O 'dress code' aplicado pela Uniban) também é fundamental para instruir nos alunos um senso de integridade e de apreciação pelos valores e pela ética	***	Leitor (1)	
A decisão foi tomada após conclusão de sindicância	Uniban (1)	***	
A expulsão se justifica	Vestibulanda(1)	***	
A nota da universidade manifesta 'total repúdio' a qualquer manifestação de preconceito de gênero e qualquer forma de difamação ou violência	Redação (1)	***	
Acusa a estudante Geisy Arruda, de 20 anos, de desrespeitar os princípios éticos, a dignidade acadêmica e a moralidade	Chicago Tribune (1)	***	
Acusou Geisy de ter uma postura incompatível	Redação (1)	***	
Acusou-a, entre outras coisas, de freqüentar as dependências escolares 'em trajes inadequados, indicando uma postura incompatível com o ambiente da universidade'	Redação (1)	***	
Admite que recuo foi motivado por pressão da opinião pública	Redação (1)		
Agiu corretamente	***	Leitor (1)	
Cancela também suspensão de agressores	Redação (1)	***	
Chamar de puta uma colega pode ser considerado como um ato compatível com a dignidade da vida acadêmica, uma coisa ética	***	Leitor (1)	Ironia
Código de vestuário é comum em boas escolas superiores por todo o mundo	***	Leitor (1)	
Colheu depoimentos de Geisy e de alunos, professores e funcionários	Uniban (1)	***	
Compreender e aplicar esse comportamento (o 'dress code') não apenas serve para melhorar a qualidade de vida das pessoas como contribui para aprimorar os princípios de moral e, principalmente, manter a imagem do campus intacta	***	Leitor (1)	
Corajosa / Coragem	Vice reitor da Uniban (2)	Leitor (1)	
Correta' do ponto de vista 'estritamente disciplinar'	Vice reitor da Uniban (1)	***	
Decide expulsar a estudante em “razão do flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade”	Uniban (2)	***	
Deu uma aula grátis aos que se interessam por aprender	***	Leitor (1)	
Discriminalização das gostosas	***	Redação (1)	Ironia
Disse que havia feito alertas verbais	Redação (1)	***	
É complicado expulsar assim, de primeira	Vestibulanda(1)	***	
É radical, mas tem que expulsar mesmo	Vestibulanda(1)	***	
Em nome do respeito, ainda que tardiamente, um pouco de moral e decência foi reintroduzido no ambiente universitário	***	Leitor (1)	
Faltou pulso firme	Aluno (1)	***	

Foi expulsa corretamente da Uniban	***	Leitor (1)	
Foi um final feliz para todos	***	Leitor (1)	
Forma de culpabilizá-la pelos episódios de intolerância ocorridos	***	Leitor (1)	
Imparcial', também revogou a suspensão de seis alunos identificados entre os agressores	***	Redação (1)	Ironia
Indicadores de situações preocupantes	***	Redação (1)	
Instalou uma sindicância para apurar o que ocorreu	Redação (1)	***	
Já havia advertido verbalmente	Uniban (1)	***	
Não admite vestido curto	***	Redação (1)	
Não deveria ter voltado atrás	Aluno (1)	***	
O que levou a decisão não foi o vestido, mas a “postura” dela	Uniban (1)	***	
Penaliza a jovem	***	Redação (1)	
Punição adequada / faz parte do processo educativo	Aluno (1)	Leitor (1)	
Punição da Uniban [à Geisy]	Redação (3)	***	
Solidariedade aos colegas que a submeteram à tortura moral e psicológica	***	Redação (1)	
Tem, sim, o direito de fazer valer sua autoridade	***	Leitor (1)	
Tenho compromisso com 60 mil alunos	Uniban (1)	***	

De acordo com o Quadro 14, as expressões relativas à Uniban caracterizadas contrárias a compreensão do acontecimento como ato de intolerância e violência foram totalizadas em 46, sendo que destas, 27 eram textos informativos e 19 textos de opinião. Em geral, estas expressões concordam com a medida de expulsar Geisy Arruda, caracterizando-a como responsável pelo ocorrido.

Em relação às vozes, nota-se que predominou a da redação (16 casos), seguida dos leitores (13), da Uniban (8), dos alunos (3), de vestibulandos (3), do vice reitor (2) e do Chicago Tribune (1). Em mais um caso não houve citações de Geisy contrárias ao enquadramento de intolerância e violência.

Já as expressões mostradas no quadro a seguir, se colocaram contra a medida da Uniban, afirmando que esta reforçou a violência exercida pelos alunos. Das 96 expressões com essa característica, 48 estavam presentes em textos opinativos e 48 em textos informativos.

A maioria das expressões apareceu apenas uma vez nos textos estudados, sendo que as expressões favoráveis que tiveram maior frequência foram: “absurda”, com 9 ocorrências, e, “culpar a vítima”, com 3 casos.

Quadro 15: Expressões referentes à atitude da Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem às atitudes da Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A decisão da universidade, ao ver a reação contra a jovem como defesa do ambiente escolar, põe em risco todas as mulheres	Entidade feminina (1)	***	
A readmissão de Geisy não cancela a violência e as humilhações	***	Redação (1)	
A vítima passa a ser cada vez mais vítima - na condição de ré / de vítima a ré	Ministra Nilcéa Freire (1)	Redação (1)	
Absurdo	Mãe de Geisy (1); Geisy (6); Min. Nilcéa Freire(1)	Leitor (1)	
Acobertar, com presteza, os autores da tortura psicológica e moral	***	Redação (1)	
Adiciona o golpe da intolerância e do obscurantismo moralista à violência sofrida pela estudante	***	Leitor (1)	
Ameaça [de prática de mal injusto]	Advog Geisy (2)	***	
Atitudes simplificadas e autoritárias / Atitude autoritária	Ent. feminina (2)	***	
Ato obsceno	Advog Geisy (1)	***	
Barbárie	***	Leitor (1); Redação (1)	
Brutal	***	Leitor (2)	
Cárcere privado	Advog Geisy (2)	***	
Como é que a vítima é quem paga?	Deputado Vicente P. Silva (1)	***	
Componente de perversidade	***	Redação (1)	
Constrangimento ilegal	Advog Geisy (2)	***	
Consuma o serviço que os alunos haviam deixado pela metade / 'Completera o serviço' dos estudantes	***	Redação (2)	Ironia
Contramão dos princípios educacionais	Prof. UNB (1)	***	
Crimes cometidos contra a jovem	Redação (1)	***	
Culpar a vítima	***	Redação (3)	
Danos morais [e materiais]	Adv. de Geisy (1); Geisy (1)	***	
Demonstra intolerância e discriminação	Ministra Nilcéa Freire (1)	***	
Desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade	MEC (1)	***	
Deturpação de valores	***	Leitor (1)	
Deu chancela institucional aos atos de barbárie	***	Redação (1)	
Difamação	Advog Geisy (2)	***	
Discriminação	Ministra Nilcéa Freire (1)	***	
É mais um fato que nos obriga, a nós que amamos a liberdade, a permanecer alerta, para não sermos dominados por gente e instituições que ficariam melhor na Idade Média	***	Leitor (1)	
É uma excelente metáfora para mostrar como a universidade não está mais sendo universidade	Entidade feminina (1)	***	
Eles quiseram me humilhar ainda mais	Geisy (2)	***	
Epílogo de uma sucessão de equívocos marcados pela intolerância pela falta de educação e pela ausência de	***	Redação (1)	

política educacional e administrativa			
Escurecimento da falta de conhecimento, o obscurantismo que remete às cavernas	***	Redação (1)	
Estarrecido	***	Leitor (2)	
Evidencia porque as mulheres têm tanta dificuldade em trilhar o caminho do poder	***	Redação (1)	
Expulsão da estudante é um retrocesso e mostra falta de compromisso da instituição com a educação	Entidade feminina (1)	***	
Ficou evidenciado o quanto esse tipo de preconceito ainda está enraizado em nossa sociedade	***	Redação (1)	
Foge à razoabilidade	Promotor(1)	***	
Foi intolerante ou discriminou a estudante	Redação (1)	***	
Fruto de um fundamentalismo religioso reacionário	***	Leitor (1)	
Incitação ao crime	Advog Geisy (2)	***	
Injúria	Advog Geisy (2)	***	
Injustiça	Vestibulanda(1)	***	
Inspiração preconceituosa	***	Leitor (1)	
Inevitável prepotência a desses diretores	***	Redação (1)	Ironia
Inverteram os papéis entre vítima e réu	***	Leitor (1)	
Invoca um zelo pedagógico que não tem para satisfazer a vontade fascista da maioria e preservar os negócios	***	Redação (1)	Ironia
Junta machismo máximo com burrice aguda	***	Redação (1)	
Lembra posturas islâmicas fundamentalistas	Promotor (1)	***	
Machista	UNE (1)	***	
Mantinha quatro funcionários rastreando vídeos divulgados no YouTube com cenas das agressões à aluna	Redação (1)	***	
Mostra que ainda existe discriminação e reforça a existência do preconceito	Entidade feminina (1)	***	
Muito assustador	***	Redação (1)	
Não acredito que educadores, na verdadeira acepção do verbo educar, do conceito histórico de educação, possam ter tomado uma decisão com essa radicalidade	Professor UNB (1)	***	
Negando seu papel educador	***	Redação (1)	
O 'mal' e o 'bem' se embaralham cruelmente	***	Redação (1)	
O objetivo desse trabalho era pedir o site YouTube que removesse as imagens	Redação (1)	***	
Puniu (sem desfaçatez) a vítima	***	Redação (1); Leitor (1)	
Reação em cadeia de caretes, com direito à ressurreição de manuais de estilo jurássicos	***	Redação (1)	
Remete àquela velha história bíblica segundo a qual a mulher é a culpada por todos os pecados	***	Leitor (1)	
Repugnante	***	Leitor (1)	
Requinte de desumanidade mais adequado para a sessão de medo e terror a que a moça foi submetida	***	Redação (1)	Ironia
Retrocede cem anos nas conquistas pelos direitos das mulheres e pela igualdade entre os sexos	***	Leitor (1)	
Se propaga uma nova idéia: estupro, mas paga	***	Leitor (1)	Ironia
Show de autoritarismo	***	Redação (1)	
Talvez o Conselho da Uniban, para chegar à sua decisão, tenha se reunido num boteco. Numa universidade é que não pode ter sido	***	Redação (1)	
Tão imoral quanto à expulsão é o 'perdão'	***	Redação (1)	
Transforma a incitação ao estupro de uma jovem açoitada na universidade por algumas centenas de marmanjos em 'reação coletiva de defesa do ambiente escolar'	***	Redação (1)	

Transformou Geisy em culpada pela agressão de que foi vítima	Ministra Nilcéa Freire (1)	***	
Um grave erro	Dep. fed. Vicente P. Silva (1)	***	
Vai na contramão do século que pretende instruir	***	Redação (1)	
Violência sexista	UNE (1)	***	
Vítima virou ré / é transformada em ré	***	Redação (2)	

Como observado houve a presença de 13 vozes distintas que se manifestaram dessa maneira: redação (34), advogado de Geisy (14), leitor (17), UNE (2), mãe de Geisy (1), entidade feminina (6), Geisy (9), vestibulanda (1), ministra (5), deputado (2), professor UNB (2), MEC (1) e promotor (2).

Ao comparar com as expressões contrárias ao enquadramento de intolerância e violência, percebe-se que neste foram veiculadas 7 vozes distintas, em detrimento das 13 presentes em expressões favoráveis. Assim, além do jornal apresentar uma quantia maior de expressões favoráveis (96 casos) do que contrárias (46 ocorrências), ainda apresentou mais sujeitos/instituições que se posicionaram favoráveis a essa questão do que contrários, podendo gerar o sentido de que apenas uma minoria se posiciona contrária à caracterização do acontecimento como violência.

Já as expressões referentes à atitude da Uniban neutras ao enquadramento de intolerância e violência apresentaram 118 casos, sendo que, destes, 88 apareceram em textos informativos e 30 em textos opinativos, como demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 16: Expressões referentes à atitude da Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem às atitudes da Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A função da Uniban era promover um debate, e não mandar a estudante embora	Entidade feminina (1)	***	
A medida	Redação (2)	***	
A tornou símbolo do atraso	***	Redação (1)	
Anula expulsão	Redação (1)	***	
Arbitrariedade	Ministra Nilcéa Freire (1)	***	
Assina seu atestado de incompetência / expulsão atesta incompetência	Entidade feminina (2)	***	
Ato	Redação (1)	***	
Ato radical	Alunos (1); Prof. UNB (1)	***	
Autonomia de ir e vir não é assegurada	***	Redação (1)	
Cinismo implícito em cada linha da 'justificativa' publicada pela Uniban	***	Leitor (1)	

Como assim eles me mandaram embora?	Geisy (1)	***	
Como me expulsaram? / Como posso ser expulsa?	Geisy (2)	***	
Como puderam fazer isso?	Geisy (2)	***	
Decide 'exilar' Geisy	Redação (1)	***	
Decidiu tornar público o fato [da expulsão]	Uniban (1)	***	
Decisão	Redação (3)	Redação (1); Leitor (1)	
Decisão de expulsar [aluna]	Redação (5)	***	
Decisão errada	Vestibulando(2)	***	
Decisão precipitada	Prof. UNB (1)	***	
Deram declarações infelizes	***	Leitor (1)	
Desexpulsão / Desistir da expulsão	Redação (1)	Redação (1)	
Deveria haver um amplo diálogo	Prof. UNB (1)	***	
Difícil de acreditar	***	Leitor (1)	
Disse que Geisy teria seguranças por perto em sua volta à faculdade	Redação (1)	***	
Divulgou pelos jornais a decisão de expulsar a aluna	Redação (1)	***	
É um momento para ela se repensar como instituição educadora	Prof. UNB (1)	***	
Erra ao não esclarecer a todos que existe um código de vestuário	***	Leitor (1)	
Esta é uma excelente oportunidade para universidade pensar seu conceito	Professor UNB (1)	***	
Estratégia [de expulsar a aluna]	Redação (1)	Redação (2)	
Exagero	Promotor (1); Aluna (2)	***	
Expulsa / expulsão	NYTimes(2), The Guardian (1), The Daily Telegraph (1), Chicago Tribune (1), The Washington Post (1), CBS News (1); Redação (10)	Redação (5); Leitor (2)	
Expulsou uma mulher por usar vestido rosa e curto em sala de aula	The Guardian (1)	***	
Gerou polêmica	Redação (1)	***	
Invalidando-lhe o gasto, o tempo e o presumido esforço	***	Redação (1)	
Já havia pecado com o desleixo com a segurança da estudante	***	Redação (1)	
Muda de prédio aluna hostilizada	Redação (1)	***	
Não é por aí / não é o caminho	Aluno (2)	***	
Não informou se pretende tomar medidas especiais de segurança	Redação (1)	***	
Não informou se vai adotar medidas para protegê-la	Redação (1)	***	
Não previa tal reação (a favor de Geisy)	***	Redação (1)	
Não soube controlar o tumulto dos alunos	Redação (1)	***	
Novela Uniban	***	Redação (1)	Ironia
Pateticamente 'desexpulsaram' a aluna	***	Leitor (1)	Ironia
Precipitação da universidade	Prof. UNB (1)	***	
Pretende aplicar medidas disciplinares aos causadores do tumulto	Redação (1)	***	
Readmite	Redação (1)	***	
Realiza debate com o senador Eduardo Suplicy	Redação (1)	***	
Recuo / Recua e cancela expulsão / desiste de expulsar	Redação (7)	Redação (1)	
Revogou a decisão [de expulsar a aluna]	Redação (4)	Leitor (1); Redação (1)	

Ridículo	Geisy (2); Aluno (1)	***	
Sindicância	Redação (2); Geisy (1)	***	
Suspendeu os alunos	***	Leitor (1)	
Suspendeu temporariamente alguns alunos envolvidos no episódio	Redação (1)	***	
Teria o dever de punir também cada universitário que fez parte daquela turba de irracionais	***	Leitor (1)	
Tomou as decisões / decisão	Redação (1)	Redação (1)	
Toque de humor negro	***	Redação (1)	
Voltou atrás	Redação (2)	***	

Como observado, as vozes que expressaram sobre as atitudes da Uniban neutras ao enquadramento foram: a da redação (71), a dos leitores (11), a dos alunos (6), a da Uniban (1), a de entidade feminina (3), a da Geisy (8), a de vestibulando (2), a da ministra (1), a do professor da UNB (6), a de promotor (1) e a da imprensa internacional (8).

No geral, nota-se que em relação às atitudes da Uniban, 36,9% das expressões foram favoráveis, 45,4% neutras e 17,7% contrárias ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância e violência. Também observou-se que destas 37,3% estiveram presentes em textos opinativos e 62,7% em informativos.

Tabela 5: Enquadramentos referentes às atitudes da Uniban

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	19	27	46	7,3%	10,4%	17,7%
Favoráveis ao caso como intolerância	48	48	96	18,5%	18,5%	36,9%
Neutros	30	88	118	11,5%	33,8%	45,4%

Por fim, foi estudado o enquadramento dado ao ocorrido no dia 22 de outubro de 2009, nas dependências da Uniban. Poderia-se afirmar que este consistiu em um ato de intolerância e violência, que transgrediu não apenas direitos das mulheres, mas direitos civis, justificado por uma visão sexista sobre a mulher, seu papel e comportamento, buscando puni-la de maneira brutal por sua presumível transgressão?

Como os demais fatores analisados, foram realizadas 3 quadros, sendo que a primeira expõe as expressões caracterizadas como contrárias ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância e violência, a segunda com as expressões consideradas favoráveis e a terceira com as avaliadas como neutras. Estas se encontram disponíveis logo a seguir:

Quadro 17: Expressões referentes ao ocorrido na Uniban contrárias ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao acontecimento	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Algazarra	***	Leitor (1)	
Apelos [dos alunos]	Uniban (2)	***	
Bagunça	Vestibulanda (1)	***	
Baixaria	Universitária (1)	***	
Com certeza, não foi somente pelo fato de a garota estar vestida com minissaia	***	Leitor (1)	
Confusão	Redação (2)	***	
Criticaram Michele	Redação (1)	***	
[Reação coletiva de] defesa do ambiente escolar	Uniban (4)	***	
Excesso de vigilância (dos alunos)	Redação (1)	***	
Final feliz para todos	***	Leitor (1)	
Foi o estopim de uma postura decorrente da aluna	Uniban (1)	***	
Os seguranças da faculdade, no começo (também estavam participando), estavam rindo	Geisy (2)	***	
Posso ter errado por ter ido com o vestido	Geisy (1)	***	
Protestos	***	Leitor (2)	
Tumulto	Redação (12)	Redação (1)	
Um dos alunos em fúria afirmou que não queria ter essa mancha no seu diploma (se referindo ao comportamento de Geisy)	***	Redação (1)	
Vaiaram	***	Universitária(1)	
Vergonha para a escola (Geisy)	Aluno (1)	***	
Incidente	Redação (1)	***	
Professores participaram	Geisy (1)	***	

Das 39 expressões avaliadas como contrárias à compreensão do ocorrido como manifestação de intolerância e violência, 31 estavam presentes em textos informativos e 8 em opinativos. A maioria destas expressões consistiu de termos que buscaram definir o ocorrido minimizando sua gravidade, como “tumulto” (13 casos); “confusão” (2 ocorrências) e “apelo” (2 casos). Também houve expressões que posicionaram o ocorrido como algo natural ou até mesmo correto, destas destacam-se: “reação coletiva de defesa do ambiente escolar”, “excesso de vigilância” e “os seguranças da faculdade, no começo, (também estavam participando), estavam rindo” (4, 1 e 2 ocorrências respectivamente).

Das vozes que se posicionaram dessa maneira, encontram-se: a redação (19), os leitores (5), os alunos (1), a Uniban (7), uma vestibulanda (1), um universitário (2) e a Geisy (4). Como observado, diferentemente do que ocorreu com os quadros anteriores, houve 4 citações de Geisy contrárias ao enquadramento de intolerância e violência.

As citações de Geisy contrárias ao enquadramento foram classificadas dessa forma, pois a indicação da participação de professores e seguranças remete que os alunos

tinham o apoio de sujeitos cujos papéis são justamente educar e proteger. A participação destes cria o sentido de que os alunos estavam corretos em relação “à defesa do ambiente escolar”. A outra fala da aluna afirma que ela assumiu o erro por ter ido à universidade com o vestido.

As demais expressões com esta característica foram classificadas desta maneira porque minimizaram o acontecimento reduzindo-o à “algazarra”, “bagunça”, “confusão”, “protestos”, entre outros; indicaram a responsabilidade da aluna (“foi o estopim de uma postura decorrente da aluna”, “com certeza, não foi somente pelo fato de a garota estar vestida com minissaia”); ou caracterizaram positivamente o acontecimento como “defesa do ambiente escolar” ou resultado da “vigilância dos alunos”.

Já as expressões favoráveis em relação ao enquadramento estudado são verificadas no quadro a seguir:

Quadro 18: Expressões referentes ao ocorrido na Uniban favoráveis ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao acontecimento	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
[Deixou Geisy em] posição totalmente indefesa	***	Redação (1)	
A gente teve de distribuir tapas nas mãos dos meninos que tentavam enfiar o aparelho celular no meio das pernas [de Geisy], para tirar fotos	Aluno (1)	***	
Acuaram a moça	***	Leitor (1)	
Agressão	Redação (4); Aluno (1)	Redação (1)	
Ameaçando-a de estupro múltiplo à maneira dos piores presídios	***	Redação (1)	
Assédio	Redação (1)	***	
Assédio coletivo brutal	***	Redação (1)	
Ataque [à jovem]	Redação (3)	***	
Aterrorizada sob o cerco de dezenas ou centenas desejosos de alcançá-la em seu refúgio precário	***	Redação (1)	
Atitude tacanha e agressiva	***	Leitor (1)	
Atos de barbárie	***	Redação (1)	
Brutalidade e covardia	***	Redação (1)	
Bullying	Redação (1)	Leitor (1)	
Cena dantesca: como numa arena romana, milhares de alunos berram e gesticulam	***	Redação (1)	
Cena deprimente	***	Redação (1)	
Cercada e insultada	***	Leitor (1)	
Como um aluno vai ter uma atitude decente se os próprios professores e funcionários apóiam [as hostilidades]?	Geisy (1)	***	
Conduta violenta e intimidatória	***	Leitor (1)	
Consequência de um pensamento coletivo que ainda é	Sociólogas ⁴⁸ (1)	***	

⁴⁸ Miriam Abramovay e Heleieth Saffioti

conservador e machista			
Covardemente humilhada	***	Redação (1)	
Covardia	Redação (1)	***	
Crime contra a dignidade sexual	Advog Geisy (1)	***	
Danos morais	***	Redação (1)	
Discriminação	Redação (1)	***	
Encheram a boca e cuspiram ofensas	***	Leitor (1)	Figura de linguagem
Encurralaram-a no banheiro exigindo que a moça colocasse calça jeans	***	Leitor (1)	
Episódio de selvageria	***	Leitor (1)	
Episódios de intolerância	***	Leitor (1)	
Escortada pela polícia para fora de uma faculdade	***	Redação (1)	
Estupro moral	***	Leitor (1)	
Evidencia que discriminação e intolerância são valores ainda implícitos na sociedade brasileira	***	Leitor (1)	
Falta de liberdade com o próprio corpo	Alunos UNB (1)	***	
Foi preciso proteção policial para que pudesse sair em segurança	***	Redação (1)	
Hostilidades	Redação (1)	***	
Idade das trevas	Redação (1)	***	
Incitação ao estupro	***	Redação (1)	
Incitaram a violência, reagindo em turba	***	Leitor (1)	
Injustiça	Aluno (1)	***	
Insultos	***	Leitor (1)	
Invadiram o banheiro	***	Aluna (1)	
Justo' protesto contra a 'inadequação' da roupa	***	Redação (1)	Ironia
Linchamento	Redação (1)	Redação (1)	
Linchamento moral	Redação (1)	***	
Machismo (que ameaçou a estudante)	Alunos UNB (2)	***	
Manifestação raivosa	***	Redação (1)	
Martírio [de Geisy]	***	Redação (2)	
Molestar um ser humano	***	Redação (1)	
Momento animalesco	***	Redação (1)	
Mostra o desconhecimento da luta das mulheres para conquistarem o direito de freqüentar em igualdades de condições com homens, os mais diferentes espaços da sociedade contemporânea	***	Redação (1)	
Não dá para reduzir esse assunto à pauta dos direitos em geral ou das discriminações contra as mulheres	***	Redação (1)	
O ato de vandalismo que fizeram comigo não se faz com ninguém	Geisy (1)	***	
O que o pessoal de Letras Clássicas chamaria de "defaecation maxima"	***	Redação (1)	Ironia
O que o pudor que faltou aos dirigentes da instituição me impede de traduzir	***	Redação (1)	Ironia
O tumulto só teve fim com a intervenção da polícia	Redação (1)	***	
Pararam as aulas no noturno para perseguir, xingar, tocar, fotografar, ameaçar de estupro, cuspir	Redação (1)	***	
Partiram para cima da colega	***	Leitor (1)	
Persegue colega	Redação (1)	***	
Perseguem, ameaçam e humilham	***	Redação (1)	
Perseguiram, encurralaram, xingaram e ameaçaram [inclusive de estupro]	Redação (2)	***	
Polícia é chamada para salvar aluna	***	Leitor (1)	

Precisou da escolta da PM	Redação (1)	***	
Presos na sala de aula, a turma e o professor ouviam os estudantes lá fora gritando "solta ela, professor! Deixa para nós. Vamos estuprar"	Redação (1)	***	
Quase foi apedrejada, estripada e espancada	***	Redação (1)	
Quase fui estuprada	Geisy (4)	***	
Queriam obrigar Michele a vestir uma calça, xingavam-na, diziam que ela estava provocando, 'causando'	***	Aluna (1)	
Reação animalesca	***	Leitor (1)	
Reação brutal	***	Redação (1)	
Reação coletiva de defesa do ambiente escolar	***	Redação (1)	Ironia
Rebelião	***	Redação (1)	
Reforçaram um sistema de opressão e violência contra a mulher	***	Leitor (1)	
Representa os preconceitos de gênero ainda existentes, que estabelecem uma dicotomia entre 'santa' e 'prostituta' e condenam quem sai dos padrões	***	Leitor (1)	
Se a polícia não tivesse chegado a tempo para defendê-la, a que ponto teria chegado a agressão?	***	Leitor (1)	
Sessão de medo e terror	***	Leitor (1)	
Tentaram colocar celular entre suas pernas para fotografá-la	***	Redação (1)	
Tiveram de usar spray de pimenta para conter os mais exaltados e abrir caminho entre a massa	Redação (1)	***	
Tortura moral e psicológica	***	Leitor (1)	
Vamos estuprar	***	Aluno (1)	
Violência	Redação (1)	Leitor (1), Redação (1)	
Voltado pro tempo das cavernas	***	Redação (1)	
Xingaram, tocaram, fotografaram e filmaram	***	Redação (1)	

De acordo com o Quadro 18, houve 97 expressões favoráveis em relação ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância, sendo que destas 38 estavam presentes em textos não opinativos e 59 em opinativos. Houve duas expressões que tiveram frequência maior que as demais: “agressão” (6 ocorrências) e “quase fui estuprada” (4 casos, todas tendo Geisy como fonte).

As vozes que se expressaram favoráveis à violência neste quesito foram a da redação (58), a do advogado de Geisy (1), a de leitores (22), a dos alunos (6), a da Geisy (6), a de universitários (3) e a de sociólogos (1).

Por fim, as expressões neutras podem ser visualizadas no Quadro 19 com a presença dos seguintes dados: aparecimento de 54 expressões neutras, sendo 31 em textos informativos e 23 em opinativos. Essas provenieram das seguintes vozes: redação (40), leitores (9), alunos (2), vestibulandos (2) e sociólogos (1).

Quadro 19: Expressões referentes ao ocorrido na Uniban neutras em relação ao seu enquadramento como manifestações de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao acontecimento	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Caso	Redação (2)	Leitor (1)	
Caso da estudante	***	Redação (1)	
Caso da estudante/aluna Geisy Arruda	Redação (2)	***	
Caso da garota Geisy Arruda	Redação (1)	Leitor (1)	
Caso de Geisy	Redação (1)	***	
Caso do microvestido	***	Leitor (1)	
Caso gerou uma reação em cadeia de caretices	***	Redação (1)	
Caso Uniban	Redação (2)	Leitor (1)	
Clássico episódio que correu a internet	Redação (1)	***	
Colegas de classe colocaram folhas de fichário por dentro da janela para evitar os olhares	Redação (1)	***	
Desqualificação da estudante	***	Redação (1)	
E não é que passadas quase cinco décadas de invenção da minissaia, as pernas de fora ainda são motivo para saia justa?	Redação (1)	***	
Ela e centenas de jovens foram perturbadíssimos pelo sexo	***	Redação (1)	
Episódio	Redação (4)	Leitor (1); Redação (1)	
Episódio recentemente ocorrido com Geisy Arruda	Redação (1)	***	
Está rendendo para Isabel Giusti, da consultoria Efecto, que dá palestras sobre 'dress code'	Redação (1)	***	
Foi uma reação em cadeia provocada pelos próprios alunos	Aluno (1)	***	
Furdúncio da estudante Geisy	***	Redação (1)	
História de Geisy	***	Redação (1)	
Já manjado caso de Geisy Arruda	Redação (1)	***	
Lamentável episódio	***	Leitor (2)	
Momento glorioso dos nossos universitários	***	Redação (1)	Ironia
Na Uniban, os tempos pedem coragem, não saias audaciosas	***	Redação (1)	
Não conheço outro caso igual ao de Geisy	***	Redação (1)	
Nos dá assunto para pensar	***	Redação (1)	
O fato surgiu de um nicho de conservadorismo que não é normal no Brasil	Socióloga Saffioti (1)	***	
O tempo esquentou	Redação (1)	***	Figura de linguagem
Ocorreu após Geisy aparecer trajando um microvestido	Redação (1)	***	
Ocorrido	Redação (1)	***	
Parecia uma igreja evangélica cheia de fanáticos. A hipocrisia era igual	Aluno (1)	***	
Pesadelo de Relações Públicas	***	Redação (1)	Ironia
Professores e funcionários também participaram do tumulto	Geisy (2)	***	
Quase botaram o prédio abaixo	***	Redação (1)	
Reação	***	Leitor (1)	
Reação contra a jovem	Redação (1)	***	
Reação descabida	***	Leitor (1)	
Reação inusitada	Redação (1)	***	
Teve repercussão nas versões on line de jornais internacionais	Redação (1)	***	
Tititi do caso Geisy	Redação (1)	***	

Um aluno chutou a maçaneta da porta da sala em que a moça estava encurralada	***	Redação (1)	
Um chute na porta, a maçaneta voou. Machucou o professor.	Redação (1)	***	

Vale ressaltar que em relação ao acontecimento o enquadramento foi favorável ao enquadramento estudado, pois predominou expressões desta característica com 97 ocorrências (51%), em detrimento das contrárias com 39 casos (20,5%) e neutras com 54 casos (28,5%). Vale ainda ressaltar que destas 52,6% estiveram presentes em textos informativos e 47,4% em opinativos.

Tabela 6: Enquadramentos referentes ao ocorrido na Uniban

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	8	31	39	4,2%	16,3%	20,5%
Favoráveis ao caso como intolerância	59	38	97	31,1%	20,0%	51%
Neutros	23	31	54	12,1%	16,3%	28,5%

Considerando os quadros de números 2 a 19, no total, foram contabilizadas 339 expressões contrárias, 362 expressões favoráveis e 1.095 expressões neutras em relação ao enquadramento de intolerância e violência contra a estudante. Essas representam, respectivamente, 18,9%; 20,1% e 61%, emitindo quase o mesmo número de expressões contrárias e favoráveis.

Tabela 7: Enquadramento final do caso Geisy Arruda

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	137	202	339	7,6%	11,2%	18,9%
Favoráveis ao caso como intolerância	193	169	362	10,7%	9,4%	20,1%
Neutros	406	689	1095	22,6%	38,4%	61,0%

Das expressões contrárias, 202 estavam presentes em textos informativos e 137 em opinativos. Ou seja, este tipo de posição predominou em textos informativos, que teriam como objetivo manter a neutralidade e imparcialidade, revelando os fatos de maneira isenta em relação ao ocorrido. Já das 362 expressões favoráveis, 169 estavam presentes em textos informativos e 193 em opinativos. Assim, as expressões contrárias ao enquadramento de intolerância foram mais veiculadas em textos informativos, enquanto que as favoráveis predominaram nos textos de opinião.

Como os textos informativos passam a idéia de que estas são reflexos da realidade e os opinativos reflexos de opiniões pessoais, pode-se gerar o sentido de que o evento não teve caráter de intolerância e violência (pois essa característica foi a que predominou em textos informativos), mas que existem interpretações pessoais que buscam caracterizá-lo dessa forma (já que as expressões favoráveis ao enquadramento de violência e intolerância predominaram apenas nos textos opinativos).

As expressões neutras também predominaram em textos informativos, 689 ocorrências em comparação com as 406 nos textos de opinião. A predominância de expressões com neutras já era esperada nos textos informativos, já que seu objetivo é justamente enquadrar de forma isenta os fatos.

Assim, verifica-se que das 1.054 expressões presentes em textos informativos, 64,8% foram analisadas neutras, 19,2% contrárias e 16% favoráveis ao enquadramento de intolerância e violência. Das 746 expressões presentes em textos opinativos, 55,7% foram consideradas neutras, 18,4% contrárias e 25,9% favoráveis.

Dessa maneira, pode-se concluir que no jornal *Folha de S. Paulo* preponderou um enquadramento do acontecimento como não intolerância e não violência em textos informativos e como intolerância e violência em textos de opinião. No entanto, convém salientar que predominaram em ambos os gêneros, em mais de 50% dos casos, expressões neutras.

Vale ressaltar ainda que houve duas situações diferentes desse resultado (predominância de expressões neutras) geral nas análises particulares de cada fator. Em relação ao acontecimento predominaram expressões favoráveis (97 ocorrências), em detrimento das contrárias (39 casos) e neutras (54 casos). Já em relação ao comportamento e vestimenta da aluna, predominaram expressões contrárias (164 casos), em detrimento das favoráveis (7) e neutras (44) ao enquadramento de violência e intolerância.

Além do jornal *Folha de S. Paulo*, também foi estudado o jornal *O Estado de S. Paulo* (análise presente no próximo capítulo) para posteriormente (no capítulo 6) comparar os resultados extraídos de ambos os jornais.

5 REPRESENTAÇÕES FEMININAS (2)

REPRESENTAÇÕES DO CASO GEISY ARRUDA NO JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO*

Este capítulo expõe dados obtidos em textos veiculados no jornal *O Estado de S. Paulo* no período do dia 30 de outubro de 2009 a 20 de novembro de 2009 que abordaram o acontecimento envolvendo a aluna Geisy Arruda, ocorrido no dia 22 de outubro de 2009, e seus desdobramentos.

A mesma análise realizada no jornal *Folha de S. Paulo* foi feita no jornal *O Estado de S. Paulo*, com intuito de comparar os dados e informações obtidos para verificar os diferentes enquadramentos dado ao caso de acordo com os veículos.

Da mesma maneira que na análise anterior, as informações foram agrupadas em quadros conforme a avaliação do posicionamento (neutro, contrário ou favorável ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância e violência).

O primeiro quadro realizado diz respeito às informações gerais sobre os textos jornalísticos, e encontra-se disponível logo abaixo:

Quadro 20: Informações gerais (Jornal *O Estado de S. Paulo*): Textos sobre a ocorrência na Uniban no dia 22 de outubro de 2009 e seus desdobramentos

Data	Caderno	Página	Ocupação pág (%)	Título	Texto opinativo	Foto (% na pág)	Personagem central	Tema central
30.10.09	Capa	A01	3%	Aluna sofre agressão em massa	N	1%	Geisy	Acontecimento
30.10.09	Vida &	A22	2%	Linchamento' da estudante reflete problemas sociais	N	*	Geisy	Problemas sociais
30.10.09	Vida &	A22	3%	Entrevista: 'Fiquei muito assustada, chorei, entrei em desespero	N	*	Geisy	Acontecimento
30.11.09	Vida &	A22	16%	Aluna é vítima de assédio em massa	N	4%	Geisy	Acontecimento
31.10.09	Vida &	A20	16%	Universidade já teve caso de agressão	N	5%	Alunos Uniban	Agressão ocorrida em abril
31.10.09	Vida &	A20	7%	Não sei se vou processar e quem'	N	2%	Geisy	Participação de Geisy em programa de TV
31.10.09	Espaço Aberto	A2	1%	Uniban e a Idade das Trevas	S	*	Alunos Uniban	Acontecimento
31.10.09	Vida &	A20	7%	Violência expõe educação precária	N	*	Violência	Violência resultado de educação precária
31.10.09	Vida &	A20	1%	Entre alunos da Uniban assunto não é levado à sério	N	*	Alunos Uniban	Opinião de alunos sobre ocorrido

31.10.09	Vida &	A20	4%	Entrevista: Efeito manada incentiva massas	N	*	Grupos violentos	Violência gerada em grupos
01.11.09	Aliás	J6	21%	O urro ancestral da faculdade injuriada	N	6%	Sociedade sexista	Violência de gênero
03.11.09	Cidades/ Metrópole	C8	1%	A loura da Uniban	S	*	Revista Playboy	Possibilidade de Geisy posar para revista
04.11.09	Vida &	A18	2%	Aluna ameaçada não volta à Uniban	N	*	Geisy	Não retorno às aulas
08.11.09	Capa	A01	2%	Uniban expulsa aluna assediada por colegas	N	*	Uniban	Expulsão
08.11.09	Vida &	A27	20%	Uniban expulsa aluna vítima de violência	N	3%	Uniban e Geisy	Expulsão
08.11.09	Vida &	A27	6%	Decisão da universidade é criticada por educadores	N	*	Uniban	Crítica à expulsão
09.11.09	Capa	A01	4%	MEC vai notificar a Uniban	N	*	Uniban, MEC, Sec. Esp. de Políticas p/ Mulheres	Cobrança de explicações sobre expulsão
09.11.09	Vida &	A15	27%	MEC pede à Uniban explicações sobre expulsão de aluna	N	7%	Uniban, MEC, Sec. Esp. de Políticas p/ Mulheres	Cobrança de explicações sobre expulsão
09.11.09	Vida &	A15	9%	Medida vai contra a Constituição	N	*	Uniban, especialista e advogado	Crítica à expulsão
09.11.09	Vida &	A15	6%	Entrevista: A reação da universidade foi coerente com a dos agressores	N	*	Luiza Eluf-entrevistada e Uniban	Expulsão, preconceito e violência
09.11.09	Vida &	A16	31%	Movimento de mulheres marca ato na Uniban	N	8%	Uniban, UNE e Mov. Feminista	Expulsão, preconceito e violência
09.11.09	Vida &	A16	5%	Imprensa internacional cita o caso	N	*	Jornal internacional	Divulgação do caso na imprensa internacional
10.11.09	Capa	A01	12%	Criticada, Uniban recua de expulsão de aluna	N	6%	Uniban	Recuo da expulsão
10.11.09	Capa	A01	1%	Análise: O estímulo a preconceitos latentes	S	*	Patriarcalismo	Acontecimento
10.11.09	Espaço Aberto	A03	18%	A expulsão da vítima	S	*	Uniban e Geisy	Crítica à expulsão
10.11.09	Nacional	A06	9%	Honra ao demérito	S	*	Uniban	Crítica da posição da Uniban
10.11.09	Vida &	A16	28%	Reitor da Uniban recua e cancela expulsão de aluna	N	7%	Reitor da Uniban	Recuo da expulsão
10.11.09	Vida &	A16	6%	Assessores haviam desaconselhado punição	N	*	Reitor da Uniban	Administração centralizadora da Uniban
10.11.09	Vida &	A16	12%	Vai ter circo hoje de novo?	N	*	Alunos Uniban	Opinião de alunos sobre manifestações a favor de Geisy
10.11.09	Vida &	A16	8%	Entrevista: Decisão destruiu imagem construída durante anos	N	*	Uniban e Consultor de ensino superior	Repercussão do caso na imagem da Uniban
10.11.09	Vida &	A17	25%	Só quero entrar na sala e estudar	N	5%	Geisy	Repercussão do caso na vida de Geisy
10.11.09	Vida &	A17	11%	Análise: Trata-se de uma questão de direitos civis	N	*	Preconceito	Sociedade sexista
10.11.09	Cidades/ Metrópole	C10	8%	Bendita Geisy!	S	*	Geisy	Ironia com o caso

10.11.09	Espaço Aberto	A2	5%	Uniban	S	*	Geisy, Uniban e alunos Uniban	Opiniões de leitores sobre acontecimento
11.11.09	Vida &	A21	13%	Uniban promete segurança a aluna ameaçada	N	1%	Geisy e Uniban	Posições da Uniban e de Geisy
11.11.09	Cidades/ Metrópole	C12	1%	A 'desexpulsão' da loura	S	*	Uniban	Comparação do recuo da expulsão com caso Aloizio Mercadante
12.11.09	Vida &	A25	8%	Na UNB, grupo fica nu em favor de aluna	N	7%	Estudantes UNB	Protesto em favor de Geisy
13.11.09	Vida &	A16	2%	Defesa de Geisy pede lista de testemunhas	N	*	Advogado de Geisy	Ações dos advogados de Geisy
15.11.09	Aliás	J5	38%	Os 'carolas do ABC'	N	7%	Proletário paulistano	Características da classe operária paulista
19.11.09	Cidades/ Metrópole	C8	1%	Males que vêm para o bem	S	*	Geisy	Destaque de Geisy nos meios de comunicação
19.11.09	Caderno 2	D14	1%	Um alongamento de cabelo	N	*	Julinho do Carmo – cabeleireiro	Demissão de Julinho por contatar Geisy

De acordo com o Quadro 20, foram veiculados 41 textos que se referiram ao caso Geisy durante o período selecionado para estudo. Destes, 13 (2 opinativos e 11 informativos) foram veiculados antes da expulsão, 09 (todos informativos) entre a expulsão (ocorrida dia 07/11) e a revogação da expulsão (realizada dia 09/11) e 19 (07 opinativos e 12 informativos) após a revogação da expulsão, cobrindo, desta forma, tanto o caso como seus desdobramentos.

Em comparação com o jornal *Folha de S. Paulo*, nota-se que houve maior concentração de textos antes da ação da Uniban em *O Estado de S. Paulo*, pois neste 32% dos textos foram veiculados antes da expulsão, enquanto que na *Folha de S. Paulo* verificou-se apenas 24,5% dos textos nesse período.

Além disso, diferentemente do que ocorreu no jornal *Folha de S. Paulo* (em que quase metade dos textos veiculados sobre esse caso nesse período era de caráter opinativo), os textos veiculados nesse período em *O Estado de S. Paulo* consistiram na maioria (78%) em textos informativos. Assim, percebe-se que *O Estado* destinou menos espaço para discutir e abordar este caso sob uma perspectiva pessoal do que o jornal *Folha de S. Paulo* que proporcionou mais oportunidades para as pessoas (principalmente jornalistas e leitores) expressarem suas opiniões sobre o ocorrido.

Nota-se que dos textos veiculados neste período, 27 ocuparam menos de 10% da página do jornal, 8 ocuparam de 11% a 20%, 4 de 21% a 30% e 2 entre 31 a 40%. Assim, verifica-se que a maioria dos textos (66%) consistiu em breves relatos sobre o ocorrido, sem um aprofundamento mais acurado sobre o acontecimento, ocorrendo neste jornal o mesmo

que foi presenciado na *Folha de S. Paulo*, no qual 61% dos textos ocuparam até 10% das páginas do jornal.

Em relação aos títulos destes observa-se que 14 caracterizaram (diretamente ou indiretamente) o acontecimento como ato violento ou de preconceito. São eles: “Aluna sofre agressão em massa” (30/10); “Linchamento da estudante reflete problemas sociais” (30/10); “Entrevista: fiquei muito assustada, chorei, entrei em desespero” (30/10); “Universidade já teve caso de agressão” (31/10); “Uniban e a Idade das Trevas” (31/10); “Violência expõe educação precária” (31/10); “Aluna ameaçada não volta à Uniban” (04/11); “Uniban expulsa aluna assediada por colegas” (08/11); “Uniban expulsa aluna vítima de violência” (08/11); “Entrevista: a reação da faculdade foi coerente com a dos agressores” (09/11); “Análise: estímulo a preconceitos latentes” (10/11); “A expulsão da vítima” (10/11); “Análise: trata-se de uma questão de direitos civis” (10/11); e, “Uniban promete segurança a aluna ameaçada” (11/11).

Destes, 7 títulos caracterizaram Geisy em relação ao ocorrido (vítima, ameaçada, assediada, entre outros), 4 relacionaram o acontecimento com problemas sociais e educacionais e 3 se posicionaram de maneira a criticar a Uniban, posicionando-a como uma instituição que condiz com a violência.

Também se destacaram 08 textos com títulos que se posicionam contra a atitude da Uniban de expulsar Geisy, caracterizando essa ação negativamente, como colocado nos títulos a seguir: “Decisão da universidade é criticada por educadores” (08/11); “MEC vai notificar a Uniban” (09/11); “MEC pede à Uniban explicações sobre expulsão de aluna” (09/11); “Medida vai contra a Constituição” (09/11); “Criticada, Uniban recua expulsão de aluna” (10/11); “Honra ao demérito” (10/11); “Assessores haviam desaconselhado punição” (10/11); e, “Entrevista: decisão destruiu imagem construída durante anos” (10/11).

Diferentemente do jornal *Folha de S. Paulo* que apresentou 25 textos cujos títulos enfocaram a vestimenta ou biótipo de Geisy, no Jornal *O Estado de São Paulo* foram encontradas apenas 2 que caracterizaram Geisy pela cor do cabelo (“A loura da Uniban” [03/11]; e, “A ‘desexpulsão’ da loura” [11/11]) e nenhum pela vestimenta.

Também não foi verificado nenhum texto jornalístico cujo título responsabilizasse Geisy pelo acontecimento, como ocorreu em dois casos do jornal *Folha de S. Paulo*. Porém convém salientar que em ambos houve um texto jornalístico cujo título enfatiza o que Geisy obteve de bom com toda a situação, deixando subentendido que, de certa forma, o acontecimento agregou situações positivas à aluna. Os títulos são: “15 minutos de fama”

(jornal *Folha de S. Paulo*) e “Males que vêm para o bem” (jornal *O Estado de S. Paulo*). Já os demais 17 títulos se posicionaram de maneira neutra ou focaram assuntos diversos.

Convém, ainda, salientar que dos 41 textos apenas um relacionou o ocorrido como resultado de preconceito (“análise: o estímulo a preconceitos latentes”), expondo que o que aconteceu é resultado de uma cultura presente em toda sociedade brasileira, não restrita ao ambiente da Uniban e que, portanto, poderia ter ocorrido em outros locais com outros sujeitos.

Em relação ao personagem central verificou-se que em 9 textos Geisy consistiu no personagem principal; 6 a Uniban juntamente com outros personagens; 5 somente a Uniban; 4 os alunos da Uniban; 3 a Uniban juntamente com a Geisy; 2 o reitor da Uniban e uma a Uniban com a Geisy e os alunos. Também foi verificado que em 2 textos os personagens centrais consistiram em valor/conceito transformado em sujeito, como ocorreu, por exemplo, com “preconceito” e “patriarcalismo”.

Os demais 9 textos jornalísticos apresentaram outros personagens como principais, totalizando em 22% os textos que consistiram em ramificações do caso, não abordando os personagens centrais, mas outros que se envolveram no decorrer do acontecimento e com a exposição nos meios de comunicação.

Já em relação ao assunto central houve predominância de textos que abordaram principalmente as atitudes da Uniban (sindicância, expulsão, cancelamento da expulsão) e críticas a essas, abrangendo 14 textos jornalísticos. O segundo assunto mais abordado foi a repercussão do caso na vida de Geisy e na Uniban (totalizando 7 textos). Além disso, houve 6 textos jornalísticos cujo assunto principal consistiu de opiniões e ironias sobre o ocorrido; 6 em que o sexismo, a violência ou problemas sociais foram assuntos centrais; 5 o acontecimento em si e 3 em que ocorreram temas secundários.

Em relação ao jornal *Folha de S. Paulo*, o que mais diferencia o jornal *O Estado de S. Paulo* neste quesito (assunto principal dos textos) é o fato de que na *Folha de S. Paulo* a vestimenta e comportamento de Geisy consistiram no segundo assunto principal mais abordado, enquanto que em *O Estado*, este assunto não estava presente entre os principais assuntos.

Nota-se, assim, que *O Estado de São Paulo* optou por não priorizar a vestimenta e comportamento da aluna em relação aos demais fatos ocorridos como fez a *Folha de S. Paulo*. Inclusive, um dos textos de *O Estado* critica justamente o foco na vestimenta: “não se descreveu a história como um ato de violência, mas como uma reação causada pela surpresa do vestido naquele ambiente” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2009, p. J6).

Em relação à maneira de se referir à Geisy Arruda, nota-se que as expressões utilizadas com maior frequência foram “Ela” (9 ocorrências); “Geisy Arruda” (11 casos); “20 anos” (12 casos); “Estudante/aluna Geisy Arruda” (14); “Estudante/aluna” (43); “Geisy” (49), sendo todas caracterizadas como neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência.

Vale ressaltar que no jornal *Folha de S. Paulo*, das expressões sobre Geisy, destacaram-se (com mais de 10 citações cada): “hostilizada” e “vítima” (como favoráveis com 23 e 17 ocorrências respectivamente), e, “puta” (como contrária, com 11 ocorrências); enquanto que em *O Estado* não houve nenhuma expressão que apresentou mais de 3 citações considerada favorável ou contrária, mantendo, portanto, *O Estado*, uma posição mais neutra que a *Folha*. Esses dados podem ser verificados nos quadros a seguir (Quadros 21 e 22):

Quadro 21: Expressões referentes à Geisy contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Assume parte da responsabilidade do caso	Redação (1)	***	
Foi responsável	Uniban (1)	***	
Loura da minissaia rosa choque	***	Redação (2)	
Pivô do caso	Redação (1)	***	

Como verificado no Quadro 21 houve apenas 5 casos de expressões relativas à Geisy consideradas contrárias ao enquadramento de intolerância e violência, sendo que destas, 3 indicam a responsabilidade de Geisy pelo ocorrido (“assume parte da responsabilidade do caso”; “foi responsável”; “pivô do caso”) e duas focam o traje que vestia no dia do ocorrido. Destas 5 expressões, duas estavam presentes em textos opinativos e uma possuía a Uniban como fonte.

Observa-se que *O Estado* não utilizou os alunos como fonte sobre Geisy, diferentemente do que ocorreu no jornal *Folha de S. Paulo* no qual a voz dos alunos consistiu na segunda voz que mais se pronunciou em relação à Geisy contrariamente ao enquadramento de violência e intolerância, com 13 participações. Constatou-se, ainda, que a *Folha de S. Paulo* apresentou bem mais expressões contrárias ao enquadramento de violência (47 casos) do que *O Estado* (5 ocorrências) em relação à aluna.

Já as expressões sobre Geisy favoráveis ao enquadramento de violência e intolerância tiveram maior frequência, apresentando 24 ocorrências, como demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 22: Expressões referentes à Geisy favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Acabou sendo escolhida como bode expiatório	Pesqu. USP ⁴⁹ (1)	***	
Aluna agredida	Redação (1)	***	
Aluna ameaçada	Redação (2)	***	
Aluna assediada	Redação (1)	***	
Aluna hostilizada	NY Times (1)	***	
Aluna perseguida	Redação (1)	***	
Aluna vítima de violência	Redação (1)	***	
Convertida em ré	***	Redação (1)	
Garota assediada da Uniban	Redação (1)	***	
Geni do 3º milênio	***	Redação (1)	Ironia
Mulher acuada	Redação (1)	***	
Mulher que não se submete ao puritanismo	Redação (1)	***	
Protagonista das causas politicamente corretas	***	Redação (1)	Ironia
Virou mártir da intolerância	***	Redação (1)	Ironia
Vítima	Movimento feminista, sindical e estudantil (1)	Redação (2)	
Vítima das agressões	Redação (1)	***	
Vítima de assédio em massa	Redação (1)	***	
Vítima de humilhações	Redação (1)	***	
Vítima de intolerância	Redação (1)	***	
Vítima de preconceito de gênero e violência sexista	***	Redação (1)	
Vítima de um linchamento moral	***	Redação (1)	

Das 24 ocorrências relacionadas no Quadro 22, 16 estavam presentes em textos informativos e 8 em textos opinativos. A maioria (21 casos) das expressões é da própria redação, somente em 3 ocorrências houve citação da fonte, sendo um pesquisador da USP, o jornal *New York Times* e uma que abrangeu a opinião de 3 movimentos (feminista, sindical e estudantil), não apresentando nenhum dos envolvidos como fonte.

As expressões neutras foram as que apresentaram maior frequência, como pode ser observado no Quadro 23.

⁴⁹ Pesquisador do Núcleo de Violência da USP

Quadro 23: Expressões referentes à Geisy neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestações de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Geisy	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
20 anos	Redação (12)	***	
Bendita Geisy	***	Redação (1)	Ironia
Colega	Redação (1)	***	
Dona das pernas mais grossas de São Bernardo	***	Redação (1)	Ironia
Ela	Redação (9)	***	
Empregada de um mercadinho em frente a sua casa	Redação (1)	***	
Estudante / Aluna	Assessor ONG ⁵⁰ (1), Redação (34); Adv (1); Uniban (2), Antropólogo (1)	Redação (4)	
Estudante de turismo / Aluna do curso de turismo	Redação (3)	***	
Estudante de turismo Geisy [Villa Nova] Arruda	Redação (2)	***	
Estudante do curso noturno de turismo	Redação (1)	***	
Estudante do primeiro ano de turismo	Redação (2)	***	
Estudante Geisy Arruda / Aluna Geisy Arruda	Redação (12)	Redação (2)	
Filha de um metalúrgico operário de montadora do ABC	Redação (1)	***	
Garota	Redação (1)	***	
Geisy	Redação (37); Uniban (2); Procuradora (1)	Redação (9)	
Geisy Arruda	Redação (8)	Redação (3)	
Jovem	Assessor ONG ⁵¹ (1), Redação (2)	Redação (1)	
Jovem aluna	Leitor (1)	***	
Jovem exuberante	***	Redação (1)	
Loura / loira / Loura da Uniban	Redação (3)	Redação (1)	
Menina Geisy	Redação (2)	***	
Moça	Procuradora (1); Redação (5)	Redação (1)	
Mulher	Redação (3)	***	
Trabalha em um mercado perto de sua casa	Redação (1)	***	
Universitária	Redação (2)	Leitor (1)	

Como constatado no Quadro 23, foram contabilizadas 178 expressões neutras em relação ao enquadramento do ocorrido como intolerância e violência, sendo 153 veiculadas em textos informativos e 25 em opinativos. Como ocorreu com as expressões favoráveis e contrárias, houve um predomínio da voz da própria redação em detrimento das fontes utilizadas (apenas 12 expressões foram originadas de fontes consultadas).

No geral, ao contrário da *Folha de S. Paulo*, o jornal *O Estado* não utilizou os personagens envolvidos no ocorrido como fontes sobre a aluna Geisy. Houve apenas cinco

⁵⁰ ONG Plan Brasil

⁵¹ ONG Plan Brasil

citações da Uniban (uma contrária e 4 neutras) e os demais envolvidos (alunos e Geisy) não foram citados em relação a essa questão. Em *O Estado*, a maioria das vozes foi da própria redação (91,3%), sendo que as demais vozes pertenciam a movimentos femininos, sindicais e estudantis, pesquisadores, assessores de ONGs, advogados, antropólogos, leitores, procuradores e o jornal *New York Times*. Esse fato pode favorecer a compreensão do evento como envolvendo interesses sociais e civis, não restrito apenas a interesses particulares dos envolvidos.

Ao comparar com os dados obtidos no jornal *Folha de S. Paulo*, verificamos que o jornal *O Estado de S. Paulo* manteve uma posição mais neutra em relação às expressões relativas à Geisy. No primeiro, do total das expressões veiculadas em relação à Geisy, 75,3% foram avaliadas neutras; 16,3% favoráveis e 8,4% contrárias. Já em *O Estado*, as expressões neutras consistiram em 86,1% do total, as favoráveis em 11,5% e as contrárias em 2,4%. Esses dados encontram-se disponibilizados, respectivamente, nas Tabelas 1 e 8.

Tabela 8: Enquadramentos referentes à Geisy Arruda (*O Estado de S. Paulo*)

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	2	3	5	1,0%	1,4%	2,4%
Favoráveis ao caso como intolerância	8	16	24	3,9%	7,7%	11,5%
Neutros	25	153	178	12,1%	73,9%	86,1%

Como foi feito na análise do jornal *Folha de S. Paulo*, também foram observadas as expressões relativas à Uniban. Os dados referentes a estas podem ser visualizados nos quadros a seguir. De acordo com estes quadros, o jornal apresentou no total 180 expressões relativas à Uniban, sendo 153 em textos informativos e 27 em opinativos.

Quadro 24: Expressões referentes Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Faculdade injuriada	Redação (1)	***	
Local não apenas de convivência, mas de formação de valores	MEC (1)	***	
Templo da razão e da sabedoria	***	Redação (1)	Ironia

Como observado no Quadros 24, das 180 expressões veiculadas referentes à Uniban, apenas 3 foram valoradas como contrárias ao enquadramento do ocorrido como manifestação de violência. Estas ressaltaram a universidade como local de construção de

valores e saberes, na qual seria incompatível um ato de violência ou preconceito. Além disso, houve uma expressão que colocou a universidade como vítima dos acontecimentos (“faculdade injuriada”). Destas, duas estiveram presentes em textos informativos e duas consistiram em expressões da própria redação.

As expressões favoráveis também apareceram em apenas 3 casos, como se vê no Quadro 25:

Quadro 25: Expressões referentes Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Local onde deveria prevalecer o saber, a reflexão e a formação moral e acadêmica das novas gerações	***	Redação (1)	
Lugar violento	Consultor ensino superior (1)	***	
Pode ser processada por danos morais e materiais	Advogado (1)	***	

De acordo com o Quadro 25, apareceram 3 expressões favoráveis ao enquadramento estudado, destas uma a caracteriza como local violento, outra como causadora de danos morais e materiais à aluna e outra que indica falhas na universidade, apontando a posição que deveria ter assumido, mas não o fez (“local onde deveria prevalecer o saber, a reflexão e a formação moral e acadêmica das novas gerações”).

As fontes, neste caso, foram um consultor de ensino superior e um advogado, sendo que a redação também se manifestou uma vez (em texto opinativo) dessa maneira.

Já as expressões em relação à Uniban neutras ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância e violência podem ser encontradas no Quadro 26.

Quadro 26: Expressões referentes Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem à Uniban	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Ambiente	Redação (1)	***	
Ambiente escolar	Redação (1)	***	
Campus	Redação (8)	***	
Campus da Universidade Bandeirante	Redação (1)	***	
Ela	Consultor ensino superior (1)	***	

Escola	Redação (1)	Redação (1)	
Faculdade	Geisy (6), Redação (5); irmão Geisy (1);	***	
Instituição	Advogado (1); Redação (17)	***	
Instituição de ensino / Instituição educacional	Aluno (1)	Redação (1)	
Local	Redação (1)	***	
Uniban	Policial (1), Geisy (1), promotor (1), procuradora (1), Consultor ensino (1), Uniban (2); Redação (66), ONG (1)	Leitor (5), Redação (10), promotor (1)	
Universidade	Semesp (1), MEC (1), procuradora (3), adv. (1), UNE (1), Uniban (2), Ministra Nilcéia Freire (1), Consultor ensino (1), redação (18)	Redação (3), leitor (1)	
Universidade Bandeirante [de São Paulo]	Redação (1)	Redação (3)	

No geral, das expressões relativas à Uniban predominaram as caracterizadas como neutras em relação ao enquadramento analisado: 97% do total das expressões, enquanto que as favoráveis e contrárias representaram 1,5% cada, conforme dados disponíveis na Tabela 9. Foram contabilizadas 174 expressões com essa característica neutra, tendo como destaque os seguintes termos: “Uniban” (90 casos); “Instituição” (18 ocorrências); “Universidade” (33 casos).

Tabela 9: Enquadramentos referentes à Uniban (*O Estado de S. Paulo*)

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	1	2	3	0,6%	1,1%	1,7%
Favoráveis ao caso como intolerância	1	2	3	0,6%	1,1%	1,7%
Neutros	25	149	174	13,9%	82,8%	96,7%

Ao comparar com o jornal *Folha de S. Paulo*, observa-se que, em relação à Uniban, *O Estado de S. Paulo* assumiu um posicionamento mais neutro que a *Folha*, na qual as expressões neutras consistiram em 91,8%, as favoráveis em 5,8% e as contrárias em 2,4%. Nota-se que em ambos os jornais foram veiculadas 15 vozes diferentes que se expressaram em relação à Uniban, apresentando uma pluralidade de sujeitos/organizações que contribuíram para reforçar os enquadramentos dados à universidade.

Em relação às expressões relativas aos alunos, foram constatados os seguintes dados:

Quadro 27: Expressões referentes aos alunos contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem aos alunos	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A acusaram de ferir a moral e os bons costumes	***	Redação (1)	
Alunos que provocaram o tumulto / Estudantes envolvidos no tumulto	Redação (2)	***	
Centenas de colegas	Redação (1)	***	
Colegas	Redação (6)	***	
Colegas que não suportaram vê-la em trajes tão provocantes	Redação (1)	***	
Quase todos trabalhadores como ela	Redação (2)	***	

De acordo com o Quadro 27, foram contabilizadas 13 expressões relativas aos alunos contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência, sendo que apenas uma foi veiculada em texto opinativo e todas partiram da redação. Destas destacou-se o termo “colegas”, com 8 ocorrências, que foi caracterizado dessa maneira, pois expõe uma relação de companheirismo com Geisy e não de agressividade como ocorreu no acontecimento.

Outra expressão classificada como contrária foi “a acusaram de ferir a moral e os bons costumes” salientando a posição dos alunos de que ela provocou a situação ao “transgredir” valores morais e por isso a violência não seria apenas justificada, mas necessária.

Também foram valorados como contrárias as expressões que caracterizaram os estudantes como “trabalhadores” (termo com valor positivo em nossa sociedade, que indica não apenas esforço, mas também honestidade) e os vincularam a um acontecimento como “tumulto” (que minimizou o ocorrido, desvinculando deste a idéia da violência sofrida pela Geisy).

Ao comparar com o jornal *Folha de S. Paulo* nota-se que neste as expressões relativas aos alunos contrárias ao enquadramento de violência e intolerância foram apresentados nos dois gêneros analisados: informativo (67,5%) e opinativo (42,5%), já em *O Estado* apenas 8% estiveram presentes em texto opinativo.

Outra questão observada foi em relação às vozes. Em *O Estado de S. Paulo* somente a redação se pronunciou dessa maneira, já na *Folha* também houve a veiculação de opiniões de leitores, alunos e da Uniban.

Já os termos em relação aos alunos favoráveis ao enquadramento de intolerância e violência encontram-se dispostos no Quadro 28.

Quadro 28: Expressões referentes aos alunos favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem aos alunos	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Agiram como bichos	Geisy (1)	***	
Agressores	Antropóloga (1), Procuradora (2), Redação(1), Mov. feminista, sindical e estudantil (1); Adv. Geisy (1)	***	
Algoz	Redação (1)	***	
Alunos que a insultaram	UNE (1)	***	
Aqueles que a agrediram / Estudantes que agrediram a universitária	Redação (1)	Redação (1)	
Bárbaros indomados	***	Redação (1)	
Colegas de faculdade inconformados com um corpo insinuante coberto por um vestido rosa	Redação (1)	***	
Estavam possuídos	Geisy (2)	***	
Estudantes que a assediaram	Redação (1)	***	
Linchadores	***	Redação (1)	
Multidão enfurecida	Redação (2)	***	
Não eram delirantes, eram agressores	Redação (1)	***	
Pessoal que parecia estar no tempo das cavernas	Aluno (2)	***	
Trogloditas	Procuradora (1)	***	
Turba de 700 agressores	***	Redação (1)	
Turba que perseguiu e xingou a jovem	***	Redação (1)	
Universitários que encurralaram colega	Redação (1)	***	

Das 26 expressões listadas no Quadro 28, 21 apareceram em textos informativos e 5 em opinativos. O termo que apresentou maior frequência foi “agressores”, com 6 casos, seguido das expressões “estavam possuídos”, “multidão enfurecida” e “pessoal que parecia estar no tempo das cavernas”, com 2 ocorrências cada.

Nota-se que nenhum dos termos relativos aos alunos favoráveis ao enquadramento de intolerância e violência teve como fonte a Uniban. As vozes que mais ressaltaram foram da própria redação (14 casos), de Geisy (3 citações), de uma procuradora (também 3 casos) e de alunos (2 ocorrências).

Diferentemente das análises sobre os sujeitos/personagens do acontecimento (Geisy, Uniban e alunos) efetuadas até o momento, as expressões relacionadas aos alunos consideradas neutras não foram quantitativamente superiores as demais (favoráveis e contrárias). Como pode ser observado nos Quadros 28 e 29, o número das expressões consideradas neutras foi o mesmo do das expressões favoráveis (26 casos). Nas demais análises realizadas em relação aos sujeitos (tanto na *Folha de S. Paulo* como em *O Estado de S. Paulo*), sempre predominaram as expressões neutras.

Quadro 29: Expressões referentes aos alunos neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem aos alunos	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Alunos / Estudantes	Geisy (1); Procuradora (1); Consultor ensino (1); Redação (5)	Leitor (1)	
Boçalidade dos estudantes	***	Redação (1)	
Centenas de estudantes	***	Leitor (1)	
Cerca de 600 alunos / estudantes	Uniban (1); Redação (1)	Redação (1)	
Dezenas de pessoas	Redação (1)	***	
Grande grupo de alunos / Grupo expressivo de estudantes	Redação (4)	***	
Grupo de estudantes	Redação (1)	***	
Homens e mulheres	Redação (1)	***	
Multidão	Redação (2)	***	
Os delirantes não eram loucos	Redação (1)	***	
Responsáveis	Irmão Geisy (1)	***	
Universitários	***	Leitor (1)	

As expressões neutras apareceram majoritariamente em textos informativos (21 casos) em detrimento dos opinativos (5 ocorrências). O termo que mais foi utilizado foi “alunos/estudantes” (com 9 aparições), seguido dos termos “grande grupo de alunos” e “cerca de 600 alunos” (com 4 e 3 casos respectivamente). As vozes presentes nessa categoria foram: redação (18), Geisy (1), procuradora (1), consultor de ensino superior (1), leitor (3), Uniban (1) e irmão de Geisy (1).

Do total das expressões relativas aos alunos, 20% foram contrárias, 40% favoráveis e 40% neutras em relação ao enquadramento do ocorrido como manifestação de intolerância e violência. Convém ainda salientar que destas expressões 17% estiveram presentes em textos opinativos e 83% em informativos.

Tabela 10: Enquadramentos referentes aos alunos (*O Estado de S. Paulo*)

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	1	12	13	1,5%	18,5%	20,0%
Favoráveis ao caso como intolerância	5	21	26	7,7%	32,3%	40,0%
Neutros	5	21	26	7,7%	32,3%	40,0%

Ao comparar as expressões relativas aos sujeitos, observa-se que o jornal *O Estado de S. Paulo* se posicionou mais em relação aos alunos (com 20% contrário, 40% favorável e 40% neutro), do que em relação à Geisy (com 2,4% contrário, 11,5% favorável e 86,1% neutro) e à Uniban (com 1,5% contrário, 1,5% favorável e 97% neutro), dados dispostos, respectivamente, nas Tabelas 10, 8 e 9.

Esse mesmo fato foi constatado no jornal *Folha de S. Paulo*, porém em *O Estado* as expressões em relação à Geisy e à Uniban se posicionaram de maneira mais neutra do que as presentes na *Folha*.

Observa-se também que na *Folha de S. Paulo*, nas expressões referentes aos sujeitos houve um enquadramento neutro, seguido do favorável, porém em *O Estado de S. Paulo* isso ocorreu apenas com as expressões relativas à Geisy, pois em relação à Uniban houve a mesma frequência de expressões contrárias e favoráveis e em relação aos alunos a mesma quantia de expressões neutras e favoráveis.

Outro fator constatado em ambos os jornais foi a predominância de juízos/valores para descrever as pessoas (Geisy e alunos) e um posicionamento mais neutro para caracterizar a instituição (Uniban).

Além dos sujeitos envolvidos no ocorrido, também foram avaliadas outras 3 variáveis: o comportamento e vestimenta de Geisy Arruda, as atitudes da Uniban diante da situação e o acontecimento em si (ocorrido dia 22 de outubro de 2009).

Quadro 30: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao comportamento e vestimenta	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A roupa não era adequada para o ambiente escolar	Aluno (1)	***	
Aluna se negou a trocar a minissaia por um traje menos provocante	Uniban (1)	***	
Andar pelos corredores com uma roupa curta	Redação (1)	***	
Atitude de querer aparecer [desfilando na rampa, tirar fotos e passar pelas salas]	Uniban (2)	***	
Atitudes provocativas	***	Redação (1)	Ironia
Constrangeu os alunos e denegriu a nossa imagem	Aluno (1)	***	
Desafiou um padrão de vestimenta	Pesq Unifesp ⁵² (1)	***	
Divertir-se sacudindo a libido alheia	***	Redação (1)	
Ela provocou a situação	Aluno (1)	***	
Ela provocou as agressões que sofreu	Aluno (1)	***	
Ela veio com um vestidinho rosa da pesada, daqueles que se usa com calça leggings, só que sem calça	Aluno (1)	***	
Ferir a moral e os bons costumes	***	Alunos (1)	
Fez percurso maior que o habitual, aumentando sua exposição	***	Uniban (1)	
Flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade	Uniban (1)	***	
Inconveniência de seus trajes	Uniban (1)	***	
Minissaia / minivestido	New York Times (1), Redação (2)	Leitor (1)	
Minissaia rosa choque / Minivestido rosa	Redação (3)	***	
Pode aparecer na Playboy	Redação (1)	***	
Provocativas	***	Uniban (1)	
Provocou a situação [com sua atitude]	Uniban (2)	***	
Responsável pela violência que sofreu, por causa da sua roupa que usava e de sua atitude	Redação (1)	***	
Saia curta	***	Redação (1)	Ironia
Traje tão provocante	Redação (1)	***	
Trajes inadequados e que indicam uma postura incompatível com o ambiente da universidade	Uniban (1)	***	
Um vestido rosa curto desencadeia o delírio coletivo	Redação (1)	***	
Vestido curto / Vestido rosa curto	Geisy (1), Redação (16)	Redação (1)	
Vestido insinuante	Redação (1)	***	
Vestido rosa com falta de decoro	Redação (1)	***	
Estreou como atriz no Casseta & Planeta	***	Redação (1)	
Teve uma semana de ex-BBB	***	Redação (1)	Ironia
Pode participar de reality show	Redação (1)	***	

De acordo com o Quadro 30, foram encontradas 55 expressões relativas ao comportamento e vestimenta de Geisy contrárias à compreensão do acontecimento como

⁵² Pesquisador Unifesp (Universidade Federal de São Paulo)

manifestação de violência ou intolerância. Destas, 45 estavam presentes em textos informativos e apenas 10 em opinativos. Ou seja, este tipo de expressão predominou em textos que objetivam a neutralidade, mas que, no entanto, se posicionaram mais desta forma do que nas que expressam opiniões claramente.

Foram freqüentes expressões de críticas à vestimenta, acentuando o comprimento do vestido e caracterizando-o como insinuante e provocativo. Estas expressões foram consideradas contrárias, pois enfatizam o ponto de vista e a justificativa dos agressores por um comportamento injustificável.

Também se destacaram expressões como: “pode participar de reality show”, “teve uma semana de ex BBB”, “estreou como atriz no Casseta e Planeta”, e, “pode aparecer na Playboy”, que foram classificadas como contrárias, pois enfatizam o que a Geisy “ganhou” com toda essa situação, deixando subentendido que o ocorrido trouxe vantagens para ela.

Verificou-se que a redação foi a voz que mais emitiu expressões deste tipo (35 casos), seguida da Uniban (10 ocorrências) e de alunos (6 casos), sendo que a Geisy se posicionou desta maneira apenas uma vez.

Já nas expressões favoráveis (como demonstra o Quadro 31), Geisy foi responsável por 6 termos, enquanto a redação foi por 9 e o MEC por 1. No caso, ainda, dessas expressões, nota-se a ausência da Uniban e dos alunos como fonte, deixando claro o posicionamento dos sujeitos envolvidos: Uniban e alunos expressaram opiniões sobre o comportamento e a vestimenta da aluna que dificultam a compreensão do ocorrido como manifestação de intolerância e violência, enquanto Geisy se expressa a favor dessa compreensão.

Quadro 31: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao comportamento e vestimenta	Vozes/freqüência Gênero informativo	Vozes/freqüência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A estética é o que menos importa nesse caso	***	Redação (1)	
A qualificação da atitude da aluna revela preconceito de gênero	MEC (1)	***	
A sociologia do vestuário é um recurso retórico para encobrir a real causa da violência - a opressão do corpo feminino	Redação (1)	***	
Chorou e disse temer não conseguir prosseguir o curso	Redação (1)	***	
Conta que sentiu vontade de se matar	Redação (1)	***	
Diz que nunca foi orientada a mudar seu jeito de se vestir	Redação (1)	***	

Diz ter medo / Tenho medo	Redação (1); Geisy (1)	***	
É uma grande mentira que eu levantei a saia. Disse mais de 30 vezes que não levantei coisa nenhuma mas preferiram acreditar neles	Geisy (1)	***	
Eu não sou um problema	Geisy (1)	***	
Minha vontade era de me matar, sumir do mundo, me enfiar em um buraco, desistir de tudo	Geisy (1)	***	
Quer trocar de faculdade em 2010 porque teme uma nova humilhação	Redação (1)	***	
Se emocionou ao falar sobre a humilhação que sofreu	Redação (1)	***	
Se um segurança ou professor tivesse me dito, eu humildemente voltaria para casa	Geisy (1)	***	
Tem medo de sofrer retaliações de estudantes	Redação (1)	***	
Vai entrar com pedido de indenização, "para que eles aprendam que não podem tratar uma mulher dessa forma"	Geisy (1)	***	

Das 16 expressões favoráveis, apenas uma esteve presente em textos opinativos, demonstrando que essa valoração ocorreu em textos que buscavam a objetividade. Além disso, em relação a esse item (comportamento e vestimenta de Geisy), houve um predomínio de expressões caracterizadas como contrárias ao enquadramento de intolerância em detrimento das expressões favoráveis e neutras.

As expressões neutras, como observadas no Quadro 32, apresentaram 28 ocorrências, sendo 22 em textos informativos e 6 em textos de opinião. Enquanto que as expressões favoráveis tiveram 16 (16,2%) aparições e as contrárias 55 (55,5%), conforme dados dispostos à seguir:

Tabela 11: Enquadramentos referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda (*O Estado de S. Paulo*)

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	10	45	55	10,1%	45,5%	55,5%
Favoráveis ao caso como intolerância	1	15	16	1,0%	15,2%	16,2%
Neutros	6	22	28	6,1%	22,2%	28,3%

Em relação a essa variável, a mesma situação foi constatada no jornal *Folha de S. Paulo*, no qual o comportamento e vestimenta da aluna foram enquadrados como contrários à compreensão do acontecimento como manifestação de intolerância e violência, apresentando 164 (76,3%) expressões com esta característica, 07 (3,3%) favoráveis e 44 (20,4%) neutras.

Outra questão que também foi verificada em ambos os jornais foi a influência das fontes nos enquadramentos, já que a Uniban e os alunos se posicionaram de maneira

contrária, enquanto Geisy se posicionou de forma favorável ao enquadramento de intolerância e violência.

Quadro 32: Expressões referentes ao comportamento e vestimenta de Geisy Arruda neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao comportamento e vestimenta	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A roupa não é escandalosa, a moça que é exuberante	Procuradora (1)	Redação (1)	
Aceitou ser destaque de escola de samba	***	Redação (1)	
Acha que sua via profissional pode ser afetada pela exposição a que foi submetida	Redação (1)	***	
Comprimento do vestido	Redação (2)	***	
Conversou com a Playboy	***	Redação (1)	
Costumo usar vestidos curtos e calças apertadas, assim como outras meninas	Geisy (1)	***	
Deu entrevista a agências internacionais de notícias	***	Redação (1)	
Disse que não vai mudar o jeito de se vestir	Redação (1)	***	
Não sou a única menina que vai à faculdade de vestido	Geisy (2)	***	
Nega que tenha levantado a saia	Redação (1)	***	
Nega que tenha 'desfilado' [na rampa da faculdade]	Redação (2)	***	
O último fim de semana passou na praia trancada em casa, sem telefone, TV e internet	Redação (1)	***	
Polêmico vestido rosa choque	Redação (1)	***	
Quer voltar para Uniban para concluir pelo menos o semestre e não perder o investimento que seu pai fez ao pagar as mensalidades	Redação (1)	***	
Só quero entrar na sala, sentar e estudar e fazer as provas. Pretendo nem descer na hora do intervalo, fico só dentro da sala, se for esse o problema	Geisy (1)	***	
Traje rosa um pouco curto	Redação (1)	***	
Vestido que usava	Redação (2)	***	
Vestido rosa	Redação (4)	***	
Vestimenta	***	Redação (1)	
Virou isca de vírus eletrônico	***	Redação (1)	

Como já afirmado também foram estudadas as expressões relativas às atitudes da Uniban em relação ao ocorrido em suas dependências no dia 22 de outubro e às repercussões deste. Estas podem ser verificadas nos próximos 3 quadros (Quadros 33, 34 e 35).

Quadro 33: Expressões referentes à atitude da Uniban contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem às atitudes	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
(Acusou Geisy) de "provocar" o assédio coletivo	Redação (1)	***	
Alega que a estudante usava roupas curtas e tinha atitudes provocativas	Redação (1)	***	
Alegam que estudante fez percurso maior que o habitual	***	Redação (1)	
Anunciar a expulsão alegando "flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade"	Redação (1)	***	
Culpou Geisy pelo tumulto	Redação (1)	***	
Decidiu desligar Geisy de seu quadro de estudantes por entender que ela foi responsável	Redação (1)	***	
Decidiu expulsar Geisy por considerá-la responsável pela violência que sofreu, por causa da roupa que usava e de sua atitude	Redação (1)	***	
Diz que ela foi "alertada constantemente sobre a inconveniência de seus trajes"	Uniban (1)	***	
Nega que tenha errado ao expulsar Geisy	Redação (1)	***	

Todas as expressões referentes à atitude da Uniban contrárias ao enquadramento estudado se referem ao posicionamento da Uniban de apontar Geisy Arruda como responsável pelo acontecimento; pois “usava roupas curtas e tinha atitudes provocativas”; “fez percurso maior que o habitual”; e, desrespeitou os “princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade”.

Constatou-se a presença de 9 expressões com essa característica, estando apenas uma presente em texto opinativo. A voz predominante foi da própria redação (com 8 casos), tendo apenas uma expressão a Uniban como fonte.

Em comparação com o jornal *Folha de S. Paulo*, observa-se que *O Estado de S. Paulo* utilizou apenas uma fonte (a Uniban), enquanto a *Folha* utilizou 6 fontes para caracterizar à Uniban de maneira contrária ao enquadramento de intolerância e violência, apresentando maior diversidade de vozes e, portanto, de sujeitos/organizações que se posicionam dessa maneira.

As expressões favoráveis ao enquadramento de intolerância foram mais utilizadas que as contrárias e tiveram maior variedade de vozes, como visualizado no Quadro 34.

Quadro 34: Expressões referentes à atitude da Uniban favoráveis ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem às atitudes	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
(Houve) diferentes tipos de punição: a expulsão de Geisy, vítima das agressões, e apenas uma suspensão dos alunos que provocaram o tumulto	MEC (1)	***	
A atitude representa um profundo e lamentável desrespeito às mulheres e um pensamento arcaico	Promotor (1)	***	
A expulsão envergonha os subscritores desse manifesto e coloca em cheque os princípios basilares do Estado Democrático de Direito	Baixo assinado ONG (1)	***	
A expulsão foi o ápice da tragédia	Procuradora (1)	***	
A expulsão não tem fundamento e dá força para um pedido de indenização	Promotor (1)	***	
A intolerância premiada pela desastrosa atitude da direção escolar	***	Redação (1)	Ironia
A posição da Uniban foi semelhante ao caos em que se responsabiliza a vítima de um assalto por estar segurando a carteira, ou se diz que uma mulher é culpada quando sofre assédio ou abuso por causa da sua roupa	UNE (1)	***	
A sindicância foi falha e tendenciosa desde o início	Adv. Geisy (1)	***	
A vítima foi transformada em ré	Movimento feminista, sindical e estudantil (1)	***	
Absurda	Irmão Geisy (1), Prof. USP (1), UNE (1)	Redação (1)	
Afastamento da estudante não tem amparo legal	Especialistas (1)	***	
Afirma que cerca de 600 alunos se aglomeraram em torno de Geisy	Redação (1)	***	
Agressores ficaram impunes	Movimento feminista, sindical e estudantil (1)	***	
Além de não ter havido ampla possibilidade de defesa por parte da estudante, como diz a lei, a decisão vai contra artigos da Constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB	Advogado (1)	***	
As garantias individuais, o direito de ir e vir, a civilidade, o princípio da igualdade, da tolerância, do respeito ao próximo, tudo foi mandado devidamente às favas em nome da supremacia da maioria	***	Redação (1)	
Assemelha-se ao pior da política	***	Redação (1)	
Atitude condenada	Ministra Nilcéia Freire (3)	***	
Atitude machista	Professor USP (1)	***	
Conferiu salvaguarda para defender o "ambiente escolar" com a truculência que achar conveniente à ocasião	***	Redação (1)	
Criticada	Redação (1)	***	
Criticada por senadores, deputados e pela Ordem dos Advogados	Redação (1)	***	
Dano moral	Adv. Geisy (1); Procuradora (1)	***	
Decisão (da expulsão) foi infeliz, desastrosa e impensada	Consultor de ensino (1)	***	

Decisão de expulsar a estudante e considerá-la responsável pelo tumulto é inconstitucional e dá força para um processo e pedido de indenização	Advogado (1)	***	
Desde quando há justificativa para o estupro ou toleramos esse tipo de violência?	UNE (1)	***	
Desfecho esdrúxulo	UNE (1)	***	
Deu respaldo à atitude agressiva da comunidade	Ministra Nilcéia Freire (1)	***	
Devia ter usado seu espaço para discutir o caso, jamais penalizar a moça	Procuradora (1)	***	
Diante do mesmo problema, há duas punições de gravidade diferente. Por que não houve então igual tratamento?	MEC (1)	***	
Draconiana e exacerbada, rememorando os tempos obscuros da ditadura	Advogado Geisy (1)	***	
Está sendo machista, desviando o foco do problema	Professor USP (1)	***	
Expulsão da vítima	***	Redação (1)	
Extremamente machista	Procuradora (1)	***	
Foi a volta do patriarcalismo que apesar das conquistas femininas continua nos assediando	***	Redação (1)	
Há o indício de que a universidade tenha agido com preconceito de gênero contra a aluna, ferindo o artigo 46º da LDB que determina o respeito à diversidade e à tolerância	Advogado (1)	***	
Impor sua opção pela lei do mais forte em detrimento da lei mais forte do País extinguindo por conta própria os ditames da Constituição	***	Redação (1)	
Iniciativa de duvidosa legalidade, do ponto de técnico-jurídico, e absolutamente desastrosa, em termos de política educacional	***	Redação (1)	
Jamais imaginei que a universidade fosse oficialmente praticar violência contra ela (mulher)	Procuradora (1)	***	
Jamais se poderia esperar que a vítima de um linchamento moral fosse convertida em ré e que os linchadores, que não receberam mais do que uma suspensão, fossem tratados de modo leniente, sob a justificativa de que só defenderam a dignidade acadêmica e a moralidade	***	Redação (1)	
Justificativa esfarrapada	***	Redação (1)	
Medida retrógada, preconceituosa e ilegal	Procuradora (1)	***	
O caso da Uniban é questão de direitos civis	***	Redação (1)	
O que a universidade resolveu fazer foi o caminho mais simples: em vez de fazer o julgamento dos agressores, disse que a equivocada era a estudante.	Antropóloga (1)	***	
Punir a vítima, convertendo-a em ré	***	Redação (1)	
Reação foi coerente com a dos agressores	Procuradora (2)	***	
Recuo representa um "mea culpa" pela atitude equivocada	Advogada (1)	***	
Representa um profundo e lamentável desrespeito à mulher	***	Promotor (1)	
Situação ultrapassada: culpar a mulher pelas agressões que sofre	Procuradora (1)	Procuradora (1)	
Termina por reproduzir lamentavelmente as contradições da sociedade, dando sinais de que vive na era das cavernas	UNE (1)	***	
Transmitiu a idéia de que não consegue conter seus estudantes, de que seus campus são uma bomba prestes a explodir	Consultor de ensino superior (1)	***	
Um ataque aos direitos das mulheres	Professor USP (1)	***	
Um equívoco tremendo depois de toda discussão sobre violência	Antropóloga (1)	***	
Viceja a liberdade de injuriar, agredir, humilhar, desrespeitar e barbarizar	***	Redação (1)	

Foram contabilizadas 61 expressões relacionadas à atitude da Uniban favoráveis ao enquadramento estudado. Destas 45 estavam presentes em textos informativos e 16 em opinativos. A maioria das expressões apresentou-se apenas uma vez nos textos estudados, a expressão com esta característica que teve maior frequência foi “absurda” com apenas 4 aparições.

Constatou-se ainda no Quadro 34 que em relação à atitude da Uniban houve uma diversidade de vozes favoráveis à compreensão do ocorrido como manifestação de intolerância e violência, demonstrando uma diversidade de sujeitos e instituições que se posicionaram dessa maneira (o oposto do que ocorreu com as expressões contrárias ao enquadramento estudado que foram declaradas apenas pela redação e pela Uniban).

Além da voz da redação (com 17 declarações), essas expressões apresentaram a opinião das seguintes fontes: procuradora (11 casos); UNE (5); professor USP (4 ocorrências); advogado (4); antropóloga (3); advogado de Geisy (3); promotor (3); ministra Nilcéia Freire (2); consultor de ensino superior (2); MEC (2); movimento feminista, sindical e estudantil (2); especialistas (1) e irmão de Geisy (1).

Por meio dessa diversidade de vozes subentende-se que o grupo de sujeitos que aponta a atitude da Uniban como ato de apoio à intolerância e violência é maior que o grupo que a aponta de maneira a minimizar essa questão. Além disso, não foram utilizados como fontes os sujeitos envolvidos no acontecimento, mas indivíduos que representam segmentos da população (UNE, movimentos sindicais e femininos) e peritos em direitos civis e sociais (advogados, promotores, antropólogos), criando o sentido de que este evento é de interesse geral da população e não se mantém restrito ao ambiente da Uniban.

Esse fato, ainda, pode gerar o sentido de que apenas um pequeno segmento da população posiciona o ocorrido como não violência e não intolerância, enquanto que a maioria o caracteriza como violência e intolerância já que houve o uso de uma pluralidade de fontes para descrever o acontecimento dessa forma.

Já em relação às expressões neutras pode-se verificar o seguinte (conforme Quadro 35):

Quadro 35: Expressões referentes à atitude da Uniban neutras em relação ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem às atitudes	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
(Bateu) o recorde de Aloizio Mercadante na mais rápida revogação do irrevogável no Brasil em 2009	***	Redação (1)	Ironia
(Reuters) ironizou o fato de o episódio (expulsão) ter acontecido em um país conhecido pelos seus biquínis minúsculos e sua atitude libinal	Redação (1)	***	
A instituição preferiu responsabilizar apenas uma estudante a suspender um grupo. Fez um cálculo financeiro. Dificilmente um episódio como este ocorreria em uma universidade federal ou estadual	Advogado (1)	***	
A mudança da decisão ocorreu em parte por causa da repercussão negativa do caso na mídia e também porque a Uniban, após sindicância, reavaliou o ocorrido	Uniban (1)	***	
Anunciar e depois revogar a expulsão	***	Redação (1)	
Castigar a aluna	***	Redação (1)	
Causa espanto	***	Redação (1)	
Chegou a transferir a turma de Geisy para outro prédio para oferecer maior segurança à jovem	Redação (1)	***	
Conseguiu o que parecia impossível. De uma hora para outra, saíram todos em defesa de Geisy	***	Redação (1)	
Decidiu expulsar a estudante	Redação (1)	***	
Decidiu também que suspenderá temporariamente os estudantes envolvidos	Redação (1)	***	
Decisão	Redação (2)	***	
Decisão destruiu imagem construída durante anos / Desastrosa para sua imagem institucional / Destruíu sua imagem	Redação (1); Consultor de ensino (2)	***	
Do ponto de vista da imagem, foi caótico	Cons. ensino (1)	***	
É mais fácil para faculdade culpar um aluno do que expulsar todos os outros responsáveis	Irmão de Geisy (1)	***	
Equivocada	Pres. Semesp ⁵³ (1)	***	
Escolha que pareceu financeiramente mais vantajosa	***	Redação (1)	
Essa definitivamente não é a melhor medida a ser adotada	Pres. Semesp (1)	***	
Expulsão	Redação (2)	***	
Expulsão da aluna / estudante / expulsa aluna	Redação (9)	Redação (1)	
Expulsão de Geisy [Arruda]	Procuradora (1), Redação (1)	***	
Expulsão revogada	Redação (1)	***	
Ficamos estupefados com a expulsão	Adv. Geisy (1)	***	
Ganhou espaço nas agências internacionais de notícias e nas versões on line de alguns jornais do mundo	Redação (1)	***	
Garantiu que dará "toda segurança necessária" para a estudante	Redação (1)	***	
Instaurou sindicância	Redação (1)	***	
Lamento que tenha sido essa a decisão. Os educadores da universidade deveriam aproveitar essas oportunidades para realizar trabalhos de comportamento com os alunos	Presidente do Semesp (1)	***	
Meteu os pés pelas mãos	Promotor (1)	***	
Não admite que errou (ao expulsar a aluna) porque o	Vice reitor	***	

⁵³ Presidente do Sindicato das Instituições de Ensino Particulares do Estado de São Paulo (Semesp), Hermes Figueiredo.

conselho seguiu sua obrigação regimental	Uniban (1)		
Não conseguiu responder à altura a expectativa da opinião pública	Antropóloga (1)	***	
Não deixa qualquer espaço para diálogo	Adv. Geisy (1)	***	
Opção da Uniban é fato isolado e contraria todos nós	Baixo assinado ONG (1)	***	
Optou pela maioria: antes a baixa de uma mensalidade do que o risco de um déficit de receita mais pesado	***	Redação (1)	
Palhaçada (a revogação)	Aluna (1)	***	
Pretende aplicar medidas disciplinares aos causadores do tumulto	Uniban (1)	***	
Promete segurança à aluna	Redação (1)	***	
Realiza uma semana de ações educativas, que começa com a palestra do senador Eduardo Suplicy	Redação (1)	***	
Recua e cancela expulsão / Recua expulsão de aluna	Redação (2)	***	
Recuo ocorreu após discussões com áreas de comunicação e de publicidade da instituição	Redação (1)	***	
Recuou avaliando que teria ocorrido grande prejuízo à imagem da instituição	Redação (1)	***	
Repercussão negativa	Redação (2)	***	
Revogação	Redação (2)	***	
Revogar a decisão / medida / expulsão de aluna	Redação (3)	***	
Triste episódio de uma sucessão de equívocos	***	Redação (1)	

Foram contabilizadas 63 expressões relativas às atitudes da Uniban neutras em relação ao enquadramento analisado, estando 54 presentes em textos informativos e 9 em textos de opinião. A expressão que obteve maior frequência foi “expulsão da aluna”, com 10 ocorrências, destacando esta ação da Uniban em relação às demais.

As vozes que se expressaram dessa forma foram: redação (44), advogado de Geisy (2), Semesp (3), consultor de ensino superior (3), alunos (1), vice-reitor (1), promotor (1), irmão de Geisy (1), antropóloga (1), baixo assinado de ONG (1), advogado (1) e procurador (1).

No geral, observa-se que em relação às atitudes da Uniban, 47,4% foram classificadas neutras, 45,9% favoráveis e 6,7% contrárias ao enquadramento de intolerância e violência. Verifica-se ainda que destes, 80,5% estavam presentes em textos informativos e 19,5% em opinativos, conforme dados dispostos na Tabela 12:

Tabela 12: Enquadramentos referentes às atitudes da Uniban (*O Estado de S. Paulo*)

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	1	8	9	0,8%	6,0%	6,8%
Favoráveis ao caso como intolerância	16	45	61	12,0%	33,8%	45,9%
Neutros	9	54	63	6,8%	40,6%	47,4%

Ao comparar com o jornal *Folha de S. Paulo*, verifica-se que neste também houve um predomínio de expressões neutras, seguidas das favoráveis, no entanto, o percentual de expressões contrárias (17,7%) foi quase o triplo do percentual de expressões contrárias presentes no jornal *O Estado de S. Paulo* (6,7%).

Por último foram estudadas as expressões referentes ao acontecimento em si. Elas podem ser verificadas nos quadros 36, 37 e 38.

Quadro 36: Expressões referentes ao acontecimento contrárias ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao acontecimento	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
Algazarra	Aluno (1)	***	
Assédio foi merecido	Aluno (1)	***	
Brincadeira que passou dos limites	Aluno (1)	***	
Caso Geisy era tratado como piada entre alunos	Redação (1)	***	
Confusão	Redação (1)	***	
Ela não quis registrar boletim de ocorrência	Policial (1)	***	
Expressão de indignação moral	Redação (1)	***	
Foi só zoeira e o pessoal exagerou, mas ela mereceu	Aluno (1)	***	
Incidente	Redação (1)	***	
Males que vêm para o bem	***	Redação (1)	Ironia
Momentos de apuro	Redação (1)	***	
Ocorreu por causa de sua atitude	Uniban (2)	***	
Os gritos de ameaça teriam sido apenas uma 'reação de defesa do ambiente escolar'	***	Uniban (1)	
Reação coletiva de defesa do ambiente escolar	Uniban (2)	***	
Só defenderam a dignidade acadêmica e a moralidade	***	Redação (1)	Ironia
Tumulto	Geisy (1); Uniban (1); Redação (11)	***	

Foram contabilizadas 30 expressões referentes ao acontecimento contrárias ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência. Destas, 27 estiveram presentes em textos informativos e apenas 3 em opinativos, demonstrando que o jornal assumiu mais essa posição valorativa em textos de intenção neutra (textos informativos) do que naquelas em

que há objetivo claro de posicionamento (opinativos). A expressão de maior destaque foi “tumulto”, com 13 aparições. Essa expressão, bem como as expressões “algazarra”, “confusão”, “brincadeira que passou dos limites”; “incidente”, e, “momentos de apuro” foram caracterizadas como contrárias, pois minimizam o acontecimento, desvinculando deste a idéia de violência e intolerância já que foi apenas um “incidente”, uma “algazarra”, “um tumulto”.

Além dessas expressões que minimizaram o ocorrido, também foram encontradas expressões que apontaram a culpa e responsabilidade de Geisy perante o acontecido, posicionando os alunos como defensores do ambiente escolar que havia sido “transgredido” por Geisy.

Também foi verificado que além da voz da própria redação com (18 ocorrências), destacaram-se as seguintes fontes utilizadas para proclamar essas expressões: os alunos (com 4 citações) e a Uniban (com 6).

Já as expressões favoráveis podem ser verificadas no Quadro 37, logo abaixo:

Quadro 37: Expressões referentes ao acontecimento favoráveis ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao acontecimento	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A saída foi esconder-se em uma sala, sob os urros de uma multidão enfurecida	Redação (1)	***	
Acuada	Redação (1)	***	
Agressões	Redação (4), Procuradora (1)	Redação (1)	
Ainda que a estudante tenha quebrado padrões de conduta, não pode ser aceitável a agressão como resposta	Assessor ONG Plan Brasil (1)	***	
Além de escolta policial, um jaleco branco a protegeu da fúria agressiva	Redação (1)	***	
Ameaçada por usar vestido curto	Redação (1)	***	
Ameaçaram invadir o banheiro, chutaram a porta, quebraram a maçaneta	Geisy (1)	***	
As imagens são grotescas: de um lado, uma mulher acuada foge da multidão que a persegue, e de outro lado de quem filma, dezenas de celulares registram a cena com exatidão de quem assiste a um espetáculo	Redação (1)	***	
Assédio coletivo	Redação (1)	***	
Assédio em massa	Redação (2)	***	
Caso claro de violência contra a mulher	Redação (1)	***	
Caso reflete agressividade reprimida	Especialistas (1)	***	
Cenas de preconceito, intolerância e barbárie	***	Leitor (1)	
Cerca de 600 alunos se aglomeraram em torno de Geisy	Uniban (1)	***	
Cerca de 600 estudantes a cercaram com gritos e ameaças	Redação (1)	***	
Comportamento obscurantista	***	Redação (1)	
Covardia	***	Leitor (1)	

Dezenas de pessoas passaram em coro a gritar: 'puta' e ameaça-la de estupro	Redação (1)	***	
Difamação, injúria e constrangimento ilegal	***	Imprensa (1)	
É uma lógica machista a que alimenta sentimentos de indignação e ultraje por um vestido curto	Redação (1)	***	
Ela saiu [do local] escoltada pela polícia / teve de ser escoltada para fora do campus pela polícia / Teve de ser retirada do local pela polícia / (A polícia) a escoltou até a saída da universidade	Redação (6)	***	
Eles ficaram gritando 'puta' para ela	Aluno (1)	***	
Enxovalhada, insultada e ofendida	***	Leitor (1)	
Episódio das agressões	Redação (1)	***	
Esse caso me parece ter um forte caráter de gênero	MEC (1)	***	
Esse é o típico comportamento irracional de massa a que se referem antropólogos, psicólogos, sociólogos e filósofos do porte de Gustave Le Bon, Georges Sorel, Elias Canetti e Hannah Arendt, que estudam as forma de banalização da violência e de linchamento - inclusive moral	***	Redação (1)	
Fiquei com muito medo	Geisy (1)	***	
Fiquei muito assustada, chorei, entrei em desespero	Geisy (2)	***	
Foi a volta do patriarcalismo mais exacerbado, que, apesar de tudo que se diz e se vê sobre as conquistas das mulheres, continua a nos assediar	***	Redação (1)	
Foi encurralada e xingada	Redação (1)	***	
Foi moralmente linchada	Redação (1)	***	
Foi obrigada a se cobrir com um jaleco branco	Redação (1)	***	
Fui ofendida por gente que nem me conhece e por meninas que moram perto de mim	Geisy (1)	***	
Fui tratada como se fosse um bicho	Geisy (1)	***	
Ganhou repercussão gerando debates sobre intolerância na sociedade, após vídeos terem sido colocados no Youtube	Redação (1)	***	
Gritavam que queriam estuprá-la	UNE (1)	***	
Há uma sociedade desigual e que acredita disciplinar os corpos femininos pela violência. Nem que seja pela humilhação e pela vergonha de um vestido rosa	Redação (1)	***	
Hostilizada	Redação (2)	***	
Humilhação	Redação (2)	***	
Impingir a outrem tortura moral e ameaça de linchamento físico	***	Redação (1)	
Insultada, perseguida e encurralada por cerca de 600 alunos	***	Redação (1)	
Inverter a lógica da violência (culpar o uso do vestido) é a estratégia mais comum nos enredos da violência de gênero	Redação (1)	***	
Isso retrata a violência de gênero, culpar a mulher pela agressão	Coord ONG (1) ⁵⁴	***	
Linchada moralmente (e quase também fisicamente) pelos colegas	Redação (1)	***	
Linchamento	Redação (1)	***	
Linchamento físico	Redação (1)	***	
Linchamento moral	Redação (1)	Redação (1)	
Machismo	Redação (1)	***	
Me trataram como animal	Geisy (1)	***	
Nada justifica a violência que a jovem sofreu	Plan (1)	***	
Não agrediram o vestido, mas a mulher que o usava	Redação (1)	***	
Não há justificativa moral possível para esse incidente	Redação (1)	***	
Não há nada que justifique o uso de violência para disciplinar mulheres	Redação (1)	***	

⁵⁴ Coordenador da ONG Rede Mulheres de Educação

Não se descreveu a história como um ato de violência, mas como uma reação causada pela surpresa do vestido naquele ambiente	Redação (1)	***	
Nem mesmo a situação hipotética de uma mulher sem roupa justificaria o caso	Redação (1)	***	
No raciocínio enviesado, a multidão teria sido vítima da impertinência do vestido rosa	Redação (1)	***	
O caso não caberia nem em um folhetim vulgar	Redação (1)	***	
O machismo justifica a agressão contra a mulher por uma suposta falha	Redação (1)	***	
Ofendida e acuada	Redação (1)	***	
Parecia que a garota estava no Afeganistão dos Talebans ou na Idade Média da Santa Inquisição	***	Leitor (1)	
Perseguiam o vestido rosa com fúria	Redação (1)	***	
Perseguida	Redação (1)	***	
Perseguida e xingada	Redação (1)	***	
Perseguida, encurralada e xingada	Redação (2)	***	
Perseguiu e xingou a jovem por causa de sua vestimenta	***	Redação (1)	
Práticas violentas e intencionais	Redação (1)	***	
Preconceito de gênero	***	Redação (1)	
Saiu da Uniban humilhada	***	Geisy (1)	
Situação de violência	Redação (1)	***	
Situação de violência na qual a vítima pode ser seu próprio algoz	Procuradora (1)	***	
Só faltou arrastá-la pelos cabelos	Aluno (2)	***	
Sofreu assédio coletivo e ameaças de agressão	Redação (1)	***	
Tentaram passar a mão e mim, tiraram fotos e ficaram gritando que iam me pegar	Geisy (1)	***	
Traços de bullying, prática constante de violência física e psicológica que intimida e agride um indivíduo	Especialistas (1)	***	
Trata-se de uma questão de direitos civis, que interessa a toda sociedade	***	Redação (1)	
Ultrapassa o conceito de bullying	Socióloga Miriam Abramovay (1)	***	
Violência	Redação (1)	***	
Violência exagerada	Aluno (1)	***	
Violência provocada pelo machismo da sociedade	Socióloga Miriam Abramovay (1)	***	
Violência sexista	***	Redação (1)	
Xingada de prostituta e ameaçada de estupro	Redação (1)	***	
Xingada e acuada	Redação (1)	***	

Conforme verificado o quadro acima, foram veiculadas 99 expressões relativas ao acontecimento favoráveis ao enquadramento de intolerância e violência. Destas, 82 estiveram presentes em textos informativos e 17 em textos opinativos. Destacaram-se o termo “agressões”, com 6 ocorrências e a expressão que aborda o fato da Geisy ter necessitado de escolta policial para deixar o campus (6 ocorrências também), sendo que as demais expressões não apareceram mais de 2 vezes.

Das vozes pronunciadas neste contexto encontram-se a da redação (69), a de leitores (4), a de alunos (4), a da Uniban (1), a da mãe de Geisy (9), a do MEC (1), a de

sociólogos (2), a de imprensa internacional (1), a de especialistas (2), a de ONGs (1), a de antropólogos (2) e a de procuradores (2).

Já em relação às expressões neutras relativas ao acontecimento, pode-se verificar os seguintes dados dispostos no Quadro 38:

Quadro 38: Expressões referentes ao acontecimento neutras em relação ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência

Expressões e frases que se referem ao acontecimento	Vozes/frequência Gênero informativo	Vozes/frequência Gênero opinativo	Marcas de linguagem
A história teve repercussão depois de vídeos terem sido postados no Youtube	Redação (1)	***	
Aberração	***	Leitor (1)	
Afetou a rotina (da família)	Irmão Geisy (1)	***	
Caso	Procuradora (1); Redação (3)	Redação (1); Uniban (1)	
Caso da Uniban	Redação (1)	***	
Caso de Geisy	***	Redação (1)	
Delírio coletivo	Redação (2)	***	
É o fim da picada	***	Leitor (1)	
Efeito manada	Psicoterapeuta (3)	***	
Episódio	Redação (6)	***	
Episódio da universitária	***	Leitor (1)	
Episódio provocou reações diversas na própria universidade	Redação (1)	***	
Evento catártico pelo qual estudantes extravasaram a agressividade reprimida no cotidiano violento e um retrato da precarização da educação do país	Especialistas (1)	***	
Ganhou repercussão nesta semana pelo Youtube	Redação (1)	***	
História bizarra	Redação (1)	***	
Mexeu com a vida de todo mundo (da família)	Irmão Geisy (1)	***	
Não afeta apenas a estudante	***	Redação (1)	
Não é exemplo típico de bullying	Especialistas (1)	***	
Não tive mais sossego, minha mãe vive chorando, nervosa e meu pai ficou abalado	Irmão Geisy (1)	***	
O episódio afetou a rotina de sua família - sua mãe está tomando calmantes	Redação (1)	***	
O episódio expôs as muitas contradições não resolvidas na situação social da emblemática classe operária do subúrbio paulistano	Redação (1)	***	
Ocorrido	Redação (1)	***	
Os três andares da faculdade subiram atrás dela	Aluno (1)	***	
Polêmica	Redação (1)	***	
Reação dos alunos	Procuradora (1)	***	
Reação em massa	Redação (1)	***	
Reação exagerada	Coord ONG Rede Mulher Educ (1)	***	

Assim, foram verificadas 40 expressões referentes ao acontecimento neutras ao seu enquadramento como manifestação de intolerância e violência (33 presentes em textos informativos e 7 em opinativos), pertencentes às seguintes vozes: redação (25), leitores (3),

alunos (1), Uniban (1), irmão de Geisy (3), especialista (2), psicoterapeuta (3), ONG (1) e procurador (1).

Constata-se, ainda, que a quantidade de expressões neutras consistiu em menos da metade das expressões consideradas favoráveis (99 ocorrências), e que o jornal *O Estado de S. Paulo* enquadrou o acontecimento majoritariamente como ato de violência e intolerância, esses dados encontram-se apresentados na Tabela 13.

Tabela 13: Enquadramentos referente ao ocorrido na Uniban (*O Estado de S. Paulo*)

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	3	27	30	1,8%	16,0%	17,8%
Favoráveis ao caso como intolerância	17	82	99	10,1%	48,5%	58,6%
Neutros	7	33	40	4,1%	19,5%	23,7%

Esse resultado em relação ao acontecimento também foi verificado no jornal *Folha de S. Paulo*, onde foi constatado o predomínio de expressões favoráveis ao enquadramento de intolerância (com 97 ocorrências), em detrimento das contrárias (39 casos) e neutras (54 casos).

No geral (considerando os quadros de números 21 a 38), foram contabilizadas 116 expressões contrárias, 229 expressões favoráveis e 508 expressões neutras em relação ao enquadramento de intolerância e violência.

Das expressões contrárias, 18 estavam presentes em textos opinativos e 98 em informativos. Ou seja, este tipo de posição predominou em textos que possuem o objetivo de revelar os fatos de maneira mais neutra possível em relação ao ocorrido. O mesmo ocorreu com as expressões favoráveis, das quais 181 estavam presentes em textos informativos e 48 em opinativos; e com as expressões neutras das quais 432 foram veiculadas em textos informativos e 77 em opinativos.

Assim, verifica-se que das 710 expressões presentes em textos informativos, 60,8% foram neutras, 25,4% favoráveis e 13,8% contrárias. E, das 143 expressões presentes em textos opinativos, 53,8% foram consideradas neutras, 33,6% favoráveis e 12,6% contrárias e que no geral em *O Estado* houve 13,5% de expressões contrárias, 26,8% favoráveis e 59,7% neutras ao enquadramento de intolerância e violência (conforme dados apresentados na Tabela 14).

Tabela 14: Enquadramento final do caso Geisy Arruda (*O Estado de S. Paulo*)

Enquadramentos	Valores Absolutos			Valores Relativos		
	Opin.	Inform.	Total	Opin.	Inform.	Total
Contrários ao caso como intolerância	18	97	115	2,1%	11,4%	13,5%
Favoráveis ao caso como intolerância	48	181	229	5,6%	21,2%	26,8%
Neutros	77	432	509	9,0%	50,6%	59,7%

Assim, pode-se concluir que o jornal *O Estado de S. Paulo* assumiu um enquadramento predominantemente neutro ao estudado tanto em textos informativos como nos opinativos, vindo em segundo lugar o enquadramento favorável à compreensão do acontecimento como ato de intolerância e violência.

Porém, vale ressaltar que em relação às expressões relativas aos alunos houve a mesma frequência de citações favoráveis e neutras; em relação ao comportamento de Geisy predominaram as expressões contrárias e em relação ao acontecimento as expressões favoráveis.

Ao comparar os resultados desse enquadramento com os obtidos no jornal *Folha de S. Paulo*, nota-se que esta apresentou no total 1796 expressões sobre o acontecimento e suas vertentes enquanto que *O Estado de S. Paulo* apresentou 853, abordando a *Folha* quantitativamente mais sobre o acontecimento e suas vertentes do que *O Estado*. Também se verificou que a *Folha* expressou mais conteúdos contrários ao enquadramento de intolerância e violência (18,9%) que *O Estado* (13,6%). Portanto, apesar de ter veiculado mais sobre o caso, o veiculou mais de maneira a prejudicar a compreensão do ocorrido como manifestação de intolerância e violência que *O Estado*.

Em ambos houve um predomínio das expressões neutras seguidas das favoráveis e posteriormente das contrárias. No entanto, se observa que no jornal *Folha de S. Paulo* essa sequência predominou em textos opinativos, sendo que nos informativos houve maior frequência de expressões contrárias do que favoráveis ao enquadramento de intolerância. Já no jornal *O Estado de S. Paulo* predominaram as expressões favoráveis em relação às contrárias ao enquadramento de violência e intolerância tanto nos textos de opinião como nos informativos.

6 ENQUADRAMENTO DO CASO GEISY ARRUDA NOS JORNAIS *FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO*

Verificou-se que o jornal *Folha de S. Paulo* trouxe 1.796 expressões relacionadas ao acontecimento estudado, sendo 1.131 expressões relacionadas aos sujeitos/personagens centrais (Geisy, alunos e Uniban) e 665 relacionadas às situações e atitudes relativas ao ocorrido (vestimenta e comportamento de Geisy, atitude da Uniban e acontecimento em si), priorizando, portanto, os sujeitos em detrimento das situações e atitudes. Das 1.131 expressões relacionadas aos sujeitos, 564 foram sobre Geisy (375 em textos informativos e 408 em opinativos); 408 sobre a Uniban (sendo 231 em textos informativos e 177 em textos de opinião); e 159 sobre os alunos (tendo 65 presentes em textos informativos e 94 em opinativos).

Em relação à descrição dos sujeitos, as vozes que predominaram foram a da redação (com 877 citações), do leitor (com 136), dos alunos (com 30), e da Uniban (com 24). Geisy (principal protagonista da história) foi citada apenas 9 vezes para descrever algum dos personagens do ocorrido. Assim, é possível afirmar que neste jornal destacou-se a opinião de sujeitos não envolvidos com o acontecimento (leitores) e dos demais personagens secundários (Uniban e alunos) e não a opinião de Geisy Arruda, apesar de esta ter sido o personagem mais mencionado nos textos (com 564 expressões a seu respeito).

Em relação aos sujeitos, Geisy se posicionou majoritariamente de maneira favorável ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência, enquanto que a redação e os leitores se posicionaram mais de maneira neutra, seguido de favorável e os alunos e a Uniban se posicionaram mais de maneira neutra, seguido de contrário (sem emitir nenhuma expressão sobre os envolvidos que fossem favorável ao enquadramento).

No total, em relação aos personagens, foram contadas 879 expressões neutras, 162 expressões favoráveis e 90 contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência.

Essas informações podem ser melhor visualizadas na tabela a seguir:

Tabela 15: Expressões relativas aos sujeitos envolvidos no acontecimento conforme as vozes presentes no jornal *Folha de S. Paulo*

	GEISY						UNIBAN						ESTUDANTES						TOTAL SUJEITOS						TOTAL
	Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			
	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	
Redação	10	56	248	13	16	101	0	1	197	1	19	107	17	9	26	7	19	30	27	66	471	21	54	238	877
Advogado Geisy	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Leitor	0	0	0	8	11	33	0	0	0	4	2	43	0	0	0	6	14	15	0	0	0	18	27	91	136
Professor	0	0	1	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	0	4
Aluno	8	0	9	5	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	1	1	0	1	8	0	15	6	0	1	30
Docente Uniban	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Cidadão	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	3
Uniban	1	0	7	0	0	2	1	0	6	0	0	0	2	0	4	0	0	1	4	0	17	0	0	3	24
UNE	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Mãe de Geisy	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Vestibulanda	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	2	0	0	0	3
Amiga	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Entidade Feminina	0	0	2	0	0	0	0	2	5	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	8	0	0	0	10
Geisy	0	5	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	8	1	0	0	0	9
Ministra	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Deputado	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Professor UNB	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Segurança Uniban	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Sec. Educ. Sup.	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
MEC	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Universitário	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Imprensa Internac.	0	1	17	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	20	0	0	0	21
Total	21	65	289	26	27	136	5	3	223	5	21	151	19	13	33	14	33	47	45	81	545	45	81	334	1131

Legenda:

C – Contrário ao enquadramento de violência e intolerância

F – Favorável ao enquadramento de violência e intolerância

N – Neutro ao enquadramento de violência e intolerância

No jornal *O Estado de S. Paulo* foram analisadas 853 expressões relacionadas ao acontecimento do dia 22/10/2009 nas dependências da Uniban, sendo 452 referentes aos sujeitos e 401 às situações e atitudes. Das expressões relativas aos sujeitos, 207 foram sobre Geisy (com 5 expressões contrárias ao enquadramento de intolerância, 24 favoráveis e 178 neutras); 180 sobre a Uniban (sendo 3 contrárias, 3 favoráveis e 174 neutras) e 65 sobre os alunos (com 13 contrárias, 26 favoráveis e 26 neutras).

Nota-se que em relação aos sujeitos, o jornal *O Estado de S. Paulo* assumiu uma posição neutra (83,6%), seguida da favorável (11,7%) e da contrária (4,7%), exceto no caso das expressões relativas aos alunos, em que houve o mesmo número de expressões neutras e favoráveis em relação ao enquadramento estudado.

Ainda em relação à descrição dos sujeitos, observa-se que as vozes que predominaram foram a da redação (com 378 citações), a do leitor (com 11), a de Geisy (com 11), a da Uniban (com 10) e a de procuradores (com 10). Assim, é possível afirmar que neste veiculou a opinião não apenas de sujeitos não envolvidos com o acontecimento (leitores e procuradores), mas também dos personagens centrais do ocorrido (Uniban e Geisy), diferentemente do constatado no jornal *Folha de S. Paulo* em que a voz de Geisy não foi uma das mais frequentes.

Observa-se, também, que em *O Estado* houve um número maior de fontes para descrever os sujeitos favoráveis ao enquadramento de intolerância e violência (12) do que contrários (apenas 3). Como já colocado, esse fato pode gerar o sentido de que existem mais segmentos da população que posicionam o ocorrido como violência e intolerância, já que houve 4 vezes mais fontes que se posicionaram dessa forma do que contrários.

Além disso, a frequência da citação do procurador indica também uma vinculação do acontecimento com questões de direitos, já que este se tornou uma das principais fontes do acontecimento e consiste em um perito das questões relativas ao direito.

Essas informações encontram-se dispostas na próxima tabela:

Tabela 16: Expressões relativas aos sujeitos envolvidos no acontecimento conforme as vozes presentes no jornal *O Estado de S. Paulo*

	GEISY						UNIBAN						ESTUDANTES						TOTAL SUJEITOS						TOTAL
	Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			
	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	
Redação	2	13	142	2	8	24	1	0	120	1	1	18	12	9	17	1	5	2	15	22	279	4	14	44	378
Adv Geisy	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Leitor	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0	3	0	0	1	0	0	10	11
Aluno	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	3
Uniban	1	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	9	0	0	0	10
UNE	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Geisy	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0	0	0	0	3	1	0	0	0	0	3	8	0	0	0	11
Ministra	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
MEC	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	2
Promotor	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
Impr Internac.	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Irmão Geisy	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Plan	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
Antropóloga	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Semesp	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Pesquisador USP	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Mov. Fem. Sindical e estudantil	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Advogado	0	0	1	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0	0	4
Procurador	0	0	2	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	3	1	0	0	0	0	3	7	0	0	0	10
Cons. Ens Sup	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	4	0	0	0	5
Policial	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
ONG	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Total	3	16	153	2	8	25	2	2	149	1	1	25	12	21	21	1	5	5	17	39	323	4	14	55	452

Legenda:

C – Contrário ao enquadramento de violência e intolerância

F – Favorável ao enquadramento de violência e intolerância

N – Neutro ao enquadramento de violência e intolerância

Os eventos relacionados ao acontecimento foram divididos em 3 situações/attitudes resultantes de 3 momentos distintos envolvendo o caso: 1º momento: transgressão de um código de vestimenta; 2º attitudes diante desta “transgressão” (violência e ameaça), e 3º attitudes da Uniban diante da postura dos alunos e de Geisy (principalmente em relação à expulsão e revogação da expulsão). Na análise, estas situações/attitudes foram intituladas: comportamento/vestimenta da aluna; acontecimento e attitude da Uniban.

Sobre os eventos, foram encontrados no jornal *Folha de S. Paulo* 665 expressões, sendo que destas 190 se referiram ao acontecimento (sendo 39 expressões contrárias, 97 favoráveis e 54 neutras em relação ao enquadramento de violência e intolerância); 260 à attitude da Uniban (com 46 contrárias, 96 favoráveis e 118 neutras) e 195 ao comportamento e vestimenta da aluna (com 104 contrárias, 7 favoráveis e 84 neutras). Assim, pode-se afirmar que dos 3 momentos que envolveram o caso, o mais abordado por este jornal foi o das attitudes da Uniban em relação ao ocorrido. O acontecimento em si, foi o momento menos comentado, apesar de ter sido o fator mais importante desse caso e o responsável pela sua repercussão nos meios de comunicação.

Nota-se ainda que em relação aos eventos (no geral) a *Folha de S. Paulo* apresentou mais um posicionamento contrário ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência (com 249 expressões deste tipo), do que favoráveis (com 200) e neutras (com 216). No entanto, no caso específico do acontecimento em si, o enquadramento foi mais favorável (com 97 casos) do que contrário (com 39) ou neutro (com 54).

Ainda em relação à descrição dos eventos, observa-se que as vozes que predominaram foram a da redação (com 315 citações), a do leitor (com 109), a da Uniban (com 77), a da Geisy (com 32), e a dos alunos (com 26). Assim, é possível afirmar que a *Folha de S. Paulo*, destacou mais a opinião de sujeitos não envolvidos no acontecimento (leitores), do que a dos envolvidos no caso (Uniban, Geisy e alunos). Além disso, também é possível notar que, dentre os sujeitos envolvidos, a Uniban foi a que obteve maior espaço para veicular sua opinião (cujo posicionamento foi majoritariamente contrário – com 63 expressões – apresentando apenas uma expressão favorável).

Como no caso encontrado em relação aos sujeitos, o uso das fontes também foi importante para definição do enquadramento, já que o advogado de Geisy, as entidades feministas, a Geisy e a ministra posicionaram os eventos como manifestação de intolerância e violência, enquanto a Uniban, os alunos e a imprensa internacional posicionaram-os contrário a essa caracterização. Essas informações podem ser verificadas na tabela abaixo:

Tabela 17: Expressões relativas às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal *Folha de S. Paulo*

	ACONTECIMENTO						ATITUDE UNIBAN						COMPORTAMENTO/ROUPA						TOTAL SITUAÇÕES						TOTAL
	Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			
	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	
Redação	17	24	26	2	34	14	10	3	52	6	31	19	37	0	8	30	4	0	64	27	86	38	69	33	317
Advogado Geisy	0	1	0	0	0	0	0	14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	15	0	0	0	0	15
Leitor	0	0	0	5	22	9	0	0	0	13	17	11	0	0	0	24	1	7	0	0	0	42	40	27	109
Professor	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Aluno	1	3	2	0	3	0	3	0	6	0	0	0	8	0	0	0	0	0	12	3	8	0	3	0	26
Uniban	7	0	0	0	0	0	8	0	1	0	0	0	37	0	1	11	0	12	52	0	2	11	0	12	77
UNE	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Mãe de Geisy	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Entidade Feminina	0	0	0	0	0	0	0	6	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	3	0	0	0	9
Geisy	4	6	0	0	0	0	0	9	8	0	0	0	0	2	13	0	0	0	0	11	21	0	0	0	32
Vestibulanda	1	0	2	0	0	0	3	1	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	9	7	4	0	0	0	20
Ministra	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	0	6
Deputado	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Professor UNB	0	0	0	0	0	0	0	2	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	6	0	0	0	8
Segurança Uniban	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
MEC	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Universitário	1	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	3	2	1	0	0	7
Vice reitor Uniban	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
Promotor	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	3
Sociólogo	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Imprensa Internac.	0	0	0	0	0	0	1	0	8	0	0	0	13	0	1	0	0	0	15	0	9	0	0	0	24
Total	31	38	31	8	59	23	27	48	88	19	48	30	99	2	25	65	5	19	157	88	144	92	112	72	665

Legenda:

C – Contrário ao enquadramento de violência e intolerância

F – Favorável ao enquadramento de violência e intolerância

N – Neutro ao enquadramento de violência e intolerância

Ainda em relação aos eventos relacionados às situações e atitudes, pode-se verificar que no jornal *O Estado de S. Paulo* foram encontradas 401 expressões, sendo que destas 169 se referiram ao acontecimento (sendo 30 expressões contrárias, 99 favoráveis e 40 neutras ao enquadramento do acontecimento como intolerância e violência); 133 à atitude da Uniban (com 9 contrárias, 61 favoráveis e 63 neutras) e 99 ao comportamento e vestimenta da aluna (com 55 contrárias, 16 favoráveis e 28 neutras).

Assim, pode-se afirmar que dos 3 momentos que envolveram o caso, o mais abordado por este jornal foi o acontecimento em si (evento menos abordado no jornal *Folha de S. Paulo*).

Nota-se ainda que em relação aos eventos (no geral) este jornal adotou um enquadramento favorável ao acontecimento como manifestação de intolerância e violência, com 176 expressões favoráveis, bem superiores às contrárias (com 94) e neutras (com 131). Essa predominância ocorreu mesmo com o fato de que no tópico relacionado ao comportamento e vestimenta da aluna tenha predominado o enquadramento contrário.

Ainda em relação à descrição dos eventos, observa-se que as vozes que predominaram foram a da redação (com 247 citações), seguidas pela da Uniban (com 22), da Geisy (com 21), dos alunos (com 16) e de procuradores (com 16).

Assim, é possível afirmar que este jornal deu preferência para opinião de sujeitos não envolvidos com o acontecimento (procuradores), mas também aos personagens centrais do ocorrido (Uniban, Geisy e alunos). Em relação aos sujeitos não envolvidos com o acontecimento, nota-se que, *O Estado de S. Paulo* priorizou os procuradores, enquanto que a *Folha* deu preferência para os leitores. É importante ressaltar que, como já colocado, a frequência da citação do procurador indica também uma vinculação do acontecimento a questões de direitos, ligando o acontecimento à transgressão destes, enquanto que os leitores representam opiniões da sociedade em geral.

Essas informações encontram-se dispostas na próxima tabela:

Tabela 18: Expressões relativas às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal *O Estado de S. Paulo*

	COMPORTAMENTO						ATITUDE UNIBAN						ACONTECIMENTO						TOTAL SITUAÇÕES						TOTAL
	Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			
	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	
Redação	29	8	17	6	1	6	7	3	35	1	14	9	16	58	21	2	11	3	52	69	73	9	26	18	247
Adv Geisy	0	0	0	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	2	0	0	0	5
Leitor	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	3	0	0	0	1	4	3	8
Aluno	5	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	4	4	1	0	0	0	9	4	2	1	0	0	16
Uniban	8	0	0	2	0	0	1	0	3	0	0	0	5	1	0	1	0	1	14	1	3	3	0	1	22
UNE	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	5
Mãe Geisy	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Geisy	1	6	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	8	0	0	1	0	2	14	4	0	1	0	21
Ministra	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	4
MEC	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	4
Vice Reitor	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Promotor	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	1	0	4
Sociólogo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Impr Internac.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	2
Irmão Geisy	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	1	4	0	0	0	5
Especialista	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	3	2	0	0	0	5
Psicoterapeuta	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	3
ONG Mul Ed	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Antropóloga	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	4	1	0	0	0	5
Semesp	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	3
Baixo assinado	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Pesquisador USP	1	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	5
Mov. Fem. Sindical e estudantil	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Advogado	0	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	0	5
Procurador	0	0	1	0	0	0	0	9	1	0	1	0	0	2	2	0	0	0	0	11	4	0	1	0	16
Cons. Ens Sup	0	0	0	0	0	0	0	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	3	0	0	0	5
Policial	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Total	45	15	22	10	1	6	8	45	54	1	16	9	27	82	33	3	17	7	80	142	109	14	34	22	401

Legenda:

C – Contrário / F – Favorável / N – Neutro ao enquadramento de violência e intolerância

No geral (considerando tanto os sujeitos como as atitudes/situações), o jornal *Folha de S. Paulo* veiculou 1.796 expressões relacionadas ao acontecimento do dia 22 de outubro de 2009 nas dependências da Uniban. Destas, 1.060 foram veiculadas em textos informativos (sendo 202 contrárias, 169 favoráveis e 689 neutras quanto ao enquadramento de intolerância e violência) e 736 em textos opinativos (com 137 contrárias, 193 favoráveis e 406 neutras). Nota-se que em ambas houve o predomínio de expressões neutras, mas nos textos informativos as contrárias superaram as favoráveis e nos de opinião foram as favoráveis que superaram as contrárias ao enquadramento citado.

Esse fato pode gerar o sentido de que o caso não consistiu em uma manifestação de violência e intolerância (já que houve o predomínio desse enquadramento em textos informativos), mesmo havendo muitas pessoas e organizações que o caracterizem dessa forma (pois o enquadramento de violência e intolerância foi o que predominou em textos opinativos).

No total o jornal apresentou 61% das expressões neutras, 20,1% favoráveis e 18,9% contrárias. Assim, pode-se afirmar que no geral o jornal *Folha de S. Paulo* adotou um enquadramento neutro quanto à intolerância e violência dos acontecimentos e que houve quase uma equidade do número de expressões favoráveis e contrárias.

Em relação à descrição dos eventos, observa-se que a voz que predominou foi a da redação (com 1.194 citações), seguida pela dos leitores (com 245), da Uniban (com 101), e dos alunos (com 56). Geisy (principal protagonista do ocorrido) teve sua opinião veiculada apenas em 41 expressões.

Assim, pode-se afirmar que o jornal deu preferência à opinião dos sujeitos não envolvidos no evento (leitores) e da Uniban e dos alunos, não considerando com mesma proporção as opiniões de Geisy sobre os fatos analisados.

Os dados utilizados nessa análise encontram-se dispostos na Tabela 5 (logo abaixo).

Tabela 19: Expressões relativas aos sujeitos e às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal *Folha de S. Paulo*

	TOTAL SUJEITOS						TOTAL SITUAÇÕES						TOTAL						TOTAL
	Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			
	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	
Redação	27	66	471	21	54	238	64	27	86	38	69	33	91	93	557	59	123	271	1194
Advogado Geisy	0	0	1	0	0	0	0	15	0	0	0	0	0	15	1	0	0	0	16
Leitor	0	0	0	18	27	91	0	0	0	42	40	27	0	0	0	60	67	118	245
Professor	1	0	3	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	3	0	0	0	5
Aluno	8	0	15	6	0	1	12	3	8	0	3	0	20	3	23	6	3	1	56
Docente Uniban	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Cidadão	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	3
Uniban	4	0	17	0	0	3	52	0	2	11	0	12	56	0	19	11	0	15	101
UNE	0	1	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	3	1	0	0	0	4
Mãe de Geisy	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Amiga	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Entidade Feminina	0	2	8	0	0	0	0	6	3	0	0	0	0	8	11	0	0	0	19
Geisy	0	8	1	0	0	0	0	11	21	0	0	0	0	19	22	0	0	0	41
Vestibulanda	1	0	2	0	0	0	9	7	4	0	0	0	10	7	6	0	0	0	23
Ministra	0	1	0	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	6	1	0	0	0	7
Deputado	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3
Professor UNB	1	0	0	0	0	0	0	2	6	0	0	0	1	2	6	0	0	0	9
Segurança Uniban	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	2
Sec. Educ. Sup.	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
MEC	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Universitário	0	0	0	0	0	1	1	3	2	1	0	0	1	3	2	1	0	1	8
Vice Reitor	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
Promotor	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	2	1	0	0	0	3
Sociólogo	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Imprensa Internac.	0	1	20	0	0	0	15	0	9	0	0	0	15	1	29	0	0	0	45
Total	45	81	545	45	81	334	157	88	144	92	112	72	202	169	689	137	193	406	1796

Legenda:

C – Contrário / F – Favorável / N – Neutro ao enquadramento de violência e intolerância

O jornal *O Estado de S. Paulo* veiculou no total 853 expressões relacionadas ao acontecimento do dia 22 de outubro de 2009 nas dependências da Uniban. Destas 710 foram veiculadas em textos informativos (sendo 97 contrárias, 181 favoráveis e 432 neutras) e 143 em textos opinativos (com 18 contrárias, 48 favoráveis e 77 neutras). Nota-se que em ambas houve o predomínio de expressões neutras, e que as expressões favoráveis ao enquadramento de violência e intolerância superaram as contrárias, diferente do jornal *Folha de S. Paulo*, no qual isso ocorreu somente nos textos opinativos.

No total, o jornal apresentou 59,7% de expressões neutras, 26,8% favoráveis e 13,5% contrárias ao enquadramento citado. Assim, pode-se afirmar que no geral o jornal *O Estado de S. Paulo* construiu um enquadramento neutro sobre o caso.

Em relação à descrição dos eventos, observa-se que a voz que predominou foi a da redação (com 625 citações), seguida pela da Uniban (com 32), de Geisy (com 32) e de procuradores (com 26). Apesar das fontes terem sido menos citadas do que no jornal *Folha de S. Paulo* (leitores - 245, Uniban - 101, alunos - 56, Geisy - 41), observa-se que no jornal *O Estado de S. Paulo* houve maior equilíbrio entre o espaço destinado a Geisy e à Uniban, enquanto os alunos tiveram menor participação (com 19 citações).

No geral, em ambos os jornais verificou-se um enquadramento neutro, seguido do favorável em relação à compreensão do acontecimento como caso de intolerância e violência. Esse fato parece estar de acordo com as expectativas em torno da imprensa diária, no que diz respeito ao equilíbrio. No entanto, os jornais não foram totalmente “neutros” com relação aos eventos, já que a segunda interpretação dos acontecimentos sugere que os mesmos são expressão de intolerância e violência e isso pode significar uma abertura para discussão a favor de direitos femininos.

Porém, convém ainda salientar que apesar do enquadramento favorável ter sido superior ao contrário, constatou-se que os jornais poderiam ter aprofundado mais essas discussões relacionando-as ao preconceito de gênero que ainda encontra-se presente em nossa sociedade capaz de suscitar uma mobilização violenta como a que aconteceu contra Geisy.

Também vale colocar que no jornal *Folha de S. Paulo* apesar do enquadramento favorável ter sido superior ao contrário, a diferença de frequência de expressões entre ambos foi pequena, sendo que no gênero informativo as expressões contrárias superaram as favoráveis.

Tabela 20: Expressões relativas aos sujeitos e às situações e atitudes conforme as vozes presentes no jornal *O Estado de S. Paulo*

	TOTAL SUJEITOS						TOTAL SITUAÇÕES						TOTAL						TOTAL
	Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			Informativo			Opinativo			
	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	C	F	N	
Redação	15	22	279	4	14	44	52	69	73	9	26	18	67	91	352	13	40	62	625
Adv Geisy	0	1	0	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	4	2	0	0	0	6
Leitor	0	0	1	0	0	10	0	0	0	1	4	3	0	0	1	1	4	13	19
Aluno	0	2	1	0	0	0	9	4	2	1	0	0	9	6	3	1	0	0	19
Uniban	1	0	9	0	0	0	14	1	3	3	0	1	15	1	12	3	0	1	32
UNE	0	1	1	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	6	1	0	0	0	7
Mãe Geisy	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Geisy	0	3	8	0	0	0	2	14	4	0	1	0	2	17	12	0	1	0	32
Ministra	0	0	1	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	1	0	0	0	5
MEC	1	0	1	0	0	0	0	4	0	0	0	0	1	4	1	0	0	0	6
Vice Reitor	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Promotor	0	0	1	0	0	1	0	2	1	0	1	0	0	2	2	0	1	1	6
Sociólogo	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2
Impr Internac.	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	3
Asse educaç.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Irmão Geisy	0	1	1	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	2	5	0	0	0	7
Especialista	0	0	0	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	3	2	0	0	0	5
Psicoterapeuta	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	3
ONG Mul Ed	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Plan	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
Antropóloga	0	0	1	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	4	2	0	0	0	6
Semesp	0	0	1	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	4	0	0	0	4
Baixo assinado	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
Pesquisador USP	0	1	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	1	5	0	0	0	0	6
Mov. Fem. Sind. e estudantil	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	4
Advogado	0	1	3	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	5	4	0	0	0	9
Procurador	0	3	7	0	0	0	0	11	4	0	1	0	0	14	11	0	1	0	26
Cons. Ens Sup	0	1	4	0	0	0	0	2	3	0	0	0	0	3	7	0	0	0	10
Policial	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	2
ONG	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Total	17	39	323	4	14	55	80	142	109	14	34	22	97	181	432	18	48	77	853

Legenda: C – Contrário / F – Favorável / N – Neutro ao enquadramento de violência e intolerância

Como verificado nessa análise, além de o jornal *Folha de S. Paulo* ter veiculado mais textos (87 no total) sobre o caso Geisy Arruda do que o jornal *O Estado de S. Paulo* (41), também destinou mais espaço para eses textos jornalísticos, já que 61% deste ocuparam menos de 10% da página, enquanto que em *O Estado*, consistiram em 66% os textos sobre o caso que ocuparam menos de 10% da página do jornal. Assim, o jornal *Folha de S. Paulo* foi o que mais destacou esse assunto, proporcionando mais informações sobre o ocorrido e seus desdobramentos.

Porém, a discrepância entre o número total de textos veiculados diminui consideravelmente quando se observa apenas os informativos, desconsiderando os opinativos. Dos 87 textos jornalísticos veiculados pela *Folha*, 45 foram informativos e 42 opinativos, consistindo de 48% os textos de opinião; já em *O Estado*, dos 41 textos, 32 eram informativos e apenas 9 opinativos, consistindo de 22% os textos de opinião.

Portanto, pode-se afirmar que a *Folha* proporcionou mais espaços para que leitores e jornalistas expressassem suas opiniões sobre o caso, destinando um número considerável de textos exclusivos para esta questão. Já em *O Estado* a participação da opinião pessoal tanto de leitores como de jornalistas não foi tão valorizada.

Ao observar essa questão pode-se pressupor que a porcentagem de expressões neutras em relação ao enquadramento de intolerância e violência deveria ser maior no jornal *O Estado* já que este destinou menos espaço para expressões de opiniões. No entanto não foi essa situação a constatada. Do total de expressões veiculadas em *O Estado*, 59,7% foram consideradas neutras, 26,8% favoráveis e 13,5% contrárias, enquanto que na *Folha* 61% foram neutras, 20,1% favoráveis e 18,9% contrárias. Observou-se que houve (em valores relativos) praticamente a mesma participação de expressões neutras em ambos os jornais, porém que em *O Estado* veicularam-se mais expressões favoráveis (26,8%) que na *Folha* (20,1%).

Assim, pode-se afirmar que *O Estado* é o jornal que relativamente mais emitiu juízos de valores em relação ao caso Geisy em textos informativos que teriam o objetivo manter a neutralidade e a imparcialidade, revelando os fatos de maneira isenta em relação ao ocorrido.

Assim, ao comparar os dois jornais, pode-se afirmar que o jornal *O Estado de S. Paulo*, além de possuir relativamente mais expressões favoráveis que a *Folha*, estas ainda foram veiculadas mais em textos informativos que opinativos, conferindo maior força aos dados e ao seu enquadramento, já que não procuram expressar claramente a opinião de um sujeito ou grupo, mas um relato factual.

Por outro lado, a *Folha*, ao destinar mais textos opinativos sobre o caso, proporcionou mais espaços para discussões de opiniões e posicionamentos, possibilitando um debate pela sociedade (leitores e jornalistas).

Além disso, convém ainda salientar que apesar da *Folha* ter disponibilizado mais textos sobre o ocorrido, não significa que esse jornal promoveu maior discussão favorável às relações emancipadoras de gênero, ao contrário, verificou-se que, relativamente, apresentou mais textos contrários ao enquadramento de intolerância e violência que *O Estado*.

Em relação às expressões sobre Geisy relativas ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência, observa-se que estas foram predominantemente neutras, seguidas de favoráveis em ambos os jornais, porém na *Folha de S. Paulo*, 8,4% foram contrárias, 16,3% favoráveis e 75,3% neutras, e em *O Estado* 2,4% contrárias, 11,5% favoráveis e 86,1% neutras. Com isto, nota-se que, em relação a esse personagem, *O Estado* tendeu mais à neutralidade que a *Folha* e trouxe menos expressões contrárias ao enquadramento mencionado.

Esse fato pode ser notado principalmente devido à utilização pela *Folha* de termos como “puta” e expressões que salientam a vestimenta e sexualidade da jovem, desviando o foco da violência para a transgressão de um código de vestimenta. Um dos fatores que explicam essa questão seria a opção pelo uso de determinadas fontes, como pôde ser constatada nessa análise.

Na *Folha*, a voz principal utilizada para descrição de Geisy foi a da redação (444), seguida pela do leitor (52), de alunos (22), da imprensa internacional (18) e da Uniban (10), sendo que Geisy somente foi mencionada 5 vezes para falar de si mesma.

Nos quadros 2, 3 e 4, nota-se que a Uniban se refere à Geisy Arruda (no jornal *Folha de S. Paulo*) majoritariamente como “aluna” (8 citações), citando-a como “Geisy” apenas uma vez e se referindo a ela como uma pessoa que “tem interesse em ser atriz”, também uma vez. Os alunos se referiram à estudante majoritariamente como “puta” (11 casos), enquanto Geisy Arruda se refere a si mesma como “vítima” (5 citações).

Assim, no jornal *Folha de S. Paulo*, a descrição sobre ela se modifica conforme a fonte. Para Uniban, Geisy é mencionada como aluna, mas que tem interesse em ser atriz, deixando subentendido que talvez isso justifique sua exposição aos meios de comunicação. Para os alunos, ela foi comparada com uma profissional do sexo, cujo xingamento remete às mulheres que não “tem valor moral” e por isso, talvez, precisaria ser disciplinada. No caso dela mesma, ela se define como vítima do acontecimento do dia 22 de outubro e da decisão da Uniban em expulsá-la.

Outro fator a considerar é a frequência citada de cada fonte: a Uniban se referiu a Geisy 10 vezes, os alunos 22 vezes, enquanto esta falou de si mesma apenas 5 vezes. Neste caso, percebe-se que a universidade falou sobre Geisy o dobro do que ela abordou sobre si e os alunos pouco mais que o quádruplo, repercutindo diretamente no enquadramento dado ao caso pela *Folha de S. Paulo*.

Ainda em relação às expressões sobre a aluna, foram ressaltados termos como “vai virar garota propaganda de lingerie”, “sondada para posar nua”, “sondada para participar de um anúncio de lingerie” e outras que foram classificadas como contrárias, pois enfatizam os benefícios e vantagens que Geisy tirou da situação, minimizando, portanto, a gravidade da violência sofrida, já que por meio dessa a aluna pode galgar oportunidades que provavelmente lhe seriam impossíveis.

Já *O Estado* não utilizou muitas fontes para mencionar a aluna. Das vozes presentes a que mais se destacou foi a da própria redação (191), seguida pela da Uniban (5), da ONG Plan (2) e de um procurador (2). Sendo que das fontes (expressões não emitidas pela redação), houve apenas uma expressão considerada contrária (“foi responsável”, emitida pela Uniban), as demais foram classificadas como neutras. Também se observa que este jornal não enfatizou nem a vestimenta, nem as situações de vantagens que a aluna obteve com o caso para descrevê-la, justificando, portanto, o predomínio de expressões neutras em relação à aluna.

Outro personagem analisado foi a Uniban. Em relação à instituição, observa-se que *O Estado de S. Paulo* manteve maior neutralidade que a *Folha*, pois 97% das expressões de *O Estado* foram classificadas como neutras e 1,5% contrária e 1,5% favorável, enquanto que 91,8% das expressões da *Folha* foram neutras, 5,8% favoráveis e 2,4% contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência.

Em relação a esses dados, o fato que mais destacou foi que as expressões veiculadas pela *Folha* favoráveis ao enquadramento de intolerância se concentraram no gênero opinativo (21 expressões em detrimento das 3 favoráveis no gênero informativo). Também é possível observar que estas expressões favoráveis consistiram em sua maioria de críticas à universidade, caracterizando-a negativamente devido à ação que assumiu perante o acontecimento.

Desta forma, percebe-se que o jornal *Folha de S. Paulo* adotou um enquadramento neutro em textos informativos, mas criticou a Uniban em textos opinativos, deixando claro que as críticas eram resultado de opiniões pessoais e particulares,

resguardando o jornal de tê-la descrito como uma instituição intolerante, que não se preocupa com a educação moral e crítica que respeite a diversidade.

Também foram estudadas expressões sobre os alunos envolvidos no caso. Nota-se que o jornal *Folha de S. Paulo* deu mais espaço aos estudantes do que aos demais envolvidos no caso (Geisy e Uniban).

Em relação aos estudantes, ainda pode-se afirmar que a *Folha* apresentou 50% de expressões neutras, 29% favoráveis e 21% contrárias ao enquadramento de intolerância e violência, enquanto *O Estado de S. Paulo*, apresentou 40% de expressões neutras, 40% favoráveis e 20% contrárias.

Em relação aos alunos o *Estado de S. Paulo* tendeu a um posicionamento mais favorável ao enquadramento de intolerância do que a *Folha* e que em ambos os valores relativos de expressões contrárias foram praticamente o mesmo (20% e 21% respectivamente). Assim, apesar de em ambos predominar o enquadramento neutro, seguido do favorável, pode-se afirmar que o *Estado* (em relação aos alunos) tendeu ser mais favorável ao enquadramento de violência e intolerância do que a *Folha*.

O uso das fontes também foi importante no enquadramento dos alunos. Na *Folha*, Geisy Arruda se refere, exclusivamente, a eles como “alunos que fizeram aquele vandalismo”, “bando de vândalos” e “pessoas que me agrediram”, enquanto a Uniban os designa como “colegas” (2 ocorrências) e “alunos” (4 ocorrências) e a redação majoritariamente como “alunos” (13 ocorrências), e “colegas” (17 ocorrências).

A Uniban não se posicionou em relação aos alunos de maneira a responsabilizá-los ou criticá-los pelo ocorrido, ao contrário, o termo “colegas” suavizou a situação, demonstrando uma relação positiva entre os alunos e Geisy Arruda, já a aluna caracterizou-os como vândalos.

Apesar de a redação do jornal *Folha de S. Paulo* ter mencionado algumas expressões sobre os alunos favoráveis ao enquadramento de intolerância, nota-se que estas se deram majoritariamente em textos opinativos (19), e que nos informativos essa frequência foi reduzida (9), diferente das expressões contrárias ao enquadramento estudado que predominaram em textos informativos (17) e não nos opinativos (7). Como já colocado essa diferenciação pode criar o sentido de que na realidade os alunos não foram participantes de uma mobilização de intolerância e violência (já que nos textos informativos predomina o contrário), apesar de haver muitas opiniões que os colocaram dessa maneira (já que nos textos opinativos predominou expressões que classificam os alunos como autores/envolvidos em uma manifestação de violência e intolerância).

O Estado, por sua vez, priorizou as vozes da redação (46), dos leitores (3), de Geisy (4), e de procuradores (4), omitindo neste caso as vozes dos próprios alunos e da universidade. Este é um dos fatores que explicam a maior porcentagem de expressões favoráveis neste jornal do que na *Folha*, já que, como observado, as vozes dos sujeitos envolvidos no acontecimento (Geisy, Uniban e alunos) foram cruciais no enquadramento do texto como manifestação de intolerância e violência. Além disso, o fato de um procurador consistir em uma das fontes mais citadas possibilita melhor assimilidade do caso a questões de direitos, já que este consiste em um perito nessa questão.

Além dos sujeitos envolvidos no caso, também foram analisadas as seguintes situações e atitudes relacionadas ao evento: comportamento e vestimenta da aluna; atitudes e decisões da Uniban e acontecimento em si.

Como observado, no jornal *Folha de S. Paulo*, das 215 expressões referentes ao comportamento e vestimenta da aluna, 76,3% foram qualificadas contrárias ao enquadramento do acontecimento como manifestação de intolerância e violência, 20,4% neutras e 3,3% favoráveis; enquanto que em *O Estado de S. Paulo*, das 99 expressões, 55,5% foram contrárias, 28,3% neutras e 16,2% favoráveis.

Em ambos os jornais predominaram as expressões contrárias, seguidas das neutras. No entanto, observa-se que em *O Estado* há uma participação relativa menor (55,5%) de expressões contrárias que na *Folha* (76,3%), e que em ambos houve o predomínio das mesmas fontes: Uniban e Geisy (sendo que na *Folha* houve ainda o destaque dos leitores como fonte).

Neste caso, observa-se que, em ambos os jornais, as expressões da Uniban consistiram de acusações e críticas ao modo da aluna se portar e se vestir, argumentando que esta seria responsável pelo ocorrido, ou ainda de que os alunos estavam apenas “defendendo o ambiente escolar” da “deturpação moral” à qual a jovem os havia exposto. Já as expressões de Geisy consistiram basicamente em se justificar diante das acusações da universidade, afirmando que a Uniban estava errada em relação ao seu comportamento (“negou que tenha levantado a saia”, “negou que tenha desfilado na rampa”, por exemplo).

Em relação a esse item, verifica-se, que Geisy Arruda responde às acusações da universidade, e pouco expõe sua opinião sobre seu comportamento e vestimenta. Ou seja, o jornal oferece uma oportunidade para Geisy responder às acusações feitas pela Uniban que publicariam, mas disponibilizou um espaço menor para que ela falasse sobre o que pensa a respeito e se posicionasse em relação a essa questão.

Assim, as colocações da aluna em relação a esse item tenderam mais a neutralidade, principalmente em *O Estado*, já que ela apenas descreve o que não fez, mas não se posicionou criticamente em relação ao seu comportamento e sua vestimenta (exceto pela expressão: “minha roupa só diz respeito a mim, respeito todo mundo e quero ser respeitada”).

Na *Folha*, a fala de Geisy também esteve voltada majoritariamente a se explicar face às acusações da Uniban, mas apresentou pouco mais expressões de posicionamento do que *O Estado*, sendo que das 6 expressões de Geisy veiculadas pela *Folha* em relação a esse item qualificadas favoráveis ao enquadramento de intolerância e violência destacou-se a seguinte: “vai entrar com um pedido de indenização, ‘para que eles aprendam que não podem tratar uma mulher dessa forma’”.

Nesse item, vale ainda ressaltar que as expressões que definiam o comprimento do vestido da aluna também foram consideradas contrárias, pois se acredita que não havia a necessidade de enfatizar essa questão utilizando-se termos como curto, mini e micro, por exemplo, já que em alguns textos foi possível verificar expressões como “por causa de um vestido”, “vestido considerado curto pelos manifestantes”, “devido ao comprimento da roupa”, que explicam o motivo mas não reproduzem o ideal dos estudantes/agressores, valorizando mais do que deveria a transgressão de um código de vestimenta cometida pela jovem.

Portanto, em relação a esse item, verificou-se uma intolerância por parte dos próprios jornais sobre a maneira de se vestir de Geisy, já que predominaram expressões contrárias em relação a esse questão, apresentando a *Folha* uma intolerância maior que a presente em *O Estado* (apresentaram, respectivamente, 76,3% e 55,5% de expressões contrárias ao enquadramento de intolerância e violência).

Em relação a esse item (comportamento e vestimenta da aluna) observou-se o mesmo que o constatado na pesquisa realizada por Fowler (1991), ou seja, a caracterização da mulher por excesso de atributos. Aliás, como observado no Quadro 1, os atributos e a vestimenta da aluna consistiram no segundo assunto mais abordado e o primeiro mais citado no título dos textos jornalísticos da *Folha de S. Paulo*, diferentemente do que ocorreu em *O Estado* cujos títulos e os assuntos centrais não focaram o biótipo ou os trajes de Geisy (foram encontradas apenas 2 textos jornalísticos com títulos que citassem essas vertentes).

Fowler expõe ainda que quando se considera categorias de pessoas expondo fortemente atributos, pode-se enraizar estereótipos. No caso, será que o excesso de explanação sobre o comprimento da roupa e o biótipo da aluna pode contribuir para consolidar um modelo cultural que estabelece, baseando-se no traje utilizado pela mulher, uma dicotomia

entre ‘santa’ e ‘prostituta’, no qual a ‘prostituta’ poderia ser ‘julgada’ e ‘punida’ por aqueles que se sentirem ofendidos com suas atitudes?

Outro fato analisado foi a atitude da Uniban diante do ocorrido (quais decisões e providências foram assumidas no decorrer do acontecimento). Como verificado, o jornal *Folha de S. Paulo* apresentou 17,7% expressões em relação às atitudes da Uniban contrárias ao enquadramento de violência e intolerância, 36,9% favoráveis e 45,4% neutras, enquanto que em *O Estado* houve 6,7 contrárias, 45,9% favoráveis e 47,4% neutras. Em ambas houve o predomínio de expressões neutras seguida das favoráveis, além disso, neste item foi verificado que o valor relativo de expressões favoráveis veiculadas na *Folha* foi menor do que as veiculadas em *O Estado*.

Mais uma vez o uso das fontes foi fundamental nessa construção do enquadramento dado pelo jornal, já que a *Folha* utilizou as seguintes vozes como principais: redação (121), leitores (41), aluno (9), Uniban (9), entidade feminina (9), Geisy (17) e imprensa internacional (9); enquanto que *O Estado* suprimiu as vozes dos envolvidos (Geisy, Uniban e alunos, com 0, 4 e 1 citação respectivamente), dando ênfase às vozes da redação (69), advogado de Geisy (5), UNE (5), advogados (5), procuradores (11), conselheiro de ensino superior (5).

As fontes utilizadas por *O Estado* foram importantes, pois desvencilharam o texto de um aspecto pessoal sobre a atitude da Uniban, já que praticamente não emitiu a opinião dos envolvidos no caso, e, portanto, não mostrou o caso por meio de pontos de vista particulares de cada sujeito envolvido, mas expôs opiniões de especialistas sobre educação e direito para explicarem os fatos conforme suas respectivas formações e atuações. Aliás, a presença em si desses profissionais no texto já reforça a ligação do acontecimento com a necessidade de discussão sobre educação e direito.

Por fim, foram analisadas as expressões relacionadas ao acontecimento em si (ocorrência do dia 22 de outubro de 2009). No jornal *Folha de S. Paulo* verificou-se que 20,5% expressões relativas ao acontecimento eram contrárias ao enquadramento de intolerância e violência, 51% favoráveis e 28,5% neutras. Em *O Estado* houve a presença de 17,7% contrárias, 58,6% favoráveis e 23,7% neutras ao enquadramento mencionado.

Em ambos os jornais foi verificada a predominância de expressões favoráveis, seguida das neutras em relação ao enquadramento de intolerância e violência (esse foi o primeiro item em que houve essa predominância), e como na maioria das demais análises o jornal a *Folha* superou *O Estado* em números relativos de expressões contrárias.

Diferente do verificado com as expressões sobre as atitudes da Uniban veiculadas no jornal *O Estado*, em relação ao acontecimento em si, foram ouvidos em ambos os jornais predominantemente os envolvidos no caso, apresentando cada sujeito praticamente o mesmo número de citações nos dois jornais. Na *Folha*, Geisy obteve 10 citações, enquanto que a Uniban e os alunos foram citados, respectivamente, 7 e 9 vezes. E, em *O Estado*, Geisy se pronunciou 10 vezes, a Uniban 8 e os alunos 9 vezes.

Vale ainda ressaltar que na *Folha* foram constatadas apenas 8 expressões (4,2% das expressões sobre o acontecimento) que se referem claramente à violência e intolerância (“conduta violenta e intimidatória”; “consequência de um pensamento coletivo que ainda é conservador e machista”; “crime contra a dignidade sexual”, “episódios de intolerância”; “evidencia que discriminação e intolerância são valores ainda implícitos na sociedade brasileira”; “reforçam um sistema de opressão e violência contra a mulher”; “machismo”; e, “representa os preconceitos de gênero ainda existentes, que estabelecem uma dicotomia entre ‘santa’ e ‘prostituta’ e condenam quem sai dos padrões”), e em *O Estado de S. Paulo* apareceram 26 (15,4%) expressões (dentre elas destacam-se: “cenar de preconceito, intolerância e barbárie”; “é uma lógica machista a que alimenta sentimentos de indignação e ultraje por um vestido curto”; “foi a volta do patriarcalismo mais exacerbado que, apesar de tudo que se diz e se vê sobre as conquistas das mulheres, continua a nos assediar”; “há uma sociedade desigual e que acredita disciplinar os corpos femininos pela violência”; “não há nada que justifique o uso da violência para disciplinar mulheres”; “o machismo justifica a agressão contra a mulher por uma suposta falha”; “preconceito de gênero”; “situação de violência na qual a vítima pode ser seu próprio algoz”; “trata-se de uma questão de direitos civis, que interessa a toda sociedade”; “violência sexista”).

Ainda em relação às expressões relativas ao acontecimento, verifica-se que na *Folha* foram apresentadas 6 expressões que descentralizam a violência do caso Geisy, remetendo-a a questões culturais relativas às relações entre homens e mulheres, e que, portanto, podem atingir outras mulheres (essas expressões são: “consequência de um pensamento coletivo que ainda é conservador e machista”; “evidencia que discriminação e intolerância são valores ainda implícitos na sociedade brasileira”; “machismo”; “mostra o desconhecimento da luta das mulheres para conquistarem o direito de freqüentar em igualdade de condições com homens, os mais diferentes espaços da sociedade contemporânea”).

O Estado, por sua vez, apresentou 15 expressões deste tipo: “claro caso de violência contra a mulher”; “é uma lógica machista a que alimenta sentimentos de indignação e ultraje por um vestido curto”; “esse caso me parece ter um forte caráter de gênero”; “foi a

volta do patriarcalismo mais exacerbado que, apesar de tudo que se diz e se vê sobre as conquistas das mulheres, continua a nos assediar”; “ganhou repercussão gerando debates sobre intolerância e violência na sociedade”; “há uma sociedade desigual e que acredita disciplinar os corpos femininos pela violência”; “inverter a lógica da violência (culpar o uso do vestido) é a estratégia mais comum nos enredos de violência de gênero”; “isso retrata a violência de gênero, culpar a mulher pela agressão”; “não há nada que justifique o uso da violência para disciplinar mulheres”; “machismo”; “o machismo justifica a agressão contra a mulher por uma suposta falha”; “preconceito de gênero”; “trata-se de uma questão de direitos civis, que interessa a toda sociedade”; “violência provocada pelo machismo da sociedade”; “violência sexista”.

Assim, pode-se afirmar que *O Estado* contribuiu mais que a *Folha* para compreensão do caso como ligado a questões sexistas que se encontram latentes na sociedade como um todo e por isso, podem atingir todas as mulheres direta ou indiretamente. Ou seja, *O Estado* contribuiu mais que a *Folha* para repensar a situação das mulheres na sociedade brasileira, já que apontou em seus textos mais expressões que apontam ideais sexistas como motivadores da reação dos alunos e, posteriormente, da Uniban. No entanto, essa contribuição ainda foi baixa, pois esses remetem apenas a 8,9% dos termos que caracterizam o acontecimento, enquanto que a *Folha* apresentou 3,1%.

Observa-se que no geral, houve o predomínio do enquadramento neutro seguido do favorável à interpretação dos fatos como intolerância. Apenas em relação aos fatores “comportamento e vestimenta da aluna” e “acontecimento em si” houve um resultado diferente. No item “comportamento e vestimenta” predominou o enquadramento contrário à intolerância e violência, enquanto que no “acontecimento em si” verificou-se a predominância do enquadramento favorável a essa interpretação.

Portanto, é possível afirmar que os jornais se colocaram dispostos a discutir intolerância, diversidade e respeito ao outro quando abordaram o acontecimento em si, mas se mostraram conservadores em relação ao papel da mulher, de como esta deve se portar e se vestir.

Além disso, verificou-se que a *Folha* apresentou mais expressões contrárias ao enquadramento de intolerância e violência do que *O Estado*, dificultando, portanto, mais a compreensão deste acontecimento como um fato de transgressão de direitos e da necessidade de discussão sobre intolerância por parte não somente do meio acadêmico, mas de toda sociedade.

O uso das fontes foi fundamental para a construção dos enquadramentos, já que os personagens envolvidos (Geisy, alunos e Uniban), apresentaram posicionamentos diferentes diante do ocorrido, sendo que Geisy tendeu a ser mais favorável, enquanto à Uniban e os alunos mais contrários ao enquadramento de intolerância e violência.

Esse episódio foi escolhido para ser analisado, pois consistiu em um claro caso de intolerância e violência contra mulher, evidenciando que valores androcêntricos encontram-se impregnados na sociedade brasileira (inclusive na academia), consistindo, portanto, em uma oportunidade para o jornalismo explorar essa temática, redigindo textos que refletissem sobre o papel da mulher e sua condição em nossa sociedade.

No geral, no entanto, houve uma concentração de textos abordando o caso em si (desde a transgressão do código de vestimenta até a revogação da expulsão e acesso de Geisy aos meios de comunicação), mas pouco se abordou especificamente sobre violência, machismo e intolerância relacionada a questões culturais (em *O Estado* apareceram 15 expressões e na *Folha* apareceram 6 expressões que remeteram a essas questões), desperdiçando a oportunidade de enfatizar a necessidade de discutir o preconceito, a intolerância e a violência contra a mulher (como algumas mobilizações propuseram à universidade, por exemplo).

Assim, como colocado, os jornais se posicionaram de maneira favorável ao enquadramento como intolerância e violência, sendo que *O Estado* se mostrou pouco mais ousado que a *Folha* para assumir esse posicionamento, descrevendo, por exemplo, não somente como ocorreu a violência, mas nomeando-a de tal forma (mesmo que em apenas 15 casos) a relacioná-la a uma cultura ainda machista que permeia toda a sociedade.

Essa discussão pelo jornalismo é importante, pois, como expõe Bourdieu, o jornal consiste em uma das instituições de alto crédito social (e, portanto, detentores de um poder simbólico) capaz de interferir na formação/consolidação do *habitus* e, conseqüentemente, na maneira como a realidade é apreendida pelos sujeitos. Ainda segundo este teórico, o jornalismo reinsere na história a relação entre os sexos com uma visão naturalista e essencialista, retirando das mulheres seu papel de agentes históricos. Ou seja, apesar de em muitos casos não haver a intenção explícita de reforçar as desigualdades de gênero, os jornalistas reproduzem a dominação masculina, inculcada inconscientemente nos sujeitos, contribuindo para a perpetuação destas (BOURDIEU, 2003, p. 06).

No caso desta análise, observa-se que *O Estado de S. Paulo* apresentou-se mais disposto a veicular textos que questionassem paradigmas androcêntricos instituídos, expondo a necessidade de mudança nos valores sexistas presentes em nossa sociedade. No entanto,

ainda não é possível afirmar que esta posição encontra-se presente em todos os textos veiculados pelos jornais, ao contrário, o número de expressões que remetem claramente o acontecimento à intolerância e violência ainda é mínimo (26 em *O Estado* e 8 na *Folha*), como, também foi relativamente baixa a participação de expressões que remetem o acontecimento a questões sexistas que se encontram latentes na sociedade e que por isso, atingem/podem atingir todas as mulheres (15 em *O Estado* e 6 na *Folha*), possibilitando uma discussão crítica sobre esta situação em geral.

Vale ressaltar que os enquadramentos podem ser definidos não somente pelo que incluem, mas também pelo que omitem, afinal, as omissões de definições de problemas, de explicações, de avaliações e de recomendações podem ser tão críticas como as inclusões. No caso analisado, a baixa presença (e, portanto, certa omissão) de expressões que relacionem o evento aos valores androcêntricos presentes em toda sociedade dificulta a compreensão do ocorrido sobre essa perspectiva, facilitando, por sua vez, uma compreensão simplista na qual a responsável seria mesmo a aluna por ter transgredido um código de vestimenta (assunto salientado e destacado nos textos analisados).

Baseando-se nesses pressupostos e nas análises, conclui-se com a idéia de que é importante, portanto, não apenas fomentar representações mais adequadas, ao invés de produzir mitos e estereótipos, mas também promover representações com caráter emancipador, que contestem as noções ideológicas androcêntricas e sexistas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o final do século XIX, o movimento feminista tem lutado para transformar a realidade vivida pelas mulheres, buscando, entre outros, abertura de campos de trabalho, equiparação salarial, respeito à diversidade, licença maternidade e paternidade, direito à informação, acesso a métodos contraceptivos, atendimento à saúde integral em todas as fases da vida da mulher, lutando contra a violência à mulher e reivindicando na contemporaneidade melhor representação da imagem da mulher nos meios.

Essas questões têm afetado a relação entre homens e mulheres, transformando as relações de dependência, a divisão de papéis sexuais e o modelo de mulher. Esta, “que até então sinalizava o acolhimento ou inatividade, evolui até incorporar o modelo de mulher ativa, com iniciativa e trabalho - mesmo que essas atividades correspondam mais a um desejo ou o imaginário social feminino do que a uma realidade efetivamente vivida” (MORENO, 2008, p. 16).

Na pesquisa do *World Economic Forum*, publicada em 2005 (apud Moreno, 2008), o Brasil ocupava a 51ª posição no que se refere ao tratamento igualitário entre os gêneros, demonstrando que apesar dos avanços obtidos na educação e na oportunidade de trabalho, ainda existem falhas em relação à igualdade de remuneração, ao acesso ao poder público, à saúde da mulher, aos direitos reprodutivos, entre outros.

Essa desigualdade pode ser observada também nas representações midiáticas e nos papéis desempenhados por homens e mulheres nesse espaço. Assim, apesar das conquistas feministas, ainda existem muitos direitos pelos quais esse movimento ainda luta, sendo um deles: o direito à representatividade adequada das mulheres nos meios de comunicação.

Segundo Bourdieu (2003, p. 08) a dominação de gênero consiste em uma violência simbólica, “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância do sentimento”. Neste caso, a representação androcêntrica se vê investida da objetividade do senso comum, e, as próprias mulheres incorporam essa relação de poder que se expressa na ordem simbólica.

Ainda segundo este teórico, existem estruturas de dominação históricas construídas com a contribuição de instituições e agentes específicos que reinserem na história a relação entre os sexos com uma visão naturalista e essencialista, retirando das mulheres seu papel de agentes históricos.

Uma dessas instituições, segundo Bourdieu, seria o jornalismo que segundo ele (BOURDIEU, 2003, p. 06) reproduz a dominação masculina, inculcada inconscientemente nos sujeitos, mesmo havendo casos de não ter intenção explícita de reforçar as desigualdades de gênero.

O jornalismo contribui para a criação e veiculação de representações. Por meio do agendamento e enquadramento, influencia a pauta das questões consideradas relevantes (ou seja, se constitui como arena estratégica para formação da agenda pública, atuando como ponte de articulação entre as demais arenas e como canal de difusão do que ocorre nelas), e, produz e dissemina uma interpretação do mundo, por intermédio de sua retórica.

Segundo Bourdieu, mesmo após o movimento feminista ter conquistado diversos direitos, ainda não houve uma ruptura da dominação masculina no campo da representação, mantendo o predomínio desta dominação e a estrutura das distâncias entre os sexos, sendo o jornalismo uma instituição que colabora para que os sujeitos incorporem inconscientemente essa dominação.

Este trabalho analisou a veiculação do episódio relativo à Geisy Arruda nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* com intuito de verificar qual enquadramento esses jornais construíram em seus textos e se eles definiram o acontecimento como manifestação de intolerância e violência, contribuindo para discussão de preconceitos, papéis femininos e violência contra mulher.

Esse episódio foi escolhido para ser analisado, pois consistiu em um caso de intolerância e violência contra mulher, evidenciando que valores androcêntricos encontram-se impregnados na sociedade brasileira, consistindo, portanto, uma oportunidade para o jornalismo explorar essa temática, desenvolvendo textos que refletissem sobre o papel da mulher e sua condição na sociedade contemporânea.

No caso dos dois jornais analisados verificou-se um posicionamento predominantemente neutro, seguido de um posicionamento favorável tendendo a remeter o caso mais como um ato de intolerância e violência contra a aluna do que um caso de “correção” devido a uma transgressão de um código de vestimenta, por exemplo. Neste caso, *O Estado* se mostrou pouco mais ousado que a *Folha* para assumir esse posicionamento ao

descrever o evento como ato de violência e intolerância e relacioná-lo (timidamente, já que houve apenas 15 expressões dessa natureza) a uma cultura ainda machista.

No entanto, em ambos os jornais houve baixa frequência dessa posição e, portanto, observou-se que houve pouca contribuição para compreensão do caso como ligado a questões sexistas que se encontram latentes na sociedade e podem atingir todas as mulheres direta ou indiretamente. Ou seja, no geral, apesar do considerável número de textos veiculados sobre o caso, elas pouco abordaram especificamente a violência de gênero e machismo, desperdiçando a oportunidade de enfatizar a necessidade de discutir o preconceito contra mulher.

Além disso, ainda é possível afirmar que os jornais se revelaram dispostos a discutir a intolerância quando abordaram o acontecimento em si (cujo enquadramento foi favorável à intolerância), mas se mostraram conservadores em relação ao papel da mulher, e como esta deve se portar e se vestir, já que no item “comportamento e vestimenta da aluna” houve um enquadramento contrário à intolerância e violência (tanto no gênero opinativo como no informativo).

O uso das fontes foi fundamental para a construção dos enquadramentos, já que os personagens envolvidos (Geisy, alunos e Uniban), apresentaram posicionamentos diferentes diante do ocorrido, sendo que Geisy tendeu a ser mais favorável, enquanto à Uniban e os alunos mais contrários ao enquadramento de intolerância e violência.

Também se verificou que o gênero jornalístico (opinativo ou informativo) também foi importante para o enquadramento (principalmente no jornal *Folha de S. Paulo*), já que o gênero opinativo propõe expor opiniões, sem a preocupação de buscar a neutralidade/imparcialidade. Ao considerar os valores relativos, observou-se que em ambos os jornais o número de expressões favoráveis ao enquadramento de violência e intolerância foi maior no gênero opinativo, enquanto que o de expressões neutras e contrárias foi maior no informativo.

Assim, o gênero opinativo (no jornal *Folha de S. Paulo*) proporcionou maior oportunidade de debates e posicionamentos sobre os fatos favoráveis ao enquadramento de intolerância e violência, constituindo um espaço privilegiado para a discussão de questões envolvendo valores e interpretações. Em relação a isso, coloca-se que o gênero opinativo é constituído de colunas, colaborações, cartas dos leitores e editoriais, de modo que fica bem circunscrito e claro para os leitores que se trata de um espaço de posições valorativas, de controvérsias, polêmica, de assuntos ainda não pacíficos. Deste modo, é esperado que ele

abrigue mais tomadas de posição, críticas, etc, do que o jornalismo informativo, especialmente no jornalismo diário, que tende a ser mais factual.

No geral, em ambos os jornais verificou-se um enquadramento neutro, seguido do favorável em relação à compreensão do acontecimento como caso de intolerância e violência. Esse fato parece estar de acordo com as expectativas em torno da imprensa diária, no que diz respeito ao equilíbrio. Mas, em relação a isso, levanta-se a seguinte questão: até que ponto será ético ser neutro quando direitos estão sendo negados ou vilipendiados? Ser neutro em relação à intolerância e violência não será uma forma sutil de reforçar essa violência?

No entanto, os jornais não foram totalmente “neutros” com relação aos eventos, pois a segunda interpretação dos acontecimentos sugere que os mesmos são expressão de intolerância e violência, mas será que isso pode significar uma abertura para discussão a favor de direitos femininos?

Em relação a isso, convém salientar que apesar do enquadramento favorável ter sido superior ao contrário, constatou-se que os jornais poderiam ter aprofundado mais essas discussões relacionando-as ao preconceito de gênero que ainda encontra-se presente em nossa sociedade capaz de suscitar uma mobilização violenta como a que aconteceu contra Geisy.

Também vale colocar que no jornal *Folha de S. Paulo* apesar do enquadramento favorável ter sido superior ao contrário, a diferença de frequência de expressões entre ambos foi pequena, sendo que no gênero informativo as expressões contrárias superaram as favoráveis, ou seja, nesse gênero em que há a pretensão de expor os acontecimentos de maneira mais neutra possível, sem exposição de opiniões e julgamentos pessoais, constatou-se um enquadramento contrário ao evento como violência e intolerância. Já no geral, para cada expressão favorável emitida no jornal *Folha de S. Paulo* houve 0,94 contrária. Ou seja, a frequência foi quase a mesma entre expressões que relacionam o acontecimento a um caso de intolerância e violência e as que o relacionam a outras posições.

No jornal *O Estado de S. Paulo* essa diferença entre posições foi maior: a cada expressão favorável houve 0,5 contrária. Porém, será que, ao considerarmos a gravidade do evento e da violência sofrida pela aluna, não podemos afirmar que essa posição ainda é conservadora, buscando um equilíbrio entre as visões do agressor e do agredido? Como pôde haver tantas expressões que conseguiram desvencilhar o caráter de intolerância e violência de um evento claro desse tipo de situação?

O jornalismo pode interferir na construção de identidades sociais, estabelecendo sentidos e representações, por meio da veiculação de representações na construção do cotidiano. Da mesma forma, o jornalismo constrói, projeta e/ou consolida identidades

femininas e masculinas, podendo atuar como legitimadora ou questionadora da estrutura androcêntrica vigente.

A representação adequada nos jornais é importante, pois eles possuem o poder de influenciar na cultura da sociedade e consistem em instrumentos credenciados a apresentar os fatos, por isso carregam (além de outras responsabilidades) uma responsabilidade social com relação aos direitos da cidadania.

No caso da representação de gênero, o jornalismo deve não apenas cobrir assuntos do interesse, prioridade, preocupação e experiência tanto de homens quanto de mulheres, mas também representar estes assuntos de forma não estereotipada, por profissionais que promovam a neutralização da ideologia sexista, e, a criação de espaços de discussão que informem, principalmente, sobre os direitos das mulheres e as incluam nas agendas de discussão.

Por isso, o tema representação das mulheres nos meios é importante ser discutido, pois pode estimular o abandono de práticas patriarcais ainda exercidas por vários produtores de conteúdos jornalísticos que legitimam a dominação masculina, como colocado por Bourdieu.

Dessa forma, é importante não apenas fomentar representações mais realistas, mas também promover representações com caráter emancipador, que contestem as noções ideológicas relativas às diferenças sexuais.

BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. *Campanhas pelo direito ao aborto de feto com anencefalia pressionam por decisão do STF*. Disponível em: http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=174&catid=40. Acesso em: 02 dez 2009.

ALVAREZ, Ana de Miguel. *O feminismo ontem e hoje*. Lisboa: Ela por ela, 2002.

ASSIS, L; CARRIERI, A; CORREA, A; GONTIJO, M; MELO, M. Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas. *Revista de Administração Contemporânea*. Curitiba. N° 02. Abr/jun 2007.

AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. *Direitos sexuais e reprodutivos e violência contra mulher em pauta na mídia impressa paraibana: constituindo uma agenda cidadã*. Disponível em: www.fazendogenero7.ufsc.br/.../Sandra_Raquew_dos_Santos_Azevedo_04.pdf. Acesso em: 24 mar 2009.

BAPTISTA, Maria Manuel. *Estereotipia e representação social*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/16944038/Estereotipia-enquanto-forma-de-representacao-social>. Acesso em: 05 mar 2009.

BARDWICK, Judith. *Mulher, sociedade, transição*. São Paulo: Difel, 1981.

BAUER, Martin. Análise do conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin; GASKELL, Geroge (Ed). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Vozes: 2007 – Trad. Pedrinho Guareschi. Pág 189-217.

BENNET, Lance, e, ENTMAN, Robert. *Mediated politics: communication in the future of democracy*. Disponível em: <http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=L0GROJKLHukC&oi=fnd&pg=PA203&dq=entman+framing+autor:r-entman&ots=DA0Xv8plGD&sig=kZl7sc-49HFV5WTTvslxYdfV8n8#PPA205,M1>. Acesso em: 15 ago 2008.

BIROLI, Flavia; MIGUEL, Luis. *Gênero e política na mídia brasileira*. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt_me-biroli.pdf. Acesso em: 30 set 2009.

BORDENAVE, Juan Diaz. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003b.

BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (Org.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

BUONICORE, Augusto. *Os comunistas brasileiros contra a guerra*. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=1344&id_coluna=10. Acesso em: 01 jul 2009.

CABRAL, Gilda. *Lobby do batom*. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/comissoes/clp/seminario-constituicao-20-anos/gilda-cabral/view>. Acesso em: 08 jul 2009.

CALLAGHAN, Karen; ENTMAN, Robert; SCHNELL, Frauke. *Framing american politics*. Disponível em: <http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=MoLT2EPpJ7gC&oi=fnd&pg=PP1&dq=entman+framing&ots=d8Hn-B3Ssj&sig=K31R2f8y9nUYjCBugF03AT7vX10#PPP7,M1>. Acesso em: 15 ago 2008.

CARVALHO, Teresinha. *A importância das Delegacias de Polícia de Defesa da Mulher*. Disponível: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=36&rv=Direito>. Acesso em: 2 jul 2009.

CIRANDA. *Mulheres pelo direito de resposta*. Disponível em: <http://www.ciranda.net/spip/article1027.html>. Acesso em: 15 jul 2008.

CNDM. *Cartazes e capas de publicações*. Disponível em: http://200.130.7.5/spmu/docs/cartazes_cndm.pdf. Acesso em: 02 dez 2009.

CNDM. *Memória e movimentos sociais*. Disponível em: <http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/bancodeimagens/index.php?cat=3>. Acesso em: 20 jul 2010.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 14, p. 88-101, 2001.

CONVENCION. *Campanha pela convenção dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos*. Disponível em: <http://www.convencion.org.uy>. Acesso em: 27 nov 2009.

DANNEMANN, Fernando. *1928: O voto feminino*. Disponível em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=541670>. Acesso em: 02 jul 2009.

ENTMAN, Robert. *Projections of power: framing news, public opinion, and U.S. foreign policy*. Disponível em: http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=XctEL-aEORIC&oi=fnd&pg=PA202&dq=entman+framing+autor:r-entman&ots=jF7KJ2fA7x&sig=_KuHq7qc6Ar4OvXs3X2iy4LMGXU#PPA226,M1. Acesso em: 15 ago 2008.

ESTADÃO. *Conheça o Estadão*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br>. Acesso em: 12 dez 2009.

FABRÍCIO, Branca. Mulheres emocionalmente descontroladas: identidades generificadas na mídia contemporânea. *Delta*, São Paulo, n. 2, v. 20, dez 2004.

FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. New York : Edward Arnold, 1997.

FISCHER, Rosa M. *Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na televisão*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>. Acesso em: 22 set 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. Brasil fica em 73º em ranking de igualdade entre mulher-homem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 2008. Folha Corrida, p. C12.

FOLHAONLINE. *Conheça a Folha*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca>. Acesso em: 18 dez 2009.

FONSECA, Adalton dos Anjos. *A operação ouro branco e as teorias do agendamento e enquadramento*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/34787291/A-OPERACAO-OURO-BRANCO-E-AS-TEORIAS-DO-AGENDAMENTO-E-ENQUADRAMENTO>. Acesso em: 15 mai 2010.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2009. Pág 280-304.

FÓRUM DO TRABALHO. *Convenção 156 da OIT*. Disponível em: <http://forumdotrabalho.blogspot.com/2009/07/convencao-156-da-oit.html>. Acesso em: 26 nov 2009.

FOWLER, Roger. Discrimination in discourse: gender and power. In: _____. *Language in the news: discourse and ideology in the press*. London: Routledge, 1991. cap. 6, p. 91-109.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Famecos*, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, dez 2005.

GOLZIO, Derval Gomes. Sexualidade, trabalho e juventude: representação social feminina nas capas das revistas *Veja* e *Isto É*. *Intercom*, set 2003.

GOMES, Luciana. *O direito da mulher*. Disponível em: <http://74.125.47.132/search?q=cache:CaCp2pyjtoUJ:www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/buscalegis/article/viewPDFInterstitial/25415/24978+Lei+autoriza%C3%A7%C3%A3o+do+marido+para+que+a+mulher+pudesse+trabalhar&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 2 jul 2009.

GRACIOLI, Maria Madalena; VANNUCHI, Maria Lúcia. *Gênero e trabalho na mídia*. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST8/Vannuchi-Gracioli_08.pdf. Acesso em: 24 mar 2009.

GULDENBERG, Miriam, e, TOSCANO, Moema. *A revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

HERZCOVITZ, Heloiza G. Análise de conteúdo em jornalismo. In LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Orgs). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008. Pág 123-143.

IBGE. *Proporção da população por sexo*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 mai 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'Énonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980, p. 70-83.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2001.

MACIEL, Betânia; SABBATINI, Marcelo. *Construção da realidade social, meios de comunicação e jornalismo científico na era da tecnociência: uma reflexão*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/betaniamaciel2005.rtf>. Acesso em: 02 dez 2009.

MORENO, Rachel. *A beleza impossível*. São Paulo: Agora, 2008.

MULHER E MÍDIA. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.mulheremidia.org.br/site/quem-somos>. Acesso em: 07 jul 2009.

NOMINUTO.COM. *Luta pelos direitos das mulheres na Constituinte ficou conhecida como Lobby do Batom*. Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/brasil/luta-pelos-direitos-das-mulheres-na-constituente-ficou-conhecida-como-lobby-do-batom/12927>. Acesso em: 02 dez 2009.

OBSERVATÓRIO DO DIREITO À COMUNICAÇÃO. *A luta das mulheres pela comunicação democrática*. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=563. Acesso em: 18 mai 2008.

O ESTADO DE SÃO PAULO. O urro ancestral da faculdade injuriada. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 01 nov. 2009. Aliás, p. J6.

PACHECO, Cleudia; SILVA, Maria. *Representações Sobre Mulher, Trabalho, Gênero e Raça na Revista*. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_ST30_Pacheco_texto.pdf. Acesso em: 13 ago 2009.

PITANGUY, Jaqueline. *As mulheres e a constituição de 1988*. Disponível em: <http://www.cepia.org.br/images/nov089.pdf>. Acesso em: 05 jul 2009.

PORTAL VERMELHO. *João Amazonas, um comunista brasileiro*. Disponível em: http://vermelho.org.br/pcdob/Joao_Amazonas___um_comunista_brasileiro.pdf. Acesso em: 01 jul 2009.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.) *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. São Paulo: Unesp; Salvador: Edufba, 2004.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto lei nº 2.848*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del2848.htm>. Acesso em: 03 jul 2009.

_____. *Lei de nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 06 jul 2009.

PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

REIS, Margareth. *Mulher: produto com data de validade*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002.

RESENDE, Lino Geraldo. *Organizações, comunicação e espaço midiático*. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art659.htm>. Acesso em: 3 abr 2010.

ROCHA, Paula Melani. *As mulheres jornalistas no estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira*. São Carlos: Ufscar, 2004.

ROCHA, Simone. Estudos culturais e estudos de mídia: modos de apreensão dos sujeitos em programas televisivos. *Líbero*, Ano XI, nº 21, 2008.

ROTHBERG, Danilo. *Enquadramento e metodologia de crítica de mídia*. Disponível em: http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/coordenada_5_.danilo_rothberg.pdf. Acesso em: 05 abr 2010.

SANTO, Patrícia Espírito. *O gênero feminino nas páginas do jornal Estado de Minas*. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST53/Patricia_Espirito_Santo_53.pdf. Acesso em: 24 mar 2009.

SAPATARIA. *SBPC defende aborto de fetos anencéfalos*. Disponível em: <http://sapatariadf.wordpress.com/2009/10/13/sbpc-defende-aborto-de-fetos-anencefalos>. Acesso em: 27 nov 2009.

SCAVONE, Lucila. Gênero e políticas feministas, o lado sul. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 13, n. 24, p. 209 – 218, 2008.

SCHUMAHER, Schuma. *O lobby do batom, para dar o nosso tom*. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/comissoes/clp/seminario-constituicao-20-anos/schuma-schumaher/view>. Acesso em: 08 jul 2009.

SOARES, Murilo César. Representações e comunicações: uma relação em crise. *Líbero*, São Paulo, n. 20, p. 47-56, dez 2007.

_____. *Representações, jornalismo e a esfera pública democrática*. Tese de Livre-Docência. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP. Bauru: 2008.

SOARES, Murilo César. Análise do Enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2009. Pág 450-465.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, n. 24, p. 191 – 207, 2008.

SOLEIS. *Código Civil – 1919*. Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/direitodefamiliacodcivil.htm#TÍTULO%20I%20-%20DO%20CASAMENTO>. Acesso em: 02 jul 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

_____. *Elementos de jornalismo impresso*. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em: 03 jul 2009.

SOUZA, Adriana. *A dominação masculina: apontamentos a partir de Pierre Bourdieu*. Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/netmal-in-revista/netmal01/a-dominacao-masculina-apontamentos-a-partir-de-pierre-bourdieu>. Acesso em: 07 ago 2009.

SWAIN, Tânia. *Feminismo e representações sociais*. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/2657/2194>. Acesso em: 15 jan 2009.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VALADARES, Loreta. *As faces do feminismo*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2007.

VIZEU JUNIOR, Alfredo. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. *Famecos*, Porto Alegre, n. 30, p. 31-38, ago 2006.

WACC. *¿Quién figura em las noticias?* Disponível em: http://www.whomakesthenews.org/research/global_reports/report_2005__1. Acesso em: 07 mai 2008.

_____. *Projeto de monitoramento da mídia global*: introdução ao projeto. Disponível em: http://www.whomakesthenews.org/research/media_monitoring_methodology. Acesso em: 10 mai 2008.

WINCK, Gustavo Espíndola. *Entrar na mídia para sair da média*: considerações sobre gênero, mídia e ideologia. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/G/Gustavo_Espindola_Winck_04_B.pdf. Acesso em: 24 mar 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Reivindicação por creche

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER – CNDM
CARTAZES E CAPAS DE PUBLICAÇÕES



Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres

Presidência da
República



Fonte: CNDM, 2009.

ANEXO B – Combate à violência contra a mulher (1)

Violência Contra

Eu digo NÃO!

a mulher

**25 de novembro dia
Internacional de
Combate à Violência
Contra a Mulher**

**Centro de Educação
para a Saúde**

**COMBATE
À VIOLENCIA
CONTRA A MULHER
FRENTE REGIONAL DO ABC**

**Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres**

**uni
Centro Universitário
de Santo André**

Fonte: CNDM, 2010.

ANEXO C – Combate à violência contra a mulher (2)



Sua vida recomeça
quando a violência
termina.

Violência contra a mulher. Peça ajuda. Denuncie.
Procure a Delegacia de Atendimento
à Mulher mais próxima ou organismos
de defesa dos direitos das mulheres.

Agência: Ministério da Educação
Secretaria Especial
de Políticas para as Mulheres



Fonte: CNDM, 2010.

ANEXO D – Reivindicação por aborto em casos de anencefalia



**QUANDO O PARTO
É DE UM ANENCÉFALO,
O RESULTADO
NÃO É UMA CERTIDÃO
DE NASCIMENTO.
É UM ATESTADO DE ÓBITO.**

A anencefalia, ou ausência de cérebro, é uma má formação fetal incompatível com a vida. Hoje, os exames de ultrasonografia identificam a anencefalia já no princípio da gestação. Porém, o Código Penal Brasileiro, que foi instituído em 1940, muitos anos antes de existir a ultrasonografia, ainda hoje não permite que a gestante interrompa a gravidez nesta circunstância. Não considera assim, o enorme sofrimento desta mulher e de sua família. A anencefalia é irreversível e incompatível com a vida. Mas as leis são reversíveis e devem ser compatíveis com a dignidade humana.

As mulheres devem ter o direito de decidir pela interrupção da gravidez em casos de anencefalia.

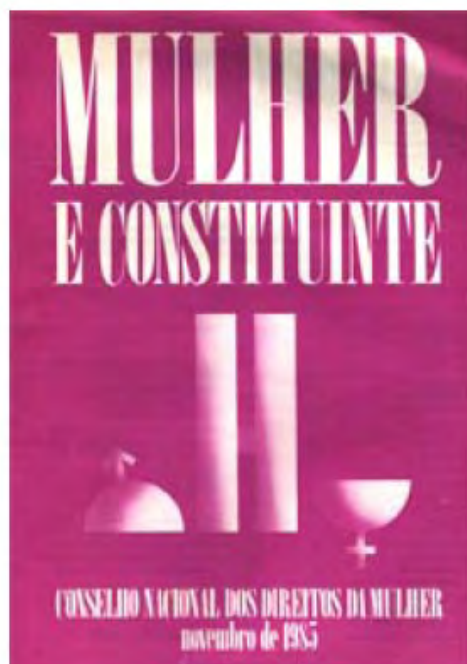
CNDM Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

cepia

Fonte: AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2009.

ANEXO E – Mulher e a Constituinte

CONSELHO NACIONAL dos DIREITOS da MULHER – CNDM
CARTAZES E CAPAS DE publicações



Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres

Presidência da
República



Fonte: CNDM, 2009.

ANEXO F – Encontro Nacional Mulher e Constituinte



Jaqueline Pitanguy abriu na Câmara dos Deputados o Encontro Nacional Mulheres e Constituinte.

Fonte: NOMINUTO.COM, 2009.

ANEXO G – Lobby do Batom

CONSELHO NACIONAL dos DIREITOS da MULHER – CNDM
CARTAZES E CAPAS de publicações



Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres

Presidência da
República



Fonte: CNDM, 2009.

ANEXO H – Reivindicação licença paternidade

CONSELHO NACIONAL dos DIREITOS da MULHER – CNDM
CARTAZES E CAPAS de publicações



Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres

Presidência da
República



Fonte: CNDM, 2009.

ANEXO I – Ranking de igualdade entre homem e mulher

FOLHA

corrida

NOTÍCIAS EM 5 MINUTOS

QUINTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 2008 ★ C12

Brasil fica em 73º em ranking de igualdade entre mulher-homem

Em 73ª posição, o Brasil está na rabeira do Ranking Global 2008 da Desigualdade Entre Gêneros, que mede a relação de igualdade mulher-homem. Num escala de 0 a 1 (quanto mais próximo de 1, mais bem colocado), a pontuação do Brasil é de 0,674. A participação feminina no mercado de trabalho também está distante da igualdade (0,653), segundo relatório do Fórum Econômico Mundial, que mediu 130 países.

Um dado positivo é que o Brasil é um dos poucos países do mundo em que não há diferença entre gêneros quando o assunto é educação e saúde. O índice geral, com os países nórdicos no topo, ainda inclui itens como participação na economia e na política.

No ranking, o Brasil está distante de vizinhos como a Argentina, em 24ª colocação. Cuba aparece em 25ª. Nos últimos lugares, estão sobretudo os países muçulmanos e africanos.

O Brasil avançou uma posição sobre o ranking de 2007, que incluía menos países. Mas,

ELAS E ELES

Ranking Global da Desigualdade de Gêneros*

1		Noruega	0.8239
2		Finlândia	0.8195
3		Suécia	0.8139
4		Islândia	0.7999
5		Nova Zelândia	0.7859
24		Argentina	0.7209
25		Cuba	0.7195
48		Peru	0.6959
65		Chile	0.6818
73		Brasil	0.6737

*Metodologia: Na escala de 0 a 1, quanto maior a pontuação, maior a participação da mulher na economia e na política. Inclui saúde e educação
Fonte: Fórum Econômico Mundial

segundo o relatório, “apesar de pequenos ganhos na participação da força de trabalho, na renda e nos salários, a posição do país em termos de participação e oportunidades econômicas [para as mulheres] continua virtualmente intocada”.

A gerente de projetos Luana Pinheiro, da Secretaria Espe-

cial de Políticas para as Mulheres, discorda. “Em 1996, segundo o IBGE, a taxa de participação dos homens no mercado de trabalho era de 73% e das mulheres, de 46%. Em 2007, os homens são 72% e as mulheres, 52% dos trabalhadores. É um avanço. Em 1996, as mulheres ganhavam 59% do que ganhavam os homens. Em 2007, 76%”, afirma.

Entre os vizinhos, a Argentina segue na frente, empurrada pela alta participação feminina na política, sobretudo no Parlamento do país, que é governado por uma mulher, Cristina Kirchner. Neste quesito, as argentinas estão em 15ª posição, enquanto as brasileiras amargam o 110º lugar. O Chile, liderado por Michele Bachelet, aparece em 25º.

Para Luana Pinheiro, a diminuição da desigualdade entre mulheres e homens é fruto sobretudo de fatores culturais e comportamentais. O aquecimento econômico também ajuda. “A queda do índice de natalidade aponta nesta direção.”

ANEXO J – Comemoração Dia Internacional da Mulher



Ano 2000
Nós mulheres
no poder.

Anos 30
Nós mulheres
conquistamos
o direito
ao voto.

Anos 40
Nós mulheres
conquistamos
o mercado de
trabalho.

Anos 60
Nós mulheres
conquistamos
o direito à
sexualidade.

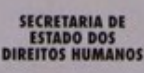
Anos 80
Nós mulheres
alcançamos
o direito à
propriedade da terra.

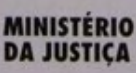
Anos 90
Nós mulheres
passamos a dirigir
nossos próprios
negócios.

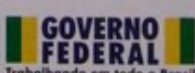
Depois de um século
de lutas, chegou a hora
de um século de igualdades.

8 de março. Dia Internacional da Mulher.

 CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER

 SECRETARIA DE ESTADO DOS DIREITOS HUMANOS

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

 GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil

Fonte: CNDM, 2010.

ANEXO K – Manifesto de 08 de março de 2007

Aos srs,

Acionistas e diretores das diversas emissoras da TV Brasileira

Ao Fórum pela Ética na TV

Ao Sr. Sergio Gardenghi Suíama - Ministério Público Federal

Prezados Senhores,

A TV é uma concessão pública e, por isso, é legítimo considerar que as concessionárias têm, no mínimo, como contra partida, a responsabilidade de representar os mais altos anseios e interesses do público que pretende representar.

Importante lembrar que a comunicação hoje se inscreve entre os Direitos Humanos como um dos direitos básicos que a todos os cidadãos do mundo devem ser garantidos. A comunicação é uma via de duas mãos, assim sendo para que se efetive faz-se necessário, ouvir e ser ouvido/a; ver e poder mostrar, representar e se sentir representado/a.

Nós, mulheres feministas, sindicalistas, de movimentos sociais, intelectuais, trabalhadoras, de diversos extratos sociais, raças, etnias, idades, estado civil e inserção no mercado de trabalho, ou mesmo fora dele, representantes que somos da diversidade e da vida real que levam as mulheres do Brasil, consideramos que esta parcela da população (metade da humanidade e 52% da população brasileira) está sub ou muito mal representada nesse meio de comunicação que, por direito, também nos pertence.

Denunciamos que não nos reconhecemos em suas produções, quer na relativa invisibilidade nos momentos e segmentos mais sérios da programação televisiva (onde somos predominantemente invisíveis), quer na imagem, papéis, valores, dificuldades/facilidades, problemas e questionamentos, alegrias e prazeres que pretendem nos retratar, nos mais diversos programas - telejornais, na overdose de programas de cozinha, nos programas de auditório, programas “de sofá”, de entrevista, novelas, ou nas propagandas dos intervalos comerciais. E, o mais agravante, pior do que isso é, na maior parte do tempo, nos sentirmos vilependiadas, ridicularizadas, usadas para promover valores, padrões e produtos os mais variados, em detrimento de nossa realidade e aspirações.

A relativa invisibilidade das mulheres trabalhadoras, intelectuais, especialistas, profissionais liberais e outras, a falta de espaço para a discussão de nossas reivindicações e ideais, bem como de nossas conquistas e das mudanças que conseguimos introduzir no mundo, perpetua a reprodução dos estereótipos limitantes que influem na formação de uma subjetividade empobrecida e resultam no rebaixamento da auto-estima das mulheres e na busca de sua afirmação através da perseguição dos modelos, valores e produtos veiculados.

O padrão estético disseminado pela mídia em geral, e pela TV em especial, oferece um modelo de beleza feminina pasteurizado e de difícil acesso. Assim, se, por um lado, as mulheres dizem não se reconhecer na imagem dominante, por outro elas cobram de si mesmas - e são cobradas - continuamente para atingir esse “modelo ideal de beleza”.

As mortes recentes por anorexia, de jovens modelos ou aspirantes ao padrão veiculado pela mídia, ilustram bem como estes valores e padrões estéticos se transformam insidiosamente em exigência de mercado e padrão aspiracional - levando aos sacrifícios mais absurdos e ao rebaixamento da auto-estima das pessoas mais vulneráveis e das brasileiras em geral.

Convém que os senhores saibam que a nossa percepção também encontra respaldo em pesquisas internacionais, a saber:

O relatório de pesquisa da GMMP (Projeto Global de Monitoramento da Mídia), coordenado por Margareth Gallagher, em sua última versão de 2005 e a WACC (World Association for Christian Communication), mostra claramente a aniquilação simbólica das mulheres, pela exclusão de suas vidas e pela trivialização de suas experiências.

O estudo mostrou que, mesmo constituindo 52% da população mundial, as mulheres aparecem em apenas 21% das notícias. Ou seja, para cada mulher que aparece no noticiário, cinco homens são retratados. No rádio este percentual é ainda menor: 17%. Em dez anos, apesar de toda a

revolução no mundo das telecomunicações, este total evoluiu muito pouco, aumentando somente em três pontos.

Quando é feita uma análise qualitativa da presença das mulheres como fonte de reportagens, o estudo mostra que a opinião feminina é retratada em somente 14% dos artigos sobre política e em 20% sobre economia, os dois temas que dominam a agenda dos países. A voz feminina também é preterida quando se trata de ouvir a opinião de especialistas: 83% deles são homens.

Apesar da emancipação feminina e do brutal crescimento da nossa participação no mercado de trabalho, bem como da nossa ascendência na área da educação formal, somos ainda identificadas, sobretudo pela mídia, como esposas, mães ou filhas. Mesmo quando algumas de nós destacam-se desempenhando algum papel profissional, como por exemplo, especialistas de alguma área, não escapam da relação com o contexto familiar. “Então, enquanto os homens são valorizados como indivíduos autônomos, o status da mulher deriva originalmente de sua relação com outras pessoas. É dessas relações, muito mais do que de sua individualidade, que a mulher obtém sua autoridade” afirma o relatório internacional.

O estudo mostrou também que há duas vezes mais reportagens que reforçam estereótipos de gênero do que matérias que os desafiam. Ao mesmo tempo, a própria desigualdade de gênero não é considerada digna de ser notícia: 96% das matérias do mundo inteiro não ressaltam este tema, sendo que as demais estão concentradas em áreas como direitos humanos, relações familiares ou ativismo feminista - assuntos que geralmente recebem pouco destaque dentro do conjunto de artigos de um veículo, em matérias predominantemente escritas por jornalistas mulheres.

É fato notório que nós mulheres mudamos a face do mundo - a nossa luta mudou o cenário político, econômico e social do país e do mundo. Nossas reivindicações alteraram o funcionamento dos organismos de poder, das empresas, da estruturação da sociedade, da organização das instituições de ensino, da própria família e dos papéis estabelecidos para o homem e para a mulher.

Mas falam em nosso nome, reforçam os estereótipos que combatemos, não refletem as mudanças e conquistas já efetivas na vida real, usam e abusam de nossa imagem, dosando-a de mais ou menos sedução, prometendo nos entregar como brinde pelo consumo de tal ou qual produto, procurando nos iludir e iludir aos homens, aos jovens e às crianças, em função de interesses que raramente são os nossos.

É preciso que a sociedade tenha acesso a uma visão diferente da que a mídia ora nos impõe.

Queremos poder efetivamente usufruir de nosso direito à comunicação e mostrar a vida e a realidade das mulheres como nós a percebemos e vivemos. Queremos poder mostrar as mulheres em seus mais diversos contextos, na vida do cotidiano, em seus sonhos, em suas lutas, em suas conquistas, em suas contradições e problemas.

Por isso, exigimos o nosso direito de resposta.

Queremos oferecer uma alternativa a esta imagem plasmada que as emissoras de TV veiculam como sendo a única e verdadeira. E, para tanto, nos dirigimos aos senhores apresentando as seguintes reivindicações, como inalienáveis direitos nossos:

1. Queremos que, no decorrer de uma semana plena, possamos decidir, produzir e ver veiculada a nossa visão de qual é a realidade cotidiana vivida pelas mulheres brasileiras, em geral, de suas lutas, conquistas e aspirações, e das demandas que elas ainda querem e precisam realizar.

2. Queremos que as emissoras de tv, que tanto ganham em audiência e faturamento com a nossa imagem, forneçam os recursos para que possamos, de forma autônoma e independente, e com a mesma qualidade a que habituaram o seu público, produzir e veicular a nossa percepção e vivências das mulheres brasileiras.

Endossam o texto:

NOME _____

ENTIDADE _____

RG _____

ANEXO L – Textos do jornal *Folha de S. Paulo* sobre o caso Geisy Arruda e suas repercussões



Marlene Bergamo/Folha Imagem

Aluna da Uniban que foi xingada e precisou de escolta da PM

IDADE DAS TREVAS

MULTIDÃO DE ALUNOS HOSTILIZA

COLEGA DE MICROVESTIDO

Pág. C6

LAURA CAPRIGLIONE
DA REPORTAGEM LOCAL
MARLENE BERGAMO
REPÓRTER-FOTOGRAFICA

Pu-taaa! Pu-taaa! Pu-taaa! Cerca de 700 alunos da Uniban, Universidade Bandeirante de São Paulo, campus de São Bernardo, pararam as aulas do noturno para perseguir, xingar, tocar, fotografar, ameaçar de estupro, cuspir. Tudo isso contra uma aluna do primeiro ano do curso de turismo, 20 anos, 1,70 metro, cabelos loiríssimos esticados e olhos verdes, que compareceu à escola em um microvestido rosa-choque, pernas nuas com pelinhos oxigenados à vista, salto 15, maquiagem de balada, na quinta-feira da semana passada (22).

Michele Vedras (nome fictício inventado por ela em um blog) só conseguiu sair da escola sob escolta de cinco soldados da PM, duas mulheres inclusive, que tiveram de usar spray de pimenta para conter os mais exaltados e abrir caminho entre a massa. Vídeos do ataque circulam pela rede, um deles intitulado "A Puta da Uniban".

O microvestido rosa-choque de Michele, naquele dia, andou de ônibus — no total, a moça gastou duas horas para ir e voltar da faculdade. Mereceu elogios — "Gostosa!" — durante o trajeto. O mesmo vestido foi usado na festa de aniversário da sobrinha de Michele, uma festinha em família. Mas, na Uniban, onde a moça chegou às 19h45, o tempo esquentou.

Estudantes de outros cursos que não os de turismo, entrevistados pela **Folha** anteontem, criticaram Michele. "Ela veio provocar." "Ela andava rebolando." "Deixou cair uma carteira, de propósito, só para ter de se agachar." "Aquilo não é roupa de vir à faculdade."

Estudantes do curso de turismo ouvidos pela **Folha** defenderam a colega. "Ela sempre anda assim, de um jeito ousado." "Ela faz esse estilo mulherão mesmo." "Ela é avantajada, sim. Mulheres com a autostima lá embaixo morrem de inveja."

Este vestido que causou tanto escândalo, fui com ele no aniversário da minha sobrinha e ando com ele no ônibus. Na faculdade, achei que as pessoas seriam sensatas

MICHELE VEDRAS



A estudante da Uniban, na Grande São Paulo, que foi humilhada e ameaçada por colegas de faculdade ao usar um vestido curto

Taleban na faculdade

Em universidade de São Bernardo, multidão de alunos persegue colega de microvestido, que só consegue sair escoltada pela PM

veja." "É uma vergonha para a escola ter alunos assim. Parece que esses caras nunca viram uma mulher."

Desfile na rampa

O prédio da faculdade de turismo tem um átrio central cercado de rampas por todos os lados. Quando Michele chegou à escola e começou a subir uma rampa, os rapazes ficaram paralisados. Alguns conseguiram se mexer. Mas para ir ao prédio vizinho, chamar colegas para ver também. A pequena multidão, até aí, tinha cerca de 200 pessoas, segundo um estudante. Muitos assobiavam.

Michele achou melhor sair da rampa no segundo andar e usar a escada para chegar ao terceiro, onde fica a classe dela. As aulas começaram.

Às 20h30, a jovem resolveu ir ao banheiro. Uma colega de classe fez questão de acompanhá-la, receando algum problema. "Eu estava com receio, mas nem podia imaginar o que viria daí para frente", disse Kelly Andrezzi dos Santos, 19. De repente, algo como 20 garotas de outros cursos invadiram o banheiro. Queriam obrigar Michele a vestir uma calça, xingavam-na, diziam que ela estava provocando, "causando".

A confusão foi a senha. Rapazes saíram de suas salas e se aglomeravam na porta do ba-



Vestida com jaleco, garota deixa a faculdade escoltada por policiais

Universidade vai ouvir os envolvidos

DA REPORTAGEM LOCAL
REPÓRTER-FOTOGRAFICA

A Uniban instalou na sexta-feira, dia 23, uma sindicância para apurar o que ocorreu no campus de São Bernardo. Segundo nota oficial, alunos, professores, seguranças e também a aluna Michele (nome fictício) serão ouvidos individualmente pela universidade, que "pretende aplicar medidas disci-

plinares aos causadores do tumulto, conforme o seu regimento interno, respeitando-se o contraditório e a ampla defesa".

A nota da universidade manifesta "total repúdio" a qualquer manifestação de preconceito de gênero e qualquer forma de difamação ou violência.

Ontem, segundo o site G1, a Uniban mantinha quatro funcionários rastreando vídeos divulgados no YouTube com cenas das agressões à aluna. O objetivo desse trabalho era pedir ao site YouTube que removesse as imagens. (LC e MB)

nhio das mulheres. O professor Rubens, de Desenvolvimento Gerencial, que dava aula para a classe de Michele, teve de sair da sala em operação de resgate. Foi acompanhado por colegas de turma.

"A gente teve de distribuir tapas nas mãos dos meninos, que tentavam enfiar o aparelho celular no meio das pernas [da Michele], para tirar fotos", lembra a amiga Amanda de Sousa Augusto, 19, aluna da mesma classe. "Foi uma agressão, uma injustiça. A Michele é uma superboa pessoa."

A turma do professor Rubens voltou para a sala e se trançou nela. A essa altura, a maioria dos garotos dos dois prédios da Uniban já tinha saído de suas classes. Eles revezavam-se no visor da porta, pulavam para alcançar uma janela mais alta.

O coordenador de curso subiu até a classe sitiada. Pediu que Michele fosse embora. Que ela vestisse o jaleco dele ao sair. E foi-se. Michele não quis sair. O namorado ia buscá-la no fim do período de aulas — iriam juntos a uma festa.

Presos na sala de aula, a turma e o professor ouviam os estudantes lá fora gritando. "Solta ela, professor! Deixa pra nós." "Vamos estuprar!" Colegas de classe colaram folhas de fichário por dentro da janela, para evitar os olhares.

A essa altura, Michele chorava, desmanchando a maquiagem. Um chute na porta, a maçaneta voou. Machucou o professor. Três seguranças se apresentaram na sala. O mais graduado dirigiu-se à moça: "Bonito, né... Vir à faculdade dessa maneira". Ele queria que Michele saísse naquele momento, mas a representante de classe não permitiu. Achava que a colega corria risco. Chamou o 190.

"Seus coxinhos [PMs], vão levar a gostosa?", um aluno uivou no ouvido de A., um dos policiais que atendeu ao chamado. Quando Michele passou, escoltada, na frente da sala dos professores, uma docente fez questão de sair. Com uma careta, perguntou: "É essa a fulana?"

Na catraca da escola, sempre sob a escolta policial, Michele viu entre os que a agrediam uma menina com o celular na mão, fotografando a sua vergonha: "Ela pega o ônibus comigo todo dia. Sempre quietinha. Mas naquele dia, ela atacava irada: pu-ta, pu-ta. Não entendi por que tanta raiva".

Filha de uma dona de casa e de um supervisor de serviços, ambos apenas o primário completo, Michele tem um irmão de 32 e duas irmãs (30 e 16). O pai é quem paga os R\$ 310 de mensalidade. Mora em um bairro popular em Diadema. Já trabalhou em um mercadinho.

Michele não pretende abandonar a faculdade. Hoje, ela comparece pela primeira vez à Uniban, desde o episódio, para depor em uma sindicância que apura o ocorrido. A jovem tem ficado reclusa. "Sempre ando arrumada, salto alto e maquiada. É assim que me vejo. É assim que eu sou. Mas, desde aquela quinta-feira, não consigo mais ser quem eu era. Só me visto de calça e camiseta e a maquiagem ficou na gaveta", disse.



FOLHA ONLINE

Assista ao vídeo
www.folha.com.br/093026



Ando arrumada, salto alto e maquiada. Mas desde aquela quinta, não consigo mais ser como era. Só me visto de calça e camiseta e a maquiagem ficou na gaveta

MICHELE VEDRAS

Aluna hostilizada na Uniban diz que professores participaram

Estudante perseguida por usar vestido curto afirma ter 'parcela de culpa' no episódio

Julia Chequer/R7.com

CRISTINA MORENO DE CASTRO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA
JAMES CIMINO
DA REPORTAGEM LOCAL

Hostilizada por colegas da Uniban (Universidade Bandeirante de São Paulo) por causa de um vestido curto, a estudante de turismo Geyse Arruda, 20, afirmou ontem na TV que professores e funcionários também participaram do tumulto.

"Os seguranças da faculdade, no começo, estavam rindo", disse. "Como um aluno vai ter atitude decente se os próprios professores e funcionários apoiam [as hostilidades]?"

Geyse deu entrevista de cerca de duas horas ao programa "Geraldo Brasil", da Record, no dia em que deveria depor na sindicância interna aberta para apurar o caso. A universidade não se manifestou ontem.

No programa, Geyse chorou e relatou sua versão da noite em que teve de sair escoltada por PMs para se proteger de cerca de 700 alunos "descontrolados". Ao fim da atração, trocou a blusa preta de manga comprida e o jeans que usava pelo vestido rosa-choque que causou a confusão. Antes, recusou três vezes o pedido do apresentador Geraldo Luís.

A jovem também assumiu parte da culpa pelo tumulto. "Posso ter errado por ter ido com o vestido. Mas o ato de vandalismo que fizeram comigo não se faz com ninguém."

Ela disse que volta ao curso na terça-feira, "não para afrontar ou causar polêmica".

Quando o apresentador perguntou por que Geyse só usava esse tipo de roupa, ela respondeu: "Acho que um vestido em uma mulher é extremamente feminino. Minha roupa só diz respeito a mim, respeito todo mundo e quero ser respeitada".

Ela foi comparada pelo apresentador a Maria Madalena. Rafael Bruno, 22, do curso de administração da Uniban, fez analogia similar. "Parecia uma



Geyse Arruda, estudante que foi xingada por colegas na Uniban

igreja evangélica cheia de fanáticos. A hipocrisia era igual."

Alunos do mesmo campus onde Geyse estuda concordam que a universidade não soube controlar o tumulto.

Renato Di Giacomo, 23, estu-

dante de logística, diz que a jovem deveria ter sido barrada na entrada por estar usando "trajes inapropriados".

Thaiza Andreone, 22, do curso de administração, comenta que faltou pulso firme. "Foi uma reação em cadeia provocada pelos próprios alunos. Toda hora chegava alguém na minha sala para falar da saia da menina. Imagine o que vão pensar desta universidade, onde os alunos tomam conta desse jeito? Parece colégio..."

Thaiza diz que Geyse não é a única a usar roupas "ousadas" na faculdade. "Sempre tem umas meninas de top. Eu mesma uso minissaia e vestido curto, então isso tudo é uma tendência hipocrisia."

Acho que um vestido em uma mulher é extremamente feminino. Minha roupa só diz respeito a mim, respeito todo mundo e quero ser respeitada

GEYSE ARRUDA

ANÁLISE

O martírio de Geyse nos faz pensar

ANNA VERONICA MAUTNER
ESPECIAL PARA A FOLHA

Geyse ia a uma festa depois da aula. Na balada ou na festa, seus trajes, sua maquiagem, não levantariam a alma selvagem dos colegas. As mesmas pessoas em outro contexto conteriam sua inveja e seu desejo. O surgir daquela beleza não pasteurizada, esperada na balada, mas não na escola, pegou todos de surpresa. Ninguém estava preparado e a sensualidade fora de contexto arrebatou e desorganizou.

Jovens que começam a “ficar” muito cedo aplicam ao “ficar” uma sexualidade pasteurizada, claramente quantificada. Têm a sua vida instintiva reprimida. Beija-se sem paixão. Fica-se porque é lugar, hora e idade de ficar. Namorar é uma ou-

tra etapa. Arrumadamente, namorava-se para poder beijar. Agora, namorar quer dizer que só se beija um, ou melhor, namorar é beijar com tesão.

Geyse, a jovem atacada por colegas, meninos e meninas, não sabia o que estava fazendo quando adentrou com sua sensualidade o espaço em que não se estava preparado para reprimir. Não foi só ela que errou. Seus algozes também não sabiam que é bom estar preparado. A sexualidade pode ser atizada inesperadamente. A força do sexo pode surpreender.

Geyse apenas errou de traje e fez tremer fortalezas indefesas. É tão ameaçadora a liberdade sexual para os jovens que não são protegidos pela proibição social ou familiar que eles, de forma velada, se castram. Nem Geyse conhecia seu poder nem

os jovens conheciam a força do desejo reprimido. Quando a repressão vem de fora, ela tanto castra quanto protege.

Não conheço outro caso igual ao de Geyse, mas conheço algumas ameaças. Moças lindas, viçosas, que se mostram sem levar em conta o esforço que tem que ser feito para reprimir a vontade de tomar de assalto o corpo do outro.

Não estou propondo retorno aos velhos padrões. Apenas me surpreendo com o resultado da autocensura a que os jovens estão obrigados, uma vez que a censura social e familiar está cada vez mais distante.

Quem deve conter? Como deve ser contido? Não sei. Geyse nos dá assunto para pensar.

ANNA VERONICA MAUTNER é colunista da **Folha** e psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Sobe ou desce. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 nov 2010. Folhateen, p. 1.

A patrulha da roupa curta vai além da Uniban; o Folhateen foi a sete faculdades conferir o que se usa (e o que se fala) em dia de aula

DA REPORTAGEM LOCAL

E não é que, passadas quase cinco décadas da invenção da minissaia, as pernas de fora ainda são motivo para saia justa?

Após o já clássico episódio que correu a internet na semana passada, em que uma garota foi às aulas na Uniban (em São Bernardo do Campo) com um vestido curto e saiu de lá escoltada pela polícia sob xingamentos de outros alunos, o comprimento das saias e dos shorts das colegas se tornou assunto obrigatório em qualquer rodinha universitária. Como, aliás, acontece todos os dias.

Na Faap, por exemplo. "Aqui, pelo menos, as meninas se vestem bem. Mas tem uma menina que é meio 'vaga'. Na verdade, acho que ela tem problemas. Ela usa 'sainha' de ir à praia para vir à escola", dizia Daise Davanzo, 22, estudante de economia, na noite de sexta-feira.

Carolina Fôlego, 25, que faz arquitetura na Uninove, acha "ridículo tamanho de saia ser assunto" no ambiente universitário. "O pior é que, se aparece uma menina crente, de saia no pé, também ridicularizam. As pessoas se preocupam demais com os outros. Estamos aqui para estudar."

Na mesma noite de sexta, o Folhateen visitou FGV-SP, Mackenzie, Faculdades Oswaldo Cruz, PUC-SP, USP, Uninove e Uniban. Em geral, os estudantes (inclusive da Uniban) afirmaram que condenam a atitude dos colegas da estudante xingada, mas as opiniões deixam claro que o excesso de vigilância não é exclusivo daqueles alunos de São Bernardo.

No curso de direito da USP, no Largo São Francisco, Maira Pinheiro, 19, se ofendeu com o tratamento dado

+ no blog
leia
manifesto
do editor de
Moda, Alcino
Leite Neto,
a favor da
minissaia em
bit.ly/saiaism

a uma aluna, dois anos atrás. "Ela foi de short a um debate sobre a eleição do centro acadêmico e uma pessoa da oposição teve a pachorra de perguntar se ela foi de short para ganhar mais voto", relata, indignada.

Ana Carolina Aggio, 19, do curso de artes cênicas da USP, diz que ali esse tipo de piada ou ofensa coletiva não aconteceria. "Lá no departamento [na Escola de Comunicações e Artes], a gente sempre toma banho de mangueira, ficamos só de sutiã. Se isso [discriminação] acontecesse aqui, seria na Poli [Escola Politécnica]."

Marcelo Canovas, 20, e Adonis Maltino, 20, do curso de engenharia de produção, estrilaram com o comentário e disseram que os futuros engenheiros são respeitosos e tolerantes "com a diversidade".

Rita Catunda, 19, estudante de cinema na Faap, combinava na sexta-feira meia-calça roxa e short jeans. "No meu trabalho, já fui discriminada por causa deste short", conta. "Me aconselharam a ir mais vestida no dia seguinte, em tom de brincadeira. É mais que roupa. Conta também o lugar e, mais ainda, o comportamento."

Sobre o caso da Uniban, muitos estudantes falaram em "linchamento" e "covardia" de pessoas que se tornam agressivas quando estão protegidas pelo anonimato da multidão.

"É como no 'bullying' da escola. Quem tem coragem de começar? Ninguém. Mas, depois que um fala, todo mundo vai

atrás. Na hora em que a polícia quiser saber, ninguém vai assumir quem começou. Com o apoio coletivo, veem que não vão se ferrar sozinhos", diz Fernanda Naresi, 19, da publicidade da Mackenzie.

(CHICO FELITTI, DANIEL BERGAMASCO, JAMES CIMINO e TARSO ARAÚJO)

saiôme



Eu não poderia falar dela [aluna xingada pelos colegas].
Já vim com vestidos quase tão curtos quanto o dela e nunca nem comentaram. Aqui, vê-se gente de todo jeito
FLÁVIA JOAQUIM, 23, do direito da PUC-SP

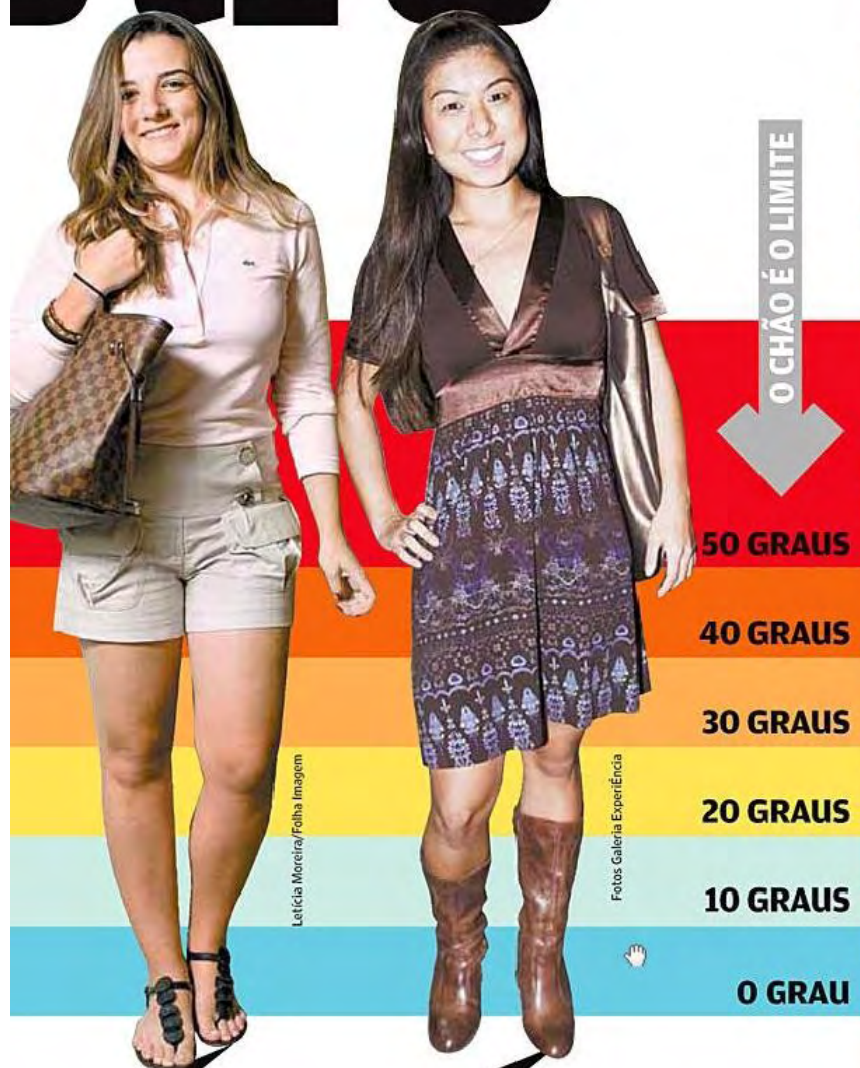
Cortei este vestido hoje. Sou baixinha e ficou melhor assim. Acho hipócrita criticarem comentários. Se aparece uma menina crente, de saia no pé, também ridicularizam
CAROLINA FÔLEGO, 25, da arquitetura da Uninove

Não gosto de saias, só uso shorts, e eles só costumam causar elogios, nada ofensivo. Cada um deve cuidar da sua vida e se vestir como achar melhor
RAYSSA BARRETO, 19, da biologia da Uninove

O vídeo me chocou. As pessoas fazem coisas horríveis, como apedrejamento, que não fariam sozinhas. Eu adoro usar saia. **Este é o país do Carnaval!**
CARLA FURTUOSO, 25, de ciências sociais da USP

(continua na próxima página)

etro



Na sexta, a gente emenda com balada, mas deixa o salto e a maquiagem na bolsa. Não dá para usar salto com saia curta na faculdade, se bem que as pessoas não comentam

CAROLINE PARIS, 22,
da administração da Faap

Malho três horas por dia. Se a menina está em forma, pode usar saia curta. Quem usa uma roupa curta quer mesmo ser visto, mas isso não justifica vaiarem, fazerem baixaria

CAMILA KAORI, 18,
da química da Oswaldo Cruz

O TEMPO E A SAIA

<< SAIA DE PREGAS

Existe há pelo menos mil anos. A do uniforme japonês vai de 40 cm a 80 cm

>> SAIA-BALÃO

Sua bainha faz um "pufe" no joelho; veio com o fim da Segunda Guerra, época de fartura de recursos para os vencedores

<< SAIA-BAILARINA

Rodada e até pouco acima dos tornozelos, popular nos anos 50

>> MINISSAIA

Acima do joelho, foi o legado de Mary Quant, em 1966

<< MAXISSAIA

Chega aos pés. Foi uma resposta à minissaia, na década de 60

>> SAIA-CINTO

Vai até o meio da coxa, se muito. Voltou em 2002, quando Christina Aguilera usou uma saia de 22 cm no clipe "Dirrrty"

<< SAIA-HIPPIE

Rodada e batendo na canela, reinou na década de 70

FONTES: "Enciclopédia da Moda", de Georgina O'Hara; lachapellstudio.com e "A History of Costume", de Carl Kohler. Ilustrações Rodrigo Cunha/Folha Imagem

Painel do Leitor

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail, fax (0/xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. leitor@uol.com.br

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE → www.folha.com.br/paineldoleitor

Microvestido

"Em 1977, cavalos da polícia invadem a PUC-SP, espancam e prendem centenas de alunos em represália à UNE. Em 2009, a polícia de um ex-presidente da UNE é chamada para salvar aluna acuada por centenas de cavalos matriculados.

Concluo que o Brasil vai bem em democracia. Mas a universidade tem faltado às aulas de história."

FLÁVIO DE ALMEIDA MOGADOIRO (São Paulo, SP)



"Fico com pena do baixo nível intelectual dos 'universitários' fazedores de algazarra. Mas essa nobre senhorita se veste com tamanha vulgaridade ao ir à igreja, ao trabalhar, num velório? A infeliz aluna fez por merecer os insultos. Faculdade é lugar de estudar. Que despreito à figura do professor!"

MAURÍCIO NERI DA SILVA (Diadema, SP)



"Sobre a análise de Anna Veronica Mautner ['O martírio de Geyse nos faz pensar', *Cotidiano*, 31/10], Geyse não errou ao usar um vestido curto, pois exercia seu direito, não ofendendo ninguém com tal atitude. A reação descabida dos universitários representa os preconceitos de gênero ainda existentes, que estabelecem uma dicotomia entre 'santa' e 'prostituta' e condenam

quem sai dos padrões."

LUCIANA CARVALHO (Belo Horizonte, MG)

Resposta das jornalistas Estelita Hass Carazzai e Anna Carolina Cardoso

— A reportagem afirma que a paralisação de transportadores agravou problemas de fornecimento de asfalto para obras no Nordeste, e não que o produto esteja faltando nas refinarias da Petrobras. As informações passadas pela assessoria foram registradas no texto.

IPTU progressivo

"Em editorial publicado na edição de 31/10, a *Folha* defende a aprovação do projeto que institui o IPTU progressivo em São Paulo para imóveis que estiverem abandonados ou subutilizados. Diz que 'a importância da taxa progressiva no tempo para a ocupação racional do espaço urbano é incontestável'. Essa também é minha opinião e, como líder do Democratas, já votei favoravelmente ao projeto. Quanto a minha bancada, não há nenhuma rebelião contra o IPTU progressivo. No mesmo dia, após a votação, esclareci minha bancada sobre sua importância e todos tomaram uma decisão favorável ao projeto. Este fato já foi comunicado por mim à imprensa. Na próxima semana, estaremos no mesmo terreno, votando a favor da proposta."

CARLOS APOLINÁRIO líder do Democratas na Câmara Municipal (São Paulo, SP)

» SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: 0800-775-8080
Grande São Paulo: 0/xx/11 3224-3090 saa@grupofolha.com.br

» OMBUDSMAN: 0800-015-9000 ombudsman@uol.com.br

CASO UNIBAN

Estudante xingada recua e adia retorno à universidade

DO "AGORA"

Depois de prometer que voltaria a estudar "até sob escolta", a estudante de turismo Geisy Arruda, 20, da Uniban de São Bernardo, recuou e não apareceu na universidade ontem à noite.

Seria o primeiro dia de aulas dela depois que foi perseguida e xingada de "puta" por alunos e deixou o campus com ajuda da polícia. A con-

fusão ocorreu após Geisy aparecer trajando um ~~mk~~ ^{mk} b-vestido. "Ela vai voltar, mas não há previsão. A volta será de maneira discreta e tranquila", disse o advogado da jovem, Nehemias Melo.

O assessor da reitoria da Uniban, Décio Lencioni, disse que a sindicância já ouviu funcionários e alunos, mas precisa do depoimento da estudante para identificar culpados.

RUY CASTRO

Minissaias de 1967

RIO DE JANEIRO - A história de Geyse, a estudante agredida por 700 colegas de faculdade em São Bernardo do Campo por usar um vestido curto, me devolveu a 1967, quando nós, os rapazes do 1º ano do curso de ciências sociais da FNF (Faculdade Nacional de Filosofia), no Rio, víamos com muito prazer o fato de que a maioria das meninas da turma ia de minissaia à aula.

Não eram minissaias sóbrias, a menos de um palmo do joelho, como o vestido de Geyse. Eram muito mais curtas. E nenhuma das moças, por mais bonita, fazia aquilo para provocar. Elas eram modernas, liberadas e gostavam de namorar —claro que só namoravam quem quisessem. Algumas liam Régis Débray; outras, Hermann Hesse; e, ainda outras, “Peanuts”; mas todas eram divertidas, inteligentes e politicamente atuantes.

No dia seguinte às passeatas contra a ditadura na avenida Rio Branco, uma ou duas apareciam na faculdade com as coxas e canelas sal-

picadas de curativos, resultado das bombas de “efeito moral” que os agentes do Dops soltavam no meio da turba e, ao explodir, despejavam estilhaços que cortavam de verdade. Ao contrário de nossos jeans, grossos como couro e que nos protegiam as pernas, as minissaias expunham as garotas a esses riscos —que elas enfrentavam com graça e coragem.

Várias lutaram à vera contra os militares e pagaram o preço, na forma de prisão, tortura, exílio ou morte de alguém próximo. Mas, sabe-se como, todas completaram o curso. No futuro, muitas se tornaram mestras ou doutoras respeitadas em suas carreiras, ainda que fora da sociologia.

Às vezes reencontro-as em reuniões aqui no Rio. Estamos 40 anos mais velhos, mas, nas minhas fantasias, elas continuam as mesmas meninas de 1967: alegres, responsáveis, cultas —e irresistíveis em suas minissaias.

Uniban expulsa aluna hostilizada e afirma que ela provocou assédio

A estudante Geisy Arruda, 20, hostilizada por cerca de 700 colegas ao usar vestido curto nas aulas, foi expulsa da Uniban. Sindicância da universidade concluiu que a aluna provocou os colegas, causando o tumulto.

Segundo Décio Machado, assessor da Uniban, Geisy se “insinuava” para os outros. A estudante afirma que pretende processar a universidade pela expulsão. Cotidiano 3

HÉLIO SCHWARTSMAN

Faculdade aposta na tática de jogar a culpa na vítima

Cotidiano 3

Leticia Moreira/Foto Imagem



Geisy, com o traje que causou sua expulsão, e a mãe, Maria Arruda

cotidiano3

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO DE 2009 ★ ESPECIAL C1

Uniban expulsa aluna que foi à aula com vestido curto

Para a universidade, houve “desrespeito à dignidade acadêmica e à moralidade”

Geisy Arruda, hostilizada por cerca de 700 alunos e que deixou o campus sob escolta da PM, afirma que vai processar a instituição

DA REPORTAGEM LOCAL

A estudante Geisy Villa Nova Arruda, 20, hostilizada por cerca de 700 colegas ao usar um vestido curto no campus da Uniban em São Bernardo do Campo, onde cursa turismo, foi expulsa ontem pela universidade por “desrespeito à dignidade acadêmica e à moralidade”.

Um grupo de seis a oito estudantes (a Uniban não soube dizer o número exato) que participou da manifestação contra ela, no dia 22 de outubro, foi punido com suspensão, por tempo a ser definido.

A Uniban tomou as decisões após uma sindicância concluir que a estudante “provocou” os colegas, “o que resultou numa reação coletiva de defesa do ambiente escolar”. Segundo Décio Lencioni Machado, assistente jurídico da instituição, Geisy “tem uma postura incompatível com o ambiente da universidade”, pois sempre utiliza roupas curtas e decotes e tinha atitudes “insinuantes”.

A estudante afirmou que pretende processar a Uniban. “Como me expulsaram? Que absurdo. Eu fui a vítima, quase fui estuprada, como puderam fazer isso?”, disse. A mensalidade do curso, de R\$ 310, é paga pelo pai dela, que é supervisor de serviços — Geisy não trabalha.

Segundo Machado, o que levou à decisão não foi o vestido, mas a “postura” dela. “O problema não era a roupa, mas a forma de se portar, de falar, de rebolar.” Por isso, diz, ela já havia sido advertida verbalmente por fiscais de disciplina da universidade e pelo coordenador do curso de turismo — ela nega.

No dia do tumulto, de acordo com ele, quando a aluna saiu escoltada pela Polícia Militar do campus, a universitária “subiu com as mãos o vestido que usava, deixando-o mais curto”.

ENTENDA O CASO

Após sindicância, a universidade expulsou a aluna que usou um vestido curto

A POLÊMICA

» No dia 22 de outubro, Geisy Arruda, 20, aluna do curso de turismo da Uniban em São Bernardo do Campo, é hostilizada por cerca de 700 estudantes por usar um vestido considerado curto pelos manifestantes. Ela é obrigada a se cobrir com um jaleco e a deixar a faculdade sob proteção da Polícia Militar

A DECISÃO

» Na madrugada de ontem, a Uniban decide expulsar a estudante em “razão do flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade”

» Segundo a universidade, a decisão foi tomada após conclusão de sindicância, que colheu depoimentos de Geisy e de alunos, professores e funcionários

» A universidade decide ainda suspender os alunos envolvidos e devidamente identificados no incidente temporariamente das atividades acadêmicas



Imagem veiculada na internet no dia em que ocorreu o tumulto

O que diz a Uniban

“A aluna tem frequentado as dependências da universidade em trajes inadequados, indicando uma postura incompatível com o ambiente”

“No dia, a aluna fez um percurso maior que o habitual, aumentando sua exposição e ensinando, de forma explícita, os apelos de alunos”

“Novamente, a aluna optou por um percurso maior ao se dirigir ao toalete, o que aumentou a curiosidade e interesse de mais alunos e alunas”

“Depoimentos de colegas indicam que, no interior do toalete feminino, a aluna se negou a complementar sua vestimenta”

“Foi constatado que a aluna buscou chamar a atenção por conta de gestos e modos de se expressar, o que resultou numa reação coletiva de defesa do ambiente escolar”

O que diz a estudante

Afirmou que sempre “anda arrumada, com salto alto e maquiagem”

Afirmou também que, no dia do tumulto, fez o mesmo caminho que faz habitualmente para ir à sala de aula

Defendeu-se da acusação de ter levantado o vestido, dizendo que no dia segurava uma bolsa enorme em uma mão e um fichário na outra

Disse ter sido vítima no episódio e que “quase foi estuprada” pelos manifestantes

Anunciou que, em razão da expulsão, vai processar a universidade por danos morais

SEBRAE

Serviço de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas
Bahia

EDITAL DE CREDENCIAMENTO
(continua na próxima página)

SER O SISTEMA DE
NÃO É O

Além disso, diz, ela entrou na sala de outro curso, quando o professor já dava aulas, porque um estudante queria conhecê-la. “Segurava uma bolsa enorme em uma mão e um fichário na outra, como levantaria o vestido?”, questiona Geisy.

Anúncio

A Uniban publica comunicado hoje na **Folha** sobre a expulsão. A universidade diz que decidiu tornar público o fato porque Geisy também utilizou veículos de comunicação para contar sua versão dos fatos.

A defesa da estudante não quis comentar por não ter sido notificada. Segundo a universidade, após a decisão, ainda de madrugada, um motoboy tentou entregar uma carta a Geisy informando a expulsão, mas ninguém atendeu na casa dela.

Geisy afirma que só às 16h um motoboy foi a sua casa, mas ela se recusou a receber o documento e pediu que ele fosse entregue a seus advogados. Ela afirmou que, caso eles não recebam a notificação, voltará às aulas na segunda-feira.

Especialistas ouvidos pela **Folha** criticaram a medida. A mãe da estudante, que pediu para ser identificada apenas por Maria, considerou a decisão absurda. “É o jeito dela de se vestir, desde pequena foi assim. Ela não é a única”, disse.

(TALITA BEDINELLI, ALENCAR IZIDORO,
LUIZA ALCANTARA E SILVA, ESTÉVÃO
BERTONI E CATHARINA NAKASHIMA)

 **LEIA MAIS ESPECIAL C2**

Expulsão atesta incompetência, diz entidade

Para coordenadora de comitê de defesa da mulher, universidade, que deveria promover discussões, teve atitude autoritária

Educadores, advogados e outras entidades de defesa das mulheres ouvidos pela Folha também criticam decisão tomada pela Uniban

DA REPORTAGEM LOCAL

"Ao expulsar essa menina, a universidade assina seu atestado de incompetência", afirma Samantha Buglione, coordenadora do Cladem (Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher) no Brasil. "O espaço que deveria promover a discussão está tendo atitudes simplificadoras e autoritárias", diz ela. "Para a universidade ser intolerante para questões de moralidade neste nível é porque ela está completamente desvirtuada do que ela deveria ser."

As opiniões de Buglione refletem um pouco a contrariedade de boa parte dos educadores, advogados e entidades de defesa das mulheres ouvidos pela **Folha** sobre a punição da Uniban à jovem que foi hostilizada ao usar um vestido curto.

Para Buglione, a função da Uniban era promover um debate, e não mandar a estudante embora. "Esse caso é uma excelente metáfora para mostrar como a universidade não está mais sendo universidade", afirma ela, que também é professora de direito da Univali (Universidade do Vale do Itajaí).

"Como é uma instituição que se propõe a fazer um trabalho educativo, a expulsão deveria ser a última medida", avalia Sabrina Moehlecke, doutora em educação pela USP e professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Ressaltando falar em tese, por não ter acompanhado detalhes do caso, ela acrescenta: "Mesmo que as pessoas ve-



Geisy ao lado de sua mãe, em Diadema, na Grande São Paulo, onde moram; a estudante disse que pretende processar a Uniban

nham com hábitos, formas de agir e de se vestir inadequadas, a instituição tem a função de criar formas de lidar com isso".

O promotor de Justiça Roberto Livianu, do Movimento do Ministério Público Democrático, afirma que a decisão é um "exagero", "foge à razoabilidade" e lembra "posturas fundamentalistas ismáticas".

O professor de direito constitucional João Antonio Wiegnerinck avalia que a expulsão só ocorreu devido à repercussão do tema na mídia, e não pelo comportamento da aluna. Ele afirma que a roupa da jovem

era inadequada ao ambiente de estudo. "Faltou bom senso à estudante. Mas dou aula há mais de oito anos. Há roupas piores."

Segundo Wiegnerinck, é praxe nas instituições de ensino regulamentados para punir alunos por comportamentos do tipo. Mas ele ressalta a necessidade de uma graduação para os casos de reincidência — como advertência e suspensão, sempre por atos formais, e não verbais.

Ato público

Para Sônia Coelho, militante da SOF (Sempreviva Organização Feminista), a expulsão da

estudante é um retrocesso e mostra a falta de compromisso da instituição com a educação.

"É preciso trabalhar prevenindo a violência. O contrário do que a universidade está fazendo. A aluna deveria ser acolhida, e os alunos, educados."

A SOF afirma ter buscado contato com a universidade para propor um ciclo de debates sobre a violência contra a mulher. Sem sucesso, decidiu fazer um ato público no dia 18 na frente da Uniban — que, com a expulsão, pode ser antecipado.

A decisão da universidade, ao ver a reação contra a jovem co-

mo defesa do ambiente escolar, diz Sônia Coelho, põe em risco todas as mulheres. "Qualquer uma que se vista com um short ou vestido pode ser abordada de forma pior. Daqui a pouco as mulheres serão apedrejadas."

A fundadora da União de Mulheres de São Paulo, Maria Amélia de Almeida Teles, diz que a atitude da Uniban mostra que ainda existe discriminação e reforça a existência do preconceito: "É difícil acreditar que em pleno século 21 a mulher não tenha direito a dispor de seu próprio corpo e a se vestir da maneira que desejar".

Jeito de estudante se portar levou à expulsão, diz Uniban

DA REPORTAGEM LOCAL

O assessor jurídico da Uniban, Décio Lencioni Machado, afirma que a falta de uma postura ética de Geisy Arruda causou sua expulsão. Leia a seguir os principais trechos da entrevista concedida por ele à **Folha**.



FOLHA - Por que a decisão?

DÉCIO LENCIONI MACHADO - Através dos depoimentos dos alunos, professores, funcionários e mesmo dela, constatou-se que a postura dela não era adequada há algum tempo. O foco não é o vestido. Tem menina que usa roupas até mais curtas. O foco é a postura, os gestos, o jeito dela se portar. Ela tinha atitudes insinuantes.

FOLHA - Como assim?

MACHADO - Ela extrapolava, rebolando na rampa, usando roupas que os colegas pudessem

verificar suas partes íntimas. Isso tudo foi dito em vários depoimentos e culminou no que ocorreu no dia 22 de outubro. Foi o estopim de uma postura recorrente da aluna.

FOLHA - Por que o anúncio? Não acham que estão expondo a aluna?

MACHADO - A exposição dela vem ocorrendo desde a semana seguinte a 22 de outubro. Ela se utilizou de todos os veículos de comunicação para divulgar [o que aconteceu] e vem declarando que, inclusive, tem interesse em ser atriz. Estamos querendo usar os mesmos veículos, não para expô-la, porque exposta ela já está, mas porque tenho compromisso com 60 mil alunos. Recebemos 4.000 e-mails de alunos, pais, pessoas da comunidade, se queixando da exposição da instituição, em especial do curso de turismo, porque as meninas estavam sendo chamadas de "putas".

Uniban recua e cancela expulsão de aluna

Pressionada por entidades que criticaram a punição da estudante do microvestido, universidade cancela também suspensão de agressores

Assessor jurídico não comentou os motivos que levaram ao recuo; antes da decisão, Geisy ameaçou processar a universidade

DA REPORTAGEM LOCAL

Em um comunicado com 58 palavras assinado pelo reitor Heitor Pinto Filho, a Uniban (Universidade Bandeirante de SP) revogou ontem a decisão de expulsar a aluna Geisy Villa Nova Arruda, 20, tomada pelo Conselho Universitário da instituição na última sexta. Com isso, a aluna de turismo poderá voltar a frequentar a faculdade.

A Uniban não informou se pretende adotar medidas especiais de segurança para garantir que Geisy não volte a ser hostilizada pelos colegas que, no último dia 22, a perseguiram, encurralaram, xingaram e ameaçaram —inclusive de estupro—, alegadamente por causa do microvestido rosa que ela trajava.

Ontem, o assessor jurídico da Uniban, Décio Machado, afirmou que o reitor também havia participado da reunião do colegiado que decidiu expulsar a aluna. O assessor não quis comentar os motivos que levaram ao recuo da universidade.

Também ficou sem efeito a decisão de suspender seis dos alunos apontados como agressores da universitária.

No domingo, a Uniban divulgou pelos jornais a decisão de expulsar a aluna. Em um texto com 400 palavras encimadas pelo slogan "Responsabilidade Educacional", acusou-a, entre outras coisas, de frequentar as dependências escolares "em trajes inadequados, indicando uma postura incompatível com o ambiente da universidade".

Geisy, que deu uma entrevista coletiva ontem à tarde, defendeu-se: "Eu não quis provo-

ram me humilhar ainda mais". Nem ela nem seus advogados quiseram comentar o recuo da administração universitária, anunciado no fim da tarde.

Na coletiva, os advogados ameaçaram a universidade com processo por danos morais e materiais, além de recitarem os sete crimes que teriam sido cometidos contra a jovem: "Foi difamação, injúria, ameaça, constrangimento ilegal, cárcere privado, incitação ao crime e ato obsceno", disse o chefe da equipe, Nehemias Melo.

Durante todo o dia, a universidade foi alvo de protestos. A Secretaria de Políticas para as Mulheres do governo federal enviou ofício à Uniban e ao Ministério Público condenando a expulsão e pedindo justificativas formais da universidade. Em São Paulo, a Procuradoria já abriu inquérito sobre o caso.

A ministra Nilcéa Freire chamou de "arbitrariedade" o ato da Uniban, porque transformou Geisy em culpada pela agressão de que foi vítima.

O Ministério da Educação notificou a Uniban para que explicasse a decisão de expulsar a aluna. Até aliados históricos da Uniban, como o deputado federal Vicente Paulo da Silva (PT), o Vicentinho, garoto-propaganda da instituição em que se graduou em direito (2003), criticaram a atitude da universidade. "Foi um grave erro. Como é que a vítima é quem paga?"

Na sexta-feira, a Uniban realizou debate com o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), que se ofereceu para intermediar uma conversa entre a instituição, Geisy e os estudantes que a agrediram. "Para que todos venham a aprender com o que aconteceu", disse o senador.

(LAURA CAPRIGLIONE, TALITA BEDINIELLI, JOSÉ ERNESTO CREDENDIO)

Colaborou a Sucursal de Brasília

Rubens Cavallari/Folha Imagem



Geisy Arruda, 20, aluna de turismo da Uniban durante entrevista coletiva ontem

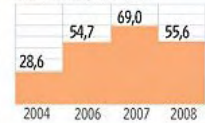
RAIO-X DA UNIBAN

Instituição tem 60 cursos em SP

>> Fundação: 1994

>> Unidades: 10 em São Paulo, 2 no Paraná e 1 em Santa Catarina. Tem também 1 colégio

Matrículas, em mil²



Desempenho²

35 cursos avaliados em 2008

13 tiveram

nota 3

(mínimo

aceitável)

16 tiveram

nota 2

(insuficiente)

6 sem nota

¹Dados de 2005 não foram informados

²Nota do Conselho Preliminar de Curso (CPC)

Ranking do MEC das 175 universidades



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Uniban recua e cancela expulsão de aluna. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov 2010. Cotidiano, p. C1.

Estudantes vão em apoio a Geisy

Manifestação pedindo a volta da aluna à universidade foi criticada por alunos da Uniban, que estavam em maioria

Protesto teve início antes da divulgação do recuo da universidade; manifestantes aprovaram a decisão, mas alunos ficaram divididos

ANNA CAROLINA CARDOSO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Era para ser uma manifestação a favor de Geisy Villa Nova Arruda, 20, expulsa da Uniban no sábado, mas acabou virando um protesto dos alunos da universidade contra representantes da UNE, de movimentos em defesa das mulheres e sindicalistas, que se reuniram em frente ao campus de São Bernardo para pedir que a faculdade reconsiderasse a decisão.

De um lado, os manifestantes, cerca de 200, a maior parte mulheres, anunciavam que entregariam "um manifesto para pedir que a Uniban voltasse atrás". De outro, os alunos, cerca de 800, do mesmo turno em que Geisy estudava e foi agredida, iam.

No carro de som, ninguém



Manifestação em frente à Uniban contra a expulsão de Geisy; universidade recuou da decisão

Caio Guatelli/Folha Imagem



Eu não quis provocar. Eu sou assim, sempre me vesti dessa maneira. Eles quiseram me humilhar ainda mais

GEISY VILLANOVA ARRUDA, 20,
em entrevista coletiva

Foi um grave erro. Como é que a vítima é quem paga?

VICENTE PAULO DA SILVA,
o deputado federal Vicentinho (PT),
garoto-propaganda da Uniban, onde se
graduou em direito

Virou uma coisa contra a faculdade e os alunos

CECÍLIA COSTA, 20,
aluna de fisioterapia, justificando as vaia
ao ato em apoio a Geisy

Se tomou uma atitude,
tinha que ir até o fim

SIMONESCHERER, 23,
aluna de educação física, que acha a
expulsão exagerada, mas critica o recuo da
universidade

Para sociólogas,
sociedade ainda
é conservadora

EDUARDO GERAQUE
DA REPORTAGEM LO CAL

O linchamento moral contra a aluna Geisy Arruda é consequência de um pensamento coletivo que ainda é conservador e machista, afirmam duas sociólogas ouvidas pela **Folha**. A violência atrelada ao ato contra a estudante de turismo da Uniban também surpreende, dizem as estudiosas.

"A sociedade só parece ser mais democrática", afirma Miriam Abramovay, pesquisadora da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, um organismo internacional de cooperação técnica.

"Na verdade, ela continua sendo um lugar muito

(continuação próxima página)

conseguiu falar sem ser vaiado. Algumas pessoas, apesar do microfone, mal conseguiam ser ouvidas. "Ih, fora! Ih, fora!", os estudantes faziam coro, apontando para longe. E reagiam ao protesto com "Isso é um absurdo!", "Queremos estudar!" e vaias, muitas vaias.

"Meninas, estão vaiando um protesto contra algo que, amanhã, pode acontecer com uma de vocês", dizia alguém ao microfone. No chão, um grupo de alunas fazia sinal negativo com a mão. "É ruim, hein!"

Muitos alunos justificavam as vaias dizendo que estavam sendo desrespeitados. "Virou uma coisa contra a faculdade e os alunos", reclamava Cecília Costa, 20, aluna de fisioterapia.

No meio do ato, que começou por volta das 18h, chegou a informação de que a Uniban tinha recuado e cancelado a expulsão. Os manifestantes, com cartazes em defesa dos direitos da mulher, aprovaram. Entre os alunos, porém, as opiniões ficaram ainda mais divididas.

Simone Scherer, 23, do curso de educação física, acha que a expulsão foi exagerada, mas criticou o fato de a faculdade ter recuado. "Se tomou uma atitude, tinha que ir até o fim", diz ela, que era uma das que participava do "antiprotesto". Ela, que usa um uniforme com o nome da faculdade para ir às aulas, reclamou que, no ônibus, agora, ouve piadinhas. "Uma hora perguntam se eu estudo na faculdade da pelada, outra hora chamam de talibã."

Já Jose Santiago, 28, estudante de gestão financeira, acha que a Uniban não deveria ter voltado atrás porque considera a punição adequada.

A apresentadora Sabrina Sato foi ao ato com um vestido parecido com o de Geisy.



Matricule seu filho em uma escola do Sistema Anglo de Ensino

www.aquitemanglo.com.br

conservador e muito machista", disse a socióloga à **Folha**. "Mesmo com os avanços dos direitos femininos em 40 anos", constatou a estudiosa.

Para Abramovay, neste contexto, a visão machista tradicional surge de forma muito forte. "Existe um pensamento entre os homens de que o mundo está dividido entre santas e putas. De que o espaço [de convívio social] tem que ser quase sacrossanto", afirma a pesquisadora.

Uma das pioneiras no estudo da questão feminina no país, Heleieth Saffioti, professora aposentada da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Araraquara, concorda com as observações da colega.

"O fato surgiu de um nicho de conservadorismo, que não é normal no Brasil. Não acredito que a sociedade toda seja assim, mas nem no inverso", afirmou a professora.

A violência vista nos corredores da Uniban tem uma origem na vida doméstica, diz ela.

Avanço?

"A cada 15 segundos uma mulher é espancada no país. É muito para o meu gosto. A sociedade civilizada, em vez da patriarcal como temos, tem que resolver isso na conversa", disse Saffioti.

Para a professora, o fato suscita outro debate: o conceito de modernidade social. "Acentuar o papel da mulher como objeto é um avanço ou queremos outra coisa?", indaga.

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Estudantes vão ao ato em apoio a Geisy. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov 2010. Cotidiano, p. C2.

Uniban decide 'exilar' Geisy em outro prédio

Aluna que chegou a ser expulsa devido às suas roupas foi transferida com sua classe; escola diz que é para criar ambiente 'mais agradável'

Em entrevista, vice-reitor chama de corajosa decisão de punir estudante, e admite que recuo foi motivado por pressão da opinião pública

LAURA CAPRIGLIONE
DA REPORTAGEM LOCAL

A aluna Geisy Villa Nova Arruda, 20, não poderá mais frequentar o prédio em que estudava antes do dia 22 de outubro, quando foi perseguida, encurralada, xingada e ameaçada por cerca de 700 alunos, no campus da Uniban (Universidade Bandeirantes) em São Bernardo do Campo, alegadamente por causa do microvestido que trajava.

Ontem, o vice-reitor da instituição, Ellis Brown, disse que a classe da jovem foi transferida para outro prédio, com o objetivo de criar um ambiente "mais descontraído e agradável" para o retorno da estudante.

Segundo a faculdade, Geisy não deve, assim, voltar a circular pelo prédio cheio de rampas onde, segundo a nota oficial que a expulsou da Uniban, divulgada no último domingo, aumentou "sua exposição e enfecho, de forma explícita, os apelos de alunos".

Decisão 'corajosa'

A transferência foi anunciada durante entrevista em que o vice-reitor chegou a classificar como "corajosa" a decisão de expulsar a aluna, tomada na última sexta-feira pelo conselho universitário.

Segundo ele, apesar de "correta" do ponto de vista "estritamente disciplinar", a decisão teve de ser retirada por causa da repercussão na opinião pública. "Às vezes, precisamos de um certo estardalhaço para refletir."

No raciocínio do vice-reitor, "se fosse um caso isolado, não haveria motivo algum para mudar a decisão disciplinar. Mas, como envolveu e envolve muita gente, tivemos de adotar uma atitude educativa".

Na prática, a "atitude educativa" significa cancelar todas as punições (além da de Geisy, existiam as suspensões dos 10 alunos que "lideraram os ataques à jovem"), e fazer debates.

Geisy disse à **Folha** que não pretende mesmo voltar para a Uniban. "Tenho medo de que aquelas pessoas que me agrediram voltem a fazê-lo."

Os advogados dela entraram hoje com um pedido junto à faculdade para que a jovem faça as provas de fim de ano em outro local.

Na coletiva de ontem, Brown tinha a seu lado Décio Machado, assistente jurídico da Uniban, o mesmo que, no último sábado, acusou Geisy de ter "uma postura incompatível", por suas roupas curtas e decotadas e por suas "atitudes insinuantes", "de se portar, de falar, de rebolar".

Ontem, o vice-reitor recusou-se a comentar as atitudes de Geisy. "Não contribuirei para enxovalhar a reputação de quem quer que seja."

Segundo ele, no entanto, tais atitudes caracterizariam "quebra de decoro". Décio Machado, ao seu lado, assentiu com a cabeça. Brown disse que Geisy teria seguranças por perto em sua volta à faculdade, para evitar o risco de novo ataque.

'Talebans'

Segundo o vice-reitor, os 60 mil alunos da instituição sentem-se "injustiçados" pelo epíteto de "talebans" que lhes foi atribuído depois da agressão à jovem Geisy.

"Ninguém aqui quer um massacre. Ninguém aqui é contra moças vestidas com minissaías ou maquiadas", afirmou o vice-reitor.

Para Brown, a "reflexão educativa" começará na próxima sexta-feira, em um debate com o senador Eduardo Suplicy (PT-SP).

Geisy recebeu um telefonema do próprio senador petista convidando-a para participar do encontro: "Mas acho que não tenho estrutura psíquica. Estou muito abalada."



A atriz Fábria Gouvêa provoca olhares e comentários no campus da PUC, no bairro de Perdizes, na zona oeste de São Paulo

!!! foco

No teste do microvestido, atriz vai a faculdades, irrita garotas e intimida rapazes

DA REPORTAGEM LOCAL

No cara a cara, a resposta para "onde é o banheiro?" é bastante cordial. "Vire à esquerda, depois daquela coluna", explica um estudante de direito da USP (Universidade de São Paulo), no largo São Francisco (na região central de SP).

Mas é só a moça de vestido curto virar as costas para o jovem sussurrar entre os amigos: "Putá! Putá! Putá!".

A cena aconteceu na manhã

de ontem, quando a atriz Fábria Gouvêa, 35, visitou quatro faculdades a convite da **Folha**, trajando um vestido provocante —curto nas pernas e com tecido fino, que evidenciava a ausência de sutiã.

Em todas elas (FMU, Universidade Ibirapuera, Pontifícia Universidade Católica e Universidade de São Paulo), pipocaram piadinhas (discretas e à distância) em referência ao já manjado caso de Geisy Arruda, 20, aluna de turismo hostilizada na Uniban quando

foi à aula em microvestido, no fim de outubro.

"Xiii, só pode ser aluna da Uniban", ironizou uma garota na PUC, referindo-se ao caso da garota Geisy Arruda.

Na FMU, Fábria pergunta sobre a qualidade dos cursos a uma turma na cantina. "Eles foram atenciosos, falaram bem da faculdade", relata. Mas foi só ela sair dali para uma das alunas fulminar...

"Gente, ela deve ter vindo prospectar freguesia", diz uma aluna. Todos riem. Não que os olhares tortos só tenham vindo pelas costas. "Os caras ficaram mais intimidados, olham discretamente. Mas muitas meninas me encaram feio, me mediram", relata.

Um pouco mais à frente,

mais tensão —três garotas olham a atriz, que responde com o olhar. De novo, é só virar as costas para começarem os comentários. "Isso é roupa de vir à faculdade?"

No largo São Francisco, um cartaz com referência ao caso Uniban é assinado pelo "P.U.T.A. - Partido Ultra Tradicionalista das Arcadas". Ele convoca "todas as franciscanas a virem de minivestido" e diz lutar pelo "direito feminino de frequentar a faculdade (...) até mesmo sem roupa".

Um segurança, ao perceber a presença do fotógrafo em direção à moça, a aborda e a orienta: "Você não pode fotografar aqui, mas pode vir com a roupa que quiser. Tem meninas com vestidos muito piores que o seu".



Matricule seu filho em uma escola do Sistema Anglo de Ensino



WWW. aquitemanglo .com.br

+Colunas

JOSÉ SIMÃO

Madonna! Marcha para Jesus Luz!

Madonna no Brasil. DE NUEVO? E as trepidantes manchetes: “Madonna desembarca”. “Madonna deixa o hotel.” “Madonna janta com Jesus.” O quê? Madonna janta com Jesus? Fomos enganados por 2.000 anos. Aquela não era a Última Ceia! **Ilustrada E11**

RUY CASTRO

Perna de fora

Nelson Rodrigues disse: “Só o rosto é obsceno. Do pescoço para baixo, podíamos andar nus”. Nunca essa frase caiu tão bem quanto no caso da estudante Geisy Arruda. **Opinião A2**

Rápidas

→ **13º INJETARÁ R\$ 85 BI NA ECONOMIA**

Segundo o Dieese, o pagamento do 13º salário deve injetar cerca de R\$ 85 bilhões na economia brasileira até o fim do ano. O montante é 8,7% superior ao pago no ano passado. **Dinheiro B9**

→ **SÃO PAULO SOBE PREÇO DO INGRESSO**

O time aproveitou sua nova condição de líder do Brasileiro para aumentar o preço dos ingressos de seu duelo contra o Vitória, sábado, às 19h30, no Morumbi. A entrada mais barata, vendida por R\$ 30 até a rodada passada, vai custar R\$ 40. Já o bilhete mais caro, antes em R\$ 80, subiu para R\$ 120. **Esporte D4**

Lula Marques/Folha Imagem



» CORPO A CORPO

Nus e pintados com frases como "O corpo é meu", estudantes da UnB (Universidade de Brasília) fazem protesto na sala da reitoria em favor de Geisy Arruda, que foi xingada e perseguida por colegas da Uniban porque usava um vestido curto

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Corpo a corpo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 nov 2010. Cotidiano, p. C16.

Painel do Leitor

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail, fax (0/xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900). As mensagens devem ser concisas e conter o nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. leitor@uol.com

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE → www.folha.com.br/paineldoleitor

Geisy

"Acho importante a Uniban se manifestar publicamente sobre os fatos que levaram a essa reação animalística daquela turba de estudantes. Com certeza não foi somente pelo fato de a garota estar vestida com minissaia, traje que há anos já não assusta nem hum vovozinha.

É necessário considerar que a punição faz parte do processo educativo. Se hoje estamos presenciando a expansão da bandidagem, do tráfico de drogas e de tantos atos de violência, com certeza é porque estamos também vivenciando a cultura do 'é proibido punir'.

Se a atitude da garota transgredir as regras básicas da universidade, esta tem, sim, o direito de fazer valer a sua autoridade, assim como teria o dever de punir também cada universitário que fez parte daquela turba de irracionais.

É importante analisar os fatos com profundidade antes de crucificar a universidade."

CECÍLIA MORICCHI MORATO (Franca, SP)



"Só espero que a repercussão na mídia seja longa o suficiente para derrubar os (ir)responsáveis que inverteram os papéis entre vítima e réu, que deram declarações infelizes, que expulsaram e, pateticamente, 'desexpulsaram' a aluna Geisy. E, aos puritanos que ainda a apedrejam mídia afora com a alegação da defesa do ambiente acadêmico dentro da Uniban, eu pergunto: que ambiente acadêmico?"

LUIS GUSTAVO DE OLIVEIRA MACHADO
(São Paulo, SP)



"Nos anos 60/70, protestávamos contra a ditadura; nos anos 80/90, os estudantes protestavam contra a corrupção do governo Collor de Melo; já no século 21 os estudantes protestam contra o comprimento da saia de uma estudante. Que tristeza, o que esperar desses alunos?

Mas, também, de uma 'universidade' cujo reitor vem a público defender tais protestos, o que mais poderíamos esperar?"

CLÁUDIO ANTÔNIO PIRES DE ANDRADE
(Taubaté, SP)



"Perna de fora não pode, mas ser a 159ª em 175 avaliadas pode."

GILBERTO ALVARES GIUSEPONE (São Paulo, SP)



"Diante da reação da ex-prefeita Marta Suplicy ('Universidade Taleban', 10/11), cabe perguntar: será que os estudantes que protestavam diante da Uniban anteontem, pedindo a expulsão da aluna Geisy, são os mesmos que se perguntaram no ano passado se o prefeito Kassab era casado e tinha filhos?"

MIRELLA VARGAS (São Paulo, SP)



A novela da Uniban continua. Na sexta passada, por decisão do Conselho Universitário da Uniban, Geisy Arruda, ameaçada de estupro e linchamento coletivos, foi expulsa da universidade, porque, “claro”, tudo isso aconteceu por ela ter tido posturas provocantes. Em caso de estupro, aliás, a gente sabe que a culpa é sempre da mulher; quem manda usar minivestido, hein? São todas putas, não é? Gostam de provocar e depois se queixam se os garotos as tratam como merecem.

Eu achava mesmo que esses papos sinistros só sobrevivessem nos piores botecos e, mesmo assim, em horário avançado. Talvez o Conselho da Uniban, para chegar à sua decisão, tenha se reunido num boteco. Numa universidade é que não pode ter sido.

Bom, na última segunda, o reitor da Uniban revogou a expulsão de Geisy. “Imparcial”, também revogou a suspensão de seis alunos identificados entre os agressores.

ccalligari@uol.com.br

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 2009

opinião A3

Painel do Leitor

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail, fax (0/xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. leitor@uol.com.br

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE → www.folha.com.br/paineldoleitor

Uniban

"Não tenho palavras para dizer o quanto gostei do artigo de Ruy Castro de quarta-feira ('Perna de fora', **Opinião**).

Se pelo menos a metade dos homens tivessem a sua lucidez, respeito e bom humor, nós, mulheres, estaríamos bem melhor."

KARINA MIRANDA RATTON (Curitiba, PR)



"Não entendo mais o que são valores morais.

É claro que vivemos numa democracia, mas o direito de um termina quando o do outro começa.

A conduta descabida, o erotismo e o modo de vestir-se e de se portar dessa garota desviava a atenção dos alunos das aulas, prejudicando o bom desempenho daqueles que ali se encontravam na luta por um espaço no mercado de trabalho nesse mundo altamente competitivo.

Ela queria chamar a atenção para si e conseguiu o seu intento com êxito, pois essa nossa sociedade nos surpreende com tamanha tolerância, fazendo dessa aluna 'um exemplo, um ícone' para os demais jovens brasileiros."

SOCORRO MAGALHÃES, médica ginecologista e obstetra (Fortaleza, CE)

BARBARA GANCIA

“Where are you from?”

VOLTO DAS FÉRIAS impressionada com a capital liberal dos EUA. A Nova York carrancuda que eu conhecia antes do atentado parece ter ficado mais acolhedora. Pode ser apenas a impressão de quem usufruiu de férias memoráveis, mas há uma leveza no ar que a falta de humildade dos tempos pré-crise não deixava transparecer.

Nas ruas, as pessoas não grunhem mais sistematicamente e não passam batido. Algumas são até capazes de parar para explicar onde fica aquele marco famoso que você pensava estar localizado na esquina de “Walk” com “Don’t Walk”.

E os motoristas de táxi, que costumavam tratar o passageiro praticamente a tapas na cara, estão mais afáveis; muitos até conversa são capazes de puxar. Mas, é claro, algumas coisas não mudam nunca. A pergunta fatídica “Where are you

from?” continua a gerar a mesma reação quando a resposta é “Brazil” e a turista é do sexo feminino.

A conversa sempre começa respeitosa, mas bastou você dizer que é do Brasil para verificar uma mudança radical de tom. “Puxa, você é puta! Quem diria, não parece!” A frase nunca é escancarada, mas a tapuia em viagem. — mesmo cega e surda — será capaz de perceber o estupor nas entrelinhas.

Num táxi, paguei pato ouvindo considerações sobre os trajes reduzidos das brasileiras (note que minhas amigas e eu, todas freiras carmelitas, estávamos encapotadas até o cocuruto) e, noutro, o motorista

A pergunta continua a gerar a mesma reação quando a resposta é “Brazil” e a turista é do sexo feminino

resolveu apelar para a pegadinha. Depois de tomar conhecimento da nossa nacionalidade, chutou: “Não gosto dos homens brasileiros”. Fez-se silêncio, e logo ele emendou com ar sacana: “Gosto das mulheres”.

Não há vez que eu saia do país, que não volte para descobrir alguma novidade estrambólica. Desta feita, sorvi aos poucos — a fim de evitar problemas estomacais — o furdun-

cio da estudante Geisy, expulsa da Uniban e readmitida depois de uma grita geral.

Aliás, antes que eu me esqueça, deixe-me anotar no meu caderninho: U-NI-BAN, em letra de forma, para nunca mais esquecer de advertir a todos os jovens de baixa autoestima que cruzarem no que me resta do meu tempo no planeta Terra a passarem na outra calçada da instituição. Conheçam ou não esse episódio, d’ora em diante tomarei como missão a tarefa de lembrar o ocorrido a todos os vestibulandos com quem topa.

Fico imaginando os motoristas de táxi com quem conversei em

Nova York sendo confrontados com a notícia de que, no Brasil dos seus sonhos de luxúria, uma estudante de minissaia acabou escoltada pela polícia para fora de uma faculdade e, depois, quase foi expulsa. Um contrassenso? Nós somos melhores do que essa imagem debochada que fazem da gente?

Infelizmente, a resposta é não. A verdade é que conseguimos unir o pior de dois mundos.

Além de sermos levianos, ainda somos vítimas de um tipo de apagação bem pior do que aquele que deixa pessoas presas no elevador e velhinhos sem respirador. Que vem a ser a escuridão da falta de conhecimento, o obscurantismo que remete às cavernas.

barbara@uol.com.br
www.barbaragancia.com.br
Twitter:
barbaragancia

Geisy Arruda, a estudante da Uniban, vai virar garota-propaganda de lingerie. A Dulo-
ren está em negocia-
ções para que ela estre-
le a próxima campanha
da grife. Se der certo, os
anúncios devem ser
lançados até janeiro.

Mônica Bergamo E2

A cantora **Susan Boyle** agora anda com segurança reforçada. Segundo o ta-
bloide “The Sun”, ela ficou assustada após uma americana de meia idade lhe enviar centenas de cartas e aparecer diante de sua casa, na Escócia.

David Zalubowski/Associated Press



« Os pais de Falcon Heene vão confes-
sar a culpa por men-
tir que o filho voava
em um balão caseiro
desgovernado. Com
o trote, eles queriam
promover um rea-
lity show que os
mostraria como
cientistas amado-
res. folha.com.br/0931612

Você viu?

Lula Marques - 11.nov.09/Folha Imagem



PROFISSÃO PROTESTO

Os “pelados” que anteontem fizeram ato (acima) na reitoria da Universidade de Brasília a favor de Geisy Arruda, da Uniban, engrossaram ontem uma manifestação em frente ao Supremo contra a extradição de Cesare Battisti (à direita).

Alan Marques/Folha Imagem



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Profissão protesto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov 2010. Corrida, p. C14.

Debaixo dos panos

Famosa depois do caso do minivestido na Uniban, a estudante Geisy Arruda deve virar garota-propaganda de lingerie. A Duloren está em negociações para que ela estrele a próxima campanha da grife. Caso tudo dê certo, os anúncios devem ser lançados até janeiro. “Se puder, até antes. Eu e ela temos que aproveitar esse momento”, diz Roni Argalji, presidente da empresa.

CALCINHA VERMELHA

A ideia é que Geisy apareça usando uma lingerie vermelha, cercada por figurantes, em referência ao episódio em que ela foi hostilizada na Uniban. “Será a multidão em volta, assediando. E ela sem medo, mantendo sua posição diante daqueles ‘dromedários’, como foi na faculdade”, diz Roni Argalji. A campanha está avaliada em R\$ 600 mil. Não está descartada a utilização de uma universidade como locação.

CALCINHA VERMELHA 2

E a Casa do Saber montou um curso relâmpago sobre a história da minissaia, inspirado no caso de Geyse. A aula, que será dada pelo professor de história da moda João Braga na segunda, vai abordar os aspectos culturais da peça na sociedade.

VESTIDO PIRATA

E o diretor de redação da “Playboy”, Edson Aran, foi abordado na segunda, durante a festa de lançamento da edição com Fernanda Young, por um sujeito que se dizia “representante” de Geisy. Mas o contato era fajuto. No início da ^{tarde} de ontem, Aran discutia com a direção da editora Abril a viabilidade de um ensaio com a estudante na revista.

Alan Marques/Folha Imagem



Os estudantes Vania Silva, 25, e Thiago Costa, 25, que participaram de protestos na UnB (no alto, à dir.) e no STF (acima)

!!! foco

'Pelados' que protestaram na UnB e no STF já têm novo ato agendado para quarta

JOHANNA NUBLAT
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Eles ficaram conhecidos como os "pelados da UnB" ao tirarem a roupa na reitoria da Universidade de Brasília durante um protesto contra o machismo que ameaçou a estudante Geisy Arruda, da Uniban. Dois dias depois, apareceram vestidos e carregando cartazes em defesa do italiano Cesare Battisti em frente ao Supremo Tribunal Federal.

Os estudantes Thiago Costa, 24, e Vânia Silva, 25, estavam também em outra invasão da reitoria da UnB, em abril de 2008, que culminou com a saída do reitor Timothy

Mulholland, acusado de mobiliar o imóvel funcional com verba destinada a pesquisas.

O currículo de causas dos estudantes inclui ainda participação no "Fora Severino [Cavalcanti]", luta no movimento negro, pela liberdade sexual e em defesa de universitários de renda mais baixa.

Não foi por acaso que o relacionamento amoroso dos dois começou durante um dos inúmeros protestos do qual participaram: a reivindicação para que o restaurante universitário ficasse aberto nas férias.

Isso foi em 2006. Desde então, namoram dentro de um relacionamento "aberto". Vânia, que estuda pedagogia, diz

que eles tentam colocar em prática princípios em que acreditam —como o de que não é possível evitar o desejo do outro por um terceiro.

Os dois moram juntos na residência estudantil. Nas paredes há frases de filósofos, algumas em grego antigo (que eles estudam há mais de um ano), e livros. Hoje, a casa é dividida com um colega. Até a chegada dele, eles praticavam o que fizeram no protesto: andavam pelados pela casa.

A questão do tirar a roupa (e a crítica implícita ao machismo e à falta de liberdade com o próprio corpo), a defesa de Battisti e as demais causas podem todas ser resumidas numa só bandeira —a libertária, defende Thiago, que está no sexto semestre de filosofia.

"Nossa tese é que, na nossa sociedade, os indivíduos não são livres. As lutas libertárias são contra mecanismos de sujeição e segregação." Ele afir-

ma que "na nossa sociedade as mulheres usam burca [o traje fechado usado por algumas mulheres islâmicas]. Se eu tiro a camiseta não acontece nada; se for uma mulher...", diz, sem concluir a frase.

Fotografados pelados e com roupa nos protestos na UnB e no STF, eles são categóricos em afirmar que não se enquadram no rol dos "estudantes profissionais", que se utilizam da militância estudantil para fins diversos. "Estamos no terceiro ano de pesquisa científica [Vânia é bolsista, ganha R\$ 300], eu tenho um artigo publicado. É revezar a teoria e a prática", completa Thiago.

O próximo passo será participar de um "beijão" na próxima quarta —homem com homem, mulher com mulher e homem com mulher—, na UnB. A pauta é o dia da eliminação da violência contra a mulher. Resta saber se o "beijão" será com ou sem roupa.

JOSÉ SIMÃO

Ueba! Bibas fazem o apagay!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Piada Pronta URGENTÍSSIMA! De Pelotas, Rio Grande do Sul: "Os convites para o show da Ana Carolina no dia 22 de novembro estão à venda na loja SAPATARIA!". E o adesivo no carro: "Domingueira Chique! Bonde Tesão! As Panteras do Funk!". Onde? Na PRAÇA DA BÍBLIA!

E as bibas não esmorecem nem no escuro. Aliás, muito menos no escuro. Vão promover uma festa: Grande Noite do Apagão! APAGAY! E só entra RAPAGÃO?! E o adesivo no carro da Madonna no apagão: "Só Jesus é a Luz!". E os cariocas falam: "Quando é que a Madonna vai embora, hein?!". O Brasil quer saber: quando é que a Madonna vai embora?!

E a Loira da Uniban? Diz que vai posar pra "Playboy". O quê? Depois da Fernanda Young?! Aquele véio dono da "Playboy" vai se atirar da co-

bertura. De desgosto! "Meu Deus, eu fundei a 'Playboy' pra isso?" Playbarranga! E a chamada: "Veja o que os estudantes da Uniban não quiseram ver!". Esses UNIVERSOTÁRIOS sofrem das faculdades mentais!

E o governo diz que as causas do apagão são três: raio, temporal e tempestade. Então o nome da Dilma agora é Dilma Furacão! Não tem a Hilda Furacão? Agora é DILMA FURACÃO! E sabe o que um amigo me perguntou? Se o Lobão é ministro de Minas e Energia, o Leo Jaime é ministro de quê? E a melhor camiseta: "Apagão 2009! EU TWITTEI!".

O Palmeiras é a bandeira do Brasil: é verde, joga de azul, deu um branco e, no final, amarelou! E muita gente ficou de mau humor no apagão. Mas

**As causas do apagão são
temporárias, raio e
temporais. A Dilma
agora é Dilma Furacão!**

o cúmulo do mau humor é o portão desse cara: "Se você for político de qualquer partido, crente de qualquer religião, vendedor de qualquer caralho, faz favor de não bater na porra desse portão". Esse bateu o recorde do mau humor. É mole? É mole, mas sobe! OU, como disse aquele outro: é mole, mas trisca pra ver o que acontece.

Antitucanês Reloaded, a Missão! Continuo com a minha heroica e

mesopotâmica campanha Morte ao Tucanês. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que em Porto de Galinhas tem o restaurante Madrugão. "O pior galetto de Porto de Galinhas, ruim mesmo é a pizza!" Deve ser um sucesso! Mais direto impossível. Viva o antitucanês! Viva o Brasil!

E atenção! Cartilha do Lula. O Orélio do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. "Apagão": companheiro que puxou neurônio da tomada. O lulês é mais fácil que o ingêris. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

E quem fica apagado é poste!

simao@uol.com.br



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Ueba! Bibas fazem o apagay! *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 nov 2010. Ilustrada, p. E11.

Geisy

“A médica Socorro Magalhães disse, no ‘Painel do Leitor’ de sexta-feira, não entender mais o que são ‘valores morais’. Pelo jeito, para ela, alguém usar um vestido curto é imoral. Que me perdoe a prezada médica, mas não concordo.

Disse ela também que ‘vivemos numa democracia, mas o direito de um termina quando o do outro começa’. Exatamente, mas o direito deve ser respeitado por ambas as partes. Se a aluna teve uma conduta imoral, isso não dá direito aos outros alunos de agirem como agiram.

Não se está fazendo da referida aluna um ícone, um exemplo, o que se contesta é a atitude tacanha e agressiva dos alunos, que realmente deviam preocupar-se em estudar, e não ficar olhando o comprimento do vestido da estudante.”

CLÁUDIO ANTÔNIO PIRES DE ANDRADE
(Taubaté, SP)

Semana do Leitor

leitor@uol.com.br

Crucifixo

"No 'Painel do Leitor' de 9/11, ao comparar o crucifixo ao escudo do Flamengo, o leitor ensejou a percepção de quão superficial é o debate democrático. Para defender o respeito às demais religiões ou o direito de não tê-las, o leitor evoca a rivalidade entre times de futebol.

Por falta de reflexão ou amor exagerado ao chiste, ele barateia a discussão, fazendo supor que estão em pé de igualdade os valores religiosos (como a justiça, a solidariedade, o amor) e o mero entretenimento com o futebol. Reduz a opção religiosa à simples preferência por um clube e acaba por sugerir que o símbolo religioso deva ser rechaçado da mesma forma que um corintiano 'não deve' aceitar passivamente a exposição do símbolo do Palmeiras.

Não vou nem argumentar que os não crentes podem ler o crucifixo apenas como obra de arte a lembrar certos valores indispensáveis para a vida em comunidade, ou que melhor que expor um símbolo religioso seria permitir a coexistência de vários. Não adiantaria.

Muitas pessoas 'aprenderam' na escola que a religião é a origem de todos os males. Foram persuadidos pelas incontáveis barbáries cometidas por padres, bispos e até alguns papas daquela época. O problema é que, ao resumir toda a discussão religiosa a essa era medieval, não percebem que produzem um julgamento a partir de análise limitada da realidade.

A visão que têm do catolicismo é sempre a da Inquisição, e nunca a de Francisco de Assis ou a de Jesus de Nazaré. Não percebem que os tempos mudaram e que muitos que usavam a religião para permanecer no poder usam hoje a ciência, a liberdade e o 'Estado laico' para impor suas vontades.

Enquanto a questão for tratada como escolha de time de futebol, um discurso racional não surtirá efeito. Ninguém troca de time por conta de bons argumentos."

JOSÉ GALINAZA (São Paulo, SP)



'Faixas zebreadas' em experiência no vale do Anhangabaú, 1956

Pedestres

"Abro revista semanal e deparo com uma 'campanha educativa' do Ministério das Cidades informando-me, pedestre que sou, que devo atravessar 'sempre nas faixas' e 'só quando os carros pararem'. Que absurdo é esse? A campanha deveria ser dirigida aos motoristas, informando-os que um pedestre, na faixa, deve ser respeitado e que faixas são zonas de segurança para nós. Em qualquer lugar do mundo — menos aqui — os carros devem parar para que o pedestre atravesse.

O texto continua: 'No trânsito, é preciso ter sempre em

mente o perigo que você pode causar aos outros e a si mesmo'. Qual o potencial maior de perigo no trânsito: eu, com 63 kg, andando a menos de 10 km/h, ou um veículo com uma tonelada a pelo menos 60 km/h?

Para finalizar, um slogan maravilhoso: 'Ande com consciência'. Senhores do Ministério das Cidades: eu ando com consciência. E sou ridicularizada quando viajo ao exterior pelo meu medo em atravessar as ruas, já que, aqui, tenho que me certificar de que os motoristas vão obedecer aos sinais vermelhos e às faixas de pedestres."

ROSEMARY SILVA LUZ (São Paulo, SP)

OS TEMAS

mais comentados no Painel do Leitor entre 7/11 e 13/11

Mensagens	
Caso Geisy/Uniban	302 23,8%
Apagão	195 15,4%
Lula	55 4,3%

1.268 Total de mensagens recebidas

Depressão

"O ditado 'o amor a tudo cura' nem sempre é válido. A viúva de Robert Enke, 32, goleiro do Hannover que se suicidou nesta semana, disse que fazia de tudo para ele, pois acreditava que o amor pudesse curá-lo. Enke mantinha sua depressão em segredo, porque a doença é vista como sinal de fraqueza no meio futebolístico — e na sociedade também. Infelizmente, muitos creem que depressão é uma opção, uma falta de crença em Deus etc., mas, na verdade, é uma doença, que precisa ser tratada com remédios.

O amor ajuda, mas não cura."

MARIA JOSÉ SPEGLICH (Campinas, SP)

Minissaia

"Xiii, só pode ser aluna da Uniban", ironizou uma garota na PUC, referindo-se ao caso da garota Geisy Arruda. Foi esse um dos comentários de uma aluna durante uma reportagem na qual a **Folha** colocou um modelo com minissaia em várias faculdades.

Pessoal. Todo mundo está errado! Depois de 21 anos de ditadura militar, confunde-se, nos últimos 25 anos, liberdade, direitos, deveres e preconceito. Vivemos em uma comunidade em que existem leis, regulamentos, bom senso e, principalmente, obrigações, e não apenas direitos.

A garota Geisy Arruda erra ao violar um ambiente acadêmico, causando transtorno. A Uniban erra ao não esclarecer a todos que existe um código de vestuário. Os meninos trogloditas erram ao agredir com palavras e ameaças de estupro. E a sociedade erra em acreditar que todo mundo tem direitos, que as mulheres e homens podem fazer o que desejam, onde quiserem e a qualquer hora.

Código de vestuário é comum em boas escolas superiores por todo o mundo. A Hampton University (Reino Unido), por exemplo, revela que seu 'dress code' é baseado na teoria "de que os alunos devem aprender a usar as roupas e adquirir boas maneiras a fim de selecioná-las apropriadamente para cada ocasião e atividade que vão enfrentar ao longo da vida. Isso faz parte do processo educacional. Compreender e aplicar esse comportamento não apenas serve para melhorar a qualidade de vida das pessoas como contribui para aprimorar os princípios de moral e, principalmente, manter a imagem do campus intacta". O 'dress code', completa a universidade em seu site, "também é fundamental para instituir nos alunos um senso de integridade e de apreciação pelos valores e pela ética".

ALEX GUTENBERG (São Paulo, SP)

DANUZA LEÃO

Que semana

Sem TV, sem poder ler jornal, sem ter com quem falar, só tive uma coisa para fazer: pensar. Sabe que é bom?

percebi o quanto somos dependentes de toda essa parafernália eletrônica. Da luz, em primeiro lugar, e de todo o resto, em segundo. Quem me salvou dessa noite de trevas foram meus dois gatinhos, que não saíram de perto de mim um só minuto. E sem televisão, sem poder ler um jornal, sem ter com quem falar, só tive uma coisa para fazer: pensar. Sabe que é bom?

Nunca se tem tempo para essa coi-

sa fundamental: pensar. Pensei em tudo o que a gente acaba negligenciando, sobretudo nossos afetos. Mas como os sentimentos não sobrevivem sem uma certa atenção, um dia se começa a achar que o coração não consegue — e nunca mais vai conseguir — gostar ou ao menos sofrer por alguém. Mas o tempo passa, aquele amigo de quem se gostava tanto viaja, e um belo dia você sente saudades dele. Há quanto tempo isso não te acontecia? Ter saudades quer dizer que seu coração está vivo, e esse fato é mais merecedor de uma comemoração do que qualquer data querida.

Um amigo é uma coisa muito boa, e se ele for daqueles que não te patrulham, não te invejam, não te analisam nem discutem a relação, é

bom demais. Um amigo que te aceita do jeito que você é, não faz perguntas indiscretas, te entende pelo olhar, e não é, jamais, invasivo. Um amigo que nunca pergunta “em que você está pensando?”, que é leve, que tem o hábito saudável de não se aprofundar sobre nenhum assunto — só a pedidos.

Se estiver tomando um banho de mar, ele não vai contar o quanto o mar o influenciou para ser quem é, como são boas as coisas simples da vida: uma rede, um camarãozinho frito e uma cerveja gelada — e daí para o divã é um pulo. Um amigo leve apenas usufrui a vida, e quem tiver a sorte de tê-lo a seu lado vai ter momentos de grande felicidade.

E se você se distrair e voltar a falar no apagação, ele te dá a solução: ter sempre, na mesa de cabeceira, uma caixa de remédio para dormir — tarja preta.

danuza.leao@uol.com.br

A SEMANA foi agitada: houve a expulsão de Geisy por usar minissaia — minissaia, aliás, lançada por Mary Quant nos anos 60 —, a “desexpulsão”, depois o protesto de colegas da UnB que a apoiaram e que, nus, foram entregar uma carta ao reitor da universidade (e eu pagava para ver a cara do reitor).

Além disso, chegou Madonna, o que é sempre um acontecimento, não se sabe bem por que, e que passou duas horas no hotel Fasano com a mãe de Jesus, provavelmente pedindo sua mão em casamento.

E para completar, tivemos o apagão. Como não estou em fase política, vou fingir que acreditei em tudo o que disse o grande especialista em energia Edison Lobão, indicado ministro por Sarney para que o PMDB apoie o PT, que assim terá mais tempo no horário político da TV, deu para entender? Na quinta à tarde, o ministro disse, com voz firme, que o assunto está encerrado; que maravilha. É claro que foram a chuva, os

ventos e alguns raios os responsáveis pelo apagão, mesmo tendo chovido tão pouco em Itaberá; tão pouco que as luzes da cidade nem se apagaram, segundo o prefeito e os habitantes locais. Quanto a raios, nem unzinho. A culpa então foi de quem? Dos inimigos do PT e da imprensa, naturalmente.

A pergunta que mais se fez foi “onde você estava na hora do apagão?”. Eu estava em casa, e como não costumo ter velas na gaveta, fiquei numa escuridão/solidão total, e morta de calor; foi uma das noites mais quentes do ano.

Celulares, nada; tentei ligar do fixo, mas não conseguia ver os números, então abri a tampinha do celular e com aquela luzinha fraca digitei o número, mas qual: tudo mudo. E

GILBERTO DIMENSTEIN

Muito além de uma minissaia

POR TRÁS DA minissaia de Geisy Arruda existe o surgimento de um novo poder no país, com especial intensidade nas regiões metropolitanas. Talvez isso explique parte da repercussão do escândalo: as classes C e D serão, muito em breve, maioria nas universidades.

A estudante apareceu no noticiário cotada para posar na revista "Playboy", participar de um anúncio de lingerie e ser a estrela principal de um filme erótico.

Os debates envolvem os mais variados temas: violência, machismo e intolerância, indicadores universitários, pedagogia. E, claro, moda: inspirou um curso de história da moda na sofisticada Casa do Saber.

Mas o que me chama atenção é o contexto em que surge Geisy: o do crescimento veloz das matrículas dos mais pobres no ensino superior. É mais veloz do que se imagina.

★

Com base em questionários socioeconômicos dos testes públicos, uma consultoria especializada em ensino superior (Hoper) estima que, em 2012, haverá mais alunos das classes C e D do que A e B nas universidades brasileiras.

De 2004 a 2008, a classe C produziu mais de 343 mil universitários — um crescimento no período de 84%. Na classe D, a evolução foi de mais de 333 mil, o que significa 52%.

Estamos falando aqui de 676 mil brasileiros, com altas expectativas. "Para a maioria deles, a faculdade é uma espécie de porta da esperança. Muitos são os primeiros a entrar no ensino superior em toda a família", afirma Ryon Braga, diretor da Hoper, que realiza frequentes pesquisas qualitativas para entender o que pensa e sente esses brasileiros.

São indivíduos que, em geral, vêm das escolas públicas, têm ainda maiores carências educacionais e baixo repertório cultural. Mas têm a força dos sobreviventes.

A Uniban pode estar muito longe do topo de qualidade de ensino, mas Geisy, ao ser expulsa, transmitiu a

sensação de que tinha perdido uma chance de futuro, embora nem seu curso se destaque nos rankings do MEC nem ela tenha demonstrado ser uma aluna aplicada.^(m)

Ela se celebrou pelos dotes físicos, mas quem ouviu com atenção suas entrevistas viu que soube defender com propriedade seus direitos — é a esperteza de quem junta ca-

Carregado de expectativas, esse pessoal vai fazer cada vez mais barulho. Tanto quanto Geisy com sua roupa

pacidade de articulação com as dificuldades cotidianas.

Entre os mais pobres, dissemina-

se a percepção correta de que cada ano de escolaridade corresponde a um salário menor e uma chance mais reduzida de desemprego.

Somem-se o aumento de renda da classe C, a queda no valor das mensalidades e programas como o ProUni para se entender essa mudança na paisagem humana.

O mercado está cada vez mais de

olho nesses movimentos. Formado em administração, Caio Romano criou uma empresa de marketing (Mundo Universitário) para fazer a ponte entre as empresas e os campi. Ele percebe que, nos últimos anos, as empresas se mostram muito interessadas — algumas até de mais — em exibir seus produtos em uma escola povoada por estudantes da classe C e D. "É alguém que, em breve, será em maior número e terá mais dinheiro do bolso", afirma Caio.

Por isso, mais publicitários tentam entender e focar seus projetos nesse público. "Um universitário, por mais pobre que seja, aumenta seu padrão de consumo ao tomar contato com mais informações."

★

Tenho testemunhado, há vários anos, como eles, em geral, demonstram mais garra do que os mais ricos, dispondo-se a trabalhar de noite e estudar de dia. Saem perdendo não só por causa do baixo repertório educacional e cultural, mas especialmente pela falta de uma rede de contatos. Como já comentei, muitos dos que conseguem entrar nas melhores faculdades públicas e enfrentar suas deficiências apresentam desempenho melhor do que a média.

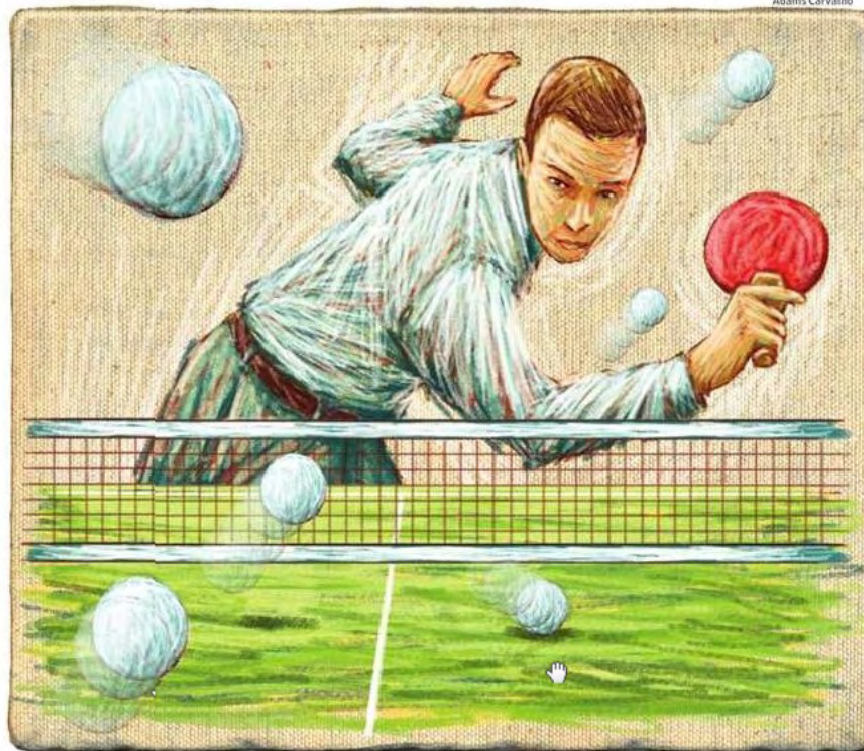
★

Carregado de expectativas, esse pessoal vai fazer cada vez mais barulho. Tanto quanto Geisy com sua minissaia.

★

PS - O papel da sociedade é cobrar cada vez mais qualidade das faculdades. Mas cuidado com o preconceito: o ensino superior, mesmo do jeito que está, é uma evolução na paisagem social. É melhor mais quatro anos de escolaridade numa faculdade ruim do que apenas o diploma de ensino médio. Coloquei em meu site (www.dimenstein.com.br) mais detalhes sobre a evolução das classes C e D nas universidades brasileiras.

gdimen@uol.com.br



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Muito além de uma minissaia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 nov 2010. Cotidiano 2, p. C15.

Edison Lobão, ministro de Minas e Energia, deram o caso por encerrado na quinta. Mas Lula disse, na sexta, que a causa ainda está sendo apurada.

Divulgação

o episódio como um "microincidente dentro de conquistas extraordinárias que o Brasil teve durante sete anos na produção de energia"



Reprodução

BRASIL

A revista britânica "The Economist" dedicou capa (acima), 14 páginas e editorial ao Brasil. Com a manchete "Brasil decola", destacou que o país "era uma promessa", mas "começa a mostrar serviço"

GEISY ARRUDA

Depois de expulsa e readmitida pela Uniban, a estudante e seu vestido foram destaque dentro e fora do país. No Brasil, ela foi disputada por programas de TV, sondada para posar nua e para estrelar um anúncio de uma marca de lingerie



Fábio Braga - 2.nov.09/Folha Imagem

'PELADOS' DA UNB

Eles estiveram em quase todas nesta semana. O casal de estudantes da UnB Vania Silva, 24, e Thiago Costa, 25, protestou pelado a favor de Geisy Arruda na quarta e, na quinta, engrossou uma manifestação no Supremo contra a extradição de Cesare Battisti. Aliás, o julgamento será retomado na quarta-feira



Muques - 11.nov.09/Folha Imagem



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Geisy Arruda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 nov 2010. Corrida, p. C20.

mais!

+ Sociedade

FOLHA DE S. PAULO
São Paulo, domingo, 15 de novembro de 2009

Tesão e direitos humanos

Ex-diretor da Capes, filósofo diz que opinião pública ignora a questão central no caso da aluna da Uniban: a esfera do desejo

RENATO JANINE RIBEIRO
ESPECIAL PARA A FOLHA

A universitária do microvestido conseguiu um milagre: juntou todo o mundo, da UNE à direita, na defesa dela e na condenação aos alunos que a insultaram e, depois, à universidade que quis puni-la.

Mas há um viés na abordagem que me preocupa. O que atraiu a sociedade para o caso foi seu lado sexual. É o chamariz, tanto que a **Folha** levou uma atriz [vestida com minissaia] a quatro universidades do centro de São Paulo para ver se seus alunos são diferentes dos da periferia.

Mas, lançada a isca, a imprensa não fica à sua altura e vai opinar de maneira legalista. O sexo é chamariz, mas não é estudado. Já a educação é uma grande (outra) questão, mas também não é aprofundada.

Começando pelo fim: a educação proporcionada pela Uniban está sendo questionada a partir desse caso, e não em sua qualidade. Que ela é criticada faz tempo, sabe-se. Mas está melhorando?

Por coincidência, como diretor que fui da Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], responsável pela avaliação da pós-graduação brasileira, vi avan-

sejo —que parece ser mais comum nas mulheres— de ser vista, admirada, desejada. A moça fez por isso. Não sabia o quanto estava despertando o monstro. Quando percebeu, deve ter-se assustado. Sorte, pelo menos, que ninguém foi machucado (ela não foi).

Mas o fato é que vimos o nervo exposto de algo que é mais atávico e forte que um preconceito contra judeus, negros ou, mesmo, mulheres. Entraram em cena uma sexualidade provocante e respostas, masculinas e femininas, a ela.

Quer dizer que os rapazes tinham razão em xingá-la? Qualquer alfabetizado entenderá que não. Não tinham esse direito. Mas, que foram mexidos, foram. Que ela queria mexer com eles, queria.

O que ela desejava de fato, ela provavelmente não sabe (Freud não saberia). Talvez, depois de tudo por que passou, não saiba mais. Nem eles, depois de expostos na mídia, sabiam mais o que queriam.

Id ego

De todo modo, a imprensa não se preocupou em saber como foi, nas cabeças de centenas de jovens que estavam lá, aquela noite. Alunos da Uniban mal foram entrevistados. Como as alunas que apareceram na TV discordavam da manifestação da UNE "em favor delas", a imprensa preferiu não aprofundar o assunto.

Não dá para reduzir esse assunto à pauta dos direitos em geral ou das discriminações contra a mulher.

Não tem nada a ver com mulher não ser presidente ou CEO de empresa. Até porque nesse campo, o do desejo que o ho-

O estupro é inadmissível, mas dizer que esse controle é fácil é iludir a sociedade



A estudante Geisy Arruda, hostilizada por seus colegas da universidade

pro é inadmissível, mas dizer que esses controles são fáceis é iludir a sociedade.

[O sociólogo alemão] Norbert Elias entendeu bem a questão. Ele disse, décadas atrás: ao contrário do que se imagina, quando se exhibe mais o corpo, sobretudo o feminino, exige-se mais —e não menos— autocontrole. Porque se requer do espectador que não ataque aquele corpo desejado.

Essa exigência é necessária? É. Mas é fácil? Não. Veja-se um

saiba +

DAREDAÇÃO

Em 22 de outubro passado, a estudante de turismo Geisy Arruda, 20, foi hostilizada por cerca de 700 colegas no campus da Uniban (Universidade Bandeirante) em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo).

Ela usava um vestido curto, o que teria motivado a agressão dos colegas.

No último dia 7, a direção da universidade decidiu expulsá-la por "desrespeito à dignidade acadêmica e à moralidade". O Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres questionaram a decisão, que gerou polêmica. Pressionada, a direção da Uniban revogou a expulsão da estudante.

ROBERTO HIRAO

70 lições de jornalismo

(continuação na próxima página)

graduação brasileira, vi avanços da Uniban nos seus mestrados e no único doutorado. Não sei de sua graduação.

Seria preciso avaliar se ela está melhorando ou piorando, em vez de ler generalidades que não respondem a essa pergunta central.

O outro aspecto é o cerne do caso. Uma vez deflagrada a polêmica, sumiu de cena o que a causou —o microvestido. Vi o advogado da aluna, de terno, defendendo seu direito de vestir-se como quiser.

Foi uma síntese perfeita das contradições que o caso traz à luz. Para defender uma moça que gosta de mostrar o corpo, recorre-se à linguagem formal (e à roupa idem) da profissão jurídica. Fala-se dela como se fosse perseguida por ser judia, negra, comunista ou ter uma síndrome.

O sexo perturba

Só que ela não foi ofendida no fluxo dessas discriminações tradicionais, e sim porque gosta de mostrar o corpo.

Por que essa questão central se perde na vagueza das fórmulas ("cada um é livre para fazer o que quiser", "para ir e vir" etc.)? Defendo essas liberdades. Mas, quando entra o sexo, ele as perturba.

No dia 22 de outubro, na Uniban de São Bernardo do Campo (SP), ela e centenas de jovens foram perturbadíssimos pelo sexo. Não adianta tentar, agora, abafar o assunto com generalidades legais —belíssimas, sim, fulcro de nossa civilização, mas pré-freudianas. Ou melhor: adjanta.

É por isso que da esquerda à direita há um acordo geral. Um grande acordo para abafar o pequeno monstro.

O monstro começa pelo de-

mem sente só por ver uma mulher bonita, ela tem um poder que ele não tem.

Faz bem a universidade, em que o abscesso se rompeu, em discutir esse assunto à luz da cidadania? É essencial.

Mas gostaria que não ficasse no genérico dos direitos humanos (que eu defendo, nem preciso repetir).

Espero que saiba devolver à cena a questão importante que irrompeu naquela noite terrível: a questão do sexo em face da liberdade, da cidadania e tudo o mais. A questão do id em sua negociação com o ego.

É uma grande questão, pouco tratada.

Mas não acredito muito. Falar na generalidade dos direitos humanos não afetará o âmago das pessoas, portanto é mais fácil. Não obrigará a discutir como lidar de maneira racional (a grande conquista da civilização, que inclui os direitos humanos) com o que é mais irracional em nós, sobretudo os mais jovens —um desejo desabrido a desafiar valores, interditos, tudo.

Os rapazes podiam ser preconceituosos. Mas pareciam estar tarados por ela. A tara poderia vencer —ou reiterar— o preconceito. Como mudar o final do jogo, seu resultado? Eis a questão.

Como o tesão se relaciona com os direitos humanos? Dá para repetir o mantra de que uma mulher poderosa, desejável, ciente do que desperta nos homens, é ao mesmo tempo um sujeito racional capaz de deliberar em sua consciência se quer ou não um deles?

Dá para acreditar que um homem, assim excitado, facilmente aceite a decisão da mulher de negar-se a ele? O estu-

E. Mas é fácil? Não. Veja-se um baile funk. Vejam-se as publicidades na TV.

Um direito e um problema

Essa história tem sido lida como uma parábola do moderno e do reacionário. Moderno é a moça fazer o que quer com o corpo, inclusive mostrá-lo. Reacionário é ser contra isso.

Mas a atualidade intensa do conflito é que ele não tem essa temporalidade moderna, que é dos demais direitos humanos.

Pois, por um lado, mexe com a libido, que tem fortíssima base natural e uma temporalidade muito mais lenta.

Por outro lado, a mulher se exhibir o quanto queira é conquista recente. O homem não saber lidar com isso também é um dado acentuado recentemente. Há um elemento natural, há um confronto hipermoderno. A reação "conservadora" também é hipermoderna.

O que não dá é para dizer que a moça se exhibir não é problema, é direito. É direito, sim, mas só interessa a ela porque é problema. Alguém acha que [a apresentadora] Sabrina Sato imitaria a aluna se os homens não babassem por ela (Sabrina ou Geisy, não importa)?

É esse efeito que se quer produzir. É ele que, produzido, incomoda muita gente. E é esse incômodo —a consciência, o reconhecimento de que há um incômodo, um problema quase sem solução, o que Kant chamaria de uma antinomia— que incomoda muito mais.

O que devemos é enfrentar o incômodo, reconhecer sua originalidade. Desse ponto de vista, temos uma oportunidade ímpar, justamente porque difícil, de reflexão e de proposição.

RENATO JANINE RIBEIRO é professor titular de ética e filosofia política na USP.



Nessa coletânea, Roberto Hirao, ombudsman da **Folha da Tarde** de 1992 a 1994, apresenta observações críticas e rigorosas sobre textos jornalísticos. O livro abrange os mais variados assuntos: política, esportes, cultura, cotidiano.

70 Lições de Jornalismo acompanha um dos períodos mais importantes da história recente do Brasil - do *impeachment* de Fernando Collor ao tetracampeonato da seleção brasileira de futebol.

Leitura fundamental para a discussão da profissão, esse relato de um jornalista que "não perdeu a alma" serve para reafirmar, em panorama histórico, a importância do ombudsman e de sua atividade na imprensa nacional.

À venda nas livrarias, pelo site www.publifolha.com.br ou pelo televidas 0800 140090

PUBLIFOLHA
www.publifolha.com.br

Minissaia

“Nesse lamentável episódio da estudante Geisy, que, em plena universidade, foi cercada e insultada por um grande número de alunos pelo ‘pecado’ de estar vestindo uma minissaia, deixando à mostra pernas, joelhos e parte das coxas, há uma pergunta que não quer calar: se a polícia não tivesse chegado a tempo para defendê-la, a que ponto teria chegado a agressão?”

Convém registrar que o acontecido configura o ‘bullying’, ao qual os juristas têm dedicado, atualmente, intensos estudos e que se caracteriza como conduta violenta e intimidatória e produz muitas vítimas, com profundas sequelas físicas, psicológicas e morais.”

ZENO VELOSO, professor de direito civil da Universidade Federal do Pará, diretor regional do Instituto Brasileiro de Direito de Família (Belém, PA)

FALE COM A GENTE

Rafael Hupsel/Folha Imagem

// O grupo de apoio é:

EM PÉ

- > Luísa Jubilut, 15
- > Clarissa Liberali, 15
- > Gabriela Leme, 15
- > Lara Morais, 19
- > Mayara de Carvalho, 16
- > Louise Amaral, 19

NO MEIO

- > Julia Gottschalk, 18m
- > Luiza Kormann, 15
- > Tainá Machado, 15
- > Marcelo Bermann, 14

SENTADOS

- > Felipe Viveiros, 16
- > Gabriel Justo, 15
- > Dominik Reller, 14

Quer entrar para o grupo de apoio? Conte para nós o que você acha do caso. Para mais detalhes sobre como participar, acesse www.bit.ly/JuUN1

// BLOG: blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br // E+

AINDA SOBRE A SAIA 1

“Fiquei surpresa ao ver a reação dos estudantes da Uniban (Universidade Bandeirante) por causa de uma simples minissaia. Não sabia que o machismo ainda era tão presente em nossa sociedade. Também é surpreendente que a maioria das pessoas que concordaram que a culpa foi dela pelo que aconteceu sejam garotas, que deveriam ser solidárias a ela.”

Marília Thomaz da Silva, 19, Osasco (SP)

AINDA SOBRE A SAIA 2

“Quero expressar minha opinião sobre o caso da garota que foi insultada pelos colegas na faculdade por causa de um vestido. A faculdade suspendeu os alunos que armaram aquele barraco, mas é preciso muito mais do que isso. É preciso educar aquelas crianças mimadas e covardes, e é preciso recompensar a aluna agredida moralmente.”

Carolina Kaquimoto, 15, Cotia (SP)

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Fale com a gente: ainda sobre a saia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 nov 2010. Folhateen, p. N2.

15 MINUTOS DE FAMA

Geisy Arruda, a universitária agredida na Uniban, já está recusando convites para eventos. Ela não topou ser jurada do tradicional Show do Gongo do festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual, hoje. No show, a apresentadora Marisa Orth “gonga” ou aprova os curtas-metragens que participam do festival com a ajuda dos jurados e da plateia. Segundo a organização, Geisy alegou que não quer mais dar entrevistas.

POR PARTES

O escritor Carlos Heitor Cony, colunista da **Folha**, assinou contrato com a editora Leya para publicar seu livro de memórias. “Eu aos Pedacos” será lançado em 2010.

A APRENDIZ

Fabiana Justus, 23, filha do apresentador Roberto Justus, inaugura hoje uma loja de roupas e acessórios na rua Oscar Freire. “Ela é uma mini-Roberto, trabalha uma barbaridade”, diz o pai. Justus conta que fez um empréstimo a ela. “Coloquei um juro bonzinho e ela vai poder pagar em três anos”, diz.

CONSELHEIRO

A ex-spice girl Victoria Beckham, hoje estilista, pede conselhos ao marido, o jogador de futebol David Beckham. “Eu mostro os vestidos e ele gosta dos que são sexy porque eles deixam algo para a imaginação, em vez de serem escancaradamente sensuais”, disse ela à agência Bang Showbiz.

TUMULTO

Aluna sofre assédio em massa

Uma universitária da Uniban, de 20 anos, foi ofendida e acuada por centenas de colegas por causa do comprimento do vestido e saiu escoltada pela polícia. Vídeos do tumulto pararam na internet. “Fui tratada como se eu fosse um bicho”, disse ela. “O pessoal parecia estar no tempo das cavernas, só faltou arrastá-la pelos cabelos”, contou um colega. ● **PÁG. A22**



REPRODUÇÃO

AGRESSÃO

Aluna é vítima de assédio em massa

Ela foi acuada em universidade em São Paulo por um grupo de estudantes por causa do vestido que usava

Ana Bizzotto

Uma estudante do 1º ano de Turismo do período noturno do câmpus ABC da Universidade Bandeirantes de São Paulo (Uniban), em São Bernardo do Campo, foi xingada e acuada por um grupo expressivo de estudantes no prédio onde estuda por causa do comprimento do vestido que usava. O fato ocorreu no dia 22 e ganhou repercussão nesta semana pelo YouTube, onde foram publicados vídeos que registraram o episódio. O conteúdo foi retirado a pedido da universidade.

Segundo as cenas e os depoimentos de presentes, o tumulto começou quando a aluna subia por uma rampa até o terceiro andar e os alunos começaram a gritar. Ela ficou trancada em uma sala e, com a ajuda de um professor e colegas, chamou a polícia, que a escoltou até a saída da universidade. A estudante, de 20 anos, pediu para que seu nome não fosse divulgado.

"Costumo usar vestidos curtos e calças apertadas, assim como outras meninas. Naquele dia, tinha pegado ônibus, andando na rua e ninguém disse nada", contou a estudante. "Eles estavam possuídos, fiquei com muito medo", relatou (mais informações nesta página).

A Uniban, em nota, disse que instaurou sindicância. "Alunos, professores, seguranças e também a aluna estão sendo ouvidos individualmente", informou. A universidade "pretende aplicar medidas disciplinares

aos causadores do tumulto, conforme o regimento interno".

O comandante da 2ª Companhia do 6º Batalhão da PM, capitão Cotta, informou que a polícia foi chamada porque a estudante "estava sendo impedida de sair da sala". Quando os policiais chegaram, a aluna já estava com um jaleco branco que tampava a roupa que usava. "Ela não quis registrar boletim de ocorrência nem ir à delegacia, só queria ser acompanhada até sua casa. A Uniban também não solicitou ocorrência."

"Ela veio com um vestidinho rosa da pesada, daqueles que se usa com calça leggings, só que sem a calça", disse o estudante de Matemática Pedro Adair, de 23 anos. "Os três andares da faculdade subiram atrás dela. O pessoal parecia estar no tempo das cavernas, só faltou arrastá-la pelos cabelos", completou Pedro, que considera que o episódio foi uma "brincadeira que passou dos limites".

Uma estudante de Pedagogia que se identificou como Simone estava no prédio na hora. "Eles ficaram gritando 'puta' para ela. Fui lá ver também e até tomei spray de pimenta que a polícia jogou", contou.

VIOÊNCIA DE GÊNERO

Especialistas ouvidos pela reportagem disseram que, se tivesse ficado nua, a estudante poderia ter cometido crime de atentado ao pudor. "Mas nada justifica a reação exagerada. Isso retrata violência de gênero, culpar a mulher pela agres-

'Linchamento' da estudante reflete problemas sociais

...O "linchamento moral" sofrido pela estudante da Uniban reflete dois problemas sociais, avaliam especialistas. O primeiro é o machismo que justifica a agressão contra a mulher por uma suposta falha. O outro é a invasão da violência nas instituições de ensino. "O episódio pode mostrar a bagagem que estes alunos trazem da fase escolar", acredita Charles Martins, assessor de educação da Plan, entidade internacional que trabalha contra violência nas escolas. "Toda forma de violência tem histórico e o nosso mostra que a quebra de valores começa na escola."

A coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), Eloísa de Lasis, também afirma que o caso da Uniban não pode ser encarado de forma isolada. "Enxergar e debater o ocorrido como um sintoma social pode nos ajudar a entender como um espaço de ensino se torna um espaço de violência", conclui. ● FERNANDA ARANDA



INTOLERÂNCIA - Vídeos publicados no site YouTube mostram a estudante, não identificada, sendo escoltada para fora do prédio por policiais

quebrado padrões de conduta, não pode ser aceitável a agressão como resposta".

O episódio motivou a criação de fóruns na internet. Entre comentários, pessoas dizem que a aluna foi vítima de intolerância.

Alunos relataram ainda que no início do ano uma outra confusão aconteceu no mesmo câmpus. Uma aluna teria sido agredida por não ter aceitado participar de um protesto contra a mudança nas avaliações da universidade. ●

Entrevista

Estudante, de 20 anos, do 1.º ano do curso de Turismo da Uniban

'Fiquei muito assustada, chorei, entrei em desespero'

O que aconteceu?

Eu estava com um vestido curto, que já havia usado outras vezes na aula. Sempre recebi elogios, nunca nada ofensivo. Quando estava na rampa e vi o pessoal assobiando e elogiando, fiquei com vergonha. Depois, quando fui ao banheiro, começou o tumulto. Cada vez chegava mais gente. Ameaçaram invadir a sala, chutaram a porta, quebraram a maçaneta. Tentaram passar a mão em mim, tiraram fotos e ficaram gritando que iam me pegar.

Como você se sentiu?

Fiquei muito assustada, chorei, entrei em desespero. Eles estavam possuídos. Fui ofendida por gente que nem me conhece e por meninas que moram perto de mim.

O que você pretende fazer agora?

Não estou indo à aula por medo, mas quero voltar - e de cabeça erguida. Quero ouvir o que a faculdade tem a dizer, porque eles não pensaram em nos proteger. Dependendo do que eles disserem, eu vou processá-los, sim. ● A.B.

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. Aluna é vítima de assédio em massa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 out 2010. Vida&, p. A22.

FÓRUM DOS LEITORES



ENDEREÇO
Avenida Eng. Caetano Álvares, 55, 6.º andar, CEP 02598-900



FAX:
(11) 3856 2920

Uniban e a Idade das Trevas

Fiquei chocado e perplexo com as cenas de preconceito, intolerância e barbárie exibidas no interior da Uniban, onde uma jovem aluna foi enxovalhada, insultada e ofendida por centenas de estudantes apenas por usar minissaia. Realmente, a estupidez humana não tem limites. Parecia que a garota estava no Afeganistão dos taleban ou na Idade Média da Santa Inquisição. É revoltante uma aberração dessas em São Paulo, no Brasil, em 2009. É o fim da picada. E pensar que essa covardia foi cometida por universitários, pessoas que teriam, supostamente, melhor nível cultural e que serão futuros profissionais com nível superior.

RENATO KHAIR
renatokhair@uol.com.br
São Paulo

Marimbondo confuso

Sarney afirmou ser contrário à entrada da Venezuela no Mercosul, pois naquele país ocorrem fatos antidemocráticos, como o cerceamento da imprensa. Depois de 90 dias de censura ao *Estadão*, é de perguntar se o senador entende que o Brasil deve ser expulso do bloco, sob a mesma argumentação. Aliás, os senadores governistas que aprovaram a entrada de Hugo Chávez no Mercosul, quando indagados a respeito da vocação ditatorial desse senhor, argumentaram que a entrada da Venezuela se dará somente após assinatura de documento no qual seu presidente se responsabilize por compor-se democraticamente. Tal

papel será o equivalente tupiniquim à famosa folha brandida orgulhosa e tolamente por Chamberlain ao descer do avião em retorno de Berlim. Para quem não se lembra, o ex primeiro-ministro britânico foi à Alemanha pedir garantias de não-agressão ao então mandatário germânico, Adolf Hitler, que assinou prontamente tudo o que Chamberlain quis e, meses depois, desencadeou o mais sangrento conflito da humanidade, em 1939. Que fique registrado para Suas Excelências: ditador é ditador. E nenhum papel assinado os faz desviar dos seus intentos absolutistas!

JULIO CRUZ LIMA NETO
juliocruzlima@uol.com.br
São Paulo

Muy amigos

No Rio, na inauguração da quadra poliesportiva da Vila Olímpica de Mangueira, o *presiMente* disse que bandido não é um ser normal – que, aliás, foi como classificou José Sarney (uma pessoa “incomum”). Sob a sua batuta, a base liderada por Romero Jucá aprovou a entrada no Mercosul da Venezuela do “democrata” bolivariano *Discursando Chávez*. E lá sobra censura, mas falta comida. *Arriba, Mercosur...*

MÁRIO A. DENTE
dente28@gmail.com
São Paulo

O início do fim

E a Comissão de Relações Exterio-

res do Senado aprovou a entrada da Venezuela no Mercosul. Falta a votação em plenário, que vai aprovar o que o presidente Lula quiser. A nós resta torcer para que o bloco econômico sobreviva a Hugo Chávez.

VICTOR GERMANO PEREIRA
victorgermano@uol.com.br
São Paulo

Ironia

Xiii, será que o Paraguai é que vai salvar o Mercosul do produto falsificado de democracia Hugo Chávez? Será muita ironia...

TANIA TAVARES
taniaatma@hotmail.com
São Paulo

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. Uniban e a Idade das Trevas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 out 2010. Espaço Aberto, p. A2.

VIOLÊNCIA



BARBÁRIE – Cenas de violência no câmpus da Uniban de São Bernardo do Campo: em um Uno, aluna atirada pela cones ao tentar fugir de protesto; em seguida, estudantes avançam sobre o carro, dando socos e chutes

Universidade já teve caso de agressão

Episódio ocorreu em abril envolvendo estudantes da Uniban, onde jovem que usava vestido curto foi acuada

Flávia Tavares

O episódio das agressões a Geisy Arruda, a aluna perseguida no câmpus da Universidade Bandeirante (Uniban) de São Bernardo do Campo por usar um vestido curto, mobilizou as atenções durante a semana. Mas há um outro caso de violência contra alunos na mesma faculdade, ocorrido em abril deste ano, que também foi divulgado em vídeos no YouTube e mostra um ambiente de hostilidade entre os estudantes.

Durante uma série de protestos de alunos contra uma mudança no sistema de provas e aulas da faculdade, na noite de 2 de abril, a aluna A.S.N., de 30 anos, que cursava Educação Física havia dois meses, tentou se livrar da multidão. Havia acabado de entrar no curso e não queria se envolver em confusão.

Ela arrancou com seu Uno branco, que aparece nas imagens com dois cones de trânsito presos ao para-choque (veja sequência acima). Acusada de ter atingido uma outra aluna, A. deu ré. Mas logo se arrependeu quando os manifestantes, exaltados, partiram para cima dela, chutando e destruindo seu carro. "Eu não atropeliei ninguém.

Tanto que a investigação está rolando e essa suposta atropelada nunca apareceu", diz A.

O vidro que quebrou atingiu seu rosto e ela teve um corte no supercílio. Em seguida, A. foi arrancada de dentro do veículo e agredida com socos e pontapés, que lhe deixaram com duas costelas luxadas e vários hematomas pelo corpo. No vídeo da internet, é possível ouvir alguém na multidão: "Vão bater em mulher? Estão loucos?"

A. finalmente conseguiu se livrar dos agressores e partiu com seu carro amassado. Na manhã seguinte, registrou boletim de ocorrência na Delegacia de Defesa da Mulher de São Bernardo. Largou a faculdade e deu início a um tratamento psicológico. "Fiquei totalmente abalada. Não tinha clima para voltar", explica.

Ela lembra que nos momentos da confusão não teve ajuda alguma dos seguranças da Uniban. "Eles se preocuparam em proteger o prédio dos vândalos. Mas os alunos não tiveram nenhuma proteção."

O marido de A. assumiu, nos dias seguintes, as conversas com a faculdade para resolver a situação da mulher. Segundo ele, que também não quis se

identificar, teve encontros com o reitor e o coordenador pedagógico da Uniban do ABC. "Ouvi que a faculdade não poderia se responsabilizar por atos de alunos", conta, indignado. "E que aquele seria um ato isolado. Agora, como o caso da minissaia, fica provado que não é."

O casal é unânime ao dizer que o ambiente do câmpus de São Bernardo é muito hostil. E que a diretoria sempre argumentou que isso é "fruto da democracia da faculdade". "Eu tinha medo de sair sozinha à noite da aula. Aquilo parecia um arrastão, os alunos não têm cultura", lembra A.

Ela e seu marido também acreditam que houve omissão da diretoria no episódio de violência contra A., porque os protestos estavam acontecendo desde o dia anterior e o clima vinha esquentando. "As autoridades deveriam ter acionado a Polícia Militar para acompanhar as manifestações e evitar que isso acontecesse", diz o marido, que é policial. "É uma pena que alguém queira estudar e seja agredido dessa maneira."

Procurada ontem pela reportagem, a diretoria da Uniban não havia se manifestado até o fechamento desta edição. ●



NO AR – Estudante foi a programa e usou o mesmo vestido

'Não sei se vou processar e quem'

Geisy troca o câmpus pela TV

"Eu tô me maquiando. Vou entrar daqui a pouco em algum programa." Era começo da tarde quando Geisy, a

garota assediada na Uniban, atendeu o celular. Ela estava nos estúdios da Rede Record, na Barra Funda, e havia desistido de ir ao câmpus da facul-

dade, onde discutiria seu caso e seu retorno às aulas com a diretoria. A mãe da estudante foi em seu lugar, mas o conteúdo da reunião não foi divulgado.

"Preferi esperar a opinião de um advogado e não consegui um ainda. Quero ver se devo processar e quem", explicou a estudante de turismo. Ela passaria a tarde participando do programa *Geraldo Brasil*.

De blusa preta de manga comprida, gola alta, calça jeans apertada e salto alto, Geisy recontou seus momentos de apuro por conta de um vestido curto. O apresentador insistia para que ela vestisse a peça rosa-choque, mas a garota repetia: "Não quero me expor." Mas acabou cedendo ao longo do programa.

Depois de descrever as minúcias do episódio e discuti-lo com Leão Lobo e o promotor de eventos Amir Kader, Geisy declarou que assume parte da responsabilidade no caso, "mas isso não justifica me tratarem como um animal". ● F.T.

Violência expõe educação precária

Para especialistas, caso também reflete agressividade reprimida

Karina Toledo
Mariana Mandelli

Um evento catártico pelo qual estudantes extravasaram a agressividade reprimida no cotidiano violento e um retrato da precarização da educação no País. É a leitura que especialistas fazem sobre o caso de Geisy.

Para o pesquisador do Instituto de Medicina Comportamental da Unifesp Ricardo Monezi, ao desafiar um padrão de vestimenta, Geisy despertou sentimentos de raiva que serviram de estopim para uma crise moral, que pode ter sido gerada pelo estresse do cotidiano. "A maior parte trabalha o dia todo para conseguir bancar a mensalidade, depende de transporte público e, muitas vezes, mora em bairros afastados, na periferia", avalia.

Essa também é a opinião de Renato Alves, pesquisador do Núcleo de Violência (NEV) da USP. "O contexto brasileiro, infelizmente, não oferece meios saudáveis para que esses jovens possam expressar essa agressividade reprimida. A estudante acabou sendo escolhida como bode expiatório."

De acordo com Alves, o anonimato garantido por movimentos de massa, como o ocorrido na Uniban, faz com que os indivíduos sintam liberdade para fazer o que não fariam em situações normais (*mais informações nesta página*).

O episódio reflete também, na opinião do especialista, a precarização da educação no País. "Esse tipo de violência sempre foi mais comum entre alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas. Era raro ver casos como esse em universidades. Isso mostra que está

Entre alunos da Uniban, assunto não é levado a sério

...Na Uniban, ontem à noite, o caso Geisy era tratado como piada entre alunos. "Foi só zoeira e o pessoal exagerou, mas ela mereceu", diz Marcela Bianco, aluna de Comunicação, entre amigas que concordavam e riam. Lilian Marques diz que o assédio foi

merecido e que se preocupa com a carreira: "Vão achar que eu ando sem roupa por aí." Dayane Capano, colega de classe de Geisy, diz que "já estão achando a gente faz turismo sexual". Para Marcos Ananias, "o máximo que pode acontecer é uma tiração de sarro". Já Paola Fernandes, amiga de Geisy, estava deslumbrada com a notoriedade: "Meu Orkut tá bombando". ● PAULO SALDAÑA

faltando formação básica, que ensine o jovem a tolerar e conviver com a diversidade", explica. Para ele, o jovem chega hoje ao ensino superior com uma formação pobre não só em termos de conteúdo como de valores.

BULLYING

Os especialistas veem traços de bullying, prática constante de violência física ou psicológica que intimida e agride um indivíduo, no ocorrido com Geisy. Mas não consideram o fato como um exemplo típico de bullying. "Não acho que o termo se encaixe porque ele se refere a um tipo de assédio frequente e mais discreto, que a vítima não consegue denunciar", afirma Marília Carvalho, professora da Faculdade de Educação da USP. Para a socióloga Miriam Abramovay, o que ocorreu com Geisy ultrapassa o conceito de bullying e mostra uma violência provocada pelo machismo da sociedade. ●

Entrevista

João Figueiró
Psicoterapeuta

Efeito manada motiva massas

O chamado efeito manada é a explicação que o médico e psicoterapeuta João Augusto Figueiró, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), dá para situações de violência como a ocorrida na Uniban.

O que motiva as pessoas a participar dessas manifestações?

Nos estudos sobre psicologia das massas temos a resposta. É o que chamamos de efeito manada, em que pessoas consideradas normais recebem certas informações e passam a atuar em bando, como uma manada. É como as torcidas de futebol, um fenômeno grupal.

Como ocorre o efeito manada?

Dentro da massa, os indivíduos deixam de lado a moral e a ética, que freiam a impulsividade. As circunstâncias fazem com que ele renuncie aos seus valores e embarque na proposta coletiva de um líder – e essa proposta circula rapidamente dentro do grupo. É um caso de violência instrumentalizada. Foi assim que Hitler convenceu os alemães sobre suas ideias contra os judeus. Da mesma forma, George W. Bush convenceu uma nação inteira de que o mal do mundo estava no Afeganistão e no Iraque.

Como explicar que isso aconteça dentro da universidade?

Hoje, a escola não transmite valores. Só conteúdos. Além disso, as relações escolares fomentam a cultura de guerra em que vivemos, com valores de competição, rivalidade e supremacia. ● M.M.



O urro ancestral da faculdade injuriada

Universitários que encurralaram a colega de vestido curto não eram delirantes: eram agressores mesmo

Debora Diniz*

O caso não caberia nem em um folhetim vulgar, não fosse o YouTube denunciando a verdade. A "puta da faculdade" é uma história bizarra: uma mulher de 20 anos é vítima de humilhações. A razão foi um vestido rosa e curto que a fazia se sentir bonita. Sem ninguém saber muito bem como o delírio coletivo teve início, dezenas de pessoas passaram em coro a gritar "puta" e ameaçá-la de estupro. A saída foi esconder-se em uma sala, sob os urros de uma multidão enfurecida pela falta de decoro do vestido rosa. Além da escolta policial, um jaleco branco a protegeu da fúria agressiva dos colegas que não suportavam vê-la em traje tão provocante.

Colegas de faculdade, professores e policiais foram ouvidos sobre o caso. O fascínio compartilhado era o vestido rosa. Curto, insinuante, transparente foram alguns dos adjetivos utilizados pelos mais novos censores do vestuário da sociedade brasileira. "A roupa não era adequada para um ambiente escolar", foi a principal expressão da indignação moral causada pelo vestido rosa. Rapidamente um



QUINTA, 29 DE OUTUBRO

Assédio em massa

●●● Vídeos veiculados pelo YouTube mostram a estudante de Turismo Geisy Arruda, da Uniban, em São Bernardo do Campo, sendo xingada e acuada por outros alunos por causa do comprimento do vestido. Ela teve de ser escoltada para fora do prédio por policiais.

código de etiqueta sobre roupas e relações sociais dominou a análise sociológica sobre o incidente. Não se descreveu a história como um ato de violência, mas como uma reação causada pela surpresa do vestido naquele ambiente.

O que torna a história única é o absurdo dos fatos. Um vestido rosa curto desencadeia o delírio coletivo. E o delírio ocorreu nada menos do que em uma fa-

culdade, o templo da razão e da sabedoria. Os delirantes não eram loucos internados em um manicômio à espera da medicação ou marujos recém-atracados em um cais após meses em alto-mar. Eram colegas de faculdade inconformados com um corpo insinuante coberto por um vestido rosa. Mas chamá-los de delirantes é encobrir a verdade. Não há loucura nesse caso, mas práticas violentas e intencionais. Esses jovens homens e mulheres são agressores. Eles não agrediram o vestido rosa, mas a mulher que ousava para ir à faculdade.

Não há justificativa moral possível para esse incidente. Ele é um caso claro de violência contra a mulher. Ao contrário do que os censores do vestuário possam alegar, não há nada de errado em usar um vestido rosa curto para ir às aulas de uma faculdade noturna. As mulheres são livres para escolher suas roupas, exibirem sua sensualidade e beleza. A adequação entre roupas e espaços é uma regra subjetiva de julgamento estético que denuncia classes e pertencimentos sociais. Não é um preceito ético sobre comportamentos ou práticas. Mas in-



GUARDA-PÓ - Jovem do vestido 'provocante' se cobre ante a fúria dos colegas: ameaçada até de estupro

verter a lógica da violência é a estratégia mais comum aos enredos da violência de gênero.

A multidão enfurecida não se descreve como algoz. Foi a jovem mulher insinuante quem teria provocado a reação da multidão. Nesse raciocínio enviesado, a multidão teria sido vítima da impertinência do vestido rosa. As imagens são grotescas: de um lado, uma mulher acuada foge da multidão que a persegue, e de outro, do lado de quem filma, dezenas de celulares registram a cena com a excitação de quem assiste a um espetáculo. Ninguém reage ao absurdo da perseguição ao vestido rosa. O fascínio pelo espetáculo aliena a todos que se escondem por trás das câmeras. Quem sabe a lente do celular os fez crer que não eram su-

jeitos ativos da violência, mas meros espectadores.

Pode causar ainda mais espanto o fato de que a multidão não tinha sexo. Homens e mulheres perseguiam o vestido rosa com fúria semelhante. Há mesmo quem conte que a confusão foi provocada por uma estudante. Mas isso não significa que a violência seja moralmente neutra quanto à desigualdade de gênero. É uma lógica machista a que alimenta sentimentos de indignação e ultraje por um vestido curto em uma mulher. A sociologia do vestuário é um recurso retórico para encobrir a real causa da violência - a opressão do corpo feminino. Não é o vestido rosa que incomoda a multidão, mas o vestido rosa em um corpo de mulher que não se submete ao puritanismo.

Não há nada que justifique o uso da violência para disciplinar as mulheres. Nem mesmo a situação hipotética de uma mulher sem roupas justificaria o caso. Mas parece que uma mulher em um vestido insinuante provoca mais fúria e indignação que a nudez. O vestido rosa seria o sinal da imoralidade feminina, ao passo que a nudez denunciaria a loucura. A verdade é que não há nem imoralidade, nem loucura. Há simplesmente uma sociedade desigual e que acredita disciplinar os corpos femininos pela violência. Nem que seja pela humilhação e pela vergonha de um vestido rosa. ●

*Antropóloga, professora da UnB e pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. O urro ancestral da faculdade injuriada. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 01 nov 2010. Aliás, p. J6.

C8 | CIDADES/METRÓPOLE | TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO DE 2009
O ESTADO DE S. PAULO

TUTTY HUMOR

Vivo sempre aparece

Até para os mortos, convenhamos, deve ser um inferno. Todo Dia de Finados é a mesma coisa: cemitérios intransitáveis, cercados de flanelinhas, vendedores de flores e velas, "olha a água mineral", homenagens a artistas desencarnados, crianças perdidas, batedores de carteira... A novidade neste ano foi uma falsa granada encontrada em lixeira do São João Batista, o melhor endereço de túmulos no Rio.

Quem é vivo, nessas horas, sempre aparece aos bandos. Teve cemitério que ficou mais

CARLINHOS MÖLLER/AE



cheio ontem que muita praia do litoral norte. Com a vantagem de não precisar pegar estrada engarrafada para se aborrecer com a confusão e a desvantagem de não poder dar ao menos um mergulho pra esfriar a cabeça. O calendário de feriados programa o ser humano para aproveitar o dia de folga acabando com a paz de algum lugar tranquilo, como costumam ser as praias e os cemitérios em dias comuns. Graças a Deus, o 15 de Novembro cai num domingo, né?! ●

A LOURA DA UNIBAN

● A *Playboy* convocou reunião de pauta extraordinária de seus editores em pleno feriadão de **Finados**. Ninguém comenta o que exatamente foi discutido, mas tá na cara que vão abrir espaço para **Geisy**, a loura da **Uniban**, na revista de dezembro. Sem o polêmico vestido **rosa-choque**, claro!

MORTO VIVO



● E o **Fluminense**, hein?! Passou o **Dia dos Mortos** vivo.

VIOLÊNCIA**Aluna ameaçada
não volta à Uniban**

Apesar de ter prometido voltar ontem às aulas na Universidade Bandeirante (Uniban), a estudante Geisy Arruda, de 20 anos, não apareceu no câmpus de São Bernardo do Campo. Ela não vai à universidade desde o dia 22, quando foi hostilizada por alunos por causa do vestido que usava e teve de ser escoltada pela PM. Ontem à noite, a Uniban chegou a transferir a turma de Geisy, que cursa o primeiro ano de Turismo, para outro prédio para oferecer maior segurança à jovem.

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. Aluna ameaçada não volta à Uniban. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 04 nov 2010. Vida&, p. A18.

Uniban expulsa aluna assedida por colegas

A Uniban decidiu expulsar a estudante Geisy Arruda, que foi encurralada e xingada por um grande grupo de alunos nos corredores da instituição porque usava vestido curto. A universidade culpou Geisy pelo tumulto. Ela vai recorrer à Justiça. ● PÁG. A27

FRASE

“A atitude provocativa da aluna buscou chamar a atenção para si”
Nota da Uniban

EDUCAÇÃO

Uniban expulsa aluna vítima de violência

Para assessor jurídico, estudante provocou situação

Simone Iwasso
Flávia Prado

A Universidade Bandeirante de São Paulo (Uniban) decidiu expulsar a estudante de Turismo Geisy Arruda, de 20 anos, que foi perseguida, encurralada e xingada por um grande grupo de alunos nos corredores da instituição, no câmpus de São Bernardo, porque usava um vestido curto. Ela saiu do local escoltada pela polícia. O tumulto ocorreu no dia 22 de outubro e ganhou repercussão, gerando debates sobre intolerância na sociedade, após vídeos terem sido colocados do Youtube.

“Com o término da sindicância e da apuração dos fatos, a universidade decidiu desligar Geisy de seu quadro de estudantes por entender que ela foi responsável, que provocou a situação com sua atitude”, afirmou ao Estado o assessor jurídico da Uniban, Décio Lencioni Machado. “Nunca tinha acontecido isso e outras meninas usam vestidos e saias curtas. Ocorreu com ela por causa de sua atitude em querer aparecer, desfilando na rampa, tirar fotos e passar pelas salas”, justifica.

A sindicância da instituição decidiu também que suspenderá temporariamente os estudantes envolvidos no tumulto e advertirá funcionários que também foram identificados. Em comunicado, a Uniban afirma que cerca de 600 estudantes se aglomeraram em torno de Geisy na ocasião, “o que resultou numa reação coletiva de defesa do ambiente escolar”.

Ainda de acordo com o texto, Geisy “tem frequentado as dependências da universidade em



REPRODUÇÃO

PROTEÇÃO – Geisy Arruda deixa sala de aula escoltada pela polícia

trajes inadequados e que indicam uma postura incompatível com o ambiente da universidade”. A instituição diz que ela foi “alertada constantemente sobre a inconveniência de seus trajes”. No dia do tumulto, “colegas indicam que, no interior do banheiro feminino, a aluna se negou a trocar a minissaia por um traje menos provocante”.

‘Isso ocorreu com ela por causa da atitude de querer aparecer’

Geisy, que foi informada sobre a decisão pela reportagem, contou que vai recorrer à Justiça. “A Uniban vai comprar uma briga maior ainda”, disse ela, na tarde de ontem. “Eu não sou um problema. Os alunos é que agiram como bichos”, afirmou a jovem, que trabalha em um mercado perto de sua casa.

Nehemias Domingos de Melo, advogado da estudante, afirma que tentou contato com a

instituição, mas não conseguiu uma posição. “Não fomos informados de absolutamente nada”, declarou Melo.

Os dois ficaram surpresos com a decisão da universidade porque, em reunião realizada na quarta-feira com a instituição, eles haviam acertado que ela voltaria a frequentar as aulas amanhã.

“Combinamos que eles iriam selecionar um segurança para me esperar na porta da faculdade e que a imprensa não seria avisada sobre a minha volta. Agora, se eu fui mesmo expulsa, não sei nem o que eu vou fazer”, disse a estudante.

O episódio provocou reações diversas dentro da própria universidade. Nos dias seguintes ao ocorrido, estudantes se dividiam entre os que condenavam a atitude de Geisy, reforçando a ideia de que ela provocou as agressões que sofreu, os que não viram tanta importância no tumulto e os que consideraram a reação em massa uma violência exagerada. ●

Decisão de universidade é criticada por educadores

O presidente do sindicato das instituições de ensino particulares do Estado de São Paulo (Semesp), Hermes Figueiredo, considerou equivocada a decisão da Uniban de expulsar a estudante Geisy Arruda. “Lamento que tenha sido essa a decisão. Os educadores da universidade deveriam aproveitar essas oportunidades para realizar trabalhos de comportamento com os alunos”, afirmou. “Essa, definitivamente, não é a melhor medida a ser adotada.”

Com esse tipo de decisão, a universidade está sendo machista e desviando o foco do problema, analisa o professor da Faculdade de Educação da USP Ocimar Munhoz Alvarese.

“É um absurdo. É uma atitude machista e preconceituosa. Um ataque ao direito das mulheres”, afirma. O fato de ela andar pelos corredores com uma roupa curta não é justificativa, avalia Charles Martins, assessor de educação da Plan, entidade internacional que trabalha contra violência nas escolas. “Nada justifica a violência que a jovem sofreu”, diz.

“As preferências e os modos de se vestir são traços culturais e pessoais e, por isso, não podem ser julgados apenas moralmente”, afirma a professora da Faculdade de Educação da USP Rosa Iavelberg. ● **F.P.**

MEC vai notificar a Uniban

Universidade terá de explicar expulsão de aluna

O Ministério da Educação afirmou que notificará nesta semana a Universidade Bandeirante (Uniban), para que a instituição explique a expulsão da es-

tudante Geisy Arruda, de 20 anos. Ela foi perseguida e xingada por alunos no câmpus de São Bernardo por usar um vestido curto. A ministra Nilcéa

Freire condenou a atitude da Uniban e avisou que a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres também cobrará explicações. ● **PÁGS. A15 e A16**

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. MEC vai notificar a Uniban. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 09 nov 2010. Capa, p. A1.

CASO GEISY

MEC pede à Uniban explicações sobre expulsão de aluna

Universidade será notificada nesta semana; ministra Nilcéa Freire condenou atitude da instituição

EDUCAÇÃO

Lisandra Paraguassú
BRASÍLIA

O Ministério da Educação vai pedir explicações à Universidade Bandeirante (Uniban) sobre a expulsão da estudante Geisy Arruda, de 20 anos, que foi perseguida, encurralada e xingada por um grande grupo de alunos no campus de São Bernardo

porque usava um vestido curto. A secretária de Ensino Superior do MEC, Maria Paula Dallari, afirmou que a instituição será notificada nesta semana, em processo de supervisão especial que pode ser aberto a qualquer momento após denúncia.

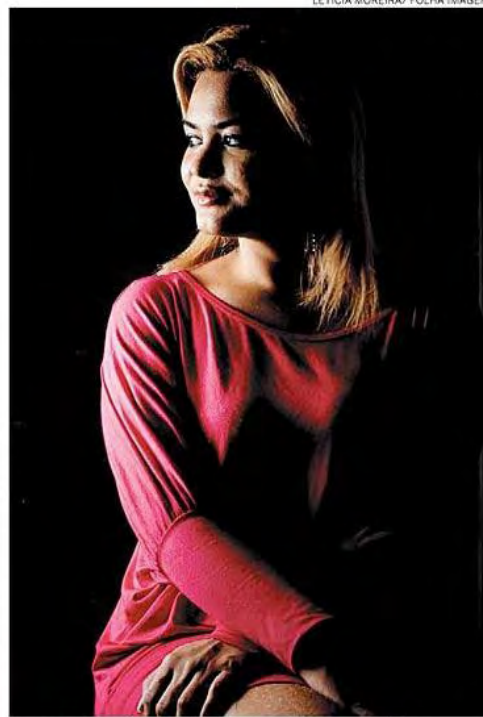
A ministra Nilcéa Freire também condenou a atitude da universidade e informou que a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres também cobrará explicações da Uniban. A secretaria deve publicar uma nota hoje sobre o episódio.

"Uma universidade tem obrigação educacional que precisa

estar presente em todos os momentos. É um local não apenas de convivência, mas de formação de valores. Esse caso me parece ter um forte caráter de gênero", disse Maria Paula. "O MEC tem o dever de pedir explicações. Seria a mesma coisa em um caso de racismo."

A secretária ressalta que todas as informações que teve até agora vieram das reportagens e da nota paga publicada pela Uniban. Por isso, não pode adiantar quais medidas poderão ser tomadas. Isso será feito depois de ouvir a instituição.

No entanto, Maria Paula



EM CASA - Geise Arruda, de 20 anos, onde mora, em Diadema

alerta que duas coisas chamam a atenção no caso. A primeira é a qualificação da atitude da aluna, que revela preconceito de gênero. A Uniban alega que a estudante usava roupas curtas e tinha atitudes provocativas, o que teria resultado em uma "reação coletiva de defesa do ambiente escolar". O segundo ponto que provoca estranheza no ministério é o fato de haver diferentes tipos de punição: a expulsão de Geisy, vítima das agressões, e apenas uma suspensão dos alunos que provocaram o tumulto. "Diante do mesmo problema, há duas punições de gravidade diferente. Por que não houve então igual tratamento?", pergunta a secretária.

Geisy sofreu assédio coletivo e ameaças de agressão no dia 22 de outubro, quando entrou no prédio da Uniban, onde faz Turismo, usando um vestido rosa curto. Cerca de 600 estudantes a cercaram, com gritos e ameaças. Ela teve de ser escoltada para fora do campus pela polícia. A história ganhou repercussão depois de vídeos terem sido postados no YouTube.

Na sexta-feira, depois de concluir uma sindicância interna, a Uniban decidiu expulsar Geisy por considerá-la responsável pela violência que sofreu, por causa da sua roupa que usava e de sua atitude. ●

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. MEC pede à Uniban explicações sobre expulsão de aluna. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 09 nov 2010. Vida&, p. A15.

Medida vai contra Constituição

Para especialistas, afastamento de estudante não tem amparo legal

A decisão da Uniban de expulsar a estudante Geisy Arruda e considerá-la responsável pelo tumulto é inconstitucional e dá força para um processo e pedido de indenização, na avaliação de advogados e especialistas ouvidos pelo **Estado**. Além de não ter havido ampla possibilidade de defesa por parte da estudante, como diz a lei, a decisão vai contra artigos da Constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

“Há algo ainda mais grave, que é o indício de que a universidade tenha agido com preconceito de gênero contra a aluna, ferindo o artigo 46º da LDB que determina o respeito à diversidade e à tolerância”, explica o advogado constitucionalista Pedro Estevam Serrano, professor da PUC-SP.

Para promotor criminal Roberto Livianu, a expulsão não tem fundamento e dá força para um pedido de indenização. “A Uniban meteu os pés pelas mãos. A atitude representa um profundo e lamentável desrespeito às mulheres, é um pensamento arcaico”, diz.

O advogado Ariel de Castro Alves, do Conselho Estadual de Direitos Humanos, afirma que a Uniban pode ser processada por danos morais e materiais e Geisy ainda pode entrar com liminar para ser reintegrada, além de receber as mensalidades pagas. “A instituição preferiu responsabilizar apenas uma estudante a suspender um grupo. Fez um cálculo financeiro. Dificilmente um episódio como este ocorreria em uma universidade federal ou estadual”, analisa.

Na avaliação da antropóloga Débora Diniz, da Universidade de Brasília (UnB), a Uniban não conseguiu responder à altura a expectativa da opinião pública. “O que a universidade resolveu fazer foi o caminho mais simples: em vez de fazer o julgamento dos agressores, disse que a equivocada era a estudante. É um equívoco tremendo depois de toda a discussão sobre violência.” ●

SIMONE IWASSO, CAMILA MOLINA, MARÍLIA ALMEIDA E FLÁVIA PRADO

ENTREVISTA

Luiza Nagib Eluf: ^{ma}procuradora de Justiça MP-SP

‘A reação da universidade foi coerente com a dos agressores’

O que acha da expulsão?

Presenciamos uma situação ultrapassada: culpar a mulher pelas agressões que sofre. É uma forma extremamente machista de avaliar uma situação de violência, na qual a vítima pode ser seu próprio algoz. Há algum tempo havia o pensamento de que a mulher era estuprada por culpa dela, que provocava o homem que a estuprou. Já vi muita violência contra mulher, mas jamais imaginei que a universidade fosse oficialmente praticar violência contra ela.

Qual o papel da universidade?

Dar exemplo de democracia como uma casa do saber, mas ela preferiu tomar uma medida retrógrada, preconceituosa e ilegal. Sim, porque a Constituição proíbe a discriminação da mulher e prevê que te-

nha os mesmos direitos que os homens. A universidade existe para ser um local de aprendizado e devia ter usado seu espaço para refletir sobre o caso, jamais penalizar a moça. A reação da universidade foi coerente com a dos agressores, deixando claro que foi Geisy que provocou a reação dos alunos. A partir desse ato, entendemos porque são verdadeiros trogloditas.

O que Geisy deve fazer agora?

No mínimo entrar com uma ação judicial milionária contra a universidade, por danos morais. A roupa não era escandalosa, a moça que é exuberante. A expulsão foi o ápice da tragédia. A Uniban tem que pagar e a sociedade, refletir. ● M.A.

CASO GEISY

Movimento de mulheres marca ato na Uniban

Na web houve abaixo-assinado e comentários contra instituição; advogado decide hoje o que fazer

Entidades ligadas ao movimento de mulheres prometem realizar hoje um ato contra o tumulto e a expulsão da estudante Geisy Arruda pela Universidade Bandeirante (Uniban). No texto da convocação, marcada para as 18 horas em frente ao câmpus da Uniban de São Bernardo, onde ocorreu o episódio, o Movimento Feminista, Sindical e Estudantil diz que "a vítima foi transformada em ré" e os "agressores ficaram impunes".

Na tarde de ontem, organizações não governamentais se mobilizaram pela internet, circulando mais de um abaixo-assinado contra o ocorrido na Uniban. Um deles, que em três horas obteve mais de mil assinaturas, afirma que "a expulsão envergonha os subscritores desse manifesto e coloca em cheque os princípios basilares do Estado Democrático de Direito." O texto continua dizendo que "deve ser registrado que a opção da Uniban é fato isolado e contrária a todos nós".

A União Nacional dos Estu-

Imprensa internacional cita caso

...A expulsão de Geisy Arruda, de 20 anos, estudante de Turismo, da Universidade Bandeirante (Uniban), por estar usando um vestido curto, ganhou espaço nas agências internacionais de notícia e nas versões online de alguns dos principais jornais do mundo ontem.

Com o título *Aluna brasileira é expulsa após usar minissaia*, o *New York Times* online publicou duas reportagens narrando o caso.

Uma delas, assinada pela agência de notícias *Reuters*, ironizou o fato de o episódio ter aconte-

cido em um país conhecido pelos seus biquínis minúsculos e sua atitude liberal.

O texto caracteriza o Brasil como uma "grande nação católica" e reproduz o comentário de um leitor do jornal *O Globo*, afirmando tratar-se de uma "pura hipocrisia".

No site do britânico *The Guardian*, a reportagem, assinada pela agência de notícias *Associated Press*, ganhou um lugar de destaque, logo abaixo das reportagens sobre os jogos de futebol.

O *Daily Telegraph* também deu espaço para o tema. ■

dantes (UNE) também condenou a postura da Uniban, em nota. "Alguns dos alunos que a insultaram gritavam que queriam estuprá-la. Desde quando há justificativa para o estupro ou toleramos esse tipo de violên-

cia? Pasmem, essa história absurda teve um desfecho ainda mais esdrúxulo. A universidade termina por reproduzir lamentavelmente as contradições da sociedade, dando sinais de que vive na era das caver-



VESTIDO - Geisy Arruda durante aula no dia em que foi ameaçada



SEGURANÇA - Aluna precisou de escolta para deixar universidade

nas", diz o texto.

Para Augusto Chagas, presidente da UNE, a posição da Uniban no episódio foi semelhante "aos casos em que se responsabiliza a vítima de um assalto por estar segurando a carteira, ou

se diz que uma mulher é culpada quando sofre um assédio ou abuso por causa da sua roupa", afirmou. Ele sugeriu que alguma outra faculdade ofereça uma bolsa de estudos para que a estudante possa continuar

seu curso.

No Twitter, houve uma enxurrada de comentários sobre o caso durante todo o dia. A cada meia hora, cerca de 400 a 500 novos comentários eram adicionados - praticamente todos condenando e ironizando a postura da instituição diante do ocorrido.

ROTINA

Nehemias Domingos de Melo, advogado de Geisy, disse que vai se reunir hoje com sua equipe para decidir quais medidas judiciais tomará com relação às agressões e à expulsão da estudante. Uma das possibilidades é processar a Uniban por dano moral. "Ficamos estupefatos com a expulsão", disse. "O teor da nota não deixa qualquer espaço para diálogo. Ela foi vilipendiada." Geisy, que está hospedada em um hotel, deverá dar uma entrevista coletiva na tarde de hoje.

Na casa da estudante, familiares relatam que a polêmica afetou a rotina de todos os moradores. "Mexeu com a vida de todo mundo", disse José Adriano de Arruda, 32 anos, irmão da estudante. "Não tive mais sossego, minha mãe vive chorando, nervosa, e meu pai ficou abalado", afirma ele. Arruda conta que é assediado a todo o momento em seu trabalho desde que o caso foi divulgado.

"Não posso dar dois passos dentro da empresa sem que alguém venha falar sobre isso comigo", diz ele, que trabalha como metalúrgico. Ele considerou a expulsão da irmã "absurda". "É mais fácil para a faculdade culpar um aluno do que expulsar todos os outros responsáveis", afirma. ■ SIMONE IWASSO

EFLÁVIA PRADO

Criticada, Uniban recua de expulsão de aluna

Universidade havia culpado Geisy por assédio coletivo

A repercussão negativa da expulsão da estudante Geisy Arruda, sob acusação de “provocar” o assédio coletivo que sofreu ao usar um vestido curto, fez o reitor da Uniban, Heitor Pinto Filho, revogar a decisão. O recuo ocorreu após discussões com as áreas de comunicação e de publicidade da instituição – cuja opinião contrária à expulsão fora ignorada por Pinto Filho. “Estão me chamando de coisas que eu não sou”, afirmou Geisy. Ela acusou a universidade de distorcer seu depoimento na sindicância. ● PÁGS. A16 e A17

ANÁLISE

Roldão Arruda

O estímulo a preconceitos latentes

... O caso da Uniban é questão de direitos civis. O que se viu foi a volta do patriarcalismo, que apesar das conquistas femininas continua nos assediando. ● PÁG. A17



MEDO - Geisy chora em entrevista e diz temer nova humilhação

Uniban

A polêmica já está criada e, portanto, à opinião pública só resta dizer o que pensa. Sugiro que, aproveitando o nome da universidade, esta faça convênio com o Taleban de forma a aprimorar o uso de burkas por suas alunas. Talvez assim estudantes e mestres em radicalização se sintam mais à vontade para frequentar e dar aulas na Uniban.

ANTONIO MILTON MORAES

amiltonm@gmail.com

Santos

● Alunos da Uniban me desculpem, mas no meu tempo já estávamos de meninas de minissaia.

RICARDO NÓBREGA

cnc.eng@terra.com.br

São Paulo

● Luiza Eluf, minha amiga, aceite meus cumprimentos pela forma firme e contundente como criticou a atitude dos estudantes e dos dirigentes da Uniban no episódio da universitária de São Bernardo. Além da sua legítima reação imediata, muito bem articulada em sua entrevista, o caso deve merecer aprofundamento, porque há convergência de muitos aspectos nessa questão, que ocorreu na área do industrialismo mais bem-sucedido do Brasil, com cifras diferenciadas nos aspectos econômicos, sociais, sindicais e educacionais.

JOSÉ GREGORI

São Paulo

A expulsão da vítima

A expulsão da estudante Geisy Villa Nova Arruda, pela direção da Universidade Bandeirante (Uniban), é mais um triste episódio de uma sucessão de equívocos que começou com a boçalidade dos estudantes que a hostilizaram moralmente por usar vestido curto numa aula do curso de turismo, e que se desdobra agora numa iniciativa de duvidosa legalidade, do ponto técnico-jurídico, e absolutamente desastrosa, em termos de política educacional.

Ao punir a vítima, convertendo-a em ré sem nem mesmo abrir o devido processo e lhe conceder o direito de defesa previsto pela Constituição, a medida adotada pelos diretores da instituição é tão absurda que tanto a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres quanto o Ministério da Educação (MEC) decidiram questioná-la. Se for condenada, no plano administrativo a Uniban pode ser impedida de criar novos cursos e abrir vagas. E, como o noticiário da imprensa revelou que, além de difamação, injúria e constrangimento ilegal, Geisy foi vítima de “preconceito de gênero” e “violência sexista”, o Conselho Estadual de Direitos Humanos e a Procuradoria-Geral de Justiça também estão avaliando as providências judiciais a serem tomadas. “A atitude da Uniban representa um profundo e lamentável desrespeito à mulher”, diz o promotor Roberto Livianu. “É uma situação ultrapassada culpar a mulher pelas agressões que sofre”, afirma a procuradora Luiza Nagib Eluf.

No dia 22 de outubro, Geisy foi insultada, perseguida e encurralada por cerca de 600 alu-

nos nos corredores da universidade em São Bernardo, que a acusaram de ferir a moral e os bons costumes. Para os diretores da instituição, os gritos e ameaças teriam sido apenas uma “reação de defesa do ambiente escolar” à roupa e às “atitudes provocativas” da estudante. Em nota, eles alegam que “a aluna fez um percurso maior do que o habitual, aumentando sua exposição”. Todavia, como reconhecem dirigentes do MEC, membros do Ministério Público, ex-reitores de conceituadas universidades públicas e até integrantes do Conselho Nacional de Educação, a roupa de Geisy

A intolerância premiada pela desastrosa atitude da direção escolar

não era escandalosa – ela é que seria uma jovem exuberante.

A estética, contudo, é o que menos importa nesse caso. Independentemente do bom ou mau gosto da moda ou dos atributos físicos da estudante, o que realmente merece ser discutido é o comportamento obscurantista daqueles que a agrediram, inclusive ameaçando estuprá-la. Esse é o típico comportamento intencional de massa a que se referem antropólogos, psicólogos, sociólogos e filósofos do porte de Gustave Le Bon, Georges Sorel, Elias Canetti e Hannah Arendt, que estudaram as formas de banalização da violência e de linchamento – inclusive o moral.

Segundo eles, a multidão muitas vezes transforma indivíduos civilizados em hordas de bárbaros, movidos por instintos primi-

tivos, como, por exemplo, nos linchamentos de negros, nos EUA; no terrorismo de fundamentalistas religiosos, como os taleban; nas turbas enfurecidas que destroem o que veem pela frente, como os *hooligans* ingleses; e como nas guerras entre torcidas nos estádios de futebol, no Brasil. Em todas essas manifestações de massa, poucos são os indivíduos que tentam resistir, não se deixando arrastar pelo fanatismo e pela irresponsabilidade coletiva.

O mais preocupante é que as agressões contra a estudante Geisy ocorreram no âmbito de uma instituição educacional – justamente o local onde deveria prevalecer o saber, a reflexão e a formação moral e acadêmica das novas gerações. A universidade não é só um *locus* de treinamento e qualificação – acima de tudo, é um ambiente no qual os padrões espirituais e os princípios civilizatórios da tolerância e do respeito ao próximo são cultivados e aperfeiçoados e vão sendo transmitidos de geração em geração.

Por isso, causa espanto o comportamento da Uniban. De uma universidade à altura da sua missão, jamais se poderia esperar que a vítima de um linchamento moral fosse convertida em ré e que os linchadores, que não receberam mais do que uma suspensão, fossem tratados de modo leniente, sob a justificativa de que só defenderam a “dignidade acadêmica e a moralidade”.

N. da R. – O editorial já estava na página quando o reitor da Uniban revogou a expulsão da aluna Geisy Arruda.

Honra ao demérito

Entre punir a turba de 700 agressores ou castigar a aluna agredida, a Universidade Bandeirante fez a escolha que lhe pareceu financeiramente mais vantajosa. Numa visão pragmática, optou pela maioria: antes a baixa de uma mensalidade que o risco de um déficit de receita mais pesado.

As garantias individuais, a liberdade de ir e vir, a civilidade, o princípio da igualdade, da tolerância, do respeito ao próximo, tudo foi mandado devidamente às favas em nome da supremacia da vontade da maioria e sob uma justificativa esfarrapada: as atitudes “provocativas” da moça que vai de saia curta à escola.

Algo a ver com política? Tudo, principalmente nessa quadra em que o mais importante é o resultado e os fins justificam o uso de quaisquer meios.

Ainda que as armas preventivas de defesa da moral e dos bons costumes representem um elogio à selvageria coletiva e agridam o artigo 5º da Constituição Federal. Lá está escrito que todo cidadão é livre para fazer tudo o que estiver dentro da lei e que ninguém será submetido a tratamento degradante.

Qual o crime da estudante Geisy Arruda? Divertir-se sacudindo a libido alheia.

Qual a atrocidade dos bárbaros indomados? Impingir a outrem tortura moral e ameaça de linchamento físico.

Qual a infração da Universidade? Impor sua opção pela lei do mais forte em detrimento à lei mais forte do País, extinguindo por conta própria os ditames da Constituição.

Na Uniban não vigora o Estado de Direito. Lá viceja a liberdade de injuriar, agredir, humilhar, desrespeitar e barbarizar.

Se não há garantias para Geisy, não há para mais ninguém que desobedeça aos critérios de conduta impostos pela malta à qual a Uniban conferiu salvaguarda para defender o “ambiente escolar” com a truculência que achar conveniente à ocasião.

Até no recuo de última hora pautado pela repercussão negativa, não pela convicção do que é certo e do que é o errado, a Uniban assemelha-se ao pior da política. ●

VIDA&

Brasil terá meta numérica de redução de emissões
Dilma Rousseff diz que proposta será levada para a reunião de Copenhague **PÁG. A18**

POLÊMICA

Reitor da Uniban recua e cancela expulsão de aluna

Repercussão negativa mudou decisão da instituição;
Geisy Arruda foi ameaçada por usar vestido curto

Fabiane Leite

A repercussão negativa da expulsão da aluna Geisy Arruda fez o reitor e dono da Universidade Bandeirante (Uniban), Heitor Pinto Filho, revogar a medida na noite de ontem. A decisão foi tomada após um dia inteiro de discussões com as áreas de comunicação e publicidade da instituição.

Em 22 de outubro, a aluna do curso de Turismo foi xingada de prostituta e ameaçada de estupro por colegas ao frequentar a universidade vestindo um minivestido rosa. Recebeu críticas de funcionários, foi obrigada a se cobrir com um jaleco branco e teve de ser retirada do local pela polícia. No sábado, a instituição anunciou sua expulsão alegando "flagrante desrespeito aos princípios éticos, à dignidade acadêmica e à moralidade". Os estudantes que agredi-

ram a universitária foram suspensos.

Conforme havia prometido, o Ministério da Educação ontem pediu explicações à instituição. Também o Ministério Público Federal e a delegacia da mulher de São Bernardo do Campo anunciaram a abertura de apurações sobre a expulsão, criticada por senadores, deputados e pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Cerca de 13 mil comentários sobre a atitude da Uniban, grande parte de repúdio, foram postados na rede social Twitter. Duzentas pessoas protestaram na porta da unidade. E o caso chegou à imprensa internacional.

Em entrevista ontem, antes da revogação, a estudante chorou e disse temer não conseguir prosseguir o curso. De acordo com seu advogado, ela só deverá se manifestar depois de comunicada. A mãe de Geisy, Ma-

ENTENDA O CASO

• **Em 22 de outubro**, Geisy Arruda, de 20 anos, estudante do 1.º ano de Turismo, é agredida por alunos, na Uniban, por usar um vestido curto e sai escoltada por policiais militares

• **No dia 30, vídeos vão** para o YouTube e o episódio repercute

• **A Uniban abre sindicância** e anuncia, no dia 7 de novembro, a expulsão da aluna

• **Ontem**, a Uniban revogou a decisão do afastamento

ria de Fátima Arruda, ficou feliz ao saber da revogação. "Acho que é sinal de que as coisas estão se resolvendo." Paola Fernandes, de 19 anos, amiga de Geisy, porém, achou a revogação "uma palhaçada".



REVOLTA - Manifestantes criticaram machismo em frente à instituição; alunos reclamam de repercussão

Assessores haviam desaconselhado punição

... Apesar de a expulsão ter sido atribuída pela Uniban ao conselho superior da unidade, ela teria partido diretamente do reitor, Heitor Pinto Filho, descrito por funcionários como um administrador centralizador que, com frequência, ignora sugestões dos seus conselheiros.

Segundo pessoas que participaram das discussões sobre o futuro de Geisy Arruda, Pinto Filho rechaçou com irritação a sugestão das áreas de comunica-

ção e publicidade da universidade para manter a aluna e realizar seminários sobre cidadania. Ontem, porém, o dirigente recuou, avaliando que teria ocorrido grande prejuízo à imagem da instituição. Ele não concedeu entrevista.

Figura controversa no meio universitário em razão do perfil pouco acadêmico e mais voltado aos negócios, o reitor é descrito como uma pessoa "intempestiva", cujas decisões variam segundo o humor. Reservado, fica isolado

na sala, não dá aulas na universidade e não usa o computador.

Na ditadura, foi militante da Arena. Graduou-se em Direito na PUC-SP e, antes de concluir o curso, comprou escolas da região que foram o embrião da Uniban. Em 2002, foi candidato a vice-governador de SP na chapa do hoje deputado federal Paulo Maluf. O reitor, de 63 anos, é pai de duas mulheres, do primeiro casamento, e de trígemeos, de uma segunda união. **• F.L.**

gar o caso que a universidade não tinha razão alguma. Há boas chances de uma ação por danos morais ter um resultado favorável.

Durante todo o dia de ontem as críticas à expulsão de Geisy se

espalharam. "Lamentamos que a declaração da universidade dê respaldo à atitude agressiva da comunidade", disse a ministra das Mulheres, Nieleida Freire.

COLABORARAM LISANDRA PARACUASÚ E ALEXANDRE GONÇALVES

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. Reitor da Uniban recua e cancela expulsão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov 2010. Vida&, p. A16.

'Vai ter circo hoje de novo?'

Protesto de alunos vira atração

“Vai ter circo hoje de novo?” Bárbara Andrade, aluna de Comunicação, estava desolada na porta da faculdade. Mas o picadeiro estava pronto. Não eram nem 17 horas e emissoras de TV e jornais de São Paulo e do ABC estavam a postos na porta da Uniban, em São Bernardo do Campo, esperando um ato de estudantes contra a expulsão da aluna Geisy Arruda, a do minivestido, marcada para as 18 horas.

Perto das 18h30 chegaram militantes do grupo Marcha Mundial das Mulheres, com bandeiras e faixas contra a discriminação sexual. O advogado Pedro Lessi, convidado pela UNE para oferecer “orientação jurídica” durante o protesto, dava entrevistas sobre a dignidade humana.

Estudantes bateram boca por causa da manifestação

Até que Juliana Mariano, de Educação Física, tirou da bolsa um artigo de jornal em que os alunos da faculdade eram chamados de burros e preguiçosos e começou a discursar, aplaudida por colegas. “Não conheço a moça, não estou nem aí para ela. A gente devia protestar contra esse jornalista que julgou 10 mil alunos por causa de 500 que faziam algazarra.”

Nessas alturas, Sabrina Sato, do Pânico na TV!, apareceu de vestido rosa, com suas pernas bronzeadas de fora. Foi muito bem recebida, digase. Já havia cerca de 200 manifestantes.

A opinião de Juliana era corroborada por outros alunos. “A faculdade, apesar de não ter tradição, é boa. Mas a reputação ficou manchada”, disse Fabrício Andrietta, de Rádio e TV. “Sou favorável à expulsão. A informação era de que ela provocou a situação.”

Outros pareciam revoltados com o fato de Geisy poder aparecer na *Playboy* ou participar de reality show. “O prédio só tem macho porque abriga cursos de exatas. A pessoa tem que ter noção”, disse Pétala Ayanne, de Design de Moda.

Quando o carro de som encostou e os militantes atacavam ao microfone a violência contra a mulher, os alunos que estavam do lado de dentro das grades entoaram um “Fora daqui!”. Houve bate-boca entre os alunos. Bárbara, a desolada que não quer mais circo, disse: “Aqui não é uma instituição de ensino? Ensinem, eduquem. Não expulsem ninguém”.

No fim do dia, chegou a informação de que a expulsão de Geisy tinha sido revogada. Analice Oliveira, de Logística Empresarial, opinou: “Após constranger os alunos e denegrir nossa imagem, ela deveria ser expulsa, sim”. O circo continua. ●

Flávia Tavares
SÃO PAULO

ENTREVISTA

Carlos Monteiro:
consultor especializado
em ensino superior

'Decisão destruiu imagem construída durante anos'

A maneira como a Uniban conduziu a polêmica sobre Geisy Arruda foi desastrosa para sua imagem institucional, na opinião do consultor de ensino superior privado Carlos Monteiro.

Em termos de marketing e imagem, como avalia a decisão?

A decisão (da expulsão) foi infeliz, desastrosa e impensada. Do ponto de vista da imagem, foi caótico. Pensando pelo lado mercadológico, ela quase que assinou um termo dizendo que concorda com o que os alunos fizeram. Transmitiu a ideia de que não consegue conter seus estudantes, de que os seus câmpus são uma bomba prestes a explodir. Na população, fica a ideia de que é um lugar violento.

Faltou preocupação da instituição com a opinião pública?

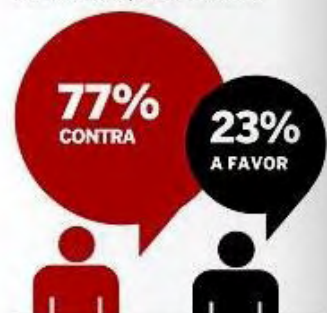
A Uniban, ao longo dos anos, por meio de campanhas publicitárias com o Pelé e o Martinho da Vila, construiu uma imagem simpática para uma faixa de estudantes. Agora, ela destruiu essa imagem.

A Uniban pode perder alunos?

Com essa mensagem de intolerância, a universidade está batendo de frente com os jovens atuais, da geração digital, que não suportam a ideia de serem controlados o tempo todo por pais ou autoridades. ●

 **estadao.com.br**

É contra ou a favor da decisão da Uniban de expulsar a aluna?



POLÊMICA

‘Só quero entrar na sala e estudar’

Cercada por sete advogados, pivô do caso nega que tenha ‘desfilado’ ou levantado a saia e diz ter medo

Mariana Mandelli

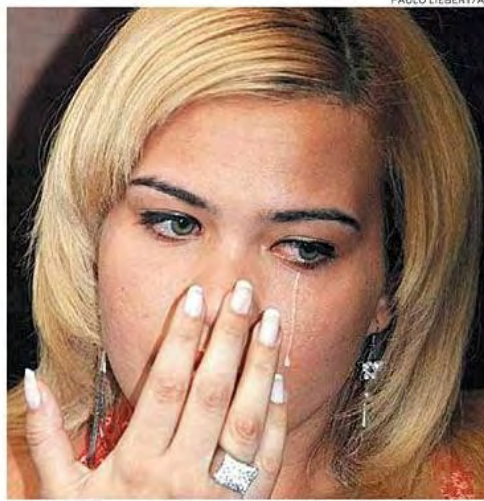
Com maquiagem e cabelos impecáveis, vestida com blusa vermelha floral e calça jeans justa, Geisy Arruda participou ontem à tarde de uma entrevista coletiva no escritório de seus advogados. O evento foi marcado para anunciar o posicionamento dos advogados e da estudante sobre expulsão da aluna. A revogação da decisão da Uniban só foi divulgada na noite de ontem.

Cercada por sete advogados dentro de uma sala abafada e lotada de jornalistas, no centro de São Paulo, Geisy se emocionou ao falar sobre a humilhação que sofreu. Segundo a aluna, a nota da Uniban que anunciava a expulsão relatava o oposto do que ela teria dito sindicância. “É uma grande mentira que eu levantei a saia. Disse mais de 30 vezes que não levantei coisa alguma, mas preferiram acreditar neles (nos outros alunos).”

Geisy nega que tenha desfilado na rampa da faculdade e diz que nunca foi orientada pela faculdade a mudar seu jeito de vestir. “Se um segurança ou professor tivesse me dito, eu humildemente voltaria para casa.”

Ela afirma que quer voltar para a Uniban para concluir pelo menos o semestre e não perder o investimento que seu pai fez ao pagar as mensalidades. “Só quero entrar na sala, sentar, estudar e fazer as provas. Pretendo nem descer na hora do intervalo, fico só dentro da sala, se for esse o problema”, disse, com olhos marejados. Mas quer trocar de faculdade em 2010 porque teme uma nova humilhação. “Tenho medo.”

A estudante acha que sua vida profissional pode ser afetada pela exposição a que foi submetida. Ela conta que tem recebido manifestações de apoio e de repúdio quando sai de casa. “Alguns me chamam de coisas



PAULO LIEBERT/AE

COAÇÃO - ‘Não sou a única menina que vai à faculdade de vestido’

que eu não sou.” O último fim de semana ela passou na praia, trancada em casa, sem telefone, TV e internet.

Apesar de o episódio ter afetado a rotina de sua família – sua mãe está tomando calmantes –, a aluna disse novamente que não vai mudar o jeito de se vestir. “Não sou a única menina que vai à faculdade de vestido.”

Antes do recuo da Uniban, seus advogados haviam afirmado que entrariam hoje com uma medida cautelar para que Geisy terminasse o semestre.

O advogado Nehemias Melo se disse perplexo com o resultado da sindicância, que considerou “draconiana e exacerbada”, rememorando os “tempos obscuros da ditadura”. Ele também afirmou que é uma “levianidade” a sugestão de que estaria sendo pago por uma emissora de TV para defender Geisy.

Melo afirmou que entrou em contato com políticos para dis-

cutir o caso de Geisy. Durante a coletiva, o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) telefonou para Geisy, interrompendo a entrevista. A estudante não comentou o teor da conversa, mas ontem o senador divulgou uma nota em que pedia que a Uniban repensasse a expulsão.

CONGRESSO

O deputado federal Ivan Valente (PSOL-SP) e a deputada Angela Portela (PT-RR) apresentaram ontem, na Comissão de Educação, um requerimento para que a Câmara dos Deputados realize uma audiência pública sobre o caso.

A Fundação Procon-SP instaurou procedimento administrativo para averiguar a conduta da Uniban. A OAB-SP, a Força Sindical e a Associação dos Professores da PUC-SP também se posicionaram contra a decisão da Uniban de expulsar Geisy. ● COLABOROU SIMONE IWASSO

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. ‘Só quero entrar na sala e estudar’. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov 2010. Vida&, p. A17.

ANÁLISE

Trata-se de uma questão de direitos civis

ROLDÃO
ARRUDA
JORNALISTA

...O caso ocorrido na Universidade Bandeirante (Uniban) não afeta apenas a estudante Geisy Arruda. Trata-se de uma questão de direitos civis, que interessa a toda a sociedade. É preocupante a condescendência demonstrada com a turba que perseguiu e xingou a jovem por causa de sua vestimenta. Será que, ao tolerarmos esse tipo de comportamento, amanhã não acharemos normal algum jovem ensandecido agredir um judeu ortodoxo pelo fato de expor na rua uma vestimenta diferente? Não acharemos justo um grupo de skinheads espancar dois gays que se beijaram na rua, alegando que tal beijo os agrediu moralmente? Não acharemos divertido ver uma pessoa gorda ser ridicularizada em público pelo fato de ser gorda?

A lista poderia incluir negros, índios, nordestinos, pessoas idosas, pobres, outras minorias e grupos sociais contra os quais volta e meia se levantam velhos e arraigados preconceitos – aqueles que parecem ficar guardados em algum canto escuro do corpo social, latentes, à espera de⁽ⁿ⁾ um estímulo, um sinal verde para serem escancarados. No caso de Geisy, o que se viu foi a volta do patriarcalismo mais exacerbado, que, apesar de tudo que se diz e se vê sobre as conquistas das mulheres, continua a nos assediar. A mensagem indireta estava lá: as mulheres, que até 1932 ainda não tinham o direito ao voto, não estão autorizadas até hoje a dispor livremente de seus corpos. É por isso que volta e meia somos assombrados pela notícia de que algum homem matou a namorada por não suportar a ideia de que ela seria de outro – como se estivéssemos falando de posse. É por isso, provavelmente, que o Congresso, dominado por homens, não discute em profundidade a proposta de liberação do aborto. É por isso que as mulheres mais independentes ainda são chamadas de prostitutas.

O mais correto seria aproveitar episódios como esse para dar a volta por cima, reforçando nas universidades os ensinamentos sobre a magnífica catedral de direitos civis que, a ferro e fogo, literalmente, nossa civilização vem montando ao longo dos séculos. Nessas aulas certamente seria lembrado o pensamento de Claude Lévi-Strauss, que morreu na semana passada, após ter revolucionado o pensamento antropológico, ensinando que não existem civilizações superiores ou inferiores, mas sim diferentes. ●

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. Trata-se de uma questão de direitos civis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov 2010. Vida&, p. A17.

TUTTY HUMOR

Bendita Geisy!

Ao anunciar – e depois revogar – a expulsão da loura da minissaia rosa choque, a Uniban conseguiu o que parecia impossível. De uma hora pra outra, saíram todos em defesa da Geisy: “O prefeito de joelhos, o bispo de olhos vermelhos e o banqueiro com um milhão.” A Geni do terceiro milênio ganhou apoio até do pessoal do PCdoB que dirige a UNE, uma galera historicamente não alinhada às loursas, a despeito do que elas vistam – ou não!

A semelhança entre a personagem da música que Chico Buarque compôs para a *Ópera*



do *Malandro* e a dona das perninhas mais grossas de São Bernardo do Campo não está, evidentemente, no motivo da rejeição. Mas a condição de pessoa mal vista pela sociedade, aversão de repente virada pelo avesso, as aproxima de um mesmo significado.

Depois da expulsão, Geisy virou mártir da intolerância, protagonista das causas politicamente corretas que, na época da Geni – coitada! –, ainda não estavam em cartaz. Não à toa, jogavam pedras de novo na pobrezinha quando ela saiu de cena. Geisy tem tudo pra se dar melhor, né não? ●

POLÊMICA

Uniban promete segurança a aluna ameaçada

À 'TV Estadão', Geisy Arruda conta que sentiu vontade de se matar

Marcela Spinosa

JORNAL DA TARDE

A Universidade Bandeirante de São Paulo (Uniban) garantiu ontem que dará "toda a segurança necessária" para a estudante de Turismo Geisy Villa Nova Arruda, de 20 anos, hostilizada por colegas no último dia 22 porque trajava um vestido curto. A presença de seguranças é exigência da aluna, que tem medo de sofrer retaliações de estudantes. "Meus advogados só vão permitir a minha volta se a faculdade assegurar que eu terei um mínimo de segurança", disse ela, em entrevista à *TV Estadão*. "Eles estão estudando a possibilidade de eu não precisar ir à faculdade, de estudar em casa."

A reitoria da universidade também anunciou que realiza, a partir de sexta-feira, uma semana de ações educativas, que começa com palestra do senador Eduardo Suplicy (PT-SP).

A instituição nega que tenha errado ao expulsar Geisy, medida tomada na sexta-feira e que foi revogada anteontem. "A Geisy tem toda possibilidade de retornar e continuar seus estudos", afirmou o vice-reitor Ellis Wayne Brown. Além da segurança, Brown afirmou que Geisy não será prejudicada no seu calendário de atividades.

Segundo Brown, "a Uniban não admite que errou (ao expulsar a aluna) porque o conselho seguiu sua obrigação regimental". Ele disse que a mudança de decisão ocorreu em parte por causa da repercussão negativa do caso na mídia e também por-

CLAYTON DE SOUZA/AE



MEDO - Geisy, na 'TV Estadão'

que a Uniban, após a sindicância, reavaliou o ocorrido. "O fundamento para a revogação foi a mudança no paradigma adotado no processo, que deixou de ser disciplinar para se transformar em ação educativa", disse.

À *TV Estadão*, Geisy contou que, no dia 22, saiu da Uniban "humilhada". "Minha vontade era de me matar, sumir do mundo, me enfiar em um buraco, desistir de tudo." Também disse que vai entrar com pedido de indenização "para que eles aprendam que não podem tratar uma mulher dessa forma, independentemente se é dentro de uma universidade, se é na rua ou em qualquer lugar". ●



Veja a entrevista exclusiva de Geisy Arruda à repórter Giuliana Correia, da TV Estadão

www.estadao.com.br/e/a21

TUTTY HUMOR

Sem eira nem Mangabeira!

Se nem o Nelson Motta entende mais as coisas que o Caetano Veloso diz, sobra o Mangabeira Unger para explicar naquele seu português de Harvard porque o conterrâneo ressaltou a fala "analfabeta", "cafona" e "grosseira" do Lula para evidenciar a "parecença" de Marina Silva com Barack Obama. Isso talvez explique por que o ex-ministro voltou para os EUA, mas o leitor deve estar se perguntando se João Gilberto não poderia preencher essa lacuna. Até poderia, não fosse o ciúme que sua namorada tem do Caetano quando ele vem com esse tipo de



BAPTISTÃO/AE

papo pra boi dormir.

Só não dorme por causa do barulho das manchetes, destacando o que Caetano manda na lata, sem viajar na maionese, especialmente se o alvo é alguém do tamanho do presidente da República. O que o artista chama de "intenção sensacionalista da edição" é só a busca de um bom título, coisa que em jornal não funciona como na música. *Zii e Zie*, por exemplo, pode ser ótimo para batizar o CD do cantor, mas é título enigmático demais para a imprensa de um país de analfabetos. Ou não! ●

TODO PROSA

● De **Lula**, depois de ler em voz alta para **dona Marisa Letícia** o artigo de **José Celso Martinez Corrêa** sobre seu estilo de governar: "Você também me acha **antropofágico**, querida?!"

PORCO DESBOCADO

● O caboclo **Eurico Miranda** que baixou em **Luiz Gonzaga Belluzzo** veio pra ficar no **Palmeiras**! Só se fala disso nos terreiros vizinhos ao **Parque Antártica**.



JF D'ORIO/AE-9/11/2009

● A 'desexpulsão' da loura

Falta ainda conferir o tempo corrigido, mas tudo indica que a Uniban tenha batido o recorde de Aloizio Mercadante na mais rápida revogação do irrevogável no Brasil em 2009. Com a desvantagem de que, no caso da readmissão da loura da minissaia rosa choque, não precisou nem de apelo do presidente Lula.

● Ita olímpica

Nelson Jobim fará uma viagem para a Bélgica, China e Canadá antes de se decidir pela compra de caças franceses, americanos ou suecos. Na ausência do ministro, o pessoal de seu gabinete estará orientado a dizer a quem procurá-lo que "ele saiu pro abraço".

● É um dom

Da série "Você não nasceu pra ganhar dinheiro - desiste, vai!", o

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. A 'desexpulsão' da loura. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 nov 2010. Cidades/Metrópole, p. C12.



POR
SERGIO DUTTI/AE



Na UnB, grupo fica nu em favor de aluna

... Estudantes da Universidade de Brasília (UnB) tiraram a roupa para protestar contra as agressões sofridas na Uniban pela estudante Geysi Arruda, por ter usado um vestido curto. Os alunos pediram que a reitoria da UnB se manifestasse formalmente contra a direção da Uniban.

CASO UNIBAN**Defesa de Geisy pede lista de testemunhas**

A defesa da estudante Geisy Arruda, de 20 anos, perseguida por colegas da Universidade Bandeirante (Uniban) por usar um vestido curto, pediu ontem à polícia uma lista com o nome das pessoas ouvidas na sindicância da universidade. "A sindicância foi falha e tendenciosa desde o início. Precisamos constatar o que os envolvidos disseram à universidade para identificarmos os agressores", disse o advogado João Ibaixe Jr.

Os 'carolas' do ABC

Proletariado rebelde dos anos dourados de Vila Euclides não teve herdeiros capazes de lidar com um minivestido na faculdade

José de Souza Martins*

A filha de 20 anos de um metalúrgico operário de montadora do ABC, estudante do curso noturno de turismo da Uniban, de São Bernardo do Campo, e durante o dia empregada de um mercadinho em frente a sua casa, em Diadema, foi moralmente linchada por seus colegas, quase todos trabalhadores como ela. O motivo foi o traje rosa e um pouco curto da moça, que a destacava de suas colegas quando saiu da sala de aula para ir ao banheiro feminino. Vídeos e fotografias feitos pelos próprios estudantes que a assediavam e apupavam mostram um cenário que era também de linchamento físico. A moça escapou por pouco. O episódio expôs as muitas contradições não resolvidas na situação social da emblemática classe operária do subúrbio paulistano, em particular da histórica região industrial do ABC. Os filhos do proletariado dos dourados tempos políticos das assembleias sindicais do Estádio da Vila Euclides não herdaram da geração de seus pais uma sociedade tolerante e democrática. Seus pais se limitaram às reivindicações salariais e de poder.

A intelectualidade acadêmica dos anos finais da ditadura militar rejubilava-se com o surgimento do que foi chamado de "novo sindicalismo". Uma enxurrada de conceitos e de interpretações imputou à classe operária regional, de carne e osso, as virtudes da classe operária filosófica, como a definiu Agnes Heller em outro contexto, de análises feitas em outros países



CORREDOR POLONÊS – Geisy Arruda foi linchada moralmente (e quase também fisicamente) pelos colegas, quase todos trabalhadores como ela



FOTOS REPRODUÇÃO

e outras circunstâncias. De modo geral, as análises que enveredaram pelo equívoco de uma interpretação baseada no pressuposto da luta de classes deixaram de lado as complexas mediações, culturais, sociais e históricas, das determinações que fizeram da classe operária da região industrial uma classe operária historicamente singular e até relativamente diversa da dos manuais de ciência política, conservadora e corporativa.

O proletariado regional, no passado relativamente recente, ganhara corpo e vida na cultura conservadora e conformista do trabalhismo de Vargas. Excepcionalmente, o Partido Comunista, já na ilegalidade, elegera prefeito e maioria dos vereadores da região, em 1947, cassados minutos antes da posse. Região majoritariamente católica, com a criação da diocese e a nomeação do primeiro bispo, dom Jorge Marcos de Oliveira, em 1954, propôs-se a Igreja a criar lideranças operárias e as

condições de surgimento de um partido laboral alternativo, fundado nas premissas da Ação Católica e do anticapitalismo de Pio XI. Teve êxito, com a ascensão sindical de Lula e o surgimento do PT, ambos, a seu modo, consubstanciando os valores da tradição conservadora, familística e religiosa do operariado regional.

A CLASSE OPERÁRIA DE CARNE E OSSO NÃO TEM AS VIRTUDES DA FILOSÓFICA

O tumulto na Uniban teve como protagonistas justamente os herdeiros do problemático legado dessa tradição e de insuficiências dela decorrentes. A ascensão social do operariado do ABC é óbvia em toda aquela região. Mas um operariado que, se demonstrou competência na adesão ao capitalismo e na ambi-

ção de poder, não demonstrou a menor competência para criar as bases sociais da ressocialização de seus filhos para a sociedade moderna, aberta e democrática. O mercado de serviços educacionais tratou de suprir essa carência, com a disseminação de escolas de terceiro ciclo, movidas pelo lucro, que se propõem a qualificar para as eventuais oportunidades de trabalho, mas não têm condições nem o propósito de ressocializar para os desafios e os embates da vida cotidiana. O novo sindicalismo e o novo partido não criaram nem um novo modo de vida nem uma nova cultura centrada nos valores da emancipação do homem de suas pobreza, a maior das quais é a pobreza de esperança, mesmo na prosperidade material que a região alcançou.

As origens culturais reacionárias dessa geração já se manifestaram antes no surgimento dos chamados Carecas do ABC e sua prática racista. Carlos Rei-

chenbach, inspirado nos fatos relativos à ação desse grupo, produziu um excelente filme – *Garotas do ABC* –, de 2004, que é justamente um retrato da crise de gerações que vem alcançando profundamente as famílias operárias e de certo modo antecipa ocorrências como a de agora. Não podemos nos esquecer de acontecimento de motivação semelhante, conservadora, em 2008, na Escola Amadeu Amaral, no bairro do Belenzinho, envolvendo uma adolescente, que culminou em briga e na depredação da escola. Nesses vários casos, a concepção que os regeu foi a do linchamento.

A prática do linchamento tem sido em todas as partes forma violenta de ação conservadora, no sentido de enquadrar e até cancelar a presença dos diferentes e dos inovadores, como a moça da Uniban, para restaurar a ordem conformista, supostamente por eles ameaçada. A região que mais lincha e ameaça de linchamento no Brasil é

justamente a região metropolitana de São Paulo, a do subúrbio e dos bairros operários. A motivação tem sido a punição para restabelecimento ou imposição da ordem onde surgem índices de ruptura e de violação dos valores do autoritário conservadorismo popular, como no caso dessa saia curta. Um conservadorismo autodefensivo, é bom que se diga, em face dos efeitos desagregadores da modernização e da transformação social.

Os estudantes entrevistados pela mídia expuseram sua censura conservadora e intolerante à moça e sua censura à própria mídia pela visibilidade que deu à ocorrência, pelo que entendem ser a estigmatização da escola, o que os estigmatizaria como personagens vicários da instituição. A culpa não seria de quem agiu violentamente, mas de quem divulgou a violência, concepção que é outra expressão de intolerância. E todos os grupos que foram para a porta da escola protestar em favor dos direitos da moça foram rechaçados com gritos de "cala a boca" e "cai fora". Resta saber o que pensam os estudantes da Uniban da nudez de solidariedade dos estudantes da UnB, completamente distantes desse mundo operário, refugiados nas ilusões da classe média e de seus privilégios de estudantes de escola pública e gratuita. ●

*Professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Dentre outros livros, autor de *A Aparição do Demônio na Fábrica* (Editora 34)

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. Os 'carolas' do ABC. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov 2010. Aliás, p. J5.

C8 | CIDADES/METRÓPOLE | QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2009
O ESTADO DE S. PAULO

TUTTY HUMOR

Garota eu vou pra Copenhague!

Claro que não há mais vagas nos hotéis da cidade mas, se você é jovem e vai estar na Europa agora em dezembro, vale a pena descolar um saco de dormir para dar um pulinho de trem até Copenhague. Mesmo aquele tipo de mochileiro nem aí para esse papo de redução da emissão de gases terá na capital da Dinamarca a chance de realizar o velho sonho de se acorrentar a uma jovem militante do Greenpeace contra o aquecimento global.

Naquele friozinho escandi-



BAPTISTA/AE

navo, quem sabe não rola um clima, né?

A conferência dos donos do mundo que a ONU convocou para Copenhague terá como ponto alto, salvo engano que costumamos cometer aos montes, o Woodstock das ONGs ambientalistas de todo o planeta. De 7 a 18 de dezembro vai rolar por lá muita paz, amor e jatos d'água da polícia. Daqui a 40 anos, essa geração estará contando pros netos como foi que ajudou a salvar o mundo do fim. Se Deus quiser! ●

A GRANDE FAMÍLIA

● O cantor **Supla** amarrrou um bode daqueles! Amigos desconfiam que a crise é de ciúmes do **Cesare Battisti**. O pal tem dado mais **atenção** ao refugiado italiano do que ao próprio filho. Freud explica!



JAN GUERRA/AE

COISA DE CINEMA

● Outro bom motivo para ir a **Copenhague** em dezembro: o encontro dos governadores **Arnold Schwarzenegger** e **José Serra** promete ser divertidíssimo!

● Malas que vêm para o bem

Geisy Arruda teve uma semana de ex-BBB: estreou como atriz no *Caseta & Planeta*; conversou com a *Playboy*; deu entrevista a agências internacionais de notícias; aceitou ser destaque de escola de samba; virou isca de vírus eletrônico... Suas colegas de faculdade vão acabar adotando a minissaia rosa choque como uniforme na Uniban?

● Em casa

Proibido de frequentar áreas Vip de estádios de futebol nos próximos 9 meses, o presidente do Palmeiras, Luiz Gonzaga Belluzzo, vai se sentir à vontade no meio da torcida, onde ameaçar dar um pau no juiz é a coisa mais natural do mundo.

● Oportunismo machista

Aproveitando essa discussão sobre avançar a idade recomendada

Fonte: O ESTADO DE SÃO PAULO. Males que vêm para o bem. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 nov 2010. Cidades/Metrópoles, p. C8.



●●● **A Record** será punida pelo Ibope, pela divulgação no ar de dados de audiência da estreia de *A Fazenda 2*. No *Fala Brasil* de segunda-feira, a emissora exibiu gráficos com o Ibope do reality, em comparativo com números da Globo no horário, o que é proibido no contrato das redes com o órgão de pesquisa.

●●● **Sem revelar** qual será a punição, o Ibope diz já estar tomando as medidas cabíveis no caso. Já a Record garante que o mesmo é feito pela concorrência.

●●● **A Band** vai exibir *Família Soprano*, depois do término da série no SBT, no fim do ano. A série

faz parte do pacote que a Band fechou com a HBO, que inclui 20 telefilmes e as minisséries *A Paixão de Cristo* e *Tsunami*.

●●● **Mandrake e Filhos do Carnaval**, também da HBO, estão na mira da Band, mas ainda não fazem parte do pacote, que deve ganhar novos produtos em janeiro. Até lá, a rede espera que as séries nacionais tenham seus direitos para TV aberta liberados.

●●● **Um alongamento de cabelo** acabou em demissão. O cabeleireiro Julinho do Carmo, repórter de Sônia Abrão, na Rede TV!, foi enxotado da atração por apresentar Geisy, da Uniban, com um alongamento capilar, sem avisar o programa. Julinho diz ter combinado com Geisy de não gravar nada, para não causar tumulto. Ao saber do contato do rapaz com Geisy, a produção de Sônia Abrão, que queria falar com a loira, demitiu o repórter.

E-mail:

keila.jimenez@grupoestado.com.br